ETERNAL IDOLS: DUSTY HILL E CHARLIE WATTS · COLLECTION: WENDY O. WILLIAMS

Brasil Revistas

ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock

Acesse nosso canal no Telegram @Brasilrevistas

IRON MAIDEN

MOVIMENTANDO O MUNDO DO METAL

ADRIAN SMITH FALA SOBRE NOVO ÁLBUM, SENJUTSU

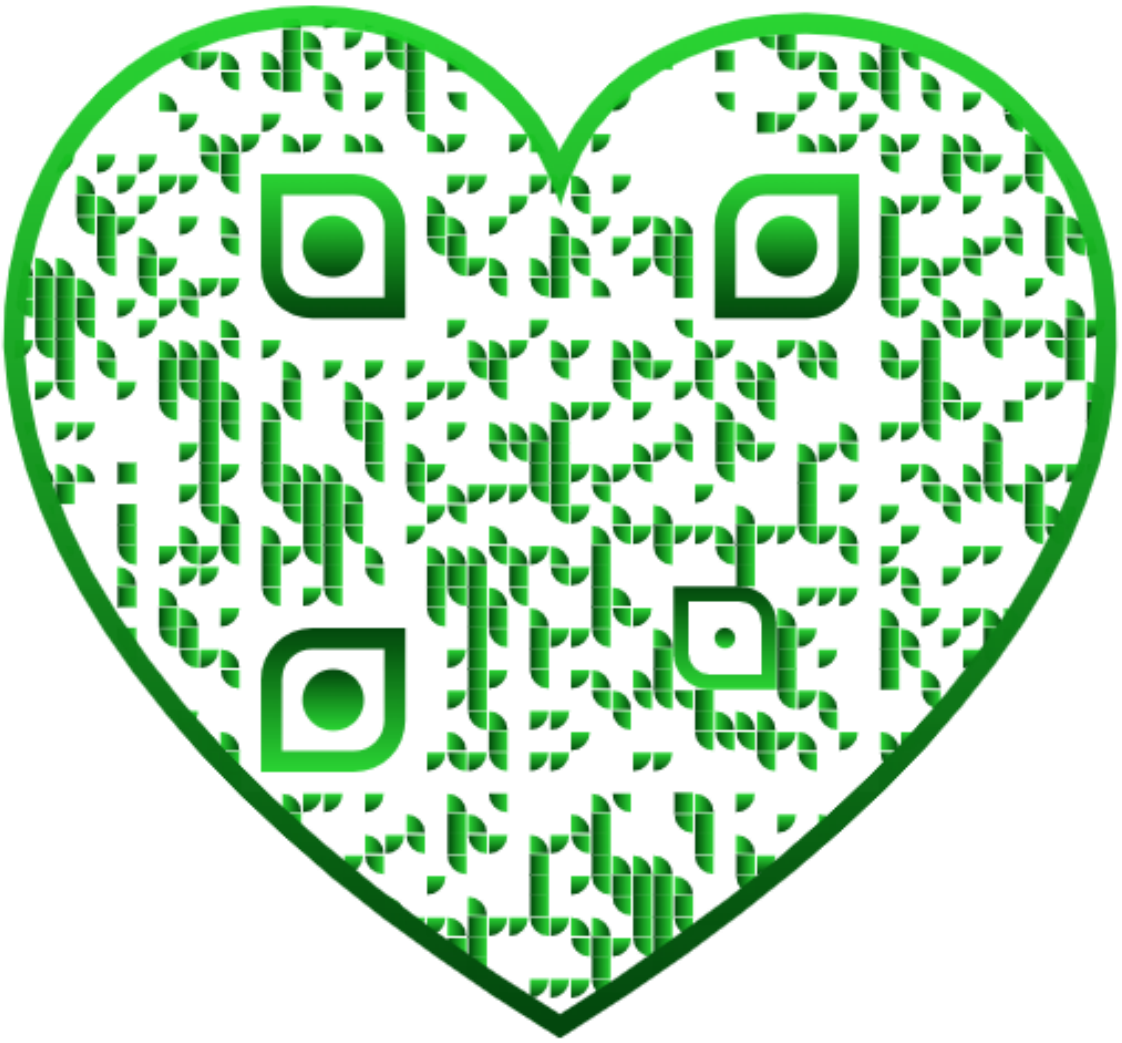
ENTREVISTAS:

JINJER · SEPULTURA · WITHIN TEMPTATION · WENDY DIO · CIRITH UNGOL
THE NIGHT FLIGHT ORCHESTRA · THE BLACK DAHLIA MURDER
BURNING WITCHES · HARAKIRI FOR THE SKY · SOJOURNER
ENFORCED · EGO KILL TALENT · GREAT VAST FOREST · WHITE STONES

50 ANOS

ESPECIAL

LED ZEPPELIN IV · FIREBALL · DEEP PURPLE MASTER OF REALITY · BLACK SABBATH



Brasil Revistas

OUÇA AGORA O

RESONANCE

O PRIMEIRO ÁLBUM SOLO DE UM DOS BAIXISTAS MAIS RESPEITADOS DO MUNDO.

Acesse nosso canal no Telegram @Brasilrevistas

FELIPE ANDREOLI (ANGRA, KIKO LOUREIRO, 4ACTION), APRESENTA UM ALBUM INSTRUMENTAL QUE VAI DO METAL MODERNO AO FUSION.

COM AS PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS DE:

SIMON PHILLIPS (TOTO, JUDAS PRIEST); **KIKO LOUREIRO** (MEGADETH); **GUTHRIE GOVAN** (ASIA, STEVEN WILSON); **BRUNO VALVERDE** (ANGRA); VIRGIL DONATI (PLANET X); **DALLTON SANTOS** (SOLO); **BRETT GARSED** (PLANET X); **SHOTA NAKAMA** (FINAL FANTASY); **BRUNO ALVES** (KELL SMITH); **DINO JELUSICK** (WHITESNAKE) **ANDRÉ NIERI** (VIRGIL DONATI) E **ANTÔNIO TEOLI** (SONIC 30TH ANNIVERSARY)

JÁ DISPONÍVEL NAS PRINCIPAIS PLATAFORMAS

bandcamp iTunes deezer Spotify amazon

ACESSE A LOJA OFICIAL E ADQUIRA SUA CÓPIA FÍSICA, SONGBOOK, CAMISETAS E MUITO MAIS:

WWW.FELIPEANDREOLISTORE.COM

AGENDA ABERTA PARA SHOW

HERMANO@PALCO1.COM

palco1 entretenimento

Brasil Revistas

UM LIVRO PARA CADA ÁLBUM DO

IRON MAIDEN

DESTRINCHANDO TUDO

Acesso exclusivo canal no telegram @Brasil Revistas

THE NUMBER OF THE BEAST | SOMEWHERE IN TIME | POWERSLAVE | PIECE OF MIND | SEVENTH SON OF A SEVENTH SON

TAMBÉM DISPONÍVEL:

THE RIME OF THE ANCIENT MARINER

IRON MAIDEN PARA CRIANÇAS

Estética Torta
www.esteticatorta.com.br

/esteticatorta
/esteticatorta

arte @alopergo

Brasil Revistas

ÍNDICE

06 CENÁRIO
18 PORTAL RC
20 IRON MAIDEN
26 JINJER
30 HIDDEN TRACKS
Sacred Alien

32 HARAKIRI FOR THE SKY
34 ENFORCED
36 PLAYLIST
Sérgio "Baloff" Borges (Headhunter D.C.)

38 WITHIN TEMPTATION
42 COLLECTION
Wendy O. Williams

44 WENDY DIO
48 THE BLACK DAHLIA MURDER
50 RELEASES
53 FRONT COVER (MARCELO VASCO)
Autopsy - Severed Survival

55 ROCK AVERAGE
Deep Purple - Slaves and Masters

60 THE NIGHT FLIGHT ORCHESTRA
64 GREAT VAST FOREST
66 CIRITH UNGOL
68 EGO KILL TALENT
70 ETERNAL IDOLS
Dusty Hill (ZZ Top)

71 ETERNAL IDOLS
Charlie Watts (Rolling Stones)

72 WHITE STONES
74 SEPULTURA
78 BURNING WITCHES
80 CLASSICREW
William Shakespeare's Hamlet, Blue Öyster Cult e Samael

82 BACKGROUND
Candlemass (Parte 2)

86 HEADPHONES IN FURY
Roberto Barros (Edu Falaschi)

88 ESPECIAL 50 ANOS DE
IV, MASTER OF REALITY E FIREBALL
94 SOJOURNER
96 COLUNISTAS
It's Only Rock'n'Roll / Brotherhood /
A Look At Metal / Campo de Batalha

98 PROFILE
Scott Holderby (Mordred)

CARTA DO EDITOR

MAIDEN, SEMPRE MAIDEN

A ROADIE CREW já deu espaço para o Iron Maiden estampar a capa muitas vezes, mas me peguei lembrando a primeira vez em que isso aconteceu, quando os guitarristas Adrian Smith e Janick Gers foram os entrevistados da longínqua edição # 09, em 1998. Na época, a banda inglesa promovia *Virtual XI*, seu segundo disco com Blaze Bayley nos vocais, e posava em fotos promocionais usando uniformes exclusivos de futebol, como se fosse um time de futsal pronto para entrar em campo.

Se *Virtual XI* dividiu opiniões, o mesmo pode se dizer de *Senjutsu*. Claro, por motivos totalmente diferentes. Agora, o falatório gira em torno, principalmente, do tempo de duração das músicas. De forma muito sutil, Adrian Smith confessou na entrevista desta edição que sentia falta de faixas mais curtas. "Nosso som se tornou mais progressivo e as músicas ficaram naturalmente mais longas. Nunca tive problemas com isso porque é parte da maneira como a banda cresceu e se desenvolveu. Só que comecei a sentir falta cada vez mais dessas canções curtas", declarou sobre *Days of Future Past*, que compôs com Bruce Dickinson e tem 4'03" de duração.

Seja como for, é inegável que um novo trabalho do Iron Maiden mexe com o mundo da música. Não só nas mídias sociais, com fãs debatendo e dissecando o álbum, mas a mídia de forma em geral dá espaço para a banda.

Coincidentemente, naquela mesma edição # 09, um dos destaques era o Sepultura, que apresentava o então vocalista, Derrick Green – o boxe de capa anunciava: "O 'Predador' vem aí". Agora, falamos com Andreas Kisser para saber os detalhes do mais recente lançamento, *SepulQuarta*, feito a partir de suas ações de lives e collabs em meio à pandemia. Outra ligação com o passado é que o Sepultura também prepara o box *Sepulnation: The Studio Albums 1998-2009*, da fase com Derrick.

Além de Maiden e Sepultura, esta edição também traz um pequeno especial que olha para o passado, falando da importância do chamado trio de ferro – Deep Purple, Black Sabbath e Led Zeppelin –, que marcou o ano de 1971 com o lançamento de grandes obras.

No entanto, estamos em 2021 e a edição traz nomes que estão sendo muito comentados na atualidade, como os ucranianos do Jinjer, os brasileiros do Ego Kill Talent, os suecos do The Night Flight Orchestra e as suíças do Burning Witches. Outro destaque é a entrevista com Wendy Dio, esposa e empresária do saudoso Ronnie James Dio, que foi capa inúmeras vezes da revista, sendo a ed. # 07 a primeira.

A revista ainda traz Harakiri for the Sky, Enforced, Within Temptation, The Black Dahlia Murder, Great Vast Forest, Cirith Ungol, White Stones e Sojourner, além das tradicionais seções, como o "Eternal Idols", desta vez prestando homenagem a mais dois gigantes que se foram, Dusty Hill (ZZ Top) e Charlie Watts (Rolling Stones).

Assim, não custa lembrar que seguiremos enaltecendo o passado, mas olhando sempre para o futuro. Boa leitura!

Claudio Vicentin

ROADIE CRUEL EDITORA
ROADIE CREW
Heavy Metal & Classic Rock

EDIÇÃO: 264
SET-OUT/2021
ANO 24

EDITORES:
Airton Diniz - airton@roadiecrew.com
Claudio Vicentin - claudiovicentin@roadiecrew.com

DIRETORIA ADMINISTRATIVA:
Vera Diniz - vera@roadiecrew.com
Cintia Diniz - cintia@roadiecrew.com

REDATOR-CHEFE (REDAÇÃO):
Ricardo Batalha - rbatalha@roadiecrew.com

REDATOR:
Antonio Carlos Monteiro - tony@roadiecrew.com

DIRETOR DE ARTE:
Leandro de Oliveira - leandro@roadiecrew.com

COLABORADORES:
Alessandro Bonassoli, Daniel Dutra, Écio Souza Diniz, Guilherme Spiazzi, Heverton Souza, Ivaniel Salgado, João Messias Jr., Leandro Nogueira Coppi, Leonardo M. Brauna, Luiz Cesar Pimentel, Maicon Leite, Marcelo Vasco, Matheus Vieira, Paulo César Teixeira Júnior, Paulo Pontes, Sergiomar Menezes, Thiago Prata e Valtemir Amler

COLABOROU NESTA EDIÇÃO:
Robert Haigsma

Fotógrafos: Carlos Delaqusta, Renan Faceiolo e Roberto Sant'Anna

Traduções: Carlo Antico

COLABORADORES NO EXTERIOR:
EUA: Chris Alo, Ken Sharp, Mitch Lafon e Steven Rosen

ASSINATURAS E EDIÇÕES ANTERIORES:
Maria José Diniz - zeze@roadiecrew.com
ou assinaturas@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 5058-0447

PUBLICIDADE:
Depto. Comercial - anuncios@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 5058-0447

DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA PARA TODO O BRASIL:
Roadie Crew
www.roadiecrew.com/roadie-shop

IMPRESSÃO E ACABAMENTO:
Grafilar

ROADIE CREW é uma publicação da Roadie Crew Editora Ltda.
Caixa Postal 43015 - CEP: 04165-970
São Paulo/SP - BRASIL
F.: (0xx11) 5058-0447
WhatsApp: +55 11 96380-2917
E-mail: redacao@roadiecrew.com

Site: www.roadiecrew.com
Facebook, Twitter e Instagram: roadiecrewmag

ISSN 1415-322X

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização expressa dos editores. Todos os artigos aqui publicados são de responsabilidade dos autores, não representando necessariamente a opinião da revista
For International Contacts: +55 11 5058-0447

SOMOS FILIADOS ABEMÚSICA

Brasil Revistas

Acesse nosso canal no Telegram @Brasilrevistas

MOSTRANDO TODA A FÚRIA E AGRESSIVIDADE NUMA LIVE REHEARSAL BRUTAL

E, de bônus, depoimentos sobre a história da banda.

ASSISTA AGORA:

APOIO

CORDAS CLUB

Brasil Roadistas

XFEARS
TRANSFORMANDO SONHOS EM REALIDADE

Ao falar de *Hell Is Here*, o vocalista Gabriel Carvalho praticamente resumiu a essência da XFEARS: "Ela busca aliar peso, muitos teclados e melodias marcantes além de levadas de bateria agressivas, porém sempre pensando na acessibilidade do som para o público que também não é do prog metal." Confesso, eu não poderia resumir de melhor maneira aquilo que você encontrará em *The First*, álbum de estreia da banda, que retornou após mais de uma década e meia longe do cenário. Mesclando boa técnica com peso e melodias acessíveis, o grupo se mostra uma ótima revelação no sempre relevante cenário nacional do metal progressivo, e já ensaia os seus próximos passos.

Fotos: Divulgação

Depois de vários singles, Marcelo Monteiro, Douglas Polents, Gabriel Carvalho, Gilmar Casagrande e Ricardo Roque estrelam oficialmente com *The First*

XFEARS nasceu originalmente em 2002, mas esta primeira encarnação durou apenas até 2004. Como foram aqueles dois anos e qual foi a razão para o então encerramento das atividades?

Gabriel Carvalho: Exatamente, ficamos por dois anos juntos. Naquela época éramos ainda garotos com o sonho de ter uma banda, estávamos com uma idade entre 15 e 18 anos. Não queríamos nada tão sério ainda, portanto não tínhamos maturidade para levar adiante uma banda com som e imagem profissionais. O encerramento se deu naturalmente com a minha mudança da cidade de Andradas/MG para Limeira/SP, já que com a distância vieram as dificuldades de se reunir para ensaios. Naquela época a tecnologia não era ainda tão acessível para que mesmo longe a banda se mantivesse ativa.

Não é sempre que vemos uma banda retornar após mais de uma década, especialmente quando ela não tem uma discografia daqueles anos iniciais.

Gabriel: Com o surgimento da pandemia, me vi na obrigação de retomar sonhos antigos e projetos parados, pois o medo e a incerteza nos tiram da zona de conforto e nos fazem correr atrás de metas que por vezes ficam paradas no tempo. Me vi na obrigação de colocar em prática um dos meus maiores sonhos, que estava engavetado, que era o de lançar o álbum da XFEARS. Com isso, entrei em contato com Marcelo Monteiro e Gilmar Cazagrande e juntos chamamos Ricardo Roque e Douglas Polents pra fechar o time oficial da XFEARS. Estamos muito felizes com a estabilidade e conexão do time atual, pois nos damos muito bem e estamos com inúmeras ideias para o futuro!

Desde 2020 a XFEARS vem apresentando novas músicas. Foram cinco singles distribuídos entre 2020 e 2021, certo?

Gabriel: Lançamos os singles *Changes*, *Reason to Stay*, *Fix it All*, *Believe in Nothing* e *Hell Is Here*. A ideia foi chamar a atenção do público de modo orgânico, para que as atenções começassem a se voltar para a banda já pensando no nosso debut, *The First*. Os dois últimos singles citados já estavam certos de estar no debut.

Já que falamos em full-length, chegamos ao *The First*. Como foi o processo que guiou vocês até o disco e como escolheram o estúdio e o time que trabalhou ao lado de vocês no álbum?

Gabriel: Costumo brincar que sou uma pessoa de muita sorte! Todos que trabalharam e trabalham junto à XFEARS são grandes amigos, de longa data. Estudei com o nosso designer visual, Danilo Zacarias, por vários anos no colegial, portanto ele é um grande amigo há mais de vinte anos. Já Xande Dipper, do XSTUDIO, é outro grande amigo com quem já tive o prazer de trabalhar em outros projetos. A parte de vídeo fica a cargo de um outro excepcional amigo, Estevan de Carli, que eu conheço há mais de 25 anos. É um amigo de infância! Portanto, estamos todos em casa e isto fez com que a qualidade e a fluidez do álbum fossem muito boas. Todos fazem com paixão seu trabalho. Quanto ao processo de composição e arranjos, isso ficou comigo, e os timbres das cordas ficaram com o nosso baixista, que também é um ótimo guitarrista, o Ricardo. A parte de mixagem e masterização também foi realizada pelo Xande, com avaliação e aprovação da XFEARS.

Vocês escolheram incluir uma versão para *Believe in Nothing*, uma das mais incríveis do Nevermore. Existe uma razão especial para incluí-la no álbum?

Gabriel: Esta foi nossa humilde homenagem a um dos mais brilhantes cantores de heavy metal de todos os tempos, Warrel Dane. Quisemos com este tributo buscar também a atenção do público, acreditamos que esta é uma forma interessante de divulgar o trabalho de uma banda que está lançando músicas novas, podemos atrair os olhares dos fãs de heavy metal através de um tributo bem executado.

Dentre as faixas próprias, um dos destaques é *Endeavour*, com ótimas linhas instrumentais, melodias pungentes e linhas vocais marcantes.

Gabriel: *Endeavour* é muito especial e resume muito o retorno da XFEARS, pois a letra retrata justamente isso, que o tempo voa e não devemos nos preocupar com o trabalho grande que temos pela frente para alcançar nossos objetivos e sonhos, no final, vai valer a pena todo o seu esforço! Este som é um dos melódicos na minha opinião, pois é uma música pesada, cadenciada e com uma estrutura relativamente simples, sem muitas mudanças de formas de compasso, porém o refrão traz uma melodia realmente marcante. E o clipe é um dos meus prediletos, ele foi feito nas montanhas do sul de Minas Gerais, um local que tem uma energia incrível e muito condizente com a letra.

O álbum encerra com *The Worst Pain*, a mais longa e talvez a melhor do repertório. Com seu início épico, é impossível deixar de prestar atenção naquilo que virá em seguida.

Gabriel: *The Worst Pain* é minha preferida! Sem dúvida, é a mais progressiva e com maior duração. Inicialmente, ela seria instrumental, mas resolvemos inserir uma letra para trabalhá-la de melhor maneira e gostamos muito do resultado. Ela é uma música escrita em 2002. Rearranjamos a canção e a preparamos para que pudesse ter uma característica atual, mantendo a ideia original. Este som traz bons solos de guitarras e teclado, além de uma parte instrumental muito forte. O clipe está em processo de gravação e esperamos lançá-lo em novembro.

O que podemos esperar da XFEARS em um futuro próximo?

Gabriel: Já estamos pensando em um segundo álbum, estamos muito animados com a receptividade de *The First* e além disso estamos ensaiando para que com a retomada da normalidade e das apresentações possamos mostrar nosso show ao público que ainda não nos viu ao vivo! Gostaria de agradecer em nome da banda pelo espaço incrível e pedir aos fãs do estilo que nos apoiem adquirindo nosso digipack, que está sendo vendido pela Metal Relics e também pode ser encontrado diretamente nos canais oficiais da banda. Um grande abraço a todos da ROADIE CREW e parabéns pelo trabalho incrível nas últimas décadas!

Valtemir Amler

THE CROSS
A CAVEIRA E A CRUZ

Paulo Monteiro, Luis Fernando, Eduardo Slayer, Daniel Fauaze e Leandro Kastyphas já trabalham no novo álbum de estúdio da lenda do doom nacional

Parece brincadeira, e sem dúvida seria uma daquelas injustiças tremendas que existem no mundo da música pesada, mas a The Cross, primeira (e muito provavelmente melhor) banda de doom metal de toda a América do Sul quase que deixou de existir ainda na fase de demos. Felizmente, o líder Eduardo Slayer, nosso entrevistado, reavivou a banda em 2014 e desde então eles têm aparecido com novos registros, sempre recheados de ótimas composições. Com seu disco ao vivo recentemente lançado, o grupo já acena para seu novo (e segundo) álbum completo, que deverá ser lançado ainda este ano. Isso e tudo o que aconteceu com a banda desde o retorno foi assunto da nossa conversa com o vocalista.

Depois de quase duas décadas inativa, a The Cross retornou ao cenário em 2014 e vem mantendo uma regularidade no lançamento de novos registros. Como foi reintroduzir a banda no cenário com o EP *Flames Through Priests*, em 2015?

Eduardo Slayer: Resolvi voltar com a The Cross por alguns motivos: primeiro, os fãs me pediram; segundo, após o show em 2013 do My Dying Bride que eu assisti; e terceiro, minha insatisfação com o que fiz no passado. Então comecei a compor o EP *Flames Through Priests* – porque se era para voltar, então que fosse com novas músicas, dando a cara para bater com personalidade.

Dois anos mais tarde saiu *The Cross*, o primeiro álbum completo, em que o grupo apareceu reformulado, mas manteve intacta a proposta musical. Como rolou essa reformulação e como manteve o time focado para que uma nova formação não alterasse o resultado em estúdio?

Eduardo: Após show de retorno no festival Palco do Rock para uma audiência de oito mil pessoas e depois da morte do Elly, nosso guitarrista, a proposta foi mantida, pois eu e Elly já tínhamos composto o álbum *The Cross*. Os outros integrantes vieram com alguns arranjos, então o que foi escrito e composto foi minha essência e a de Elly, sem interferência dos novos integrantes.

Logo depois, vocês decidiram revistar a demo clássica *The Fall* (1993) no EP *Still Falling* (2019). Essa ideia partiu da demanda dos fãs?

Eduardo: Antes de gravar *Still Falling*, participamos da coletânea *Darkness Seth In* com uma faixa inédita, *Unto the Deep*. Sim, os fãs pediram, mas eu resolvi fazer este projeto de aniversário da demo. Celebramos 25 anos com uma releitura feita com convidados de outros estilos e deu muito certo.

O ano passado veio com material especial, o EP *Reverencing the Eternal Icons*, com três faixas. A primeira delas, *Elly Tales*, tem um significado muito grande para vocês. Por favor, comente essa música.

Eduardo: Antes deste lançamento, disponibilizamos o single *Unnatural* em homenagem às vítimas de Brumadinho e Mariana. Eu resolvi fazer uma homenagem ao Elly por conta dos cinco anos da morte dele, então compusemos esta música que é uma canção muito depressiva e que traduz lamentação, dor e inspiração ao mesmo tempo. Foi muito bom pra carreira da banda, pois Elly ainda faz parte dela.

Vocês incluíram no registro versões para *The Fever Sea* (My Dying Bride) e *Within My Flesh* (Novembers Doom). Como foi a escolha?

Eduardo: Fomos convidados para fazer parte do tributo ao Novembers Doom e a música a ser interpretada era *Within My Flesh*, que funcionou muito bem. Da mesma maneira, também fomos convidados para o tributo ao My Dying Bride com a música *The Fever Sea*. Ambas foram escolhidas por mim, então fizemos o EP *Reverencing The Eternal Icons* basicamente assim.

Por fim, temos o registro ao vivo *Live Endless Fall*. Como surgiu a ideia desse disco, que vem para acalentar a falta de shows que já dura quase dois anos?

Eduardo: Este show foi em fevereiro de 2020. Bom, a ideia partiu de mim, queria gravar um vídeo oficial com técnico de som e cinco câmeras. Quando ouvimos o áudio, ficamos surpresos com resultado. Então levamos a proposta de um disco ao vivo para a gravadora Eternal Hatred Records e aí fizemos isto acontecer. Marcamos este show como fim de uma era da The Cross, já que trinta anos se passaram.

As notícias dão conta de que vocês são parte de um split intitulado *4 Ways To Die*, ao lado de outras três bandas da América do Sul. Como se deu o seu envolvimento com esse projeto?

Eduardo: Fomos convidados pela banda Aura Hiemis, do Chile, para estarmos neste split junto com as bandas Funeris, da Argentina e Sepultus Est, do Peru. Serão duas faixas, *Unnatural* e *Unto The Deep*, e a gravadora é do Chile, a Australis Records. Também é um disco de 2021. A The Cross sempre esteve com os irmãos da América do Sul, desde anos 90.

Aliás, o split já foi lançado? Confesso que não consegui informações nem no site da gravadora, então, qualquer informação que tiver será extremamente útil.

Eduardo: Sim, já foi lançado via Australis Rec. nas plataformas digitais e em mídia física.

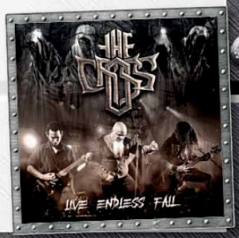
Também na parte das novas notícias, consta que vocês trabalham no segundo full-length. Como está o andamento, o que tem sentido do trabalho e para quando podemos esperar esse novo disco?

Eduardo: Nosso novo álbum, que se chamará *Act II: Walls of the Forgotten*, já está em processo de mixagem. Ele teve participações de peso como o lendário Albert Bell e Leo Stivalas (N.R.: respectivamente, baixista e vocalista do Forsaken, de Malta) e Achraf (N.R.: Achraf Loudiy, vocalista e guitarrista do Aeternam). Este álbum sairá até dezembro deste ano e além disso lançaremos o clipe oficial de *Sonnenstein Castle*, música de trabalho do novo disco.

Para finalizar, você sempre declarou que Candlemass e Trouble foram fundamentais para a sua jornada musical. Gostaria que deixasse uma mensagem para os outros tantos fãs do Trouble que lamentam a morte do vocalista Eric Wagner, em agosto. Muito obrigado pela entrevista, espero que possamos conversar de novo muito em breve para falar do novo álbum!

Eduardo: Sim, os álbuns *Psalm 9* e *The Skull* (N.R: ambos do Trouble, 1984 e 1985, respectivamente), junto com *Epicus Doomicus Metalicus* (1986) e *Nightfall* (1987) do Candlemass, me influenciaram muito na década de 80. Sobre Eric Wagner, tive oportunidade de falar com ele quando ele já tinha o projeto The Skull, era um cara fantástico. Eu fiz uma homenagem a ele, que está no nosso canal do YouTube, o The Cross Doom Metal. Os fãs de doom espalhados pelo mundo agradecem o legado deixado por ele e eu aqui sigo trilhando meu caminho e respeitando os pais do doom metal. Agradeço a oportunidade mais uma vez e, sim, logo nos falaremos sobre *Act II: Walls of The Forgotten*, que inicia uma nova era da The Cross.

Valtemir Amler



Brasil Thrashers

LEACH
UMA SERENATA AOS BRAVOS CAÍDOS

Assim como aconteceu na Inglaterra, a Suécia sempre teve muitos fãs e até ótimas bandas de thrash, mas o gênero nunca decolou no país. Ainda bem que tradição não é tudo. Criado em 2003 e trabalhando em uma mistura colérica de hardcore com thrash metal, o Leach surge como uma ótima revelação no cenário e acaba de apresentar seu novo e terceiro álbum completo, *Lovely Light of Life*. Para desvendar as origens e falar sobre o novo álbum, conversamos com o vocalista e guitarrista Markus Wikander.

Divulgação

Markus Wikander, Anders Nordlander, Joachim Dahlström e Joel Truelsen já se preparam para retornar o thrash'n'roll sueco aos palcos

A Suécia tem uma grande tradição no metal e no hardcore, mas não parece ser o caso do thrash metal. Existem boas bandas thrash na Suécia, mas o estilo não parece desfrutar dos mesmos holofotes que o death ou o power metal sueco. O que você pode nos contar sobre a cena thrash metal em seu país?

Markus Wikander: A referência óbvia seria The Haunted, mas além deles, é verdade o que você diz, nunca houve uma cena thrash tão grande na Suécia. Acho que precisaríamos olhar para trás, para a Suécia dos anos 80, que mais tarde se tornaria uma grande potência musical. Na época, a garotada cresceu ouvindo a NWOBHM, mas foi só quando conheceram bandas como Metallica e Slayer – que traziam uma atitude punk mais severa – que começaram a escolher instrumentos para tocar. Uma batalha amigável entre bandas jovens, na busca de serem 'a mais pesada', levou a um salto na evolução do metal, pulando o thrash e indo direto para o que se tornaria o death metal sueco, baseado principalmente em Estocolmo com Entombed, Dismember, Grave etc. Mais tarde, veio o Gothenburg Sound, que teve um toque mais melódico, muito disso vindo das influências do NWOBHM. Tempos depois, algumas bandas de thrash apareceram, como F.K.U. e Dr. Living Dead, mas elas ainda não atingiram o nível de sucesso das bandas da velha escola.

O Leach foi formado em 2003, então é uma carreira de quase vinte anos. Conte-nos um pouco da história, qual era o objetivo original na época em que o grupo surgiu?

Markus: Bem, tudo começou em nosso centro juvenil local, que tinha um projeto para fazer as crianças se interessarem em tocar música. Como sempre fomos fãs da música mais pesada, aproveitamos a chance. Tínhamos entre 13 e 14 anos na época, não tocávamos nenhum instrumento, mas pedimos emprestado ao centro. Portanto, o processo foi lento, mas contínuo naqueles primeiros anos. No nosso primeiro show tocamos algo de Iron Maiden, *Paranoid* (Black Sabbath) e *Zombie* (The Cranberries). Naquela época, não tínhamos um objetivo real além do amor por tocar, provavelmente porque não sabíamos que diabos estávamos fazendo (risos). Mais tarde, fomos mais influenciados por coisas como Nuclear Assault, Municipal Waste, Kreator antigo e Sepultura. Recebemos essas influências e por algum tempo tudo se resumia a velocidade e riffs frenéticos.

O álbum de estreia, *Blindfold*, viu a luz do dia em 2012. Como chegaram a este primeiro lançamento?

Markus: Praticamente da mesma forma descrita acima, tudo na base do 'faça você mesmo'. Distribuímos por meio de plataformas de streaming, que naquela época eram bastante novas. Realmente, não tínhamos um 'plano de lançamento'. Nunca lançamos em CD ou vinil, só queríamos espalhar pelo máximo de lugares possível (risos).

Já *Hymns for the Hollow*, de 2018, foi um grande passo para a banda em termos de composição – ao menos, é isso que sinto quando ouço músicas como *End of an Era* ou *We Have it All*.

Markus: Com certeza, concordo! Passamos alguns anos morando em locais diferentes uns dos outros enquanto frequentávamos a universidade. Para continuarmos criando, trabalhamos muito com pré-produções. Enviávamos ideias de um lado para o outro e desenvolvemos as músicas ao longo do tempo. Dessa forma, tivemos a chance de evoluir as canções e fomos capazes de experimentar diferentes direções antes de entrar em estúdio.

Conte-nos sobre seu trabalho ao lado de Björn 'Speed' Strid (Soilwork) no single *D.O.D.*

Markus: Isso foi bem no ponto inicial da pandemia. Estávamos no Estúdio Fredman (In Flames, Dimmu Borgir, Bring Me the Horizon e outros) gravando *D.O.D.*, que queríamos lançar como single. Ao mesmo tempo, os países começaram a fechar suas fronteiras, resultando na perda de trabalho para o estúdio por meses. Isso também significava que Björn (que não conhecíamos na época) teve que cancelar as próximas turnês de Soilwork e Night Flight Orchestra, então ele tinha muito tempo livre e provavelmente estava pronto para trabalhar. Foi aí que perguntamos se ele estava a fim, e ele acertou em cheio já na primeira tentativa, basicamente sendo o profissional que é. Sempre amamos o Soilwork, então isso foi muito legal e algo que agora podemos 'ticar' na nossa lista de sonhos a realizar!

O novo álbum é mais uma vez um grande passo em frente. Até o título soa bem diferente, *Lovely Light of Life*.

Markus: É uma frase da música *True North*, que fala sobre encontrar o seu caminho através de diferentes lutas na vida. Na música, a mensagem é entregue com uma espécie de tom irônico, mas a frase em si tem uma espécie de duplo significado para o álbum, em que a ironia é um dos lados e o outro é representado pela luz, ou a busca pela luz em uma situação caótica. Tanto de uma perspectiva de visão de mundo, mas também em um nível pessoal.

Imagino que esse álbum foi concebido durante a pandemia, certo?

Markus: Gravamos no Studiomega (Soilwork, Kreator etc.) que fica no interior da Suécia. Então isso foi perfeito para nos isolarmos durante a pandemia. Tivemos duas semanas de estúdio, então, para aproveitá-las ao máximo, algumas partes foram pré-gravadas por nós mesmos. As músicas e a estrutura estavam bem definidas, mas não todas as letras. Eu não diria que a pandemia influenciou os temas, que estão mais inclinados para a injustiça social e/ou doença mental, mas certamente há uma relação com esse assunto.

Uma das minhas canções favoritas no novo álbum é *Carry the Stigma*, que mescla thrash, hardcore com bastante groove e um breakdown incrível no final...

Markus: Engraçado mencionar a parte do breakdown, porque na verdade a música começou com aquele riff. *Carry the Stigma* foi a última música que escrevemos para o álbum e sentimos a necessidade de uma música rápida e furiosa, que tivesse a mesma vibração de *New Low*, do álbum anterior. A letra fala sobre comprometer quem você é ou aquilo que pensa para se encaixar na sociedade e como isso pode devorá-lo por dentro.

Valtemir Amler

Brasil Revistas

brasileiros

novo álbum do Muqueta Na Oreia

Acesse nosso canal no Telegram @Brasilrevistas

lançamento 22 de outubro

MUQUETA RECORDS

DEEZER Spotify MUSIC YouTube Google play SHAZAM

muquetanaoreia.com

BOGOTAH
REFLEXÕES SOBRE O ABISMO

Amando, Igor, Marcelo, Renan e Rodrigo – time que hoje dá forma ao Bogotah – sabem muito bem onde querem chegar com sua mistura furiosa de groove, metal e hardcore. A fusão de gêneros, muito bem complementada com letras de forte cunho social, garante à banda de São Gonçalo (RJ) uma característica ao mesmo tempo única e engajada, old school e moderna, como convém a uma banda cuja proposta inicial é justamente subverter limites. Em seu mais novo álbum, *Crônicas sobre o Abismo*, o quinteto mergulha em um som ainda mais pesado e desafiador, mas se mantém conectado aos desafios sociais que vivemos. Confira mais nas palavras de Renan Lynx.

Divulgação

Mesclando groove e thrash metal, Igor Figueiredo, Amando Puente, Renan Lynx, Davi Hermsdorff e Rodrigo Cunha chegam ao segundo álbum completo

Com uma proposta musical abrangente, de que forma mesclaram as referências de cada músico e como encontraram o equilíbrio de cada elemento em sua música?

Renan Lynx: Quando fundamos a Bogotah em 2013, todos já tínhamos gostos musicais bem variados. Na real, as músicas da Bogotah sempre nasceram de uma forma bem orgânica, cada um foi responsável por um pedacinho do que chamamos de 'embrião' que construímos no primeiro EP. Sempre buscamos mesclar influências clássicas com sons novos sem nos preocuparmos tanto em ficar limitados a um estilo específico.

Uma das figuras mais presentes na música de vocês é o groove, talvez o elemento preponderante na mistura. Isso fica evidente já nos 17 minutos do EP autointitulado, de 2014.

Renan: O EP foi gravado totalmente em casa por nós mesmos, sem muitos recursos de mixagem e de masterização. Na época, experimentávamos muita coisa nas composições. Chegamos a gravar algumas músicas usando guitarra de sete cordas, mas não gostamos do resultado. A repercussão desse EP foi melhor do que esperávamos na época, o que nos levou a fazer muitos shows, dentre eles o festival Grito Rock, em Teresópolis, e no Rio Moto Fest, no centro do Rio de Janeiro, além de algumas entrevistas internacionais. A ideia inicial era apenas ser uma carta de apresentação simples mas que germinou muita coisa boa.

Pouco mais tarde vocês reapareceram, agora com um full-length, *Um Brinde ao Fim do Mundo*. Uma das coisas que mais chamam a atenção é que se trata de um disco conceitual já no seu debut, o que não é muito usual. Qual é a ideia central desse trabalho?

Renan: Parte do disco de estreia já existia na época do EP, mas decidimos salvar algumas músicas pro *Um Brinde ao Fim do Mundo*. Embora tenha sido o primeiro trabalho com a Bogotah, já tínhamos feito trabalhos com outras bandas e sempre tivemos a vontade de fazer um álbum que contasse uma única história, num desafio pessoal mesmo. A ideia central é a quebra de paradigmas num mundo da pós-verdade. Nós vivemos com verdades absolutas sendo oferecidas para nós todos os dias e nessa história o personagem principal começa trabalhando para um governo totalitário e percebe que aquele sistema não é o ideal para sua população e acaba mudando de lado. É um paralelo de coisas que vimos no Brasil e no mundo nos anos 2010, sendo uma jornada de autodescobrimento e mudanças.

Em 2019, ouvimos pela primeira vez o *Crônicas sobre o Abismo*, um disco muito adequado ao momento que vivemos. O que motivou esse mergulho ainda mais cru nos mecanismos sociais?

Renan: Basicamente é um momento delicado, sobretudo no Brasil. Então, era o momento de termos mensagens mais claras e diretas. Nunca fomos de não nos posicionarmos e sempre admiramos bandas que deixam claro suas visões de mundo em suas letras. Não que elas sejam uma imposição, mas sim um convite ao diálogo e à reflexão. É preciso repensar a sociedade e buscamos sonoridades que combinavam com essas pequenas reflexões sobre o abismo que podemos estar cavando.

***Crônicas* se apresenta mais pesado que seus anteriores já nos primeiros versos de *Aqui Jaz o Abismo*, que conta com um belo riff inicial.**

Renan: *Crônicas sobre o Abismo* começou a ser composto um pouco depois que lançamos *Um Brinde ao Fim do Mundo*, em 2016. Na época tivemos a ideia de fazer um álbum mais pesado e técnico. Em novembro de 2016, o Amando entrou para a banda, o que nos deixou com duas guitarras e possibilitou explorar mais guitarras técnicas, duetos e mais variações de estilos. Não necessariamente estamos sempre buscando algo mais pesado, mas achamos que a raiva com certas coisas sobre o mundo faz a gente querer mais peso e brutalidade sonora. Apesar disso, continuamos experimentado coisas bem diferentes, como o baião na faixa *O Repentista*.

Para mergulharmos um pouco mais fundo nesse álbum mais recente, gostaria de focar em algumas de suas composições. A primeira é *Judas Nosso de Cada Dia*, que tem um riff bem anos 90.

Renan: Sim, essa música traduz bem a influência do Dimebag Darrell na dinâmica dos riffs, mas consideramos interessante que nesta mesma música são notáveis algumas influências de bandas mais atuais como Machine Head, August Burns Red, Trivium e Avenged Sevenfold. E o bacana é que trazer essa composição pra banda, por exemplo, foi muito convergente com o que os demais pretendiam para este álbum, o que favoreceu para que, no fim, tivesse a identidade da Bogotah: forjado no 'old school' mas criado nos dias de hoje.

Algo que já chamava atenção no álbum anterior é o capricho com a arte de capa dos seus álbuns. Por favor, falem sobre as capas dos dois 'fulls' da banda.

Renan: A capa de *Um Brinde ao Fim do Mundo* seria a nossa representação do que seria assistir o fim do mundo na televisão, por isso o fundo branco e o fogo, pois já não existe mais nada e o que ainda existe se extinguirá. É ser passivo diante do fim e aceitar aquilo sem nenhuma atitude. Ao mesmo tempo, dessas cinzas é possível renascer e se reconstruir, o que simboliza a jornada do personagem durante o disco. O álbum *Crônicas sobre o Abismo* fala sobre formas diferentes de abismos, sejam ideológicos, religiosos, pessoais ou sociais. Quando surgiu a ideia da capa desse álbum, a intenção era representar o renascimento das chamas após se encarar o abismo. E que mesmo que você esteja diante desses abismos, há ainda como mudar e acreditar.

Os nossos dias parecem estar cada vez mais repletos de combustível para a música de vocês. Já há planos para o próximo álbum?

Renan: Estamos colhendo novas referências e trabalhando em músicas novas durante a pandemia. Acreditamos que em meados de 2022 saia material novo. O planejamento já existe e dessa vez faremos lançamentos pontuais, culminando num novo full-length de inéditas autorais e gravações ao vivo em 2023. Quem sabe um álbum duplo para comemorarmos os dez anos de banda?

Valtemir Amler

MOTORHAMMER
A CELEBRAÇÃO DE EDSON GRASEFFI

Edson Graseffi é uma das personalidades mais batalhadoras do heavy metal nacional. Conhecido músico do Cosmic Rover, Panzer, Reviolence e outros, Graseffi tem como bagagem lançamentos diversos e shows por Brasil e América do Sul. Antes apenas baterista, nos últimos anos passou a integrar o seleto rol de nomes como Gil Moore (Triumph) e Dan Beehler (Exciter) que exercem também a função de vocalista. Em 2021, Graseffi completa 35 anos de carreira e criou o Motorhammer para celebrar com o EP *Round 35* de releituras de músicas de suas ex-bandas. A seguir, ele fala de sua trajetória e revela se o Motorhammer terá continuidade.

Renato Haboryni, Daniel Corvo e Edson Graseffi pretendem dar continuidade ao Motorhammer

Como se sente por comemorar 35 anos de carreira?

Edson Graseffi: Obrigado mais uma vez pelo espaço, vocês fazem parte da minha trajetória. Sinto-me orgulhoso por chegar até aqui. Nesses 35 anos, vi muitos músicos desistirem de suas carreiras, porém nunca parei de tocar e de produzir, olhando para trás vejo isso como uma grande vitória, pois gravei álbuns significativos para a história do metal no Brasil. O metal me trouxe muitas possibilidades de realizar sonhos de quando eu era só um garoto apaixonado pelo estilo, conheci muitos lugares e pessoas e toquei em muitos palcos, isso me fez crescer como músico e ser humano. Devo tudo isso à música pesada.

Para celebrar, você criou o Motorhammer. No entanto, seu elo com Daniel Corvo (baixo) e Renato Haboriny (guitarra) rendeu o ótimo EP *Round 35* e mostra uma química poderosa. O Motorhammer terá continuidade?

Edson: O Motorhammer foi a forma que encontrei de celebrar meus 35 anos de carreira, ou seja, fazendo música. Conheci o Renato em jams com outra banda e o Corvo foi meu parceiro em duas formações do Panzer. Eu trouxe para o Motorhammer dois músicos que eu já conhecia musicalmente e como pessoas. Gerada essa química incrível entre nós, com certeza o Motorhammer deixa de ser um projeto e passa a ser agora uma banda que terá trabalhos futuros.

Literalmente, você rebobinou a fita e tirou o pó dos discos. *Round 35* deu vida a músicas de demos e a outras lançadas em CDs de suas ex-bandas. Qual o seu sentimento por revitalizá-las e apresentá-las à nova geração do metal?

Edson: Sim, foram várias fitas cassete rebobinadas e fizemos um trabalho quase que de arqueologia para recuperar essas músicas antigas. Esse restauro devo muito ao Renato, que fez um trabalho sensacional de produção. É um sentimento bem louco regravar, por exemplo, uma música composta há trinta anos, como *Fight Against the Walls*, que foi feita na minha segunda banda (Punch) e esteve nos primeiros shows do Panzer, ou trazer à luz uma faixa incrível, esquecida em uma demo não divulgada, que foi a *Rage over Rage*, escrita em 1997 com o Chasing Fear. O mais legal é que elas ainda soam atuais.

E ao invés de apenas regravá-las, lírica e musicalmente você as atualizou e as adaptou para a sua voz. Essas eram músicas que você realmente queria revisitar ou pincelou as que melhor se desenvolveriam em uma reestruturação?

Edson: O processo de escolha envolveu vários fatores. Minha discografia é um tanto grande, então procurei regravar boas faixas que ficaram esquecidas pelo fato de as respectivas bandas terem cessado atividades. Não teria sentido eu regravar alguma do Panzer que foi exaustivamente tocada nos shows, por exemplo. Uma faixa como *The Metal Church* jamais poderia ficar esquecida em um álbum de uma banda que acabou, há muito significado e histórias nela e precisava ser regravada. Outro fator de escolha foi a questão do que eu poderia executar ao vivo tocando bateria e cantando. Fiquei longe do material com vocal gutural, porque minha voz não se encaixa nisso.

Qual é o peso de hoje ser um dos poucos músicos no mundo encarando as funções de baterista e vocalista no Motorhammer e no Cosmic Rover, sua banda de stoner, e ser lembrado junto a nomes como Dan Beehler (Exciter) e Gil Moore (Triumph)?

Edson: Fico contente e honrado de estar junto a esses grandes nomes da bateria no metal. Dá para contar nos dedos de uma mão quais bateristas cantam e tocam em tempo integral. É um grupo seleto de bateristas que conseguem fazer isso, a tarefa é bem difícil de ser executada, pois exige muito física e mentalmente, é necessária dedicação plena para obter resultado. E esse reconhecimento vindo de uma publicação tão importante como vocês é um grande passo na minha carreira. Ser comparado a esses dois nomes não tem preço, só torna o peso dessa função maior ainda e mostra que toda minha dedicação para chegar a isso me levou ao caminho certo.

Por coincidência do destino, *Round 35* fecha com *Allied Forces*, música do Triumph que você já havia gravado com o Reviolence bem antes de se tornar vocalista em uma banda. Regravá-la foi proposital por hoje você exercer as mesmas funções de Gil Moore?

Edson: Eu a gravei com o Reviolence porque essa música tem um significado especial para mim. Ela fazia parte dos poucos clipes que eram exibidos no Brasil no programa Som Pop na década de 80. Era um ritual quase que sagrado assistir a esses programas semanalmente, era o único acesso que tínhamos a vídeos de música pesada. Resolvi regravá-la pelo que ela representou no meu início como fã e, claro, porque tinha o Moore nos vocais, e eu tinha que fazer isso um dia na minha vida (risos). Fizemos uma versão mais veloz, com pegada thrash metal e um trabalho de guitarra muito bom, dois bumbos em certas partes e backing vocals – feitos pelo Corvo, na linha Anthrax. Ficou como queríamos.

O que você orienta o ouvinte a observar em *Round 35* que lhe define como músico com 35 anos de carreira e que em sua concepção condiz para um genuíno álbum de metal?

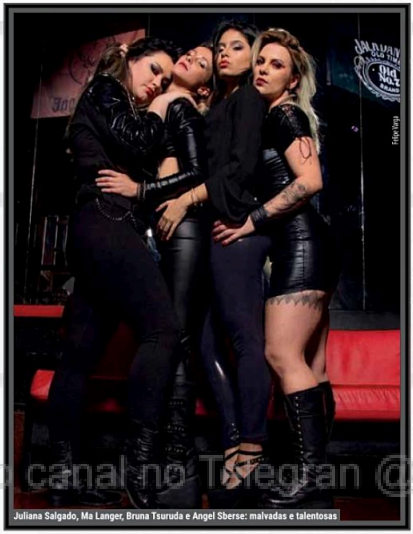
Edson: O EP é um genuíno disco de metal! Traz em cada faixa um aspecto das bandas originais com as quais foram compostas, porém nossas versões trouxeram uma unidade ao lançamento. Nele, você tem vários solos de guitarra, baixos pesados, muitos bumbos duplos, vocal agressivo nas partes que pedem isso e certos momentos de melodia nas vozes: eis a fórmula de um bom álbum. A produção do EP, a cargo do próprio Haboriny, capta o que cada musica representou em sua época, além da qualidade contemporânea, mas com uma sonoridade orgânica na bateria. Um bom álbum de metal tem que ter a bateria gravada de forma natural e sem excessos de edição, como ouvimos hoje em dia. Tivemos o cuidado de deixar tudo muito orgânico e eu gostei bastante do resultado.

Leandro Nogueira Coppi

Brasil Rockstars

MALVADA
TALENTO E ATITUDE

Se para muitos a pandemia colocou os planos na geladeira, para Angel Sberse (vocal), Bruna Tsuruda (guitarra), Ma Langer (baixo) e Juliana Salgado (bateria) ela marcou o início de um novo ciclo: as quatro garotas resolveram montar uma banda feminina, de rock mas que não abrisse mão de alguns detalhes de pop e que cantasse em português. O resultado é a Malvada, que acaba de lançar seu disco de estreia, *A Noite Vai Ferver*. Falamos com as garotas, que contaram tudo sobre a band e o disco



Juliana Salgado, Ma Langer, Bruna Tsuruda e Angel Sberse: malvadas e talentosas

Acesso canal no Telegran @Brasilrevistas

Como surgiu a ideia de montar uma banda apenas de garotas?

Bruna Tsuruda: Angel e eu (guitarrista) fomos apresentadas por um amigo em comum, o Tiago Claro – que depois acabou virando nosso produtor – e tivemos a ideia de montar uma banda autoral, em português, formada por mulheres, por achar que era algo que faltava no mercado do rock. Depois fizemos um anúncio na internet buscando baixista e baterista, e chegaram a Ma e por último a Juliana Salgado. Foi tudo virtualmente, ninguém se conhecia pessoalmente.

Vocês criaram a banda no meio da pandemia. Como foi o processo de seleção com toda a restrição que havia e ainda há?

Bruna: Foi tudo virtual: Instagram, Facebook, indicação de amigos músicos... Conversávamos sempre através de calls com as candidatas, algumas não toparam encarar a proposta da banda e o resultado final foi essa formação atual. O primeiro ensaio foi, também, o nosso 'primeiro encontro' (risos).

Talvez por causa da Nervosa, muita gente pensou que a Malvada seria uma banda de heavy metal. Mas no fim das contas veio uma banda de rock'n'roll, até com alguns detalhes de pop. Algum motivo especial para essa escolha ou é o estilo que todas curtem?

Juliana Salgado: Todas nós da banda gostamos de metal em geral. Temos gostos parecidos, com algumas peculiaridades, mas as composições foram se encaminhando para um hard rock/pop, que talvez tenha sido o estilo comum entre nós. A proposta do pop já havia sido conversada entre nós como uma estratégia de alcançar um público mais amplo e não se restringir tanto ao underground, queremos alcançar as massas, mas, óbvio que sempre fazendo um rock'n'roll de muita qualidade.

Então, quem influencia vocês?

Ma Langer: Todas nós temos um gosto musical muito parecido. Somos fãs de bandas bem clássicas, como Deep Purple, Led Zeppelin, Black Sabbath, Whitesnake, AC/DC, Alice in Chains, Van Halen, Megadeth e Metallica. Também gostamos de bandas mais modernas, como Foo Fighters, Linkin Park, Bring Me the Horizon, Stone Sour, Sevendust, Ego Kill Talent, Trivium e muitas outras... Veja que todas são formadas por homens. A representatividade feminina na música sempre foi menor, e é isso que nos motivou a formar uma banda só de meninas. Janis Joplin, Doro Pesch, The Runaways, Tina Turner, Nina Simone, Sister Rosetta Tharpe, Dolores O'Riordan, Amy Winehouse, Rita Lee, Elis Regina, Nervosa e Pitty são grandes exemplos para nós de mulheres batalhadoras no mundo da música.

Outro detalhe que chama a atenção é o fato de vocês cantarem em português. É muito legal, já que a Angel escreve muito bem, mas isso não fecha o mercado externo?

Juliana: Talvez, dependendo do ponto de vista. Mas veja, bandas como Rammstein, Rata Blanca e Lacrimosa conseguiram furar a bolha de seus idiomas e chegar em bons patamares no mainstream mundial. Então, nada é impossível. Mas nosso objetivo mesmo é fazer rock para o Brasil, acreditamos muito no público do rock brasileiro e temos muita vontade de fazer o rock voltar a ser mainstream aqui. Isso não significa que excluímos as possibilidades externas, quem sabe com muito trabalho não cheguemos lá, ou talvez façamos algumas músicas em outros idiomas, mas no momento o objetivo é vestir a camisa do rock brazuca, queremos valorizar nosso idioma e nosso país.

Por falar nas letras, dá pra dizer que elas são pequenas crônicas urbanas?

Angel Sberse: Eu sempre tento escrever nas entrelinhas, deixando por conta da interpretação de cada um de acordo com aquilo que está vivendo no momento, mas algumas delas são bem diretas e acredito que muitas pessoas vão se identificar de alguma forma.

E o processo de composição, como foi? Totalmente virtual também?

Juliana: Não totalmente. Os primeiros dois singles, *Mais um Gole* e *Cada Escolha uma Renúncia*, foram escritos 100% de forma virtual. Mandamos as ideias pelo WhatsApp e conversamos sobre o que fazer e o que não fazer. As outras sete músicas já tiveram bem mais trabalho de construção e análise, as ideias vieram de pessoas diferentes – tanto nossas como do nosso produtor – e fizemos encontros pontuais para arranjar os instrumentos/estrutura e alinhar as ideias. Por último ensaiamos para sentir as músicas e mexer em detalhes.

Angel, você participou do programa 'The Voice Brasil'. Até que ponto isso ajudou na promoção da banda? A Globo colocou alguma restrição para que você falasse da Malvada?

Angel: Eu penso que toda oportunidade de mostrar a cara deve ser aproveitada, principalmente se for em rede nacional, e a Globo é hoje a maior vitrine da América Latina. Tenho absoluta certeza de que isso ajudou muito a alavancar o nome da Malvada. Sempre tive total liberdade de falar da banda durante o programa e minha participação foi bem na época em que haviamos acabado de fechar o time.

Se fazer rock no Brasil é matar um leão por dia, fazer rock no Brasil sendo mulher seria matar três leões por dia? Vi alguns posts sobre vocês nas redes sociais que se mostraram extremamente machistas e distantes da crítica musical, e vocês têm que lidar com isso...

Angel: Ser mulher é matar um zoológico inteiro por dia independente do que a gente queira fazer... Infelizmente, ainda vamos comer muita poeira até conseguir chegar ao mínimo de respeito que merecemos e conquistar nosso espaço. O rock/metal já é superfechado e preconceituoso em vários aspectos, muito diferente de estilos como o sertanejo, em que todos se apoiam. O que podemos ver são sempre pré-julgamentos e críticas com relação às bandas novas em geral, principalmente no caso de mulheres com visual e atitude. Nossos maiores ídolos estão morrendo, é preciso abrir espaço para o novo, entender que ninguém nunca vai ser igual a ninguém. Viva a diversidade, o que importa é não deixar o nosso amado rock morrer! Tem muita banda ótima que só precisa de uma oportunidade para mostrar a cara e fazer acontecer.

Antonio Carlos Monteiro

Brasil Revistas

IRON MAIDEN
official licensed product

W A Sport

ROUPAS ESPORTIVAS OFICIAIS DO IRON MAIDEN

Compre pelo site:
ironmaiden.wasport.com.br

Utilize o cupom **ROADIECREW** e ganhe **10% de desconto**
válido até 15/11/21

Visite nossa loja:
Galeria do Rock: Loja 223 1° andar

Apresente o cupom **ROADIECREW** e ganhe **15% de desconto** na loja física
válido até 15/11/21

CAMISAS DE FUTEBOL

BONÉS

TEMOS AINDA CALÇÕES, AGASALHOS, MEIAS, FITNESS FEMININO E MUITO MAIS

Acesse nossa parceira no Brasil Revistas (Brasilrevistas

ironmaiden.wasport.com.br

(11) 91035-4988
De segunda à sábado das 10h às 18h

Brasil Rockstas

SPEKTRA

MATURIDADE E CONFIANÇA

Muito se fala do alto nível do metal nacional quando o assunto vai do thrash ao metal mais extremo, mas tem coisa tão boa quanto abaixo disso. Quando se fala em hard rock, independentemente se é de raiz ou mais voltado ao lado melódico, o Brasil é um celeiro de craques, e há uma nova geração, digamos assim, que está brilhando como nunca. O mais recente exemplo é o Spektra, formado pelos experientes BJ (vocal), Leo Mancini (guitarra), Henrique Canale (baixo) e Edu Cominato (bateria). Não à toa, batemos um papo sobre tudo isso com o animado BJ. Leia e se identifique.

Leo Mancini, BJ, Henrique Canale e Edu Cominato: ampliando o rol da excelência do hard rock nacional

Como você está no atual momento de pandemia, especialmente com um disco especial como *Overload* finalmente nas lojas e nas plataformas de streaming?

BJ: O *Overload* foi gravado inteiramente na pandemia, o que de algum modo nos permitiu uma entrega e um comprometimento maiores, pois estávamos impedidos de trabalhar com shows. Mas é muito complicado ter um álbum como esse e ainda não poder fazer um show ao vivo, sem poder ter as casas com 100% de suas capacidades. Estamos muito ansiosos, mas no bom sentido, porque queremos fazer um show de lançamento com toda a segurança para o nosso público. Creio que em breve poderemos fazer algo muito especial.

A banda trabalhou com o Alessandro Del Vecchio em *Overload*, e ele tem sido um faz-tudo na Frontiers. Até que ponto ele influenciou o direcionamento do Spektra?

BJ: Foi um encontro fabuloso! Foi Incrível como tudo se encaixava enquanto estávamos trabalhando no *Overload*. O Alessandro é muito talentoso e faz tudo ficar fácil. Trata-se de um multi-instrumentista e um grande cantor, mas o que faz a diferença é que ele ouve o que a banda diz, é um produtor com a cabeça muito aberta, sempre abrindo possibilidades. O cara é muito tranquilo de se trabalhar e um produtor completo, por isso está envolvido em muitos projetos. Alessandro é um gênio.

Atualmente há uma saturação nos projetos montados pela Frontiers, e o Alessandro tem estado à frente de todos eles, basicamente. No entanto, vale destacar que a música do Spektra é o que você mais gosta de fazer, além de algo que pode ser novidade: o BJ cantor e frontman.

BJ: Muita gente já me conhece como frontman por causa do Tempestt e, também, do DangerAngel, mas sempre gosto de inovar como artista, tentar algo diferente, me desafiar, me engrandecer como um todo. O que posso dizer sobre o BJ vocalista do Spektra é que o público vai me ver de forma completa, cantando da forma mais verdadeira possível o tipo de musica que mais gosto de cantar e fazer, e isso num momento muito especial da minha vida e da minha carreira. Por isso, os fãs com certeza verão um BJ como nunca viram, mais maduro artística e musicalmente, porque acredito que estou no meu melhor momento.

Gostaria de abordar algo diretamente relacionado ao Spektra, que é o seu relacionamento profissional e pessoal com Jeff Scott Soto. É um cara que você cresceu ouvindo, mas que hoje é mais do que um colega de banda. É um amigo. Para o BJ fã de música, como é isso? Em algum momento, antes mesmo até do Tempestt, você chegou a imaginar algo assim?

BJ: Eu até imaginava, sim! Acreditava muito no que eu fazia, mas realmente é uma história de filme (risos). Eu sou muito fã do Jeff desde os tempos do Yngwie Malmsteen, mas o Talisman sempre foi o meu favorito entre os projetos dele. Conheci o Jeff em 2002, quando fomos convidados pra ser sua banda de apoio em dois shows no aniversário da Animal Records, e lá se vão quase 20 anos de parceria musical e amizade com essa lenda! Ele acredita muito no meu trabalho e diz que eu sou um dos seus cantores favoritos, e ouvir isso de um ídolo é foda, cara! (risos) Hoje, trabalho com o Jeff no SOTO, no JSS e no Talisman, e ele é um dos responsáveis e produtores do Spektra. Nós funcionamos muito bem juntos, e só posso agradecer a ele por acreditar no meu talento e no meu trabalho.

Aproveitando que você é um artista experiente na cena, vou trazer um debate em duas perguntas. A Frontiers, especializada em hard rock/AOR/melodic rock, enxergou o alto nível do estilo feito no Brasil. Electric Mob, Landfall e Spektra foram contratadas pelo selo italiano, que ainda pegou bandas brasileiras de outros estilos, como Icon of Sin e Sculptor. O que isso pode significar para esses grupos fora do Brasil?

BJ: Isso é o reconhecimento da qualidade das bandas brazucas! O que pode significar? A exposição necessária que essas bandas merecem! Aparecer para o público internacional, para mostrar o valor e o esforço dessas bandas. A Frontiers enxergou isso e está apostando porque sabe da qualidade dessa galera. Isso é incrível e me deixa feliz demais! Vida longa ao hard rock e ao metal brasileiros!

Dito isso, o que falta para o público brasileiro abraçar as nossas bandas de hard rock como abraça as de metal mais extremo, por exemplo? Além das que citei anteriormente, temos Electric Gypsy, Sunroad, Silent, Inluzt... É uma riqueza enorme a que produzimos aqui.

BJ: Falta o movimento de quem gosta do rock, porque precisamos nos engajar mais, parar de reclamar da cena rock no Brasil e agir! Seguir as bandas nas redes sociais, divulgar as suas músicas, comprar merchandising, adquirir o álbum digital ou físico em vez de baixá-lo gratuitamente na internet... É isso que falta, a valorização do que temos aqui, porque essas bandas merecem tanto quanto as bandas gringas. Não estou generalizando, mas já vi pessoas reclamando de pagar R$ 30 para assistir a uma banda brasileira autoral, mas que não se incomodam de pagar R$ 200 para ir a show de bandas internacionais. Esse pensamento tem que mudar. Se fizermos isso, o rock voltará a ter um espaço grande na cena musical brasileira.

Obrigado pelo papo, BJ, e o espaço é todo seu para acrescentar o que quiser, uma mensagem final...

BJ: Primeiramente, muito obrigado a ROADIE CREW pelo espaço! Posso dizer que estamos muito felizes com todas as mensagens que recebemos diariamente sobre o álbum, e só posso agradecer a todos os fãs do Spektra! E queria convidar quem ainda não está nas nossas redes sociais para nos seguir e saber de tudo o que acontece com a banda. O Instagram é @officialspektratheband, no Facebook você nos encontra como spektraofficial, e tem o nosso site em www.spektratheband.com. Muito obrigado e rock on!

Daniel Dutra

Brasil Roadistas

NITE STINGER
FERROADA CERTEIRA

Quando Bento Mello (Sioux 66, ex-Tales from The Porn) quis formar uma nova banda, estava convicto em mergulhar no hard'n'heavy da década de 1980. Ao lado do também ex-Tales from The Porn Bruno Marx (guitarra), o baixista deu início ao Nite Stinger. Com a adição de Jack Fahrer (vocal), o grupo acabou se moldando ao hard rock, porém não abriu mão de referências do hard'n'heavy e nem de outras vertentes do gênero, como o melodic rock e algo até do sleaze glam. Completado por Roger Benet (guitarra) e pelo renomado Ivan Busic (bateria, Dr. Sin), o grupo agora nos oferece seu promissor e homônimo álbum de estreia, que está sendo lançado no Brasil e na Europa. Conheça melhor o Nite Stinger nas palavras do próprio Bento Mello!

Bento Mello, Roger Benet, Jack Fahrer, Bruno Marx e Ivan Busic: boas perspectivas para o futuro

Barry Polun/Estúdio Cuarenta

Apesar de enraizado no hard rock, o Nite Stinger se abre a outras vertentes do gênero. Músicas como a 'dokkeniana' *Gimme Some Good Lovin*, *Crank it Up*, *That Feeling* e outras soam 'hardonas'. *By Your Side* tem um riff principal na veia hard'n'heavy do início do Mötley Crüe – ainda que mais comercial. *Hot But Trouble* inicia bem Def Leppard e se desenvolve com mais groove. Já *Saturday Night* revela uma faceta sleaze glam. Faz sentido a minha percepção?

Bento Mello: Com certeza! Viejo assim também. Nossa ideia inicial era focar nessa escola hard'n'heavy, porém quando o Jack entrou acabamos abrindo mais o leque de referências para facilitar o encaixe da voz com a banda e acho que tudo fluiu muito bem. O repertório do disco, de fato, não é focado em um estilo, mas acho que funciona bem. É muito bom ler e ouvir comentários como 'essa música é meio Mötley', 'aquela é meio Dokken', porque a nossa ideia era deixar essas várias referências na cara mesmo. Penso que em cima disso conseguimos criar a nossa assinatura.

É curioso não haver baladas em *Nite Stinger*, ainda que *Let Me In* seja uma faixa cadenciada. São poucas as bandas de hard que raramente gravam baladas, um exemplo é o Ratt. Isso foi espontâneo?

Bento: Eu diria que quase. Lembro-me de conversar com o Bruno e com o Roger que se fosse para fazermos balada, que fosse mais melódica, AOR... Mais para *Stand Up (Kick Love into Motion)* (Def Leppard) do que para *I Remember You* (Skid Row). Acho que o Roger usou desse pensamento para criar a base de *Let Me In*. Acabamos tratando-a como a balada do disco, mas também sinto que ela tem bastante peso, então digo que foi quase espontâneo. O principal foco era fazer um disco com todas as nossas referências da cena dos anos 80 e que fosse um bom divertimento para quem ouvir.

Vocês acertaram na ótima *Gimme Some Good Lovin* como single e clipe. Outras músicas serão exploradas na divulgação de *Nite Stinger*?

Bento: Muito obrigado! Também acho que é um belo cartão de visitas (risos). Com certeza, *That Feeling* será a próxima, mas não faremos vídeo para ela, o foco será o digital, principalmente Spotify. Imagino que faremos pelo menos mais um clipe depois de fazermos shows e, possivelmente, no fim do trabalho, uma transição usando *Beat It* - bônus do CD europeu.

Quando vocês formaram o Nite Stinger, Roger Katt (Mercy Shot) estava na bateria. Como se deu a troca por Ivan Busic, cofundador do Dr. Sin?

Bento: Katt estava com muitos projetos e acabou ficando com pouco tempo para a banda. Falamos com ele antes que a situação ficasse ruim para todos e ele seguiu seu caminho. A princípio, estávamos mais preocupados em achar um baterista para a gravação do disco e que tivesse facilidade para gravar (de preferência que tivesse um estúdio), do que um cara para a banda de fato. Então, Jack sugeriu o Ivan. Os dois são amigos de infância e o Ivan já tinha escutado e gostado das demos. Ele topou na hora e cravou que era o baterista da banda. Tem sido sensacional trabalhar com ele.

***Nite Stinger* conta com a engenharia de som, coprodução em certas músicas e backing vocals de duas figuras tarimbadas: Andria Busic, que além do Dr. Sin fez parte de Busic, Taffo, Cherokee e Platina, e Marco Bavini, vocalista de Anjos da Noite e Tork. Com esse know-how no hard rock, eles palpitaram sobre as músicas?**

Bento: Como eu disse antes, as músicas já estavam muito bem definidas em termos de direcionamento e arranjos, então a maior parte do trabalho deles foi em cima de detalhes, principalmente na parte dos vocais. *Let Me In* estava um pouco mais travada, e aí o Bavini fez um trabalho muito legal ao ajudar o Jack e o Roger a acharem a melodia certa para o refrão. De resto, só detalhes. A assinatura da produção ficou para mim e para o Roger Benet, porque desde as demos, a pré-produção, a parte de direcionamento e os arranjos foram feitos por nós.

Apesar de dificilmente uma banda brasileira de hard rock tocar fora do país, o gênero vem ganhando notoriedade. Só em 2021, bandas como vocês, Electric Gypsy, Dirty Glory, Marenna, Spektra, Masmorra, Black Moon Riders e West Hill têm lançado álbuns de qualidade. Além disso, *Nite Stinger* está sendo distribuído não só no Brasil (Animal Records), como na Europa (Steelheart Records). Tocar no exterior está nos planos de vocês?

Bento: Esse é o meu maior sonho e o foco desse trabalho. Acredito que vá acontecer, mas antes é importante começarmos os trabalhos e shows por aqui.

O cenário brasileiro, infelizmente, nunca foi favorável para bandas de hard. Analisando a imensidão geográfica e populacional, além da enorme quantidade de fãs no Brasil, é desanimador pensar que o gênero teve poucas e boas representantes. No entanto, 2021 tem sido um dos melhores anos para o hard no país. Não seria um bom momento para as bandas de hard unirem forças e criarem estratégias para que o estilo se firme de vez, inclusive ganhando espaço internacionalmente?

Bento: Com certeza é uma boa ideia, porém eu mesmo não imagino como fazer isso (risos). Vejo que, pelo menos aqui em São Paulo, as bandas são unidas, boa parte do público delas é formada por músicos de outras bandas. No entanto, essa parte de se unir em torno de estratégias acho que depende mais de outras pessoas, como, por exemplo, contratantes, selos etc. Porque as bandas acabam tendo que trabalhar sozinhas e não são todas que conhecem os caminhos do show business. Gostaria de dizer que o Carlos Chiaroni, da Animal Records, tem feito um trabalho maravilhoso em parceria com a Steelheart Records, lançando bandas daqui no mundo. Acho que se tivéssemos, talvez, mais de três selos fazendo esse tipo de trabalho, o cenário todo funcionaria melhor. Mas é fato que cada vez mais as bandas daqui estão se aprimorando e lançando ótimos trabalhos.

Leandro Nogueira Coppi

Brasil Roadistas

OMMINOUS

UM UNIVERSO IMENSO DE POSSIBILIDADES

Recomeçar nem sempre é confortável, mas em um mundo em constante transformação, é algo necessário. Depois de dois álbuns com a Coldness, o recomeço veio sob o nome Omminous e o primeiro fruto desse novo início é *Immensity*, um álbum concebido na medida para desafiar tudo aquilo que estes experientes músicos já haviam feito no passado. Nas palavras do vocalista Lenine Matos, "arrebentamos com tudo, demos a vida por esse disco, foi muito divertido e muito trabalhoso, tivemos inúmeros percalços, mas no fim resultou num trabalho primoroso." E não há como negar essa afirmação, *Immensity* realmente se destaca entre seus pares. Confira o que Lenine e George Rolim (baixo) têm a nos dizer sobre esse recomeço.

George Rolim, Diego Vidal, Lenine Matos e Yago Sampaio dão início a sua nova jornada com *Immensity*

Divulgação

Antes da Omminous havia a Coldness, que já contava com dois álbuns lançados e um nome crescente no cenário nacional. Como foram aqueles primeiros anos de imersão no cenário e o que eles agregaram à jornada de vocês?

Lenine Matos: Foram anos incríveis e que serviram de base para um novo recomeço. Essa experiência nos trouxe um networking nacional e internacional e como Omminous já temos uma estratégia mais assertiva.

George Rolim: Foram os anos que formaram nosso alicerce. Devemos muito a todos que nos apoiaram e hoje a Omminous é a concretização de uma visão mais madura da nossa identidade.

Como foi a transição de Coldness para Omminous?

Lenine: Foi necessária para podermos continuar com uma pegada mais moderna e ter mais espaço para sermos nós mesmos, tanto nos palcos como nas composições, e isso reflete no sucesso imediato das músicas da Omminous mesmo antes do lançamento do álbum, coisa que a antiga banda não conseguiu. A saída do antigo membro e de certa forma o nome que estava muito vinculado a ele também foi determinante para a transição.

George: Como um corte rápido! Doído, mas preciso e efetivo. A Omminous começou com os dois pés no chão e olhando pra frente.

O press kit da Omminous diz que vocês buscavam um novo conceito com essa banda. Seria um conceito musical ou lírico? O que podem nos contar sobre essa ideia central que permeia o nascimento da Omminous?

Lenine: Nós queríamos ser os Beatles, só que mais pesados, de forma que pudéssemos trazer em cada música uma história, uma atmosfera diferente, em cada música você consegue perceber que tem uma coisa particular. Não é um disco de metal que parece ser a mesma música em cada faixa. Ouvir *Immensity* é permear várias vertentes e caminhar para o desconhecido, se surpreendendo em cada momento.

George: Claro que as pessoas são as mesmas e os conceitos não mudam de forma tão drástica, tão rápido. Mas a ideia é se aprofundar nas premissas do autoconhecimento de uma forma mais simbólica e esotérica e não tão psicanalítica, como anteriormente.

Já que falamos em conceito, existe uma razão especial para a grafia Omminous?

George: Ficamos entre Omminous e Aiser, votamos, e ficou Omminous. Adicionamos o segundo 'm' para dar mais identidade. É uma palavra que, na maioria das línguas, é falada como queremos que soe, além de algumas questões baseada em gematria (N.R.: na doutrina oculta, a gematria pode ser entendida como um criptograma em forma de palavra, em que cada letra tem certo valor numérico; a soma resulta num número que também ocorre em outras palavras, que podem ser tomadas como sua significação oculta).

No ano passado, vocês apresentaram oficialmente o disco *Immensity*. Para começar, fale-nos sobre a ótima arte da capa.

Lenine: A arte foi uma idealização nossa, mais precisamente do George junto com Raphael Efez (Art Design) nos detalhes finais e de conceitos. Ela traz um conceito interessante, pois não fica claro sobre o que estamos tratando, então fica a cargo da crença de quem aprecia.

George: A ideia é fazer uma referência à faixa *Black Sun* e uma alusão ao 'Hidden God'.

Ao colocar o álbum para tocar, logo de cara temos *Behind All the Consent*, com um início bastante atmosférico antes de seu ataque power metal. Gostei do fato de terem mantido a parte inicial junto da música, e não em faixas separadas, como uma intro. Porque decidiram manter as partes conectadas?

George: Isso foi uma decisão técnica mesmo, pois teríamos mais uma faixa a pagar, mas sempre fomos apaixonados por sons atmosféricos e não tinha para onde correr. O impacto é mais forte sem o corte.

Outra das que chamam a atenção imediatamente é *Prisoner of a Present Time*, que tem ótima dinâmica.

Lenine: Em minha opinião, é uma das top três do disco e diria mais: pessoalmente tem o melhor solo de guitarra do álbum. Sempre digo ao Yago Sampaio que ele realmente teve uma inspiração divina digno dos grandes 'guitar heros' mundiais! A letra é de George Rolim, principal letrista da banda. E chamou muita atenção pela mixagem do Wagner Meirinho, da Loud Factory, entre outras pessoas que trabalharam no disco.

George: *Prisoner* é o tapa na cara no ouvinte. O foco não é criticar rotina, mas do que você faz com o que a vida te dá neste momento. Você é um prisioneiro ou é livre? Esse é um trabalho diário de autoconsciência. Não é ideia, é vivência, suor e lágrimas.

Outro destaque, *Overcasting Skies*, traz peso e melodia perfeitamente equilibrados, além daquelas linhas vocais trabalhadas com esmero, algo que faz toda a diferença em um álbum como este.

Lenine: Música bem difícil vocalmente, principalmente no refrão. Em todo o álbum eu procurei cantar com técnicas variadas para que não se tornasse uma audição cansativa e porque eu gosto dessa variedade. Essa versatilidade veio das minhas referências na música em si e novamente é algo bem Beatles, que até modificavam as vozes através de efeitos etc.

Agora, fale-nos sobre *Sideral Death*, uma das canções que mais crescem ao longo de repetidas audições.

Lenine: É uma música que remete a uma atmosfera interessante de autoreflexão sobre nossa vida. Temos um flerte com a música extrema e isso fica evidente em *Sideral Death* e *Master of Disguise*.

George: Até parece uma alopração nerd, mas há uma mensagem iniciativa muito forte como nela. Busca tua verdadeira vontade ou cairás em desgraça!

Com o cenário de shows ao vivo estagnado, vocês têm trabalhado em material para um próximo registro?

Lenine: Todos da Omminous são compositores e isso é um grande privilégio, pois material nunca falta. Tem muita música rolando aqui e acolá, coisa padrão de quem tem um projeto sério de música, então claro que temos novas composições, mas nosso foco agora é na divulgação do *Immensity*: clipes, shows e tour!

Valtemir Amler

BrasilRoadistas

ALIRIO NETTO
DISCO SOLO, SHAMAN E MUITO MAIS

Além de vocalista do Shaman e do Queen Extravaganza, e de recentemente ser confirmado como frontman da espanhola Avalanch, Alirio Netto acaba de lançar mais um disco solo, *All Things Must Pass*. O trabalho contou com um time estrelado de convidados – Alberto Rionda (Avalanch), Arnel Pineda (Journey), Adriano Daga, Felipe Andreoli, Hugo Mariutti e os irmãos Ivan e Andria Busic, além de sua esposa, a atriz e cantora Livia Dabarian, "que arrasou", segundo ele. Falando diretamente de Madri, onde mora atualmente, ele conversou com a ROADIE CREW para falar desse novo trabalho e, obviamente, das novidades do Shaman – cujos vocais ele estava indo gravar na Alemanha dias depois desta entrevista, realizada no final de agosto.

Alirio homenageia George Harrison em título de novo álbum solo

Você acaba de lançar seu terceiro trabalho solo, *All Things Must Pass*. O primeiro foi um trabalho conceitual em português, *João de Deus* (2016); o segundo, o DVD *The Journey so Far* (2019), é um show abrangendo várias fases de sua carreira; e agora um disco em inglês. Pelo jeito, você não gosta de se prender a um formato ou a um estilo, não é mesmo?

Alirio Netto: (risos) De forma alguma! Inclusive, eu acho que os grandes da história da música não tinham medo de arriscar. Isso eu aprendi com os nossos ídolos. Beatles, Stones e tantos outros são caras que transcenderam aquele formato que todo mundo esperava deles. Eu faço o que faz sentido pra mim. *João de Deus* é um disco que fala do típico brasileiro, não tem nada a ver com aquele cara que está preso (N.T.: trata-se de um autointitulado médium brasileiro acusado do estupro de inúmeras mulheres). Podia ser um mendigo, um universitário, um CEO de uma empresa, um jornalista, um motorista de Uber... É sobre aqueles que se sentem esquecidos por Deus. *The Journey so Far* é um apanhado da minha jornada até ali e eu tive a oportunidade de ter vários amigos no palco. E *All Things Must Pass* tem esse título como uma homenagem a George Harrison (N.R.: assim que os Beatles acabaram, George lançou em 1970 um disco triplo chamado *All Things Must Pass*).

Você consegue definir um estilo para o seu *All Things Must Pass*?

Alirio: É um disco de hard rock com muita influência de blues, que é uma coisa que eu sinto falta no heavy metal. Ele tem influência de cantores de música pop, mas é um disco de rock, tem muita guitarra nele. Eu sou fanático por Chris Cornell, por exemplo, então tem muita coisa influenciada por ele. É um disco que segue as letras. Tudo que está ali, todos os instrumentos, todos os arranjos, servem ao texto, Acho que uma letra boa, uma letra forte, cria uma intimidade com o ouvinte. Eu escrevo de uma forma que todo mundo possa se identificar porque depois que uma música sai da sua cabeça e vai pra um disco ela não pertence mais a você, ela pertence ao universo.

Esse fato de o texto ser o ponto central vem do seu lado ator, certo?

Alirio: Sim, tudo a ver. Atuação é algo muito especial, o teatro tem um bichinho que quando te morde você fica viciado (risos). É a oportunidade de você se emprestar para a arte e encontrar dentro de você algo que faça você soar verdadeiro. Tudo que acontece no teatro é em função do texto.

Como você chegou na gravadora italiana Frontiers Music?

Alirio: Eu estava querendo lançar alguma coisa minha. E eu já trocava ideia com o Arnel (Pineda), ele adorava uma música de *João de Deus*, chamada *Retratos*. Ele dizia: 'Eu não entendo nada do que você fala, mas essa música é muito bonita!' (risos) Então surgiu a ideia de fazermos algo juntos. Eu fiz *Grey*, cuja melodia eu escrevi pra minha voz e para a voz dele. Eu ia lançar como single e entrei em contato com Juan Corral, que é empresário do Edu Falaschi, para pedir uma minuta de contrato. Só que ele ouviu a música e não concordou que saísse como single: mandou para a Frontiers e os caras me ofereceram um contrato. E foi assim que aconteceu... Aí eu fui compondo as músicas e me juntei com o Adriano Daga, que é um gênio. Ele sabia que eu queria um disco que pudesse transitar entre vários universos e foi isso que ele me ajudou a entregar. Tenho muita sorte de ter ele no processo.

Você lançou uma série de minidocumentários falando sobre o disco. É uma das estratégias para compensar a ausência de shows?

Alirio: É exatamente isso. A gente dividiu em quatro partes para explicar como foi feito o disco. Tem depoimentos de vários convidados e envolvidos. Isso só veio engrandecer o trabalho. E a gente acaba gerando um pouco de conteúdo, gera uma expectativa. É algo simples, mas muito bem feito.

Você também foi anunciado como novo vocalista do Shaman. Vocês estão compondo material? O que pode adiantar sobre ele?

Alirio: A gente começou a juntar ideias logo nos primeiros ensaios, antes da turnê. Aí, com o tempo fomos juntando outras e quando decidimos fazer o disco nos juntamos em São Paulo e fechamos um estúdio. Ficamos lá fazendo jams o dia inteiro. O embrião saiu daí. Depois, fomos fazendo um 'pingue-pongue' pra formatar as músicas. O disco está muito bonito, tem todos os elementos da história do Shaman, tem aqueles detalhes de música brasileira, que eu acho algo incrível – Shaman, Angra, Sepultura, Viper impuseram um jeito brasileiro de fazer heavy metal. As letras eu fiz a maioria e elas falam sobre renascimento e também sobre o luto, que é algo que a gente teve que viver. Mas eu busquei escrever letras que não desse mais peso do que já é a perda de alguém como Andre. Então, elas têm uma conotação de cura.

Para terminar, você foi recentemente anunciado como vocalista da banda espanhola de heavy metal Avalanch. Como foi sua entrada no grupo e quais os planos de vocês?

Alirio: Foi o Paulo Baron (empresário do Angra) que me colocou lá. É um projeto muito legal, estamos começando a compor e deve sair no meio do ano que vem. O Alberto Rionda (guitarrista e líder da banda) cara é um gênio. Maluco, mas genial (risos). A banda tem Mike Terrana (bateria), Dirk Schlächter (baixista do Gamma Ray), Jorge Salán (guitarra), é um time maneiro. Provavelmente vai ser um disco bilingue, inglês e espanhol.

Antonio Carlos Monteiro

Nosso canal no Telegram @BrasilRoadistas

Brasil Revistas

ENTREVISTA
NOCTURNUS AD
Retomando o trono

O vocalista e baterista Mike Browning sempre foi uma das grandes personalidades do death metal. Seja pelos primeiros dias ao lado do Morbid Angel ou pela grandiosidade dos primeiros anos do Nocturnus, Browning sempre foi capaz de trazer uma aura única e uma personalidade incomparável ao death metal. E, cerca de três décadas depois daquela que é considerada a maior obra com a sua assinatura – *The Key*, do Nocturnus – ele finalmente retoma o 'fio da meada', e com o Nocturnus AD dá início a uma história que uniu fãs de death metal e ficção-científica nos anos 90. O resultado, mais uma obra extrema de imensas possibilidades musicais e líricas, pode ser conferido em *Paradox*, justamente o debut do Nocturnus AD. Além de esclarecer detalhes do seu passado e mergulhar no universo do novo álbum, Mike ainda nos conduziu pelas primeiras linhas daquilo que prepara para o futuro.

LANÇAMENTO
SOM NA CAIXA
Clube de livros

A editora Belas Letras lançou um clube de livros para quem é apaixonado por música: o Som na Caixa. A coleção inclui caixas temáticas com edições exclusivas de livros de Black Sabbath, David Bowie, Led Zeppelin, Ramones, Queen e Beatles. Para ter mais 5% de desconto, use o cupom **ROADIECREW**. É só digitar na hora da compra. Além de ganhar desconto, você ainda estará doando alimentos para os moradores de rua de São Paulo, já que a editora preparou a ação social em parceria com o projeto Solidariedade Vegan, de João Gordo.

Acesse mais revistas gratuitas em Brasil Revistas

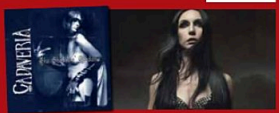
ENTREVISTA
APRIL 21ST

O contrato com a Eclipse Records e a ótima recepção do novo EP, *Courage Is Born from Fear*, são as mais recentes conquistas da banda de metalcore April 21st, entrevistada por Thiago Prata.

RELANÇAMENTOS
ALMAH

Edu Falaschi, em celebração aos seus 30 anos de carreira, está relançando todos os seus álbuns no formato físico pela Shinigami Records. Os primeiros relançamentos são os da banda Almah, liderada pelo vocalista.

#CLASSICTBT 12
CADAVERIA



Valtemir Amler fala sobre *The Shadows' Madame*, álbum lançado há 20 anos pela banda italiana e que veio diferente do que Cadaveria e Flegias fizeram nos seus tempos de Opera IX.

TOP 3 OS PREFERIDOS DO MÊS

Envie o "Roadie Mail" (roadiemail@roadiecrew.com) colocando seus dados (nome completo, cidade/estado) e o seu TOP 3. Publicaremos alguns preferidos dos leitores a cada edição!

Claudio Vicentin (Editor)
Carcass - *Torn Arteries*
Cradle of Filth - *Existence is Futile*
Trivium - *What the Dead Men Say*

Leandro de Oliveira (Arte)
Nervosa - *Perpetual Chaos*
One Desire - *Midnight Empire*
Thundermother - *Heat Wave*

Mário Regatieri Filho (Leitor)
Spektra - *Overload*
Dirty Glory - *Miss Behave*
Electric Gypsy - *Electric Gypsy*

Valtemir Amler (Colaborador)
Dead Congregation - *Promulgation of the Fall*
Grave Miasma - *Abyss of Wrathful Deities*
Hooded Menace - *The Tritonus Bell*

Osvaldo Fernandes (Leitor)
Todd La Torre - *Rejoice in the Suffering*
Todd Michael Hall - *Sonic Healing*
Quicksand - *Distant Populations*

Luis Evandro C. Moreira (Leitor)
Between the Buried and Me - *Colors II*
Triptykon - *Melana Chasmata*
Year of No Light - *Consolamentum*

Brasil Revistas

TAURUS
PHOTOBOOK

A banda carioca de thrash metal Taurus lançou um luxuoso photobook comemorativo dos 35 anos do álbum de estreia, *Signo de Taurus*. O prefácio ficou a cargo de Ricardo Batalha, redator-chefe da ROADIE CREW.

VULCANO
40 ANOS

A TV Tribuna, emissora afiliada da Rede Globo, destacou no programa "Vai Nessa", os 40 anos de carreira do Vulcano. A apresentadora Vanessa Martins conversou com os integrantes, que falaram sobre a trajetória da banda.

MEMÓRIA
RC #184

"Spiritual Healing (Death) trouxe um pouco mais de harmonia e melodia para o estilo, e a partir daí começou a influenciar outras bandas, talvez as da Suécia como Dark Tranquillity e Soilwork", Terry Butler (baixo, Massacre, Obituary, Death).

LIVRO
LORDS OF CHAOS

O livro "Lords of Chaos", que conta todos os percalços e a história do black metal da Noruega foi relançado pela editora Estética Torta com acabamento de luxo e tiragem limitada de 500 exemplares.

YOUTUBE
Roadie Crew Online Festival

A Roadie Crew, em parceria com o Som Do Darma, vem apresentando um evento repleto de bandas no canal do YouTube. Confira!

ASSINATURAS
E números atrasados

Se não encontrou nas bancas, procura uma edição específica ou quer fazer a sua assinatura e receber a ROADIE CREW em casa, acesse www.roadiecrew.com/assinaturas ou entre em contato pelo fone: (11) 5058-0447.

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilRevistas

Brasil Revistas

IRON MAIDEN

O SEGREDO DE PARIS

Acesse nosso canal no Telegram @brasilrevistas

Gravado em 2019 em Paris e mantido em segredo até agora, *Senjutsu* traz o Maiden de volta ao centro das atenções

Brasil Revistas

Por Robert Haagsma

Você pode dizer o que quiser sobre os integrantes do Iron Maiden, menos que Bruce Dickinson (vocal), Dave Murray, Adrian Smith e Janick Gers (guitarras), Steve Harris (baixo) e Nicko McBrain (bateria) não sabem guardar um segredo. Embora o décimo sétimo álbum de estúdio da banda inglesa estivesse pronto desde 2019, nenhuma nota, título ou outro detalhe vazou durante todo esse tempo. Isso durou até o meio deste ano, quando surgiram rumores, alimentados por dicas enigmáticas em pôsteres, camisetas e mensagens de vídeo. E ele finalmente surgiu, com o incomum título de *Senjutsu*. Mais de quarenta anos após sua estreia, o lançamento de um álbum do Iron Maiden ainda é um evento que movimenta todo o mercado do rock. Conversando via Zoom, o guitarrista Adrian Smith falou sobre o novo trabalho, as mudanças nos planos por conta da pandemia e a campanha que antecedeu ao lançamento de *Senjutsu* – palavra que Smith tem relativa dificuldade em pronunciar.

A faixa-título é de sua autoria e de Steve Harris. Desde o princípio foi decidido que ela também daria nome ao disco?

Adrian Smith: (tenta pronunciar o nome três vezes e começa a rir) Foda-se! (risos) Eu não consigo falar isso... Bem, vamos falar apenas sobre 'o novo disco do Iron Maiden.' (mais risos) Steve (Harris) escolheu esse nome e desde o início ficou claro que seria a faixa-título e que abriria o álbum. Ela tem uma introdução que imediatamente atrai você para o disco e essa associação com o Japão oferecia grandes possibilidades para a arte da capa e até mesmo para a decoração d palco. E não se esqueça das camisetas... Esse título pode ser traduzido de várias maneiras, mas 'a arte da guerra' é uma das mais comuns. E esse é um tema que surge em várias canções, como *Hell on Earth*, *Darkest Hour*, *Stratego* e *Death of the Celts*. Nesse aspecto, também há um lado um tanto sombrio nele, acho que fomos inconscientemente influenciados por um mundo que está lenta mas seguramente se voltando para a destruição política, social e climática.

Quando vi os títulos das músicas do disco, as que primeiro me chamaram a atenção foram *Lost in a Lost World* e *Days of Future Past*. O primeiro é também o nome de uma canção conhecida do The Moody Blues (N.T.: do disco *Seventh Sojourn*, de 1972), enquanto *Days of Future Passed* é o nome do álbum mais conhecido deles, de 1967, que contém o sucesso mundial *Nights in White Cetim*. Vocês quiseram passar uma mensagem subliminar aos fãs do Moody Blues?

Adrian: (rindo) Eu não sabia que havia uma conexão com Moody Blues em *Lost in a Lost World*. Mas é uma música do Steve e ele é um grande fã da banda. Já *Days of Future Past* eu compus com Bruce (Dickinson). Claro que conhecia aquele álbum, mas é apenas coincidência. São simplesmente palavras que representam bem a letra de Bruce. Eu também acho que é permitido usar esse título em uma música sua. De todo modo, espero não ter os advogados do The Moody Blues batendo na minha porta... (risos)

"Vamos para o estúdio com a mente aberta, cada um trazendo suas próprias ideias." Adrian Smith

Vocês gravaram no estúdio Guillaume Tell, em Paris, onde já haviam registrado outros discos. E contaram novamente com o produtor Kevin Shirley, que trabalha com vocês desde *Dance of Death* (2003). É uma questão de não mexer em time que está ganhando?

Adrian: Exatamente. Nos primeiros dias da banda, nós gravávamos principalmente na Inglaterra porque todos morávamos perto de Londres. Ao longo dos anos, porém, isso mudou muito. Eu mesmo divido meu tempo entre os Estados Unidos e a Inglaterra. Então, realmente não importa onde está o estúdio, temos que viajar de qualquer maneira. O Guillaume Tell era originalmente um teatro. O palco ainda está lá, assim como o pé direito alto. Portanto, a acústica é muito boa. Outra grande vantagem é que podemos montar todo o equipamento ali, de forma que parece que estamos fazendo um show e isso realmente ajuda muito na hora de criar um clima positivo para o disco. E nós somos uma banda conservadora! Se algo funcionar, não mudaremos tão cedo. Amamos rostos familiares e é isso que Kevin se tornou. Ele sempre consegue encontrar um bom equilíbrio entre nos dirigir como banda e deixar as coisas fluírem naturalmente. Claro que já temos tanta experiência em fazer álbuns que muitas decisões somos nós mesmos que tomamos, mas isso nunca gera algum tipo de conflito. Nós nos complementamos perfeitamente.

Acesse mais conteúdos em Brasil Revistas

Jon McMahon

Brasil Revistas

John McMurtrie

Essa experiência a que você se refere mudou a forma de a banda trabalhar em estúdio?

Adrian: Antigamente, a gente pensava em tudo nos seus menores detalhes. Então, ensaiávamos sem parar e quando entrávamos no estúdio conhecíamos as músicas como a palma da mão. Hoje em dia, nós só juntamos todas as partes durante as gravações. Vamos para o estúdio com a mente aberta, cada um trazendo suas próprias ideias. Escrevi três músicas com Bruce, *The Writing on the Wall*, *Days of Future Past* e *Darkest Hour*, e não trocamos nenhum arquivo digitalmente. Bruce não gosta de comunicação digital. Eu criei alguns temas, ele reuniu letras e linhas vocais em seu iPhone e quando nos juntamos trabalhamos nisso. Aliás, eu adoro trabalhar com Bruce. Ele é um homem culto e que lê muito. As fontes de onde ele pode extrair suas letras são praticamente inesgotáveis.

Você citou que a configuração do estúdio, que permitia parecer um show enquanto gravavam. Vocês fizeram o disco ao vivo no estúdio?

Adrian: Nós gravamos vários takes assim até surgir aquela sensação de 'conseguimos!' Lógico que essa base depois foi preenchida com várias outras partes, mas a energia da música tocada ao vivo foi preservada.

E como foi a gravação dos seus solos?

Andrian: Nos primeiros discos do Iron Maiden, eu compunha todos os meus solos. Nota por nota. Provavelmente por conta da insegurança, eu não queria falhar na frente do resto da banda. Hoje em dia sou totalmente guiado pelo meu estado de espírito do dia em que vou gravar ou por aquilo que a música evoca em mim naquele momento. Mas é verdade que ainda procuro um espaço vazio para gravar meus solos. As pessoas não tiram o olho de mim e eu simplesmente não consigo me acostumar com isso.

"Acredito que nosso amor por uma banda como o Genesis é uma das razões pelas quais nossa música mudou mais para o rock progressivo ao longo dos anos."
Adrian Smith

E como foi passar uma temporada na França para gravar?

Adrian: Ficamos um bom tempo lá, mas mesmo assim o disco foi gravado com uma rapidez surpreendente. E é bom poder mergulhar em uma bela cidade depois de horas de trabalho no estúdio atrás de um bom restaurante. Não é segredo para ninguém que pescar é minha grande paixão e mais de uma vez tive oportunidade de lançar uma vara de pescar em algum lugar por lá. Foi ótimo! E os peixes lá mordem bem também! (risos)

Parece que Bruce teve um problema de saúde durante as gravações. O que aconteceu com ele?

Adrian: Pouco antes do final das gravações, ele estava praticando esgrima e rompeu o tendão de Aquiles. É uma lesão muito grave, tanto que ele teve que passar por uma cirurgia. Durante um bom tempo, ele ficou andando de muletas e com uma bota imobilizadora enorme no pé. Mas isso quase não teve impacto no andamento da gravação. Poucos dias após o procedimento, ele estava de volta ao estúdio para gravar. E no segundo semestre de 2019 voltamos para a estrada. Ele teve que fazer um bocado de fisioterapia para ficar apto, mas funcionou. Bruce é um lutador, como todo mundo sabe.

Em um disco com tantas músicas longas (pelo menos três delas passam dos dez minutos), uma de suas composições com Bruce, *Days of Future Past*, vai no caminho oposto com 4'03" de duração. Ela acaba antes que você perceba e está cheia daqueles riffs cativantes que o Iron Maiden sempre incluiu em seus discos.

Adrian: Essa música é muito importante pra mim. No ano passado, lancei minha biografia ("Monsters of River & Rock: My Life As Iron Maiden's Compulsive Angler"), que por sinal é em grande parte sobre minha paixão pela pesca esportiva. Mas, voltando ao ponto, enquanto trabalhava nesse projeto, me peguei voltando à minha infância e procurando respostas para a pergunta mais essencial que você pode fazer a si mesmo: por que você fez certas escolhas? Por que você começou a fazer o que faz hoje? No meu caso, foi no final dos anos 60 e início dos 70 que fiquei viciado em música. Já amava Jimi Hendrix, ele ainda é um herói para mim, mas o que realmente me surpreendeu foi o álbum *Machine Head* (1972), do Deep Purple. O que Ritchie Blackmore fez e a forma como se manifestava enquanto pessoa era infinitamente fascinante. Acho que ele é o responsável pela minha decisão de virar guitarrista. Mais tarde também me tornei fã de Thin Lizzy. Agora, você deve estar se perguntando o que tudo isso tem a ver com *Days of Future Past*. Vou lhe explicar. Eu me lembro que naquela época todos os artistas lançavam regularmente singles ótimos, cativantes e especialmente curtos. Como Jimi Hendrix em *Hey Joe* e *Foxy Lady*, Deep Purple em *Black Night* ou Thin Lizzy em *The Boys Are Back in Town*. Dá para contar sua história em três, quatro ou cinco minutos no máximo. No início de nossa carreira, fizemos o mesmo com o Iron Maiden, mas com o passar dos anos perdemos um pouco isso. Nosso som se tornou mais progressivo e as músicas ficaram naturalmente mais longas. Nunca tive problemas com isso porque é parte da maneira como a banda cresceu e se desenvolveu. Só que comecei a sentir falta cada vez mais dessas canções curtas. Até porque, você sabe, esses épicos são complicados de ser tocados ao vivo. É

Assinante do Jornal do Brasil @ Brasil Revistas

Brasil Revistas

muito difícil manter o público atento, mas também é quase impossível para nós executá-los em todos os seus detalhes, tanto que sempre tocamos versões adaptadas dessas canções. Isso me inspirou a fazer uma canção curta e poderosa, junto com Bruce. E é nisso que *Days of Future Past* se tornou. E também me parece uma ótima música para tocar ao vivo.

Como você trabalha a questão das letras nessas parcerias com Bruce, que é o autor da maioria delas?

Adrian: Para concluir uma música como essa, ajuda muito se eu souber do que se trata o texto e de onde ele veio. Bruce me disse que teve a ideia de *Days of Future Past* depois de ver o filme 'Constatine', que por sua vez é baseado em uma história em quadrinhos (N.T.: o filme, de 2005, foi dirigido por Francis Lawrence e conta com Keanu Reev4es e Rachel Weisz no elenco; ele se baseia na HQ 'Hellblazer'). O personagem principal dedica toda sua vida a consertar um erro que cometeu certa vez. Simboliza a maneira como a humanidade sofre sob as consequências da queda, conforme descrito na Bíblia. Neste texto, Bruce inverte esse fato. Por que deveríamos nós, como humanos, sofrer por algo sobre o qual nada podemos fazer? Que tipo de jogo sádico de Deus é esse? E fui eu que sugeri esse título, achei que se encaixava perfeitamente na essência do texto.

Por falar nisso, *The Writing on the Wall* também tem um fundo bíblico, uma vez que é baseada em uma passagem do Livro de Daniel, do Antigo Testamento (N.T.: nessa passagem, Belsazar, último rei da Babilônia, promoveu uma grande festa usando cálices sagrados pilhados do Templo de Jerusalém; subitamente, uma mão surgiu e escreveu na parede o julgamento do rei, que acabou morto na mesma noite).

Adrian: Uma 'escrita na parede' é uma expressão usada para descrever uma advertência séria. E nessa música, Bruce resumiu sua preocupação sobre como o mundo está funcionando. Às vezes, você fica desesperado quando vê o que os políticos e outros governantes estão fazendo. Bruce gosta muito de liberdade pessoal, de um espaço em que você possa ser quem você é. E ele tem a impressão de que isso está cada vez mais sendo tirado da gente. Todos nós estamos vendo os sinais. É hora de levarmos isso a sério.

Já *Darkest Hour* fala sobre Winston Churchill (N.T: primeiro-ministro britânico de 1940 a 1945 e de 1951 a 1955).

Adrian: Ele era um homem fascinante! Um barril repleto de contradições. De acordo com muitas histórias, ele era mal-humorado. E Churchill também podia ser muito direto. E todos sabiam que ele bebia mais do que seria bom para sua saúde. Então, ele tinha um lado negro e é exatamente disso que trata *Darkest Hour*. Em primeiro lugar, porém, Churchill era um estadista destemido, que não se deixou enganar pelos alemães durante a II Grande Guerra. Ele se jogou na batalha, enquanto grande parte da população não via absolutamente nenhum benefício nisso. A verdade é que nós devemos nossa liberdade atual a ele.

Musicalmente, *Senjutsu* também traz algumas novidades, não?

Adrian: Sim, há algumas músicas em que tentamos algo novo, *Days of Future Past*, por exemplo, tem um som mais moderno, em minha opinião. Já *Writing on the Wall* traz algumas influências do folk, assim como um toque de blues. Percebo que com o passar dos anos a música da nossa juventude tem se tornado cada vez mais importante. Neste caso em particular, gostaria de mencionar Jethro Tull, de quem Bruce, Steve e eu somos grandes fãs. Essa mistura de rock progressivo, folk e – especialmente no início – blues era completamente única. E acredito que nosso amor por uma banda como o Genesis é uma das razões pelas quais nossa música mudou mais para o rock progressivo ao longo dos anos. É interessante notar como os discos que ouvíamos quando crianças continuam a fazer parte das nossas vidas.

***Já Lost in a Lost World, Death of the Celts, The Parchment e Hell on Earth* são quatro épicos escritos apenas por Steve Harris.**

Adrian: Steve adora essas peças longas e complexas. E eu sei que ele está sempre trabalhando em temas assim. Mas ele só apresenta para a banda quando tudo está pronto em seus mínimos detalhes. 'É isso. Vamos trabalhar nela', é mais ou menos o que ele diz. É uma forma de trabalho solo da qual ele gosta muito. E essas músicas nós não gravamos as bases ao vivo, a gravação aconteceu em várias sessões.

O disco estava pronto em 2019. Vocês fizeram alguns shows no segundo semestre daquele ano e a ideia era lançar *Senjutsu* no início de 2020, mas todo sabemos por que isso não aconteceu... Como vocês se sentiram com essa mudança de planos tão abrupta?

Adrian: Foi extremamente frustrante. O disco estava pronto e a gente queria mostrá-lo ao público o mais rápido possível. Em vez disso, as gravações foram colocadas em um cofre e a ordem era que nada deveria ser dito a respeito delas. Nem mesmo eu tinha uma cópia do álbum! Apenas Steve tinha tudo em seu laptop. Mas pelo menos conseguimos fazer um disco. Eu nem imagino como poderíamos ter feito isso se a crise da covid-19 já tivesse acontecido. Só recentemente ouvi todas as músicas de novo, mais de um ano e meio depois que as gravações foram concluídas. Isso me permitiu ouvi-lo com novos ouvidos e devo lhe dizer que fiquei agradavelmente surpreso. É um verdadeiro álbum do Iron Maiden, com canções curtas e longas. Ele contém alguns novos elementos musicais e o que mais me impressionou foi a qualidade do som. Este é um dos nossos melhores discos que fizemos em muitos anos. Estou confiante de que os fãs ficarão felizes com ele.

O lançamento do disco foi antecipado por uma forte campanha de marketing,

SENJUTSU
Warner - Nac.

Apenas um trecho cana... Brasil Revistas

Brasil Revistas

com Bruce aparecendo em vídeos nas redes sociais com uma camiseta escrito 'Belsazar Feast' ('Celebração de Belsazar', que depois descobriu-se que era um teaser para o lançamento do primeiro single e vídeo, *Writing on the Wall*), dicas em entrevistas e mensagens enigmáticas divulgadas periodicamente. Isso foi fundamental na divulgação de *Senjutsu*?

Adrian: Todo o crédito deve ir para o pessoal criativo do marketing da nossa administração. Eu achei muito legal a forma como eles cuidaram de toda essa campanha. Era algo necessário. Inicialmente, o plano era lançar o álbum com uma festa, em um grande salão, com um filme ou algo parecido. Claro que nada disso era mais possível, mas não queríamos que o novo disco do Iron viesse ao mundo silenciosamente. E essa estratégia funcionou. Como banda, nós nos divertimos muito com todas as especulações que envolveram aquelas dicas. Também nos lembrou o quanto o fã de Iron Maiden se envolve em tudo que diz respeito à banda.

Chamou muito a atenção o videoclipe de *The Writing on the Wall* (N.T.: o clipe foi dirigido por Nicos Livesey, do estúdio de animação britânico BlinkInk, desenvolvido pelos ex-funcionários da Pixel, Mark Andrews e Andrew Gordon, e a história foi escrita por Bruce Dickin-

SAMURAIS NO METAL

Senjutsu e as ligações dos samurais na temática e na arte visual do heavy metal

Por Ricardo Batalha

Na capa do novo álbum do Iron Maiden, feita pelo ilustrador inglês Mark Wilkinson, a mascote Eddie é apresentada como samurai e o título, *Senjutsu*, faz referência à cultura oriental. Sem tradução literal, é descrito como "tática e estratégia", "técnica dos sábios" e até mesmo "a arte da guerra". "É uma ótima desculpa para um 'Samurai Eddie', o que eu acho legal", declarou Bruce Dickinson à revista Kerrang!. "Steve (Harris) veio com a primeira faixa e disse que se chamava *Senjutsu*. Ele falou que era japonês para 'arte da guerra'. Eu: 'Você tem certeza?' Então, pesquisei na 'Bíblia do Google' e parece que há alguns significados diferentes para isso, mas iremos com 'arte da guerra' mesmo", acrescentou o vocalista, sem relacionar ao Senjutsu de Naruto Uzumaki, personagem criado por Masashi Kishimoto.

Muitos obviamente remeteram a uma das artes criadas por Derek Riggs para o EP ao vivo *Maiden Japan*, gravado em maio de 1981 no Japão. Esta, no entanto, foi feita às pressas para substituir a original, que mostrava Eddie com a cabeça decapitada de Paul DiAnno, que seria demitido pouco tempo depois – a versão inicial saiu somente no mercado venezuelano e hoje é item raro. "Para substituir a imagem de Paul DiAnno, tive que fazê-la muito rápido, quase da noite para o dia", recordou Riggs no livro "Run For Cover" (2006). Afora isso, outros também relacionaram o samurai ao rótulo da cerveja Sun and Steel, uma lager com levedura de saquê da linha Trooper, desenvolvida pela Robinsons Brewery.

Porém, quando o assunto é samurai, além de uma banda com este nome e do título e da capa do álbum do Grand Prix, outra também surgida na fase da New Wave of British Heavy Metal, Tokyo Blade, é sempre lembrada pelas imagens de suas capas, títulos de músicas e partes de algumas de suas letras. No entanto, o nome não tem a ver com a imagem do samurai com a armadura, as espadas, a máscara e as correntes. "Alan (Marsh, vocal) queria que a banda se chamasse Blade Runner e eu queria chamá-la de Tokyo. Então, um de nós disse 'Tokyo Blade' e gostamos da sonoridade do nome", explicou guitarrista e fundador Andy Boulton.

O país de origem dos samurais não poderia ficar de fora. Assim, nomes como Loudness e Metalucifer tiveram músicas com títulos relacionados: *Crazy Samurai* e *Heavy Metal Samurai*, respectivamente. Além disso, o Kiss, que desde os tempos de

Brasil Revistas

son). O resultado foi espetacular, repleto de referências a temas bíblicos, mas também trazia citações ao passado e ao presente da própria banda.

Adrian: Não sei se você notou, mas no início do clipe um flyer voa. Esse foi talvez o ponto crucial de todo o enredo. Os criadores da campanha se inspiraram na forma como as festas dançantes ilegais eram promovidas no passado. Para evitar problemas, tudo tinha que ser feito muito secretamente, com mensagens apenas compreendidas pelos verdadeiros interessados. Eu fiquei realmente impressionado pelo modo como tudo foi desenvolvido. E pelo que posso observar agora, a campanha atingiu o efeito desejado. Todo mundo ficou sabendo que havia um novo disco do Iron Maiden chegando.

"Tenho uma grande expectativa pelo retorno do velho normal. Mal posso esperar para voltar ao palco, diante de um mar de gente." Adrian Smith

E já foi anunciado que no ano que vem a banda continuará a turnê "Legacy of the Beast". Vários shows estão marcados, começando em 4 de junho com uma apresentação na Finlândia. Qual sua expectativa em relação à volta para a estrada?

Adrian: Estamos muito tranquilos em relação a isso. Depois de todos esses anos, você sabe exatamente quando dizer algo e quando calar a boca. Frequentemente, nos entendemos sem sequer precisar falar. A vantagem disso é que podemos colocar toda nossa energia em coisas importantes e positivas, como escrever canções e fazer o melhor show possível. Também tenho uma grande expectativa pelo retorno do velho normal. Mal posso esperar para voltar ao palco, diante de um mar de gente. Afinal, é disso que tudo isso se trata.

seu segundo disco, *Hotter Than Hell* (1974), apresentava menções à cultura japonesa na capa, gravou uma música exclusiva para o Japão, *Samurai Son*, lançada em 2015, em parceria com o grupo pop Momoiro Clover Z, que foi número 1 nas paradas nipônicas.

Já o Hammerfall gravou *Bushido*, de *(r)Evolution* (2014), por ideia do guitarrista Oscar Dronjak. "É o caminho do guerreiro samurai e também foi uma forma de conectar a *The Way of the Warrior*. No final, fizemos o mesmo riff e eu a termino cantando 'this is the way'. Ela é cheia de energia e conta a história do samurai e o seu código", detalhou o vocalista Joacim Cans.

Outras bandas que adotaram o tema foram Ostrogoth, MSG, Samson, Blaze Bayley, Satan Jokers, Silver Samurai, OZ, Steelheart, Vengeance, Sepultura, Icon of Sin, Attomica, Hellhound, Die Apokalyptischen Reiter, Ring of Fire e o Dokken, na capa do ao vivo *Beast from the East*.

Embora fotos com espadas ou ligadas às artes marciais sejam comuns no heavy metal, um samurai empunhando uma espada é ligado ao kenjutsu. "Os samurais desenvolveram a mais letal e eficiente maneira de manejar a espada já criada pelo homem. A essa arte deu-se o nome de kenjutsu, que significa 'A Arte da Espada'", explica o guitarrista Marcelo "Soldado" Nejem (Front, Coração de Herói, Korzus, Treta e Proposital). "As raízes do kenjutsu situam-se no período Kamakura, quando, pela primeira vez, os samurais tomam o poder no Japão. Para o samurai, a sua espada não era apenas uma arma: ela continha a sua própria alma. Assim, o kenjutsu não era simplesmente um modo de usar a espada com perfeição, mas um caminho espiritual que acabou influenciando a cultura japonesa como um todo", conclui Nejem, que foi diretor técnico do Instituto Cultural Niten (2001 a 2007), no qual seu fundador, Sensei Jorge Kishikawa, se dedica a transmitir a filosofia de vida, a cultura e a arte da espada samurai desde 1993.

Acesse Brasil Revistas

40 ANOS NAS ARTES MARCIAIS

Se o "Samurai Eddie" estampa a capa de *Senjutsu*, quarenta anos atrás o Iron Maiden posava em fotos usando judogi e/ou karategi, uniformes usados para práticas de judô e caratê, respectivamente. Além disso, algumas poses clicadas por Koh Hasebe no Nippon Budokan, em Tóquio, mostravam Paul Di'Anno (vocal), Dave Murray e Adrian Smith (guitarras), Steve Harris (baixo) e o saudoso Clive Burr (bateria) empunhando a shinai, espada de bambu usada na prática da arte marcial japonesa quendô – algumas fotos também traziam a mascote Eddie. Hasebe, que se tornou um renomado fotógrafo de rock após fotografar os Beatles no Japão, costumava clicar astros em contato com a cultura oriental, como Kiss e Creedence Clearwater Revival com gueixas ou Andy Summers (The Police) lutando sumô. Além disso, é dele a foto de capa de *Live Killers*, do Queen.

Para o Maiden, uma das quatro datas realizadas no Japão durante a "Killer World Tour" deu origem ao EP *Maiden Japan*, com a gravação do show no Aichi Kōsei Nenkin Kaikan, em Nagoia, a 23 de maio de 1981. O local, inaugurado em 1980, tinha capacidade para 1.666 pessoas e foi demolido em 2008.

O título do EP fazia referência a *Made in Japan*, do Deep Purple, em que uma das gravações, feita em 17 de agosto de 1972, ocorreu no Nippon Budokan, local famoso no meio do rock por dar título a vários discos ao vivo. A arena, construída para o torneio de judô dos Jogos Olímpicos de 1964, também sediou as recentes competições nas Olimpíadas de Tóquio.

Maiden Japan acabou sendo o último registro com Paul Di'Anno, que fez seu derradeiro show com a banda em 10 de setembro de 1981, em Copenhage (DIN).

Brasil Revistas

JINJER
FLORES INQUIETAS

Tatiana Shmayluk fala do quarto álbum da banda ucraniana, que retoma o passo evolutivo dado com o disco anterior, interrompido pela pandemia

Por Daniel Dutra

Com pouco mais de uma década de vida, o Jinjer colocou a Ucrânia no mapa do metal mundial ao se tornar uma das bandas mais relevantes (leia-se criativas, também) de uma geração que ainda é menor de idade no gênero. Com *Wallflowers*, o quarto álbum de estúdio, Tatiana Shmayluk (vocal), Roman Ibramkhalilov (guitarra), Eugene Abdukhanov (baixo) e Vlad Ulasevich (bateria) devolveram com juros e correção o que a pandemia da Covid-19 tirou do quarteto, que mal teve tempo de aproveitar os elogios de público e crítica a *Macro* (2019). O resultado é um disco novo espetacular e, no melhor sentido que você puder encontrar, perturbador.

Minha primeira pergunta é simples, mas importante neste momento de pandemia. Como você está?

Tatiana Shmayluk: Bem! Estou em casa e com o ar-condicionado ligado, porque tem feito um calor infernal na Ucrânia! (risos) Estamos esperando voltar com a vida normal de músicos, que é tocar direto, mas fizemos algumas apresentações recentemente, em Tel Aviv (ISR) e na República Tcheca, então não temos reclamado por não ter nenhum show. E tivemos a sorte de fazer uma pequena turnê em setembro de 2020, na Alemanha e na Suíça, com seis datas e a regra de distanciamento social. As pessoas ficaram bem separadas umas das outras, e não havia ninguém na frente do palco batendo cabeça. Foi estranho, mas um alívio. Depois de tantos meses sem nenhum show, o que aconteceu agora foi um bálsamo, já que em Israel rolou uma apresentação completa, com a capacidade total de público. Havia 1.300 pessoas no local, todas sem máscaras e sem distanciamento social, porque 100% da população israelense estão completamente vacinadas. Foi ótimo! Uma sensação boa de normalidade. Na República Tcheca, nós tocamos no 'Fight Fest', que é um dos nossos festivais favoritos, porque foi onde começamos a tocar em lugares maiores e com turnês mais longas. Então, só estamos aguardando pelos próximos shows, e acho que começarão neste segundo semestre.

Vamos falar de *Wallflowers*, começando com algumas afirmações da banda. Vocês disseram que se trata do álbum mais intenso e frenético até agora, com experiências mais pessoais e o melhor material que a banda já compôs. Por que exatamente?

Tatiana: Eu não diria que é o melhor de todos, mas que é melhor do que o anterior porque é diferente de tudo que fizemos até hoje. Em relação à sonoridade, *Wallflowers* é, de fato, o trabalho mais pesado e mais agressivo que fizemos até agora. E as letras são bem pessoais e um tanto melancólicas, talvez pessimistas (risos). Eu queria que esse disco refletisse o que eu estava passando quando escrevi as letras.

WALLFLOWERS
Napalm - Imp.

A pandemia teve algo a ver com isso?

Tatiana: Não exatamente, porque ela apenas causou a sensação generalizada de solidão e depressão. As letras não têm nada a ver com a pandemia em si, mas o que estamos vivendo foi a razão por que comecei a escrever. Eu estava trancada em casa, pensando e repensando tudo. E pensando e repensando muito.

A outra afirmação é que *Wallflowers* contém música pesada e inquietante. Eu estava esperando uma sonoridade pesada, sem dúvida, mas a palavra "inquietante" se encaixa perfeitamente, e creio que as pessoas deveriam saber que isso não significa elementos de reggae como em *Judgment (& Punishment)*...

Tatiana: (rindo) Era inverno quando comecei a escrever as letras, e eu estava assistindo a muitos filmes. Filmes de terror, basicamente, e um deles tinha uma música muito sombria e apreensiva na trilha. Como eu assisto aos filmes com legendas em inglês, apareceu na tela a frase 'música inquietante tocando', e achei muito preciso para descrever aquele momento e aquela música. Foi no alvo! Encontrei nessa palavra a explicação para o *Wallflowers*, porque ele é inquietante de se entender quando se ouve pela primeira vez, porque traz uma sensação progressiva... Teve um repórter que disse que o novo álbum 'é difícil de digerir', e eu entendi isso como um elogio. Depois que você ouve algumas vezes, no entanto, fica mais fácil de entender. Compor e gravar o *Wallflowers* foi inquietante para mim, também, mas é essa a imagem do disco.

Sem dúvida, e tenho certeza de que o ouvinte terá a mesma sensação. A terceira faixa, *Vortex*, até parece normal depois de *Call Me a Symbol* e *Colossus*. Honestamente, bastam 60 segundos de música para virar alguém de cabeça para baixo (risos)...

Tatiana: *Vortex* faz jus ao restante do disco no que diz respeito às letras, porque foi com ela que comecei a compor esse disco. Ela fala de pensamentos ruins e repetitivos que depois se justificam e do porquê de esses pensamentos realmente existirem, mas concordo que sonoramente ela é mais leve. Aliás, *Vortex* foi a primeira música que gravamos os vocais, e imediatamente, no meio da gravação, os caras disseram: 'Ok, amamos os vocais nessa faixa, então faremos dela o primeiro single'. Mas eu amo cada música de *Wallflowers*, então não seria capaz de escolher apenas uma para ser o single. Todas elas são singles perfeitos (risos).

E há mesmo muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo do início ao fim da audição do disco, e a faixa de

Brasil Revistas

abertura já entrega isso. Vocês tinham em mente que *Wallflowers* precisaria de muitas sessões para ser totalmente compreendido, digamos assim?

Tatiana: Nós não tínhamos um objetivo com esse álbum. Apenas fizemos o que tínhamos em mente, mas definitivamente queríamos fazer algo diferente. Então, se ele é inquietante, que assim seja! Nós evoluímos, nos desenvolvemos, atingimos um novo nível em nossa criatividade, então esperamos que nossos fãs e quem ouvir o disco peguem em nossas mãos e caminhem conosco. Ao longo desses anos fazendo música, nós nos preparamos para o momento em que faremos algo que talvez as pessoas não gostem, mas esperamos de coração que nossos fãs entendam e evoluam conosco. Isso nos levará a outro nível, porque faremos algo ainda mais difícil de entender da próxima vez (risos). Os fãs do Jinjer já sabem que devem esperar o inesperado.

Para alguns, pode ser uma postura arriscada, mas eu acho louvável. Especialmente depois do *Macro*, que seria mesmo um grande passo à frente para o Jinjer, mas aí veio a pandemia.

Tatiana: Nós falhamos na promoção desse disco por causa da pandemia, sem dúvida. Quando nos demos conta de que dois anos haviam se passado desde o seu lançamento, e considerando que lançamos um novo disco a cada dois anos, vimos que *Macro* ficou perdido em 2020. Nós não o tocamos em vários lugares, como a América Latina, por exemplo, porque tivemos de encerrar a turnê no meio da passagem pela América do Sul, infelizmente. Mas tocaremos músicas do *Macro* na turnê do *Wallflowers*, daremos uma nova chance de vida a ele. Com o novo álbum, faremos uma divulgação maciça, com toda força, e espero sinceramente não sermos atrapalhados por uma nova pandemia (risos). Tocaremos todas as suas músicas e vamos inserir algumas do *Macro*.

Gostaria de falar sobre duas músicas que chamam a atenção exatamente por sua causa. A primeira é *Disclosure!*, porque seus vocais agressivos são o grande destaque...

Tatiana: Sério? Isso é curioso, porque, para mim, todos os meus vocais agressivos são iguais. Por que você diz isso?

Por causa da interpretação. Não que você tenha gravado as outras músicas no piloto automático, mas em *Disclosure!* eu sinto uma raiva que não é a mesma nas outras músicas.

Tatiana: Ah, então você entendeu perfeitamente o clima da música. No fim de março, demos uma entrevista a um repórter ucraniano em Kiev, e não sabíamos no que iríamos nos meter, apenas que ele tinha um canal no YouTube, mas fomos lá. E a entrevista foi um desastre total! O cara foi desrespeitoso, rude e grosseiro, fez perguntas horrorosas e provocativas num sentido nada interessante. No fim de tudo, ele sequer nos cumprimentou. Virou as costas e saiu. Eu estava muito furiosa quando saí de lá, e foi assim que nasceu essa música! Eu fiquei três dias descontrolada de ódio, e três dias são um período razoável para eu digerir situações assim. Eu escrevi *Disclosure!* sobre esse cara, e isso deve ser a maior conquista da vida dele (risos). Mas sou até grata por essa experiência infeliz,

Vlad Ulasevich, Tatiana Shmayluk, Roman Ibramkhalilov e Eugene Abdukhanov: inquietos e da Ucrânia para o mundo

Divulgação

Acesse nosso canal no Telegran @Brasilrevistas

"OS FÃS DO JINJER JÁ SABEM QUE DEVEM ESPERAR O INESPERADO."
TATIANA SHMAYLUK

Brasil Revistas

porque dela nasceu essa música, e é por isso que os guturais estão tão agressivos (risos). Posso dizer que atingi meu objetivo em expressar como eu me senti. Não sou leitora de poesia, prefiro prosa porque fazer poesia é muito difícil para mim, então fico feliz quando as pessoas param para ler e interpretar minhas letras.

E devo dizer que eu não tinha as letras quando ouvi o disco para fazer esta entrevista (risos). Bom, destaco também um bônus'. A voz estava ótima, e eu estava muito satisfeita com isso, então a deixamos no tracklist do disco. E recentemente gravamos o videoclipe dela, que está em pós-produção no momento em que falo com você. Não lembro a data exata de lançamento, mas será nos próximos dias (N.R.: o clipe de *Mediator* foi lançado em 28 de julho, cinco dias depois desta entrevista).

Você falou de voltar a fazer turnês regulamente, e o mundo está abrindo em conseguir anunciar essas datas. Espero que esses shows aconteçam com toda a beleza e total energia que o Brasil pode mostrar! Eu não sei onde iremos tocar, mas espero que seja em lugares espaçosos e com um grande público presente (N.R.: serão quatro apresentações, em Porto Alegre, Curitiba, Limeira e São Paulo).

Para terminar, algo que sempre quis perguntar. Tecnicamente, o Jinjer não tem integrantes originais, mas isso

"(...) NOS PREPARAMOS PARA O MOMENTO EM QUE FAREMOS ALGO QUE TALVEZ AS PESSOAS NÃO GOSTEM, MAS ESPERAMOS DE CORAÇÃO QUE NOSSOS FÃS ENTENDAM E EVOLUAM CONOSCO."
TATIANA SHMAYLUK

***Mediator*, porque é um rolo compressor que vem depois de *As I Boil Ice*, que é muito técnica. É um simples trecho com duas palavras é bem significativo: é quando você diz 'Stop' para a insanidade começar com 'Go!'...**

Tatiana: E faz todo sentido, porque essa música fala sobre esperanças destruídas e o choque da realidade. Queríamos fazer de *Mediator* uma faixa bônus para a versão limitada do disco, mas conforme eu comecei a cantar, os caras falaram: 'Sabe, essa canção é boa demais para ser **algumas partes. Espero que isso aconteça no Brasil até maio de 2022, para quando está marcada a turnê do Jinjer por aqui. Quais são as suas expectativas?**

Tatiana: Obviamente, você sabe que os brasileiros são loucos (risos). Além disso, sempre comentam escrevendo 'Venham para o Brasil!' nas redes sociais, quase como se fosse um traço de personalidade (risos), então estamos verdadeiramente animados e ansiosos por isso. Ainda está longe, claro, e temos muito trabalho pela frente, mas estou bastante aliviada por **não importa, na verdade, porque você e Roman já estavam na banda antes de qualquer lançamento. Qual a sua opinião sobre isso?**

Tatiana: Boa pergunta, porque eu ainda me considero como membro original. Claro, tínhamos um guitarrista, que foi o fundador do Jinjer (N.R.: Dmitriy Oksen, que saiu em 2015), e Max foi o primeiro vocalista (N.R.: Maksym Fatullaiev). Eles começaram a banda em 2008, e eu entrei em 2009... E pensando assim, então me considero o membro mais antigo! (risos)

Brasil Revistas

ALTEA RECORDS

WWW.ALTEARECORDS.COM.BR

IRON MAIDEN

SENJUTSU

DELUXE BOX SET LIMITED EDITION

VINIL COLORIDO RED & BLACK MARBLE

DELUXE MEDIABOOK

Acesse nosso canal no Telegran @Brasilrevistas

HELLOWEEN
"Helloween"

METALLICA
"BLACK ALBUM DELUXE BOX SET"

SLAYER
"The Repentless Killogy"

Design Ricardo Ferreira

SAVATAGE
"Sirens"

SAVATAGE
"The Dungeons Are Calling"

VENOM
"Welcome To Hell"

BLACK SABBATH
"Sabbath Bloody Sabbath"

ALTEARECORDS
ALTEARECORDS
ALTEARECORDS@GMAIL.COM
11-96858-6370

Brasil Revistas

HIDDEN TRACKS

SACRED ALIEN

ORIGEM:
Inglaterra

ÉPOCA:
Anos 80 / 2021

ESTILO:
NWOBHM

FORMAÇÃO CLÁSSICA:
Sean Canning (vocal), Martin "Ted" Ainscow (guitarra), Dave Clowes (baixo) e Chris Lea (bateria)

DISCOGRAFIA:
Spiritual Planet (single, 1981), Legends 1980 – 1983 (coletânea, 2020) e The Universe Doesn't Care About You (2021)

Por Ricardo Batalha

Banda cósmica da NWOBHM. Primeiro encontro em 1980. Comunicação perdida em 1983. Contato restabelecido em 2019. Em órbita próxima... Prepare-se para a invasão, observe os céus. Assim se apresenta o Sacred Alien.

Quando a gravadora brasileira Classic Metal anunciou o lançamento do novo álbum, *The Universe Doesn't Care About You*, previsto para novembro, os fanáticos pela NWOBHM, que curtem não só os medalhões, ficaram espantados. Muitos nem sabiam que o grupo, criado em outubro de 1980 em Manchester, estava ativo.

Sean Canning, Paul Davies, Darren Wilcock e Martin Ainscow: a banda cósmica da NWOBHM

A banda foi formada pela união de Martin "Ted" Ainscow (guitarra), Dave Clowes (baixo) e Chris Lea (bateria) com o vocalista Sean Canning, então com apenas 16 anos de idade. Descontentes com o nome Silverthorn, eles foram tendo ideias até que alguém mencionou Precious Alien, mas Colin Seddon, do grupo de pós-punk Biting Tongues, foi quem sugeriu Sacred Alien.

Com o agente Warren Heighway, os músicos passaram a rodar não só entre os artistas da cena local, mas com Angie Bowie, Jayne County, Nina Hagen, Klaus Nomi, Toyah e New York Dolls. "Ele (Warren) também agenciava Jayne County e isto influenciou a parte mais teatral. Sempre fomos contra a ideia de apenas aparecer com uma camiseta do AC/DC como muitas bandas da época. Queríamos que cada show fosse uma experiência com música, visual e performance se fundindo", contou Canning ao blog Phantom Lord.

O passo seguinte foi a gravação de uma demo tape, que saiu em 1981 e trouxe as faixas *Portrait*, *Eternal Flame (of the Heart)*, *On Both Sides of the Globe* e *Energy*. A produção no Graveyard Studios, que ficava próximo a um cemitério e era basicamente um porão úmido, não ajudou, mas a demo foi enviada para revistas e DJs de clubes de rock. O jornalista Geoff Barton fez uma matéria na seção "Armed & Ready", publicada na edição 3 da revista Kerrang!.

No mesmo ano, saiu o single *Spiritual Planet* e as mil cópias disponíveis foram vendidas. O objetivo era apresentar o single com a faixa-título e *Energy* para algumas gravadoras, mas não funcionou nas entrevistas que fizeram com EMI, CBS e Warner. Ainda assim, no final de 1981 Canning, Ainscow, Clowes e Lea foram ao Pennine Studio e saíram de lá com outra gravação, pois haviam vencido uma batalha de bandas. Uma das faixas, *Legends*, foi posteriormente lançada em 1983 no split ao lado do Virgin, que saiu pelo selo criado pelo grupo, o Heighway Robbery Wreckords.

Agendando shows por conta própria ou junto a bandas que passavam por Manchester, o Sacred Alien tocou ao lado de nomes como Angel Witch, Buffalo, Hanoi Rocks, Jayne County, Lone Wolf de Paul DïAnno, Wrathchild, Silverwing, Diamond Head e Venom, este último que passou a se chamar Rox posteriormente. Porém, em 1982, Dave Clowes se juntou à polícia local e o baterista Chris Lea também resolveu sair. Assim, cederam seus postos a Paul Davies e Darren Wilcock, que participaram de uma gravação no Pluto Studio, que contou com a regravação de *Spiritual Planet*, além de *Electric Beam Squad*, *Open Your Eyes* e três covers ao vivo.

No entanto, após alguns shows, faltou comprometimento e Ainscow e Canning tiveram que recrutar o baixista John Murney (ex-Tora Tora inglês) e o baterista Mark Robinson. "Johnny e eu nos demos bem e começamos a compor músicas novas, mas era diferente do Sacred Alien. Então, no final de 1983 decidimos que a viagem cósmica havia acabado e montamos o White Trash", recordou Canning, que depois integrou o Narcotic.

Os anos passaram, mas Lea e Canning voltaram a tocar juntos no começo dos anos 2000, quando integraram a banda de covers MonkeyGun. Ainscow e Clowes perambularam por alguns grupos, incluindo um de blues e R&B chamado The Basics. "Nesse ínterim, todos íamos juntos aos aniversários, casamentos e shows uns dos outros. Sempre diziamos: 'Ei, devemos reunir o Sacred Alien novamente algum dia', mas ficava assim. Até agora."

O Sacred Alien realmente retomou as atividades e lançou a coletânea *Legends* em 2020. O retorno se deu muito por intermédio de Kevin Wynn, do Tysondog, que também integrava o MonkeyGun e convenceu os músicos a se reunirem. "Ele deixou o MonkeyGun para reformar Tysondog. Como muitas bandas que voltaram, agora estamos na posição de ter tempo e dinheiro para ser um pouco autoindulgentes e dizer: 'Dane-se, estou fazendo o que quero!' Pagamos a hipoteca, as crianças cresceram, não morremos e podemos nos lembrar de como tocar. Então, por que não? Vamos fazer um barulho glorioso", concluiu Canning.

Spiritual Planet (single, 1981)

Legends (coletânea, 2020)

Brasil Revistas

NOVO BAR DE METAL EM SÃO PAULO

O Malta Rock Bar é um local para quem gosta de chope e cerveja bem gelados, drinques exclusivos, petiscos caprichados, ambiente agradável e uma trilha com o melhor do metal, hard e classic rock.

O espaço abriga um estúdio de ensaio bem equipado e área externa com churrasqueira para eventos. Acesso fácil, ao lado da estação do **metrô Praça da Árvore.**

CLASSIC ROCK
HEAVY METAL
HARD ROCK

Com acesso para deficientes

www.maltarockbar.com.br

maltarockbar maltarockbar

Foto e Arte por Luiz Cassidio e Karina Carvalho / Dark Dragon Studio

Malta Rock Bar - Rua Itaipu, 13 - Mirandópolis - São Paulo / SP - 11 3798 5808 / 11 98136 1290

Acesse nosso canal no Telegram @Brasilrevistas

Brasil Revistas

† HARAKIRI FOR THE SKY †

NÓS CONTRA O CÉU DE DEZEMBRO

A jornada e os caminhos do quinto álbum estúdio do grande nome do post-black metal austríaco

Por Valtemir Amler

Formado em Viena em 2011 pelo multi-instrumentista Matthias "MS" Sollak (Bifröst) e pelo vocalista JJ, o Harakiri for the Sky nunca apressou as coisas e sempre deixou que a sua jornada fosse guiada com naturalidade, conforme a emoção de cada momento. Se foi assim que chegaram a cada um dos seus cinco álbuns, também foi assim que gradualmente conquistaram mais público, tornando-se hoje um dos nomes mais reverenciados em toda a cena austríaca. O que ainda não aconteceu, porém, foi a estreia do grupo no Brasil, algo que nosso convidado, MS, lamenta: "Mal podemos esperar para finalmente tocar no Brasil assim que a situação voltar ao normal. Eu amo o país, já estive aí quatro vezes e estou realmente ansioso para voltar, espero que da próxima vez para tocar com a banda." Enquanto a sonhada turnê não acontece, conversamos com ele sobre tudo que aconteceu com o grupo até hoje, além de dar uma pincelada geral no novo registro, *Mære*.

Pelo que sabemos, vocês nunca lançaram uma demo. Então, como trabalharam o desenvolvimento das músicas nos estágios iniciais?

Matthias Sollak: Bem, o primeiro álbum nem foi planejado para um lançamento físico, já que estávamos meio que experimentando as primeiras músicas sem um conceito claro... Então você pode dizer que é de alguma forma uma demo, já que apenas coletamos as primeiras cinco músicas que gravamos, primeiro aumentando a demanda de pessoas online e depois prensando em vinil e CD. Toda a dinâmica disso foi bastante surpreendente para nós, pois não esperávamos tal resposta. Isso também nos levou a procurar membros para tocar ao vivo, logo depois de sermos convidados para fazer shows que não eram pretendidos no início. Depois disso tudo meio que disparou e pouco a pouco começamos a dedicar mais e mais tempo à banda, fazendo turnês rápidas nos países vizinhos, uma curva constante que nos trouxe para onde estamos agora.

Já que você comentou o debut autointitulado de 2012, o segundo álbum, *Aokigahara* (2014), é considerado um grande passo para a banda e um clássico do post-black metal. *Aokigahara*, no Japão, às vezes é referido como 'A Floresta do Suicídio'. Então há um conceito por trás do álbum?

Matthias: Não era um conceito, mas sim um título forte que transmite o clima geral do álbum. Tanto JJ quanto eu ficamos fascinados com o 'Mar de Árvores', que acredito ser a tradução literal, e o desespero que deve estar preso ali depois que tantas pessoas decidiram entrar lá e nunca mais voltaram. Como foi a primeira vez que trabalhamos conscientemente em um álbum completo, estávamos imensamente motivados, mas não tínhamos certeza de que direção seguir, então

MÆRE
AOP Records - Imp.

apenas fizemos o que veio à nossa mente. É uma coisa que ainda fazemos: experimentamos coisas guiados por nossas emoções na época. Os resultados eram diferentes naqueles dias, mas acho que com *Aokigahara* estabelecemos nosso próprio estilo de apresentar músicas, se isso faz algum sentido.

***III: Trauma* (2016) é mais uma vez um passo à frente e, em muitos casos, o ponto de introdução para muitos de seus fãs. Como você manteve a evolução e a inovação equilibradas ao longo dos anos?**

Matthias: Quando começamos a escrever *Trauma*, já estava claro para nós que tínhamos que tomar uma decisão: faríamos da banda nossa prioridade ou a manteríamos como um hobby. Decidimos pela primeira opção. Com isso também deixamos de gravar, mixar e masterizar tudo por nós mesmos, mas ao invés disso, tivemos a ajuda de um amigo que estava muito mais familiarizado com tudo em termos de produção e que nos ajudou a nos afastarmos do som que fazíamos antes. Não foi fácil para nós no início, porque pela primeira vez sentimos alguma pressão – você sabe que havia algumas pessoas que tinham certa expectativa em relação a nós e naquela época ainda tínhamos que aprender que isso não deveria ter muito impacto, deveríamos apenas seguir para o som que nós dois gostamos e achamos que é o melhor. Para encurtar a história, aquele álbum acabou alcançando mais pessoas, como você mencionou, e ainda é um passo importante no desenvolvimento da banda. Também foi o primeiro álbum em que fizemos uma turnê extensa por toda a Europa duas vezes.

O quarto álbum, *Arson* (2018), alcançou a posição 29 nas paradas alemãs e 62 em seu país natal, a Áustria. É uma grande conquista para uma banda underground e veio de forma natural. O que você acredita que conectou tantas pessoas ao álbum?

Matthias: Também foi uma surpresa para nós, especialmente porque nossa música não é amigável para o rádio e nem se relaciona com tópicos que são conhecidos por atingir um público mais amplo. De qualquer forma, aparentemente conseguimos alcançar ouvintes de fora da bolha do atmospheric black metal, o que é uma coisa maravilhosa. Não sei, não posso responder o que exatamente conectou as pessoas àquele álbum em particular, mas ficamos muito felizes com o feedback que recebemos.

Vamos falar agora sobre o novo álbum, *Mære*. Em primeiro lugar, Mære é uma espécie de entidade, certo? Conte-nos como o personagem inspirou as novas canções?

Matthias: Estávamos, como tantas vezes antes, procurando algo para resumir do que trata o álbum e tropeçamos nessa criatura que senta em seu peito à noite e traz todos os pesadelos para você. O fato de hoje todos sabermos muito bem como é acordar e desejar respirar fundo, sentindo o peso de algo preocupante sobre você, tornou este um título adequado.

Brasil Revistas

O ambiente mental em que vivemos hoje influenciou a escrita e a composição das novas canções?

Matthias: Na verdade, o álbum não foi apenas escrito, mas também gravado antes do início da pandemia. Como entramos em um bloqueio entre março de 2020, teria sido quase impossível gravar o álbum. Portanto, todos os tópicos tratados foram acontecimentos antes dessa merda toda, mas tenho certeza que o próximo álbum será fortemente influenciado por esse tempo de isolamento. É uma experiência bastante entorpecente, já que a rotina diária sempre repetitiva de ficar trancado em casa o coloca em algum tipo de letargia, o que torna também difícil ser criativo. A maioria das pessoas pensaria que é o momento perfeito para escrever algo novo, pois há mais tempo livre disponível, mas para mim também esgota muito a inspiração.

Mais uma vez vocês trabalharam com o baterista Kerim 'Krimh' Lechner (ex-Decapitated e atual Septicflesh; ele já havia gravado *Arson*). O que ele agrega ao Harakiri for the Sky?

Matthias: É sempre um prazer trabalhar com Kerim, pois ele é 100% confiável e tem uma maneira incrível de tocar. Costumo mandar para ele os arranjos de bateria que fiz um mês antes das gravações e ele aprende nesse período de tempo. No estúdio, fazemos apenas pequenos ajustes, como talvez experimentar uma levada diferente aqui e ali, mas a maior parte já está arranjada no momento em que eu envio para ele.

Além dele, vocês têm um convidado muito especial no novo álbum: Neige, da lendária banda francesa Alcest. Como ele veio à sua mente e o que ele acrescentou à música *Sing for the Damage We Done*?

Matthias: JJ e eu éramos grandes fãs do Alcest antes de começarmos a banda e na verdade sempre foi um desejo nosso fazer uma música junto dele. Nos últimos anos, encontramos Neige com bastante frequência em várias ocasiões, em festivais em que tocamos juntos, e nos demos muito bem, ele é um cara fantástico. Bem, para essa música, pensamos que sua voz realmente elevaria algumas partes, então apenas perguntamos a ele e estamos muito felizes por ele ter trabalhado conosco. Sobre a música em si, vou citar o que me disse JJ: 'Essa música trata do distanciamento. O sentimento de coexistir um ao lado do outro e começar a odiar a outra pessoa, o que sempre leva a danos e lesões menores ou maiores. A incompreensão do motivo da outra pessoa não te entender mais e a pergunta constante sobre a razão de tudo sempre ter que terminar de uma maneira feia. Quando vocês não podem mais viver uns com os outros, mas também não vivem mais sem um ao outro.'

Outra das favoritas vem logo depois disso: amo a atmosfera em *Us Against December Skies*. É melancólica, mas também superpesada e cativante.

Matthias: Sim, e foi muito natural, não existe um conceito ou diretriz que eu sigo ao escrever músicas. Eu apenas começo com uma ideia, uma melodia ou um riff e construo uma música em torno disso. Para mim, uma música com essa duração sempre tem que ter altos e baixos para criar certa emoção e sensação de alívio, para que não se canse o ouvinte. A chave é criar uma transição suave entre esses diferentes aspectos para que não pareça forçado, algo que nunca foi um problema, mas sim um elemento chave para nossa música.

As linhas de guitarra trazem *And Oceans Between Us* para um nível diferente, muito melódica em contraste com os vocais ásperos.

Matthias: Isso é muito importante, já que não temos, ou quase não temos, nenhum vocal limpo para amenizar os vocais ásperos. Portanto, tento equilibrar isso com melodias que levam a música em uma direção que em outras ocasiões talvez uma voz limpa fosse suficiente. O mesmo vale para as partes limpas e interlúdios, como mencionei antes, esse contraste é uma marca registrada essencial para nossas canções, já que reúne esses elementos aparentemente opostos.

Para encerrar, conte-nos sobre a bela e perturbadora arte de *Mœre*.

Matthias: Nós trabalhamos com Meike Hakkaart, uma artista da Holanda desta vez, seu nome artístico é 'Art of Maquenda'. Eu recomendo fortemente que vocês deem uma olhada em seus outros trabalhos também. Tentamos seguir o padrão de ter animais em nossas capas, mas queríamos algo um pouco diferente dessa vez, algo que mantivesse a estética, mas também trouxesse algo mais brutal. Então, o lobo tirando a pele de ovelha era uma imagem forte que também deixa um espaço interessante o suficiente para interpretação no contexto das letras.

Maior nome do post-black metal da Áustria, o Harakiri For The Sky sempre contou com a dupla J.J. e M.S.

Ana C. Saliba

Assinaturas Telegram @Brasilrevistas

Brasil Revistas

Ethan Gensurowsky, Zach Monahan, Knox Colby, Alex Bishop e Will Wagstaff: a nova geração americana carregando o thrash metal no país

ENFORCED CROSSOVER DO PASSADO COM O PRESENTE

O vocalista Knox Colby apresenta a jovem banda americana e seu novo álbum, o matador *Kill Grid*, aos fãs brasileiros de thrash e death metal

Acesse nosso site e assine a partir de R$ 9,90 Brasil Revistas

Por Daniel Dutra

Pure Crossover Death. Não é necessariamente um estilo musical, mas é a definição que Knox Colby (vocal), Will Wagstaff e Zach Monahan (guitarras), Ethan Gensurowsky (baixo) e Alex Bishop (bateria) encontraram para definir o som do Enforced, formado em 2016 em Richmond, no estado da Virgínia (EUA). Parte da nova geração americana de thrash metal, o quinteto apresenta em seu segundo álbum, o massacre sonoro chamado *Kill Grid*, influências old school que farão fãs de Slayer e Sepultura antigo abrirem um enorme sorriso. No entanto, sem esquecer de elementos que façam do Enforced um relevante nome contemporâneo. Leia a entrevista e machuque o pescoço ouvindo a música!

Como estão as coisas para você nesta pandemia? Espero que bem...

Knox Colby: Ah, os últimos dias aqui, na Costa Oeste dos EUA, têm sido brutais. Temperaturas baixas, gelo, neve e coisas com as quais não estamos acostumados. Fiquei sem luz em casa no fim de semana, e meu porão alagou (risos). Eu faço manutenção de apartamentos, então consertar casas das pessoas tem sido um desafio. É mais do que a pandemia atualmente, e estou bastante cansado!

E o novo álbum acabou sendo lançado em meio a tudo isso.

Knox: Pois é! A data original de lançamento era agosto ou setembro do ano passado, mas esperar ainda mais pareceu meio sem sentido. O disco precisava ser lançado. Além disso, as pessoas estavam trancafiadas em casa e precisavam de música mais do que nunca, então poderiam ter o que ouvir. Decidimos lançá-lo e falamos com a Century Media sobre uma data. É uma luta, mas eu queria dar algo às pessoas, sabe? Acho que o álbum é pertinente a esse momento, então fiquei feliz em lançá-lo. Não poder estar em turnê é horrível, porque é o que mais gostamos de fazer, e *Kill Grid* pede shows, pede nossos fãs batendo cabeça, fazendo mosh pit e socando a minha cara! (risos) Não ter o público ao vivo é péssimo e me parte o coração, mas, ao mesmo tempo, podemos ouvir bastante o disco. Eu mesmo o escutei centenas de vezes, desde março do ano passado, e ainda não fiquei de saco cheio dele (risos). Ouço pelo menos duas vezes por semana, porque é o tipo de música que eu ouviria de qualquer forma. Acontece que, por acaso, é a minha música (risos).

Mas a pandemia atrapalhou o processo de alguma maneira?

Knox: No que diz respeito à data de lançamento, sim, atrapalhou bastante. Por outro lado, nos deu tempo de pensar na arte da capa e em como fazer a divulgação, em quais músicas seriam os singles, em quais seriam os videoclipes... Então, mudar a data de lançamento de agosto de 2020 para março de 2021 nos deu tempo de esmiuçar esses pontos. No fim, acho que fizemos bem.

Minha pergunta se deve ao fato de que o primeiro disco, *At the Walls* (2019), tem músicas das demos de 2017 (N.R.: *Demo 2017* e *Retaliation*), e agora houve tempo de preparar material inédito.

Knox: E nada foi alterado, a não ser a disposição das faixas. Uma vez que tínhamos o álbum gravado, apenas debatemos a ordem das faixas no disco, a sequência para fazê-lo fluir melhor. Quando finalizamos *Kill Grid*, a ordem das músicas era inicialmente totalmente diferente do que é hoje, mas a ordem final é a melhor forma de ouvir o álbum. Isso nos custou mais duas semanas de discussões que não teríamos antes, então chegamos à perfeição (risos).

A propósito, achei bem legal o fato de o Enforced ter disponibilizado as demos originais nas plataformas de streaming, porque não é algo comum às bandas, especialmente porque o retorno financeiro de Spotify e afins não é suficiente.

Knox: Ah, decidimos colocá-las nas

Brasil Revistas

plataformas digitais porque essas demos nós temos somente em fita cassete. Os pedidos de manufatura são sempre de 50 unidades ou 500 unidades, e não vamos conseguir vender essa quantidade, então disponibilizamos para streaming, incluindo o Bandcamp, porque assim as pessoas conseguiriam as músicas sem ter que ir atrás das fitas. Hoje em dia, é muito difícil chegar numa loja de discos e dizer 'Oi, eu tenho uma banda e aqui está a nossa fita cassete. Você venderia para nós?', até porque a resposta seria 'não' (risos). Nossa ideia com isso não é fazer milhões. Só queremos que as pessoas ouçam e conheçam nossas músicas para que, quem sabe um dia, durante um show no meio do nada, pelo menos uma pessoa tenha escutado e nos reconheça. No que diz respeito à monetização desses serviços, eu acho péssimo que nos tratem dessa forma tão ruim. Nós já esquecemos nosso login e senha em uma dessas plataformas, e três anos depois, quando recuperamos o acesso, havia quase nada de dinheiro lá (risos). Falamos 'Ah, que legal! Três anos e nada de dinheiro! (risos) Então vamos focar no nosso som e tocar, que é o que nos interessa'.

Quando ouvi falar do Enforced pela primeira vez, o rótulo era de uma banda de thrash metal, mas entendi que não era somente isso quando finalmente escutei a música. E a banda tem uma bandeira própria, o "Pure Crossover Death", o que é mais condizente. Mas como surgiu essa definição?

Knox: Foi por acaso! Nós mesmos marcávamos os shows pelos EUA e no Canadá, e nosso amigo e designer gráfico Jesse Feinman uma vez fez o pôster de uma turnê para nós com a frase 'Richmond's Finest Purest Crossover Death' (N.R.: O melhor e mais puro crossover death de Richmond) bem no topo do cartaz. Olhamos uns para os outros e dissemos: 'Bem, sabe-se lá o que isso significa, mas soa muito foda!' (risos). Quando chegou o momento de promover o lançamento de *Kill Grid*, essa história do 'Pure Crossover Death' ressurgiu, e concordamos que realmente nos descreve!

Dito isso, o Enforced é um dos expoentes da chamada "moderna cena americana de thrash metal", um dos nomes que lideram esse movimento. Como você se sente a respeito disso?

Knox: Acho legal, embora não seja necessariamente verdade. Existem muitas outras e maiores bandas de thrash e crossover por aí, e é estranho ser considerado líder. Com grupos como o Power Trip eu acho que faz sentido, porque eles começaram tocando hardcore punk para conhecidos e onde dava para se apresentar, assim como nós, e agora são enormes. Pessoalmente, e não musicalmente, eles nos inspiram a ir adiante e fazer as coisas.

Você falou do tempo extra para pensar na capa, e gosto muito da maneira como o Enforced trabalha com cores neutras, em preto e branco. Além disso, a arte ficou a cargo do lendário Joe Petagno. Como foi chegar a esse casamento perfeito?

Knox: Uau, muito obrigado! Fico realmente feliz em ouvir isso, porque nem todo mundo repara nessas coisas. E, na verdade, foi muito fácil. Eu estava vasculhando os discos e fitas que tenho e fazendo uma pilha das capas que realmente gosto, tentando encontrar as informações sobre seus artistas para saber se poderíamos pagar esses caras, isso porque não temos dinheiro, estamos quebrados (risos). Joe era um sonho,

KILL GRID
Century Media - Imp.

porque ele é, de fato, lendário! Nós perguntamos se faria, e ele aceitou. Escrevi uma carta explicando o disco e enviei as letras, e depois de um ou dois meses ele nos mandou a arte. Nós ficamos pasmos, pois Joe acertou em cheio e descreveu o disco perfeitamente! E o preto e branco foi ideia dele, desta vez. Normalmente, Joe usa muitas cores vivas, mas disse que a arte deveria permanecer em preto e branco porque somaria à aura desoladora e sombria do disco, e isso era justamente o que queríamos, por causa do disco anterior e nossas demos, que são todos assim. Joe ter essa percepção nos colocou no mesmo barco, e a única diferença e alteração foi em relação à nuvem-cogumelo onde hoje estão as caveiras. Antes, eram rostos normais gritando, e minha mãe disse que parecia o ator Josh Brolin quando mostrei a ela, então não podia ficar daquele jeito (gargalhadas) (N.R.: Brolin é o Thanos de "Vingadores: Guerra Infinita" e "Vingadores: Ultimato", entre vários outros papéis marcantes). Pedimos ao Joe para mudar e derreter os rostos, que assim viraram aquelas caveiras cheias de detalhes.

Sobre *Kill Grid*, eu gostaria de abordar uma influência da banda. Em *The Doctrine*, que é uma faixa de abertura perfeita, eu diria que os riffs death metal e os solos deixariam Kerry King e o saudoso Jeff Hanneman orgulhosos...

Knox: Nossa, cara, isso é um elogio e tanto. Espero que Kerry possa ouvir esse disco um dia, porque seria o máximo! E lembra que eu disse que revisamos a ordem das músicas depois? *The Doctrine* não foi a nossa primeira escolha para abrir o CD. Seria *Hemorrhage*, por causa da bateria e porque é uma base que já tocamos em aberturas de shows, bem antes de efetivamente a transformamos numa canção. Antes, era abertura até o início do riff, e daí eu chamava todo mundo de cuzão e começava o setlist normal do *At the Walls* (risos). Depois que revisamos a ordem das faixas, *The Doctrine* chamou bem mais a nossa atenção para ser a abertura do álbum. Uma vez que você aperta o play, tem que imediatamente receber um soco na cara! (risos)

E tem a trinca formada por *Beneath Me*, *Curtain Fire* e *Malignance*, que... Bem, apesar de *Beneath Me* ter algo de Metallica antigo no riff de guitarra, elas poderiam ser grandes músicas do Slayer se o Slayer ainda estivesse na ativa. E isso é um elogio.

Knox: Puta merda, e é um elogio enorme, muito obrigado! Cara, no tal debate sobre a ordem das faixas, nós ficamos com essas três na mão sem saber o que fazer, por isso *Beneath Me* e *Malignance* estão seguidas. Elas vêm junto com *UXO* e precedem *Kill Grid*, que é mais tranquila, para esfriar mesmo. As quatro primeiras músicas têm a intenção de arrasar o ouvinte, e a faixa mid-tempo dá um respiro antes da próxima sessão de porrada (risos).

Obrigado pelo papo, Knox, e o espaço final é todo seu.

Knox: Cara, eu não vejo a hora de tocar no Brasil! Não só no Brasil, mas em toda a América do Sul, porque sei que o público daí é fiel ao thrash metal, então uma turnê está na minha lista de desejos. Espero que os fãs de metal ouçam o disco e gostem, e muito obrigado a você pela oportunidade de conversar sobre o Enforced. Quem quiser saber sobre o que estamos fazendo, estamos no Instagram e no Twitter e sempre respondemos (N.R.: procure por EnforcedRVA ou enforcedrva).

Acesse o canal no Telegram @brasilrevistas

Brasil Revistas

PLAYLIST

30 ANOS ESPECIAL BORN... SUFFER... DIE!!!

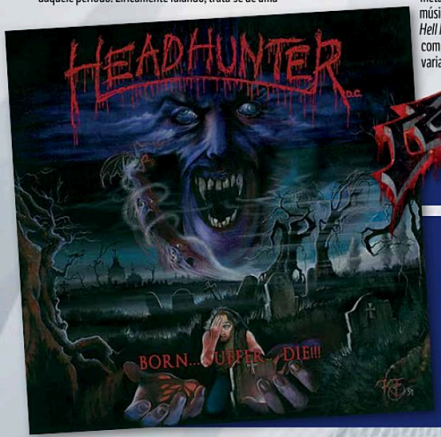
Por Valtemir Amler • Fotos: Ricardo Ferreira

► **Intro:** "Entramos no estúdio JG em Belo Horizonte apenas com um esboço na cabeça do que queríamos para a intro do disco, mas não tínhamos a mínima ideia de como gravar. Pensávamos: 'Todo (ou quase todo) disco de death metal que se preze tem que ter uma introdução mórbida,' mas tínhamos poucos recursos e nem mesmo conhecíamos alguém em BH que tivesse um sintetizador que pudesse nos emprestar pra tentarmos reproduzir o que tínhamos em mente. Então, como faríamos aquilo? A solução veio do engenheiro de som Gauguin, que ali mesmo já havia gravado todas as bandas clássicas da Cogumelo, e de forma muito simples: com apenas uma baqueta deslizando em cima das cordas do baixo com uma tonelada de delays e reverbs o cara conseguiu criar sons abissais que pareciam surgir das profundezas de pesadelos agonizantes. Foi tanto delay usado que quando a mesa foi ligada na sessão de gravação do dia seguinte ainda podíamos ouvir rastros de eco soando em uma das pistas... (risos) Pra finalizar, a clássica frase-título do disco gravada com um pouco de 'pitch shifter' na voz seguida de um ataque de prato em reverso conseguido com a 'simples' inversão da fita de rolo em que o álbum estava sendo gravado pra colar com a música de abertura. Hoje esse efeito é feito ao toque de um botão. Ah, o começo dos anos 90... (risos)"

► **Am I Crazy?:** "Essa foi a última música da banda composta ainda com o Eduardo Falsão nos vocais, que também é o autor da letra. Percebe-se aqui muita influência de 'raging thrash' (Dark Angel, Sadus, Sacrifice), típico das composições do Paulo àquela época, mas o que se ouve é puro death metal brasileiro, cru e raivoso, uma daquelas que nunca podem ficar de fora do set nos shows. O tapping de guitarra no início é clássico e memorável, algo ainda muito pouco usual entre as bandas do gênero daquele período. Liricamente falando, trata-se de uma visão às avessas do mundo, onde as pessoas vivem livres, felizes, sem guerras nem destruição ao seu redor, fazendo jus ao título. Quem não teve a capacidade de absorver seu conceito, achou que se tratava de uma letra pacifista, mas errou feio! (risos)"

► **Decomposed:** "*Decomposed* entra logo na cola de *Am I Crazy?* destruindo tudo, sem respeitar os típicos dois segundos de pausa de uma faixa pra outra, e faz parte das músicas escritas pós-Eduardo Falsão. Nela percebe-se uma grande evolução dentro do conceito da banda de se fazer 'metal da morte' comparando-se às músicas que faziam parte da demo *Hell Is Here*, soando mais brutal, com riffs mais intrincados, vocais variando entre os 'high pitched screams' e os guturais (a influência de *Symphonies of Sickness* do Carcass nas vocalizações é nítida) e letra mais tipicamente death metal, essa de autoria do Ualson Martins (em parceria com um velho amigo nosso, o Paulo Brasil, ex-Zona Abissal e ex-ThrashMassacre), que também compôs a música. Seu texto fala de um zumbi que volta dos mortos para se alimentar de carne, sangue e cérebros humanos – Repulsion e Impetigo na ordem do dia! Voltamos a tocá-la nos shows em 2017, após vinte anos, causando-me uma sensação ímpar que me remeteu aos primeiros shows de divulgação do álbum. 'Rigor Mortis is complete, blood now is like a stone, death commands, you feel the heat, in the tomb you're alone...'"

► **Death Vomit:** "Outra ainda da 'era-Falsão,' mas que não havia entrado na demo tape. 42 segundos de total grindcore podre e esporrento, com vocais 'pitcheados' doentios e letra vomitando insultos e agouros nos ouvidos dos hipócritas. Simples assim!"



SÉRGIO "BALOFF" BORGES

► **NOME COMPLETO:**
Sérgio Luis Lima Borges

► **NASCIMENTO:**
31/08/1971

► **BANDAS QUE INTEGROU:**
Headhunter D.C. e ThrashMassacre

Brasil Revistas

► **Hell Is Here:** "Faixa homônima da demo de 1989, uma das que mais gosto daquela fase, musical e liricamente falando. Escrita em 1987 por Eduardo Falsão, os questionamentos sobre a vida e a morte segundo os argumentos da doutrina cristã já eram bem latentes aqui, reforçados por uma já bastante consciente veia niilista, características essenciais no trabalho do Headhunter D.C. até os dias atuais. Classificaria isso aqui como puro e genuíno deathcore oitentista como este nasceu para ser, termo que anos mais tarde foi totalmente descaracterizado e usado erroneamente pra denominar um estilo e bandas de gosto e postura duvidosos. Destaco os 'blasts non stop' do baterista laçanã, que tinha a 'metranca' mais veloz do Brasil naquela época. Brutalidade e caos sonoro garantidos!"

► **Headhunter D.C.:** "Sendo a música que dá nome à banda, essa quase que obrigatoriamente tinha que ter uma carga de sentimento e níveis de brutalidade ainda maiores que as demais que compunham a demo, e realmente tem. No final dos anos 80, a desunião reinava no underground, quando punks e bangers se matavam por questões ideológicas esquecendo de que estavam todos no mesmo barco, à margem da sociedade hipócrita que nos cercava. Uma parte de sua letra diz: 'Enquanto o sistema nos destrói, nós nos destruímos uns aos outros, temos que nos unir para destruir...', o que cai como uma luva até os dias de hoje. O solo inspiradíssimo de Paulo Lisboa (aka Zé Paulo), seguido por uma bela convenção de bateria, já mostrava certo diferencial da banda dentro do universo do death metal brasileiro, ainda que respeitando as raízes e fronteiras do gênero como fazemos até hoje."

► **Beneath the Hate:** "Mais uma feita após a minha entrada na banda e que já mostrava um Headhunter D.C. mais evoluído em todos os sentidos e ainda mais brutal death metal. As muitas variações rítmicas já indicavam uma preocupação em não se limitar à velocidade desenfreada o tempo todo, usufruindo de todo um leque de possibilidades que o estilo proporciona, como partes mais densas e cadenciadas e atmosferas sombrias, características que estariam presentes em todos os nossos álbuns dali em diante. Medo, horror e morte servem como uma perfeita moldura lírica para a música (ou vice-versa), que tem mais de seis minutos de duração – e talvez justamente pelo seu tamanho não a tocamos ao vivo durante muito tempo. Ouçam a excelente versão do Disgrace and Terror no volume 2 do tributo ao Headhunter D.C.!"

► **Suicidal Soldier:** "Mais uma da demo *Hell Is Here*, essa tem as guerras como foco principal e fala de um homem-bomba pronto pra explodir a tudo e a todos. Guerra sempre foi um tema muito abordado por bandas de metal extremo e heavy metal em geral, e apesar de nunca termos vivido dentro de uma guerra propriamente dita como aconteceu e acontece em vários países, vivemos nossa guerra civil diária aqui no Brasil, com a violência sempre crescendo a níveis alarmantes, então sempre teremos algo a falar com certa propriedade sobre isso. Sempre me emociono quando ouço a melodia final do solo de guitarra, tanto na versão da demo quanto na do álbum, e a parte mosh no meio da música é um convite ao pogo, slam dancing ou seja lá como queiram chamar (risos). Grandes memórias dos antigos shows no Cine Teatro Nazaré..."

► **Winds of Death:** "Uma das minhas preferidas do álbum e outra que tocamos em shows até hoje. As mais mórbidas e apocalípticas visões de um mundo sucumbido pela pestilência onde os amaldiçoados renascem como mortos-vivos guiados pelos ventos da morte em pouco mais de um minuto de puro e brutalizante death/grind com uma quebrada cadenciada no meio de arrepiar! A versão dos americanos do Dead Conspiracy para o primeiro volume do nosso tributo ficou matadora, assim como todas as demais de ambos os volumes, uma honra para nós! Uma curiosidade: o vento mórbido no início da música nada mais é do que este aqui que vos fala soprando no microfone... (risos)"

► **Prepare to Die:** "A iminência de um holocausto nuclear forçando-nos a nos preparar para a morte e o fim do mundo! Essa música foi gravada pela primeira vez em meados de 1989 para integrar o 12" EP *Noise*, que seria lançado no mesmo ano, mas que jamais viu a luz do dia (ou a escuridão da noite, como queiram...), e que posteriormente foi transformado na demo *Hell Is Here*, com quatro faixas retiradas do EP. *Prepare to Die* está na segunda versão da demo, substituindo *Open Your Eyes*. Nesta regravação, algumas partes e arranjos foram modificados, como nos riffs iniciais e na famosa 'paradinha' do meio, que aqui ganhou dois bumbos e um riff de quebrar o punho, resultando num irrecusável convite ao total headbanging! Gosto muito de como os vocais soam nessa música, variando entre o gutural e o rasgado, assim como faço em basicamente todo o álbum, mas aqui há uns 'vômitos' adicionais bem interessantes (risos), influência dos velhos Angelripper, Mille e Quorthon em seus primeiros álbuns. 'The holocaust is coming, nobody can escape, no need to cry, be prepared to die!'"

► **Disunited:** "23 segundos de grind ensurdecedor beirando o noisecore! Soa como um trem desgovernado passando por cima dos posers em fade in/fade out como um mantra do barulho esbravejando a desunião das pessoas aos quatro cantos do mundo!"

► **Why Wars?:** "Para fechar o disco, um petardo death/thrash de quebrar o pescoço! Com letra e música de Paulo Lisboa, *Why Wars?* traz uma abordagem inteligentemente consciente sobre os males que a inconsequente ambição humana pode gerar, como as guerras, principalmente. Um ano antes da gravação do álbum, gravamos essa música para uma promo tape que seria usada para mostrar algo do

então novo material com a então nova formação. A partir dessa promo, surgiu o contrato com a Cogumelo Records e o consequente lançamento deste e do álbum seguinte, *Punishment at Dawn*, de 1993. Pouquíssima coisa mudou entre a versão da promo e a do LP, como a quantidade de compassos do solo magistral do Paulo, que passou de dois para quatro – não me pergunte como eu lembrei desse detalhe! (muitos risos) Uma música pra encerrar o álbum de forma mais do que certeira, veloz e extremamente energética! Dizer que *Born... Suffer... Die* é um álbum que me traz um orgulho enorme por tudo que representa para nós e para a própria cena de metal underground do Brasil seria chover no molhado e esse orgulho só aumenta ao saber que trinta anos depois ele continua servindo de referência dentro do death metal nacional e mundial, assim como seu título continua sintetizando perfeitamente o imutável ciclo da existência humana. Parabéns, *Born... Suffer... Die*!"

Brasil Revistas

WITHIN TEMPTATION

TROQUE A SUA PELE!

Com novo EP e evento online grandioso, gigante dos Países Baixos inaugura a mais nova era da sua carreira

Por Valtemir Amler

Desde que surgiu para o mundo com o álbum *Enter* (1997), o Within Temptation se mostrou muito mais preocupado com sua própria expressão musical do que com a vontade de pertencer a um gênero. Com o passar dos anos, até os fãs mais resistentes entenderam que eles jamais se prenderiam à fórmula de sucesso encontrada em *Mother Earth* (2000) e o metal repleto de elementos pop diversos alcançou níveis bombásticos em *The Unforgiving* (2011), sucedido pelo muito bem sucedido *Hydra* (2014). Experimentando tanto no lado instrumental quanto no lírico, o grupo holandês já enveredou por muitos caminhos e com o seu novo EP, *Shed My Skin*, crava suas garras na ficção-científica, mais especificamente no campo da distopia, algo que a banda já vinha namorando há anos e que ganhou nova profundidade desde o último álbum completo, *Resist* (2019). Para compreender o novo universo do grupo, que aparece explorando diferentes mundos distópicos no evento online *The Aftermath – A Show in a Virtual Reality* –, conversamos com a vocalista Sharon den Adel.

Em fevereiro de 2019, vocês lançaram *Resist*, mais um álbum em que o Within Temptation busca por novos horizontes inserindo diferentes elementos em sua trama musical. Bastante tempo se passou, então acho que é correto afirmarmos que foram bem sucedidos, certo?

Sharon den Adel: Bem, acho que nos ajudou bastante o fato de eu ter lançado o projeto solo *My Indigo* antes, pois ele me deu uma ótima oportunidade de explorar novas sonoridades, diferentes abordagens vocais e novos elementos em geral, que depois eu pude explorar novamente – e de uma maneira diferente – em *Resist*. Eu realmente precisei mudar a abordagem desses novos elementos no álbum do Within Temptation, mudar a orientação, pois *My Indigo* foi realmente um álbum diferente. Porém, eu diria que ele ajudou muito a encontrarmos os novos elementos que queríamos para o Within Temptation.

É interessante perceber que, embora o elemento pop music tenha sido conservado nas canções, *Resist* é um disco mais pesado que os seus antecessores, especialmente comparando-o aos álbuns pré-*Hydra* (2014), concorda?

Sharon: Sim, e eu acho que são canções bem mais modernas, que era algo que nós buscávamos também. Queríamos que *Resist* tivesse a cara de 2019 e que não nascesse já como um álbum datado ou ultrapassado, então existia essa vontade de evoluir o nosso som, buscar novas referências e mostrar algum progresso em nossas canções. Adicionar peso foi fundamental para isso.

SHED MY SKIN
Spinefarm - Imp.

Além dessa abordagem para a parte musical, vocês também optaram por trazer esse frescor para a parte lírica.

Sharon: Nesse sentido, já faz um bom tempo que percebemos que era preciso ser mais abertos na maneira como vemos o mundo e no modo como as coisas estavam se transformando nele. Então, durante aqueles dias sentimos que o mundo estava ainda mais caótico do que antes e havia muitos elementos humanos nisso. Nós resolvemos falar sobre tópicos como o direito à privacidade, pois observamos a maneira como a situação vem mudando com a vida digital. Hoje você praticamente não tem mais nenhum momento de privacidade, pois tudo o que faz é registrado e pode ser rastreado por empresas etc. Existe também a situação política global, tantos líderes mundiais que não cumprem o papel esperado para uma liderança, nos quatro cantos do mundo... Todas essas coisas nos preocupam demais e também nos deixam muito inspirados para escrever. A diferença principal em *Resist* é que geralmente costumamos cobrir estes tópicos de uma maneira mais metafórica, como fizemos em *Mother Earth* (2000) – existe um claro posicionamento ali, mas abordamos de forma mais metafórica: dizemos o que sentimos e cada um percebe e recebe a mensagem de uma forma diferente. Desta vez procuramos ser muito mais diretos na mensagem, sentimos que precisava ser assim. Mas ninguém precisa levar isso a sério demais, você pode ouvir a música, obter diversão com ela e não prestar atenção na mensagem, está tudo bem. Falamos o que sentimos no mundo que vivemos, mas não queremos impor nosso ponto de vista a ninguém.

Sim, existe música além das letras e as pessoas precisam se lembrar disso. Porém, o que os guiou para esse caminho mais direto dessa vez?

Sharon: Acho que foi essa sensação de frustração que sentimos... Como explicar? Sabe, quando você é jovem, costuma olhar o mundo de uma maneira um bocado mais otimista. Você percebe as coisas erradas que existem no mundo, mas sempre acredita que elas vão mudar no futuro, que os erros serão corrigidos. Conforme você vai amadurecendo, percebe que os erros não foram corrigidos, que eles continuam sendo cometidos e que um monte de situações ficou ainda pior do que antes. Isso é frustrante demais! Acho que essa frustração nos levou a essa abordagem mais direta nas letras.

Para alcançar o resultado almejado, vocês usaram de alguns recursos já velhos conhecidos da banda, como a distopia. Inclusive, acho que esse recurso brilha em *The Reckoning*, especialmente no vídeo dela.

Sharon: Bem, o vídeo vem com uma proposta bastante própria, é aquele conceito da tecnologia versus humanidade. Na letra da música, o conceito é um

Brasil Revistas

pouco mais amplo, fala sobre uma geração que não se preocupa com o que as outras culturas representam, ela quer impor a sua através da dominação e apagar tudo o que for diferente. É um conceito distópico mas bem possível, pois vivemos uma era em que ninguém quer conversar com o outro e entender o seu ponto de vista, mas sim passar por cima daquilo que o outro pensa. A música é basicamente sobre isso e sobre se levantar contra a injustiça. Todos os países e culturas têm certos limites que não podem ser ultrapassados, fronteiras geopolíticas e culturais que limitam o seu direito de ir e vir, existem líderes que se aproveitam do seu próprio povo ou de outros povos. A mensagem é que você precisa se erguer e fazer alguma coisa. Precisamos apoiar uns aos outros e não lutar entre nós. No fim, todos somos iguais, todos somos humanos e os direitos humanos deveriam ser iguais para todos. As pessoas deveriam ser livres para fazer aquilo que querem, ter uma vida digna não importa sua crença, etnia e orientação sexual – nada disso deveria ser usado para negar direitos básicos. As pessoas deveriam ter o direito de ter uma vida digna, mas não é isso que vemos em muitas partes do mundo.

Ainda neste sentido, outra canção que se destaca é *Endless War*, que vem justamente em seguida.

Sharon: Sim, e essa música fala exatamente sobre a absoluta incapacidade de aprender da humanidade (risos). Nós nunca aprendemos, é tão frustrante, nós nunca saímos desse ciclo eterno de repetir os mesmos erros do passado, é como se fossemos incapazes de aprender com os erros dos outros, de alguma forma precisamos cometer os nossos próprios erros para então aprender com a dor da situação. Ainda assim, raramente fazemos algum progresso, seguimos em frente errando mais e mais, tomando as mesmas decisões erradas do passado.

Com a participação especial de Anders Fridén (In Flames), *Raise Your Banner* se tornou um dos grandes momentos em *Resist* e foi realmente adotada pelos seus fãs como uma espécie de símbolo do momento em que vivemos.

Sharon: Para nós ela carrega uma simbologia muito importante, ela fala sobre permanecer fiel aos seus princípios, permanecer apegado àquelas coisas que são tão caras quanto a própria vida para nós. *Raise Your Banner* é uma música sobre revolução, mas não é sobre armas ou violência, não é dessa forma que acreditamos nas coisas. Nós dizemos que quando algo está errado você deve erguer a sua bandeira e fazer ouvir a sua voz, mesmo quando você tem algo a perder, pois nós todos temos muito a perder, temos tudo a perder. Faça a revolução com diálogo e não com armas, com inteligência e não com violência, tenha argumentos firmes mas não seja fechado a outras ideias.

Acesse nosso canal no Telegram @Brasilrevistas

Com o álbum lançado, o Within Temptation seguiu para os shows, que envolveram nova ornamentação de palco e tudo mais. Mas, pelo que ouvi, vocês buscavam um novo método para não ficar tanto tempo longe de casa, certo?

Sharon: Sim, nós buscamos resolver isso. Nós ainda faremos a mesma quantidade de shows em cada turnê, mas elas deverão ser melhor organizadas e com espaços entre uma e outra, pois no passado nós simplesmente engatávamos uma turnê na outra e nunca tínhamos tempo para mais nada. Hoje todos temos famílias maiores, não podemos mais passar seis ou oito semanas direto na estrada, como fazíamos no início dos anos 2000. É incrível estar em turnê, mas não se você perde completamente o contato com outras coisas que são importantes na sua vida, como a família e os amigos. Então, basicamente o que fizemos foi buscar uma maneira de equilibrar isso.

Vocês buscavam uma maneira de permanecer mais tempo em casa com a família e então veio 2020...

Sharon: Pois é (risos gerais). E desde então estamos todos presos em casa, um tanto a mais do que eu gostaria (risos).

Como você encontrou a mentalidade correta para seguir adiante e compor novas músicas?

Sharon: Esse é o outro lado do espectro. Agora estamos muito tempo em casa, desejamos seguir adiante e fazer o que precisa ser feito, mas não podemos fazer isso. No começo acho que todos pensávamos que ia ser um ano complicado, mas que seria apenas um ano, mas então tudo se prolongou, isso é mentalmente muito depressivo. Tem sido um tanto estranho, mas no fim simplesmente coloquei na minha cabeça 'OK, não tem outro jeito, você precisa ter paciência como todas as outras pessoas e manter a calma'. A melhor maneira que encontramos para manter nossa saúde física e mental foi através da música, compondo coisas novas, criando novamente.

No ano passado vocês lançaram as músicas *Entertain You* e *The Purge*, e

Brasil Revistas

Acesse nosso canal no Telegram Brasil Revistas

"FAÇA A REVOLUÇÃO COM DIÁLOGO E NÃO COM ARMAS, COM INTELIGÊNCIA E NÃO COM VIOLÊNCIA, TENHA ARGUMENTOS FIRMES MAS NÃO SEJA FECHADO A OUTRAS IDEIAS."
SHARON DEN ADEL

agora temos mais uma nova canção, *Shed My Skin*.

Sharon: Novamente temos essa pegada de distopia, essa sempre foi uma coisa que nos inspirou muito, desde o início gostamos dessa coisa de imaginar outros mundos possíveis e outras realidades, como as coisas poderiam ser diferentes em outros mundos ou mesmo como a nossa realidade poderia seguir um caminho paralelo aqui mesmo, no presente. Isso sempre nos fascinou, desde os primeiros dias. Muitos livros e filmes serviram como inspiração para o Within Temptation no início da nossa jornada. Porém, essa viagem distópica que seguimos hoje tem pouco a ver com literatura, ela é muito mais inspirada pela vida real mesmo. A impressão que tenho é que nós já vivemos em uma distopia, o nosso mundo é um mundo distópico.

Essa visão de diferentes mundos foi muito bem apresentada no evento online *The Aftermath*, mas mesmo para quem não acompanhou a apresentação em realidade virtual, uma boa mostra pode ser vista no vídeo para *Shed My Skin* (que conta com a banda alemã Annisokay).

Sharon: Bem, enquanto estávamos em casa sem poder fazer nada com a banda, muita gente continuava nos pedindo que fizéssemos eventos online de todo tipo, apresentações acústicas e tal. Isso é algo que já fizemos no passado, foi legal, mas não queríamos repetir algo que já havíamos feito. Acústico é algo legal de se fazer uma vez, talvez em alguns movimentos em vários shows, mas não havia sentido repetir sempre a mesma coisa. Especialmente sem uma plateia diante de nós. Isso não aquece nossos corações, o que nos aquece são coisas épicas e grandiosas, essa é a nossa paixão (risos gerais). Então nós buscávamos por uma alternativa, e foi aí que o produtor do nosso vídeo para *Supernova* (Set Vexy) chegou dizendo que tinha esse programa e que, com iluminação e efeitos de luz corretos, poderia fazer algo incrível conosco em realidade virtual. Foi assim que começamos a ter ideias, a banda tocando em diferentes cenários, em diferentes planetas, com uma história pós-apocalíptica rolando como plano de fundo.

Existe o plano de lançar essa apresentação em vídeo? Seria uma pena esse deixar conteúdo longe dos fãs.

Sharon: No momento não, mas realmente não queremos deixar isso esquecido. Hoje não existe um grande mercado para vídeos de shows, muitas pessoas nem tem mais aparelhos para reproduzir essas mídias, então vamos ver o que faremos com essa apresentação no futuro. Talvez coloquemos todo o conteúdo para visualização online, vamos ver.

Brasil Revistas

LITTLE BLACK BIRD

Acesse nosso canal no Telegram: @Brasilrevistas

O primeiro álbum da banda Little Black Bird traz um misto de influências do Stoner, Grunge e Rock Alternativo, com riffs pesados, grooves potentes e melodias marcantes.

Gravado, produzido e mixado por Luiz Fernando Vieira, no renomado estúdio AudioArena, em São Paulo, e masterizado por Maor Appelbaum, em Los Angeles.

As músicas abordam sentimentos, dificuldades e superações, numa viagem desértica de sons e emoções.

PRIMEIRO SINGLE PARA A FAIXA "LOWLANDS" DISPONÍVEL NO STREAMING

Spotify · DEEZER · amazon Prime Music · Available on iTunes

@littleblackbirdband

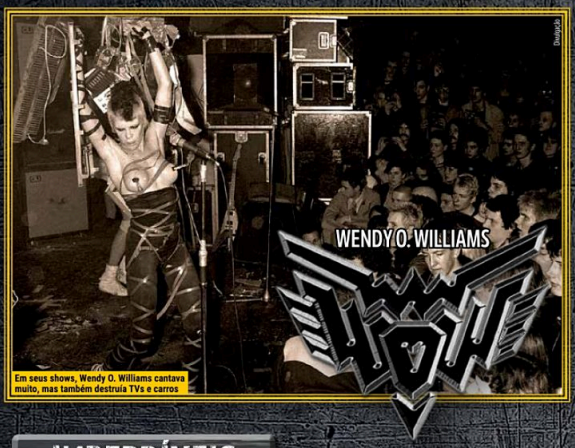
www.alburnsdesign.com

Brasil Revistas

COLLECTION

Por Ricardo Batalha

Wendy Orlean Williams nem sempre é lembrada, mas fez muito barulho no meio do punk, heavy metal e hard rock. Com seu visual extravagante e performances brutais, as bizarrices e obscenidades da vocalista americana impressionaram astros do quilate de Lemmy Kilmister e Gene Simmons, que trabalharam com ela em alguns projetos. Gene, inclusive, convidou o Plasmatics para abrir shows da turnê de *Creatures of the Night* (1982) e assinou a produção de *WOW* (1984), primeiro disco solo de Wendy. Empoderada, a vocalista e levantadora de peso iniciou a carreira no punk rock em 1977, justamente com o Plasmatics, e participou de um filme pornô em 1979, "Candy Goes to Hollywood". Talentosa e versátil, foi indicada ao Grammy em 1985 pelo álbum *WOW*. Determinada, foi às últimas instâncias quando gravou *Coup d'Etat* (1982), terceiro do Plasmatics, pois se esforçou tanto no estúdio que, para evitar danos permanentes em suas cordas vocais, foi obrigada a fazer tratamento em um hospital. A chamada "Queen of Shock Rock", "Queen of Punk," "Dominatrix of the Decibels" e "High Priestess of Metal" faleceu aos 48 anos, quando cometeu suicídio em 6 de abril de 1998. Anteriormente, tinha tentando tirar a própria vida em 1993 e 1997.



Em seus shows, Wendy O. Williams cantava muito, mas também destruía TVs e carros

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilRevistas

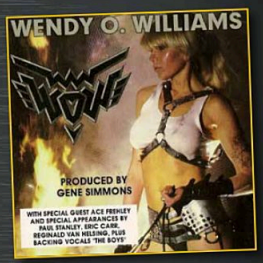
IMPERDÍVEIS

PLASMATICS - COUP D'ETAT (1982)

A outrora clarinetista e praticante de sapateado Wendy O. Williams era vista como uma "garota tímida e bonita, uma aluna comum que tocava na banda do segundo grau e que falava tão baixinho que você precisava se inclinar para ouvi-la". Um tremendo contraste com seu aspecto visual em cima de um tanque de guerra que estampa a capa do terceiro álbum do Plasmatics, *Coup D'Etat* (golpe de estado em português), que mais parece uma imagem do filme "Mad Max". Assim, quatro anos após estrear ao vivo no CBGB de Nova York, Wendy tinha muito a mostrar em estúdio. O som criado por ela, Richie Stotts e Wes Beech (guitarras), Chris "Junior" Romanelli (baixo e teclado) e T.C. Tolliver (bateria) mesclava metal e hard rock. Assim, músicas como *Put Your Love in Me*, *Mistress of Taboo*, *Path of Glory* e *Country Fairs* vieram com performances variadas, com Wendy impondo seu potente drive e os gritos de impacto com momentos angelicais em vozes limpas. O repertório ainda traz o cover de *No Class*, do Motörhead, e a faixa de encerramento, *The Damned*, foi regravada pelo Destruction no EP *Mad Butcher* (1987). A produção ficou a cargo de Dieter Dierks (Scorpions, Accept), que sugeriu a Wendy fazer tratamento em um hospital em Colônia (ALE), pois ela se esforçou tanto no estúdio que teria que se cuidar para evitar danos permanentes nas cordas vocais.

WENDY O. WILLIAMS - WOW (1984)

Se mudar não era problema para Wendy O. Williams, seu primeiro disco solo trouxe novos contornos ao seu panorama musical. A ideia era ir para as cabeças e quem apostou suas fichas foi Gene Simmons, já que o Plasmatics tinha feito abertura dos shows do Kiss em parte da turnê de *Creatures of the Night*, em fevereiro e março de 1983. Atuando como produtor e tendo o gravado os baixos sob o pseudônimo Reginald Van Helsing, a ideia de Gene era deixar o som mais acessível, mas ainda com a pegada hard rock. Assim, ele, Wendy, Wes Beech e Michael Ray (guitarras) e T.C. Tolliver (bateria) e os convidados especiais tiveram, a princípio, uma receptividade média, mas Wendy foi indicada ao Grammy como melhor vocalista em 1985. Não só as participações de Ace Frehley em *Bump and Grind*, Paul Stanley em *Ready to Rock* e Eric Carr em *Legends Never Die*, ou a presença de Vinnie Vincent como coautor de *Ain't None of Your Business*, chamaram a atenção dos fãs de Kiss. *It's My Life*, composta nas sessões de *Creatures of the Night* e também gravada pelo King Kobra, figurou na trilha do filme "Reformatório de Mulheres" (1986), em que a própria Wendy atua como líder das delinquentes do reformatório. Posteriormente, foi regravada pelo Kiss e saiu em *The Box Set* (2001). Mais famosa, *Thief in the Night* também foi regravada pelo Kiss para *Crazy Nights* (1987).



Brasil Revistas

EXCELENTES

PLASMATICS
NEW HOPE FOR THE WRETCHED (1980)

O Plasmatics foi concebido em 1977 por Rod Swenson, formado em artes e que sustentava a visão de que a arte verdadeira deveria ser confrontadora. Então, quando seu caminho cruzou com o de Wendy O. Williams, as peças se encaixaram. Ao vivo, Wendy destruía TVs e carros no palco empunhando marreta e serra elétrica, que usava para cortar uma guitarra ao meio durante *Butcher Baby*. Inicialmente, ela seria uma das atrizes de "Captain Kink's Theatre", de Rod, mas se tornou a líder do Plasmatics, que faria o debut com o saudoso Jimmy Miller como produtor. Baqueado por uso de heroína, foi demitido pela gravadora Stiff, que recrutou o engenheiro de som Ed Stasium e o manager Rod Swenson para trabalhar com Wendy, Richie Stotts e Wes Beech (guitarras), Jean Beauvoir (baixo) e Stu Deutsch (bateria). Tendo como alvos favoritos a hipocrisia, o sexismo e o consumismo americano, o disco veio embalado em um furioso punk rock de faixas como *Living Dead*, *Test Tube Babies*, *Won't You, Butcher Baby*, *Corruption* e *Want You Baby*, além do cover de *Dream Lover* (Bobby Darin). Resultado: disco de maior sucesso da banda.

PLASMATICS
BEYOND THE VALLEY OF 1984 (1981)

O segundo álbum do Plasmatics mesclou de forma coesa o punk com pitadas de metal e rock mais melódico. Ao lado de Wendy estavam Wes Beech e Richie Stotts (guitarras), Jean Beauvoir (baixo) e o baterista convidado Neal Smith (Alice Cooper Group), que gravaram o material em menos de três semanas. Na produção estava o também empresário Rod Swenson, que sugeriu o título *Beyond the Valley of 1984*, notadamente pela obra de George Orwell, "1984". Durante a fase das gravações, o grupo foi chamado para ser uma das atrações do talk show de TV de Tom Snyder, no qual o apresentador apresentou-o como "possivelmente a maior banda de punk rock do mundo". Em sentido amplo ele não errou, pois *Beyond the Valley of 1984* passou nove semanas nas paradas da Billboard 200, obtendo a posição 142. Wendy foi creditada por vocais e moto sserra e o repertório traz faixas instigantes como *Masterplan*, *Headbanger*, *Nothing*, *Living Dead*, *Sex Junkie* e o punk direto de *Fast Food Service*, além de *Plasma Jam* e *Hit Man*, gravadas ao vivo em Milão (ITA). Muitas deles, inclusive, começam a contagem no estilo punk com um "1, 2... 1, 2, fuck you!"

WENDY O. WILLIAMS
KOMMANDER OF KAOS (1986)

O segundo voo solo de Wendy O. Williams veio diferente de *WOW*, já que *Kommander of Kaos* tem mais doses de adrenalina e agressividade no som, como nas rápidas *Hoy Hey (Live to Rock)*, *Pedal to the Metal* e *(Work that Muscle) F**k that Booty*. O material foi gravado pela vocalista ao lado de Michael Ray e Wes Beech (guitarras), Greg Smith (baixo, Tyketto, Alice Cooper, Rainbow, Blue Öyster Cult, Dokken, Joe Lynn Turner e outros) e T.C. Tolliver (bateria) em 1984, mas o disco só saiu dois anos depois. O repertório traz, além das composições próprias, uma versão ao vivo para *Ain't None of Your Business*, originalmente de *WOW*, e um cover de *Jailbait*, faixa do clássico *Ace of Spades* (1980), do Motörhead. Outra conexão com som do saudoso trio inglês vem na acelerada *Party*. O lado hard rock entra em cena em *Fight for the Right*, de autoria de Michael Ray. Já a ligação musical com o Kiss aparece em *Bad Girl*, composta pelo produtor Rod Swenson (Plasmatics) e que, assim como a faixa *Goin' Wild* (com arregaços de Greg Smith), também constou na trilha de "Reformatório de Mulheres", exibido na TV brasileira pelo SBT.

BONS

PLASMATICS - METAL PRIESTESS (1981)

Este EP de seis faixas do Plasmatics foi produzido pelo saudoso cantor, compositor, produtor e engenheiro de som Dan Hartman, astro americano da disco music que trabalhou com Vinnie Vincent em sua banda de apoio e também produziu para 38 Special, James Brown, Steve Winwood, Tina Turner e Joe Cocker, entre outros. A história diz que ele estava em Los Angeles e quando tomou conhecimento do álbum *Beyond the Valley of 1984*, comprou-o e ouviu repetidas vezes. Então, conheceu Wendy O. Williams e Rod Swenson e, um mês depois, já estavam produzindo *Metal Priestess*, que foi relançado em 2002 como bônus de *New Hope for the Wretched*. No repertório, mesclando punk rock, hard e metal, destaque para *Black Leather Monster*, *Doom Song* e *12 Noon*, além das versões ao vivo para *Sex Junkie* e *Masterplan*. O EP traz duas capas diferentes, a que inicialmente saiu pela Stiff Records e a do relançamento, feito no mesmo ano pela PVC Records. Dan Hartman chegou a trabalhar novamente com a banda na gravação das demos para *Coup D'Etat*, que posteriormente saíram como *Coup De Grace* (2000).

PLASMATICS - MAGGOTS: THE RECORD (1987)

O último registro do Plasmatics é, por vezes, confundido como um disco solo de Wendy O. Williams, já que seu nome aparece na capa acima do da banda, então completada por Wes Beech e Michael Ray (guitarras), Chris Romanelli (baixo) e Ray Callahan (bateria). Mais agressivo, o disco conceitual é tido por alguns como uma "Thrash Metal Opera" por ter um personagem central e no qual constam faixas com narrativas para descrever cenas entre as músicas. A temática se passa 25 anos no futuro, quando o abuso ambiental e a queima de combustíveis fósseis criaram um efeito estufa. Na história, embalada por punk, heavy e speed metal, um grupo de cientistas tenta eliminar a poluição e lixo dos rios e oceanos, desenvolvendo uma raça de larva projetada para comer o lixo. O derretimento das geleiras traz inundações que levam os vermes ao contato com criaturas terrestres. Os vermes geneticamente modificados continuam a comer e se reproduzir. Cientistas e políticos tentam acalmar a população condenada, mas no final os seres humanos são extintos e os vermes assumem o controle.

CUIDADO

WENDY O. WILLIAMS
DEFFEST! AND BADDEST! (1988)

A mescla de rap e rock deu a tônica do terceiro álbum solo de Wendy. Esqueça vocais agressivos, aqui as linhas são voltadas ao rap, cheias de rimas faladas. Embora tenha guitarras, os temas trazem bateria eletrônica e os scratches de The Stool School. Desta vez, a aposta do produtor Rod Swenson não deu em nada e Wendy, creditada como Wendy O. Williams' Ultrafly and the Hometown Girls, fez sua despedida, pois este foi seu último registro. Ao lado dela nas vozes estavam as Hometown Girls, Katrina Astrin e La Donna Sullivan. A faixa mais interessante é *Early Days*, em que Wendy fala sobre seu passado. Em sua última apresentação, que ocorreu por sugestão do saudoso Joey Ramone, cantou *Masterplan* quando a banda de Richie Stotts abriu para o Ramones na véspera de Ano Novo de 1988. Três anos depois, mudou-se para Storrs/Connecticut, onde residiu ao lado do companheiro de longa data e ex-empresário, Rod Swenson, trabalhando como reabilitadora de animais e em uma cooperativa de alimentos em Willimantic. Explicou a mudança dizendo que "estava farta de lidar com pessoas".

OUTROS: A discografia da primeira mulher a aparecer na televisão americana com um corte de cabelo moicano e que foi capa da revista Vegetarian Times (1984), além de inspirar "Wendy O. Koopa", personagem do game Super Mario, conta com coletâneas do Plasmatics – *Final Days: Anthems for the Apocalypse* (2000), *Put Your Love in Me: Love Songs for the Apocalypse* (2002), *Early Years* (2004) – e *Fuck You!!! And Loving It!!!: A Retrospective* (solo, 1999). Também foram lançados EPs, como *Butcher Baby* (1978 e 1980), *Meet the Plasmatics* (1979) e *Fuck 'n Roll* (solo, 1985), além de singles e o split *Stand by Your Man*, no qual ela e Lemmy Kilmister gravaram o cover de Tammy Wynette e o Motörhead faz *Masterplan*, do Plasmatics. Quer entender tudo isso e vê-la em ação? Procure pelo vídeo *10 Years of Revolutionary Rock and Roll*.

Acesse nosso canal no Telegram @brasilrevistas

Brasil Revistas

Wendy Dio

ETERNAMENTE UM ARCO-ÍRIS

Wendy Dio conta detalhes da aguardada autobiografia de Ronnie James Dio, além de histórias emocionantes e divertidas da maior voz do heavy metal

Acesse nosso canal no Telegram @brasilrevistas

Por Daniel Dutra

Não foi uma entrevista qualquer. O assunto era o lançamento de "Rainbow in the Dark", biografia oficial que Ronnie James Dio estava escrevendo quando nos deixou em 16 de maio de 2010, mas o bate-papo com Wendy Dio foi muito além. A eterna empresária e esposa do saudoso vocalista contou histórias e se emocionou, especialmente ao falar da dedicação de Ronnie aos fãs - incluindo a confirmação de que o agradecimento a este repórter na nota fiscal do box *Tournado*, lançado três meses antes de sua morte, foi escrito de próprio punho pela maior voz da história do heavy metal. Aliás, esse carinho pelos fãs você encontra nas páginas de "Rainbow in the Dark", lançado no Brasil pela Editora Estética Torta numa verdadeira versão de luxo. Imperdível!

Antes de qualquer coisa, é importante perguntar como você está neste interminável momento de pandemia?

Wendy Dio: Ah, são tempos terríveis, né? Eu não vejo meu irmão há três anos, porque ele mora na Escócia e não pode vir aqui. Meus amigos na Alemanha também não podem vir, e tem sido bastante difícil para todos em nosso meio, por não termos shows acontecendo. Enquanto isso, no entanto, temos trabalhado muito no livro e em outras coisas para o próximo ano, então temos nos mantido produtivos. Mas tem sido duro para todos, mesmo.

E vamos falar de "Rainbow in the Dark". Você escreveu que, após a morte de Ronnie, precisava de algum tempo para trabalhar na autobiografia. Assim, quando sentiu que era a hora certa?

Wendy: Quando Ronnie ainda estava vivo e escrevendo o livro, eu tinha um contrato para publicá-lo, mas quando ele faleceu, eu não consegui continuar. Eu vivia dizendo nas entrevistas que terminaria e lançaria a autobiografia, mas não conseguia me recompor para isso. E Mick Wall, que eu conheço há 30 anos e que conhecia Ronnie muito bem, por tê-lo entrevistado muitas vezes, ficava chutando minha bunda para lançar, dizendo 'Vamos, Wendy! Você tem que lançar esse livro. Eu ajudo, e nós fazemos juntos!' Assim, decidimos que era hora. Como eu queria que fosse uma continuação das próprias palavras de Ronnie, há um ano começamos a vasculhar os arquivos e encontramos entrevistas que ele tinha dado naquele período da vida dele, juntamente com fatos que eu me recordo daquela época. Quando Ronnie faleceu, ele tinha escrito o livro até o fim da sua trajetória no Rainbow, o que fez quando já estava doente. Antes disso, estava tudo escrito à mão, e Ronnie passou a usar o computador quando adoeceu. Ele escreveu uma série de notas e lembretes sobre coisas diferentes que gostaria de incluir no livro, então seguimos com isso e com o que encontramos nos arquivos.

Na última década, os fãs puderam adquirir alguns lançamentos muito legais, entre discos ao vivo e edições de luxo de álbuns de estúdio. Trabalhar nesse material ajudou a finalmente estar pronta para terminar o livro?

Wendy: Sim, com certeza. E como você mencionou os novos materiais, estamos trabalhando nisso agora. A BMG vai lançar e relançar algumas coisas, assim como a Rhino também vai relançar outras juntamente com material inédito de bônus. Antes, porém, precisamos ouvir tudo isso com o Wyn Davis, que era o engenheiro de som do Dio, para que ele avalie se tudo faz jus à obra de Ronnie, se é algo que ele mesmo gostaria de lançar para os fãs ouvirem.

Para finalizar o livro, você teve de revisitar todo o trabalho que havia sido feito antes da morte de Ronnie. Qual foi o sentimento?

Wendy: Agridoce. Às vezes, eu achava coisas que me faziam rir, em outras situações... (N.R.: Wendy para um pouco). E temos as fotos, também, porque há muitas legais no livro. Eu não quis botar fotos clássicas de banda, por isso optei

Brasil Revistas

por coisas mais pessoais, então há várias que ninguém nunca viu. Tem uma foto da época do Rainbow que eu pareço a roadie do grupo, carregando cases! (risos) Eu nem lembro como isso aconteceu, o que me fez rir quando encontrei. Fiquei bastante feliz com as fotos que escolhemos.

Fotos: Arquivo pessoal Wendy Dio

"Rainbow in the Dark" é uma história que vai do início da trajetória do Ronnie até 1986, e é do jeito que ele queria que fosse. Mas em algum momento você pensou em expandir a linha do tempo?

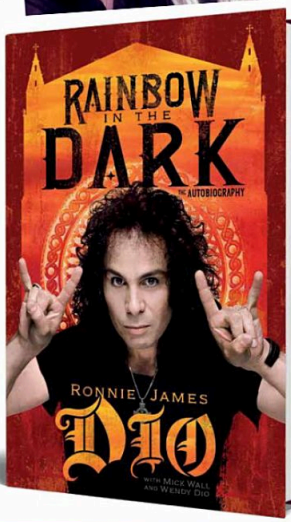
Wendy: Ronnie queria um segundo livro porque muita coisa aconteceu depois, mas obviamente precisamos descobrir se os fãs gostam desse primeiro. Aliás, essa era também a intenção dele, ou seja, saber se as pessoas gostariam o suficiente para que um segundo livro pudesse ser feito. Muita coisa aconteceu na vida dele depois de 1986. Ronnie voltou ao Black Sabbath – e voltou duas vezes! –, e passamos pelos anos 1990, quando o grunge surgiu e várias bandas foram largadas pelas gravadoras, como o próprio Dio, o Van Halen... Tivemos de encontrar selos independentes, o que foi um trabalho árduo e longo. Foi um período triste na vida de Ronnie, que estava bastante aborrecido com o fato de não termos uma gravadora. Quando conseguimos uma, tivemos que voltar a tocar em lugares pequenos e escalar essa pedreira até retornar às arenas. Além disso, ruas foram batizadas com o nome de Ronnie, ele ganhou um Grammy com o Tenacious D, teve a longa estrada do câncer que ele atravessou e sua morte. Há muitas coisas, e se os fãs quiserem, vai acontecer.

Bom, vou deixar a formalidade de lado. Como um grande fã da música de Ronnie, eu adoraria ter um "Rainbow in the Dark" parte II, por assim dizer. E depois de ler o prefácio escrito por você, acredito que é definitivamente um sonho possível.

Wendy: Vou lhe contar uma coisa, então: estou trabalhando numa outra coisa, e nem tenho contrato com editora para isso ainda, mas é algo que Ronnie e eu queríamos fazer e que começamos a trabalhar nos anos 1980. Trata-se de um livro ilustrado das letras de suas músicas. Temos artes de alguns artistas e queríamos que esse livro fosse meio Dungeons & Dragons, bem medieval, com uns motivos celtas. Estou sem tempo agora para seguir em frente com esse projeto, mas pretendo voltar a ele logo, logo. E assim que encontrar quem queira publicá-lo, será lançado.

Enquanto isso, "Rainbow in the Dark" vai ganhar uma versão bem caprichada para os fãs brasileiros. O que você pode falar a respeito?

Wendy: Tenho certeza de que a editora fez um bom trabalho de tradução, então espero que os fãs brasileiros gostem do livro, porque Ronnie amava tocar no Brasil. Era um dos seus lugares favoritos, porque os fãs são insanos! E ele gostava disso. A animação de vocês fazia parte da performance de Ronnie!



Do ponto de vista pessoal, quais são as expectativas em relação à recepção dos fãs ao livro?

Wendy: Eu quero que eles vejam o verdadeiro Ronnie, aquele que eu acredito que ele sempre transpareceu. Uma pessoa real, com coisas que os fãs não sabiam que aconteceram em sua vida, as provações e tribulações que ele viveu, e também percebam a mensagem final que há no livro: nada vem de graça numa bandeja para você. É preciso trabalhar duro, e trabalhar duro para concluir o que você queria fazer desde o início, realizar seus sonhos e não desistir. A mensagem real é não desistir. Não importa o que aconteça, siga em frente, seja em que setor da vida for. Se algo lhe incomoda, mude. Faça algo que lhe dê alegria, mesmo que seja trabalhoso, porque a vida é curta. É preciso ter um objetivo na vida, se divertir e aproveitar cada dia.

Você mencionou como a década de 1999 foi difícil, e são histórias sobre aquela época que eu adoraria ler. Honestamente, eu adoro o *Strange Highways* (1993), realmente curto a era Tracy G na banda, e o *Angry Machines* (1996) tem uma das minhas músicas favoritas em todos os tempos, *This is Your Life*. Além disso, Ronnie se manteve fiel às próprias raízes. Ele nunca se vendeu.

Wendy: Quando Ronnie estava no Rainbow, o motivo de ele ter saído foi porque a gravadora e Ritchie (Blackmore) queriam que Ronnie escrevesse músicas mais comerciais, o que acabou acontecendo na banda depois que Ronnie foi embora. Ele não gostava disso! Ele gostava de escrever músicas sobre as esperanças e sonhos das pessoas, sobre nunca desistir, para aqueles que precisavam de uma palavra, que precisavam de ajuda em suas vidas. Era para isso e sobre isso que Ronnie compunha suas músicas. Ele poderia ter sido mais comercial, mas não era o que queria. Ronnie não se importava com o dinheiro, mas com os fãs, que eram as pessoas que também se importavam com ele. Ronnie nunca se esqueceu de onde veio, então fazia música para os fãs.

E como foi estar ao lado dele, pessoal e profissionalmente, naquele período?

Wendy: Foi uma montanha-russa ser

RAINBOW IN THE DARK
Editora Estética Torta - Nac.

Brasil Revistas

empresária e esposa! Eu tinha de chutar a bunda de Ronnie quando ele começava a se achar demais (risos)! Eu sou muito controladora, e ele também era, então às vezes tínhamos brigas homéricas na frente das pessoas. E ninguém queria escolher um lado para defender porque, na verdade, nós éramos um time. Podíamos brigar juntos, mas nunca um contra o outro. Uma vez eu estava tão furiosa que joguei US$ 5 mil para o alto na rua, gritando 'Eu me cansei disso!', e Ronnie apenas disse para o roadie: 'Pega o dinheiro! Eu pego a Wendy!' (risos) Sabe, quando você vive com uma pessoa e trabalha com essa pessoa, e estão juntos o tempo todo, não são rosas todos os dias. Independentemente disso, o objetivo era o mesmo: a carreira do Ronnie e sua música.

Eu gostaria de perguntar a você sobre o holograma de Ronnie, porque os fãs tinham e ainda têm sentimentos confusos sobre isso. Depois de tanto debate sobre o assunto, como você se sente hoje em dia?

Wendy: Nunca diga nunca, mas estamos trabalhando atualmente com a empresa responsável pelo holograma (N.R.: Eyellusion), só que não num holograma. Ele custa muito dinheiro, infelizmente, e o novo projeto envolve efeitos especiais. Para usar o holograma, o Dio Disciples só podia tocar em determinados lugares por causa da altura. Ele é muito grande, precisa de muita gente na equipe e é difícil de transportar, e tudo isso encarece. Desta vez, teremos a banda e os efeitos especiais, e haverá filmes de Ronnie que, acredito, os fãs gostarão mais, uma vez que serão filmagens reais de Ronnie. Recentemente, antes da Covid-19 nos atingir, fizemos um evento beneficente de gala e não conseguimos entrar com o equipamento do holograma no local do show, exatamente por causa do seu tamanho, então usamos uma filmagem do holograma. Isso nos levou a pensar em usar essa estratégia para os demais lugares onde não conseguimos levá-lo, mas eu pensei: 'Se for para usar filmagem, por que não usamos filmagens do Ronnie de uma vez?'. Daí surgiu a ideia de usar esse recurso com efeitos especiais e outras coisas legais, e fiquei bastante satisfeita com o que vi até agora. Mas devo dizer a você que na primeira exibição do holograma, no Wacken, nós choramos. Todos nós.

Uma curiosidade: qual o status do relançamento de Hear 'n Aid (1986)? Creio que seja um dos títulos que os fãs mais desejam ter na coleção, especialmente em vídeo com filmagens extras...

Wendy: Discutimos isso diversas vezes, e é algo que leva tempo para ser feito. O que eu gostaria de fazer é relançar o que temos e adicionar mais bandas, e falo de novos nomes, e mais músicas. Obviamente, seria para caridade. Temos muitos vídeos que nunca foram visto e precisamos apenas acertar os detalhes legais, porque os músicos e as bandas são maravilhosos. Eles nos dão atenção e tempo, sempre estão conosco, mas existe o lado legal da coisa: empresários, gravadoras, toda essa gente com quem precisamos lidar para que algo assim aconteça. Quando fizemos o tributo (N.R.: *This is Your Life*, lançado em 2014), gravar foi tranquilo, porque o problema foi a parte legal de autorizações, permissões para fotos (risos). Nós gostaríamos de relançar o Hear 'n Aid, mas apenas preciso de tempo para trabalhar nisso.

Fotos: Arquivo pessoal Wendy Dio

"Quebraram o molde quando Ronnie faleceu. Ele realmente se importava com as pessoas."
Wendy Dio

O redator-chefe da ROADIE CREW, Ricardo Batalha, tem um momento bem especial relacionado ao fã-clube do Dio. Isso em 1984, quando ele era apenas um adolescente (N.R.: neste momento, conto a história que você poder ler na coluna Campo de Batalha na ed. #237 da revista). Ele gostaria de saber o que aconteceu com a Sheila?

Wendy: (rindo muito) Sheila ainda é minha amiga, e vamos nos ver no próximo domingo! Ela fundou sua própria empresa de fitness, que vai muito bem, tem um filho e está ótima! Vou contar essa história para a Sheila, porque ela é famosa agora! (risos)

Mais do que empresário de Ronnie, mas especialmente como esposa e melhor amiga, como você colocaria em palavras o tratamento especial e único que Ronnie dava aos fãs?

Wendy: Ele amava seus fãs mais do que qualquer outra coisa. Ronnie nunca se esqueceu de onde veio, mesmo, e sempre fez tudo pensando nos fãs. Os fãs estavam em primeiro lugar, depois vinham os animais, e eu ficava em terceiro (risos)! Ele genuinamente amava os fãs. E adorava conversar, porque tinha esse dom de conversar com as pessoas e fazer perguntas sobre elas, de querer saber delas, e cada uma que conversava com ele se sentia a pessoa mais especial do mundo por isso. Ronnie fazia cada uma se sentir verdadeiramente especial, porque, além de tudo, tinha uma memória fantástica. Se ele falasse com alguém hoje e o encontrasse noutro lugar anos depois, perguntaria sobre os filhos, a vida, o trabalho, tudo em detalhes! E se lembrava de cada um porque se importava com cada um, de verdade. Ronnie sabia que cada fã em cada show tinha atravessado cidades, países, enfrentando chuva, sol forte, neve, dificuldades de todos os tipos para vê-lo no palco, e se ele pudesse dar alegria a alguém somente permanecendo no local após o show para trocar algumas palavras ou dar um autógrafo, ele faria. E faria com amor. Eu diria que era quase como um santo. Quebraram o molde quando Ronnie faleceu. Ele realmente se importava com as pessoas.

Acervo pessoal protegido Brasil Revistas

Brasil Revistas

PANACEIA

Acesse nosso canal no Telegram: @Brasilrevistas

NOVO EP - CONCRETO

DISPONÍVEL EM TODAS AS
PLATAFORMAS DIGITAIS

Brasil Revistas

David Jackson

Verminous mostra o melhor momento da formação com Allan Cassidy, Max Lavelle, Trevor Strnad, Brian Estbach e Brandon Ellis

The Black Dahlia Murder

BEM-VINDOS AO SUBMUNDO

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilRevistas

Em seu nono álbum, banda de Detroit continua sua jornada técnica e melódica pelo death metal

Por Valtemir Amler

Hoje praticamente ninguém se lembra daquelas dúvidas que eriçavam os cabelos dos fãs de death metal no começo dos anos 2000: afinal, o que queria aquele quinteto do Michigan e que história era aquela de tornar o death metal em algo acessível para a nova geração? Pois bem, duas décadas se passaram e o atual cenário do gênero colhe os bons frutos dessa iniciação no estilo promovida pelo The Black Dahlia Murder. Mais do que isso, seus integrantes se transformaram em grandes personalidades do death, já que são frequentemente mencionados pelos músicos da nova geração como a razão inicial de terem se envolvido com música extrema. Um dos mais louvados, o vocalista Trevor Strnad, é também um dos únicos remanescentes desde o início dessa história – o outro é o guitarrista Brian Eschbach. E foi justamente ele quem conversou conosco para falar sobre os caminhos do death metal e o mais novo álbum dos 'Assassinos da Dahlia Negra', o técnico, melódico e ainda assim pesado e intenso *Verminous*.

Quando falamos sobre o seu disco anterior, você disse que ele 'alimentou o fogo criativo' da banda. Olhando hoje, o que *Nightbringers* representou para vocês e como ele afetou as ideias para o disco atual, *Verminous*?

Trevor Strnad: Eu diria que *Nightbringers* foi o início de uma nova era para a banda. Brandon Ellis (ex-Sylosis, Arsis e Cannabis Corpse) tinha acabado de se juntar a nós como guitarrista, ocupando o posto que durante muito tempo tinha sido ocupado por Ryan Knight, e acabou se mostrando também um ótimo parceiro de composição. Além disso, ele injetou muita energia na banda, com muitas novas ideias criativas, ele escreveu uma pancada de músicas para *Nightbringers*, que acabou sendo um álbum muito elogiado pela crítica e aclamado pelos nossos fãs. Além disso, eu também diria que foi um disco importante por nos mostrar tentando algumas coisas diferentes, como uma dose maior de elementos vindos do heavy metal clássico, elementos da New Wave of British Heavy Metal e até coisas mais rock em canções como *As Good as Dead*.

Essa é realmente uma música bem diferente do padrão do The Black Dahlia Murder.

Trevor: Totalmente! Ela tem esse riff com uma vibração meio Queensrÿche e isso é definitivamente um novo território para nós, algo que sequer havíamos cogitado antes. Tudo isso meio que abriu caminho para aquilo que faríamos em *Verminous*, mais um álbum em que exploramos outros estilos dentro do metal, trazendo mais variedade para nossas músicas. Acho que este tem sido uma das nossas bases nos últimos anos: estamos buscando criar álbuns fortes e baseados em diferentes movimentos, com músicas coesas mas bastante diferentes entre si, de forma que cada uma tenha a sua própria identidade.

E dá para perceber que essa busca segue por caminhos diferentes nesses dois últimos álbuns.

Trevor: É verdade. Veja, acho que isso tem a ver com a experiência, pois sinto que *Nightbringers* soa como um ponto de partida, como um divisor entre a nossa discografia mais antiga e o momento atual. Acho que em *Nightbringers* nós acabamos nos entrincheirando por um caminho mais técnico para encontrar o resultado que queríamos, talvez tenhamos preenchido as músicas com infor-

Brasil Revistas

mações demais. Sinto que em *Verminous* encontramos uma espécie de equilíbrio, é um disco mais calmo em certos momentos, o que nos ajuda a criar uma dinâmica mais observável. Até as partes extremas estão soando mais extremas por conta dessa variação dinâmica, pois você percebe melhor quando a música não segue sempre o mesmo compasso. Isso também é verdade na minha parte do trabalho: definitivamente, as músicas de *Verminous* têm mais espaço para respirar, eu não sufoquei o disco inteiro com meus vocais, algo que tenho tendência de fazer (risos). Desta vez, procurei uma abordagem um pouco mais lenta e clara, encaixando menos vocais em cada parte, de forma a fazer valer cada verso da letra. Você até consegue perceber melhor as variações instrumentais da música quando o vocalista não está se esgoelando o tempo todo (risos gerais).

Faz sentido. No geral, podemos então dizer que *Verminous* é como que uma atualização do som de *Nightbringers*, certo?

Trevor: Sim, e mais, acho que *Verminous* é uma continuação daquilo que fizemos em *Nightbringers*, mas com uma experiência e um cuidado maiores, o que acredito que fez a diferença. Esta formação já está trabalhando junto há mais tempo, tocamos ao vivo muitas vezes, conversamos muito sobre música uns com os outros e estamos muito mais conscientes de onde queremos chegar com aquela sonoridade iniciada no álbum anterior.

E todo esse novo rumo se iniciou com a entrada de Brandon Ellis.

Trevor: Eu diria que ele inspirou esse movimento, ele tem um monte de ideias inteligentes para a composição, coisas em que nunca tinhamos pensado antes. Ele tem uma perspectiva única na forma como escreve música e uma educação musical muito apurada, e o que é muito interessante. Além disso, vou ser sincero com você, Brandon meio que produziu o álbum, supervisionando todo o processo enquanto ele era gravado. Isso tudo é novidade para nós, confiar em alguém de dentro da banda para fazer a gravação de todas as partes... Claro que é ótimo do ponto de vista financeiro, você economiza um bom dinheiro, mas o principal é que isso nos garante muito controle sobre o resultado final. Tinhamos toda a atenção do mundo para escrutinar cada pequeno detalhe e ver se estava de acordo com o que pensávamos, se cada parte estava se encaixando perfeitamente ao todo. Tudo isso ajudou demais em nível criativo, pois sabíamos que teríamos o controle para experimentar e tentar qualquer coisa que imaginássemos.

Como fazer para buscar toda essa inovação sem transformar o grupo em uma banda alienígena para os seus antigos fãs?

Trevor: Pois é, esse é o grande desafio (risos). Existe uma linha muito tênue entre o experimental e o tradicional para a banda e nós sempre buscamos expandir essa linha, incorporando elementos aos poucos, e só se eles de fato fizerem sentido para a nossa música. Existe um estilo específico da Black Dahlia Murder e fazemos questão de mantê-lo. Queremos que uma pessoa consiga perceber que uma música nova é nossa logo na primeira vez que ouvi-la, mas ao mesmo tempo temos a necessidade de criar música mais criativa, mais inspirada. *Verminous* é um

VERMINOUS
Metal Blade - Imp.

disco totalmente diferente daquilo que fizemos antes, traz muitas ideias novas e elementos diferentes, mas acho que ele ainda é um álbum reconhecível e apreciável para qualquer fã das antigas, pois mantém a nossa marca única.

A evolução sempre foi uma característica da banda, mas vocês nunca deixaram de dedicar tempo a ela.

Trevor: Sim, e isso é algo muito importante, você precisa dar tempo para as pessoas digerirem a informação. A evolução tem nos acompanhado ao longo dos anos, mas foi um processo relativamente lento até aqui, algo que foi crescendo em cada álbum, um passo de cada vez. Olhando para trás, acho que foi um processo que começou a ganhar forma através das ideias que tivemos para o álbum *Ritual* (2011), foi nele que começamos a imaginar como trabalhar em algumas composições mais lentas, como tocar em tempos diferentes, começamos a incorporar alguns instrumentos diferentes aqui e ali, umas poucas notas de piano aqui, um sintetizador lá, um violão... Vejo isso não como uma evolução propriamente dita, mas como uma busca de não ser completamente previsível na música.

E isso tem um aspecto interessante para a sua abordagem, já que, quando o instrumental vai para um caminho mais melódico, você ainda precisa manter o apelo extremo da canção.

Trevor: Eu diria que os vocais são talvez o grande elo que conecta o novo som com o som tradicional da banda. Eu diria que as nossas maiores influências como banda foram Carcass e At the Gates, e ambas têm essa mesma abordagem, o instrumental vai para um caminho muito melódico, mas os vocais se mantêm extremos, levando a composição para outro patamar.

A influência de Carcass e At the Gates é bem evidente, mas também tem algo de Diamond Head, certo? Especialmente no solo de guitarra em *Sunless Empire*.

Trevor: Ah, tem sim (risos). Eu acho aquele solo o mais incrível da nossa discografia, ele é tão épico e melódico, realmente tem essa coisa do Diamond Head, essa coisa clássica. Sabe, isso é coisa do Brandon, ele é diferenciado. Ele adora essas coisas clássicas, enquanto seus colegas estavam ouvindo djent ele ouvir os 'shredders' clássicos da Shapnel. Ele adora Racer X, Jason Becker, Tony MacAlpine, Marty Friedman, ele vai à loucura com a música desses caras! Claro que ele trouxe muito disso para o nosso álbum e Brian Tatler (Diamond Head) também é um dos guitarristas favoritos dele, então ele vai ficar bem satisfeito que tenha dito isso (risos).

Com *Verminous* foi a primeira vez que um álbum de vocês saiu com um intervalo maior de dois anos em relação ao anterior. O novo processo criativo teve a ver com isso?

Trevor: Não, esse ano a mais de espera tem mais a ver com as oportunidades do momento. *Nightbringers* se saiu muito bem, mesmo após dois anos do lançamento as ofertas de turnês continuavam aparecendo. Por exemplo, naquele que seria o final planejado do ciclo de divulgação, recebemos o convite para uma turnê com o Meshuggah, que foi incrível. Logo depois, foi o Black Label Society e assim por diante. Quebramos a tradição dos dois anos, mas acabou sendo algo positivo, especialmente agora que as turnês não estão mais sendo possíveis (risos).

Brasil Revistas

IRON MAIDEN

SENJUTSU

WARNER - NAC.

8,5

O mundo do heavy metal passou as últimas semanas girando em torno de *Senjutsu*, num frenesi que alçou o 17º disco de estúdio do Iron Maiden ao status de obra-prima. Mas vamos com calma, porque o novo álbum nem mesmo é superior ao excelente *The Book of Souls* (2015). Mas *Senjutsu* é bom, muito bom, e os dois primeiros singles haviam deixado isso bem claro. *The Writing on the Wall* (Smith/Dickinson) dá uma cara nova à banda, o que pode ter a ver com a recente parceria entre Adrian Smith e Richie Kotzen, uma vez que o guitarrista mais elegante do Maiden mostra aqui que *Smith/Kotzen* (2021) lhe fez muito bem.

E ainda tem Bruce Dickinson cantando uma barbaridade, assim como em *Stratego* (Gers/Harris). Mais direto e objetivo, o segundo single só não é 100% porque a guitarrinha fazendo tema para acompanhar a melodia vocal cansa os ouvidos. E é neste momento que começamos a, mais uma vez, amaldiçoar Janick Gers. Quem nunca? Mas tem o restante do disco pela frente, e a faixa-título conquista o ouvinte com sua baita introdução, além de um riff de primeira, refrão melódico e muito bonito, desfecho climático e com um belo solo... No alvo!

Mas como nem tudo são flores, *Lost in a Lost World* (Harris) apresenta uma sucessão de clichês, com passagens instrumentais em loopings entediantes. E nem mesmo Dickinson, com interpretações brilhantes no fim e no início da canção, impedem que ela se torne a faixa mais fraca do trabalho. Felizmente, a dobradinha Smith e Dickinson ajuda a virar o jogo com a empolgante *Days of Future Past*. Tem a veia hard rock do guitarrista, variações para manter o interesse na música e um refrão sob medida para Dickinson mostrar que... Bom, em português bem claro, o cara é foda.

The Time Machine (Gers/Harris) mantém a bola rolando redondinha e, de quebra, apresenta um dos melhores refrãos do disco. Curto, mas bom de cantar. E *Darkest Hour* (Smith/Dickinson)? Linda, uma balada com classe, Dickinson dando aula e Nicko McBrain repetindo que faz muito bem: desfilar técnica e criatividade. Daí para frente, porém, *Senjutsu* entra numa espiral de bipolaridade, graças às longas músicas compostas apenas por Harris. Tem aquelas introduções típicas do baixista? Tem, e não se fala mais nisso (e na produção e mixagem magrinhas, magrinhas). No fim das contas, é o chefão que puxa o álbum para trás.

Sabe aquela guitarrinha mala seguindo o vocal? A culpa não é de Gers, porque ela reaparece em *The Parchment*, que se salva por causa de um ótimo riff, melodias orientais e ótimos solos. Aliás, são os solos, mesmo o mais sujo de Gers, o destaque de *Death of the Celts*, cuja seção instrumental no meio da canção é bem sacada.

E *Hell on Earth*, que começa de fato com uma intervenção simples e certeira de McBrain (parece até que ele estava de saco cheio dos mais de dois minutos de introdução), tem uma parte lenta que remete até mesmo ao espetáculo chamado *Rime of the Ancient Mariner*. Já seria o suficiente, mas encerra o disco em alto nível. E faz de *Senjutsu* um álbum muito mais fácil de amar do que odiar.

Daniel Dutra

THE ANGER

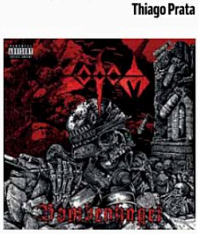
TALES FROM THE CITY - PART I

INDEPENDENTE - NAC.

9,0

Se eu estivesse em um programa do Raul Gil, com certeza tiraria o chapéu para o The Anger. Criado em 2012, o projeto paulistano já tinha em sua discografia o debut *Through Love, Anger, Pain and Sorrow* e o EP de covers *Quarantine Sessions*, ambos de 2020, antes deste novo play, *Tales From the City - Part I*. Musicalmente, Rafael Orsi (guitarra, baixo e vocais), Aivan Moura (vocais e teclados) e Fábio Moysés (bateria) estabeleceram que não importa o gênero, desde que soe bem. E isso é um dos diferenciais do trabalho, como na veia blues de *Mr. Nobody*, o hard de *Silence Is Shame* (participação de Simone Santos), a acelerada *Fire Burns Tonight* (com a guitarra de Yuri Simões, do Aeon Prime), o country/metal de *I Walk Alone* e a balada *Take me Back*. Em termos líricos, letras poderosas, sobre moradores de rua (*Ghosts*), opressão policiais em favelas e periferias (*Silence Is Shame*), políticos que só pensam em si mesmos (*Vote for Me*), entre outros temas. Sabe aquela expressão "não é só futebol"? Neste caso, não é só rock'n'roll.

Thiago Prata



SODOM

BOMBENHAGEL

STEAMHAMMER - IMP.

8,0

Não perca a conta: de 2016 para cá, a lenda thrash alemã já lançou dois álbuns completos (o ótimo *Genesis XIX* do ano passado, e *Decision Day*, de 2016), e nada menos do que cinco EPs, com este novíssimo *Bombenhagel*. Contando com um sempre inspirado Tom Angelripper no baixo e voz, Frank Blackfire (guitarra), Yorck Segatz (guitarra) e Toni Merkel (bateria), o Sodom não ameniza o ritmo de composições, e dois novos sons aparecem neste novo registro, que claro, traz também uma nova versão para a icônica faixa-título, uma velha conhecida dos fãs. Se a faixa *Bombenhagel* já surge com o jogo ganho (poderia ser arriscado sem a presença de Blackfire, sabemos como funciona o 'território sagrado dos clássicos' no mundo do metal), as duas novas é que realmente atraem a atenção, confira a violentíssima *Coup De Grace*, um hino thrash curto, direto e furioso, que mal ultrapassa os três minutos de duração. Um pouco mais longa, *Pestiferous Posse* versa sobre o Tiroteio de O.K. Corral, onde Doc Holliday, Wyatt Earp e irmãos confrontaram a temido bando de 'cowboys' de Cochise County. Quer dizer, é diversão garantida!

Valtemir Amler

POSTHUMOUS

UNHOLY CEREMONY

HAMMER OF DAMNATION - NAC.

9,0

Fundada ainda na primeira metade dos anos 90 em Criciúma (SC), a Posthumous é uma das entidades que ajudaram a transformar o Estado em uma das principais usinas do metal extremo em nosso país, e lançou o ótimo *My Eyes, They Bleed* em 1999. Porém, vinte anos se passaram sem um novo álbum de estúdio, mas eis que finalmente temos em mãos *Unholy Ceremony*, o segundo álbum da horda catarinense. Trabalhando um black metal tão vigoroso quanto melódico e cativante, eles causam ótima impressão com *Unholy Necrometal Artillery*, que traz até guitarras acústicas em sua trama soturna. Sua sucessora é a brutal e ríspida *666 Ways To Kill*, que parece até remeter aos melhores momentos do velho thrash germânico, que sempre vinha embebido em altas doses de black metal. Destaque ainda para *Hawkeyes Towards Victory* (com ótima infusão speed/thrash), os belos arranjos acústicos/atmosféricos de *The Crown Belongs to the Bravest Knight* e o encerramento brutal, com *Shub-Niggurath Ye Goat*. Eles estão de volta, e melhores do que antes!

Valtemir Amler

Brasil Revistas

MORK

KATEDRALEN
PEACEVILLE - IMP.

9,0

Formado em 2004, e tendo sempre à frente a figura do vocalista e multi-instrumentista Thomas Eriksen, Mork é uma das bandas que orgulhosamente mantém acesa a chama do velho black metal norueguês. E faz isso consciente e ferrenhamente agarrado aos velhos valores do gênero que colocou seu país natal no mapa do metal mundial. Portanto, espere um álbum com clichés do estilo, todos concebidos na medida para o nosso deleite. Em *Katedralen*, que sucede o EP *Pesta*, lançado no ano passado, a fórmula permanece imaculada. *Dødsmarsjen* é uma faixa de abertura precisa, com riffs simples e sólidos, predominantemente rápida, mas com ótimos movimentos, que incluem até um ótimo "breakdown". *Svartmalt* é uma daquelas que qualquer fã do chamado 'old school black metal' quererá cantar junto, e a cadenciada *Arv* adiciona muito ao lado dinâmico do álbum, além de trazer um ótimo refrão. Embora essa trilogia inicial seja o grande destaque da obra, nem pense em deixar de ouvir a longa *De Fortapte Sjelers Katedral*.

Valtemir Amler

BLOOD RED THRONE

IMPERIAL CONGREGATION
NUCLEAR BLAST - IMP.

8,5

A máquina norueguesa de death metal finalmente parece ter encontrado um parceiro a altura da qualidade da sua música. Depois de passagens relâmpago por Sevared, Candlelight e Mighty Music, eles estão ao lado da Nuclear Blast para este seu décimo álbum completo, e os resultados já podem ser sentidos. Se a promoção e a distribuição alcançam um novo nível, o que jamais vai mudar é a qualidade da música que eles entregam, sempre primando por uma mescla brutal de extremidade sonora com bom groove, algo como o Cannibal Corpse sempre fez muito bem. Para ilustrar essa realidade, a faixa-título já é um ótimo começo, mas eu poderia apostar que *Itika* estará entre as canções favoritas de 2021 de qualquer fã de death metal. Além delas, você certamente já está bem acostumado com os singles *Conquered Malevolence* e *6:7*, que primam justamente na mencionada mistura brutalidade/groove pungente. Com os 'riffs' cascudos de Død e Ivan Gujić, também não me surpreenderia se esse álbum caísse no gosto dos milhares de fãs de Pantera e Black Label Society.

Valtemir Amler

PESTILENCE

EXITIVM
AGONIA - IMP.

8,0

Depois daquele pequeno tempo inativo (de 2014 a 2016), o lendário Pestilence voltou à ativa lançando *Hadeon* em 2018, um álbum mais virtuoso e intenso do que os seus antecessores, e agora volta à carga com *Exitivm*. Novamente, podemos sentir que a música do fundador e principal compositor da banda, Patrick Mameli (guitarra) continua sendo extremamente marcada pela sua técnica refinada, que ganha parceiros ideais em Joost Van Der Graaf (baixo, ex-Dew-Scented), Michiel van der Plicht (bateria, ex-Prostitute Disfigurement e God Dethroned) e Rutger van Noordenburg (guitarra, Bleeding Gods). Musicalmente rico, repleto de diferentes dinâmicas e muito bem produzido (o próprio Patrick Mameli cuidou da produção), *Exitivm* destaca canções como *Sempiternvs*, *Pericvlvm Externvm* (linhas de guitarra perfeitas), *Dominatvi Svbmissa* (cheia de 'quebradas' rítmicas) e *Immortvos*, que talvez tenha o riff mais cativante de todo o álbum. Interessante também perceber o bom uso dos elementos ambientais, que criaram uma aura densa e profunda para o desenvolvimento da obra.

Valtemir Amler

STILLBIRTH

REVIVE THE THRONE
UNIQUE LEADER - IMP.

8,0

Embora não estejam entre os nomes mais conhecidos do death metal, os alemães do Stillbirth são veteranos da cena. Criado em 1999, soltou seu debut em 2003 e encerrou as atividades no ano seguinte, mas retornou em 2006 e agora chega ao seu sexto álbum completo – sem contar *Back To The Stoned Age* (2019), coletânea de canções antigas regravadas pela formação atual. O álbum *Revive The Throne*, segunda parte de uma trilogia iniciada em *Annihilation of Mankind*, pode ser considerado o mais brutal e completo, como eles mesmos já preconizavam. Embora a qualidade, a brutalidade e a fúria sejam constantes, as faixas *Degeneration*, *Man's Tormentor* e *Revolt of the Weak*, repletas de um 'groove' matador, merecem destaque. *Breed of Bestiality*, com sua bateria devastadora, também merece atenção. Indicado tanto para os fãs do death repleto de groove de Misery Index e Dying Fetus, quanto aos fãs de algo mais técnico na linha Necrophagist e Hideous Divinity.

Valtemir Amler

INSANE DRIVER

SILICON FORTRESS
INDEPENDENTE - NAC.

8,5

Cinco anos após a bem-sucedida estreia com seu autointitulado álbum, os paulistas do Insane Driver voltam a emplacar mais um disco para lá de bom. Ou melhor, ótimo! Produzido por Danilo Pozzani e gravado no Acustica Studios, *Silicon Fortress* mostra um grupo ainda mais afiado, maduro e competente em sua junção de metal, hard rock, pós-grunge e metalcore, sem que um gênero se sobressaia tanto. Sim, isso é possível, e a prova está nas 11 faixas deste play, concebido por músicos que sabem bem o que fazer com seus instrumentos, indo direto ao ponto e que ainda assim conseguem exibir suas habilidades, sem soar presunçosos. Com Eder Franco (vocal), Dan Bigal (guitarra e vocais), Dave Martins (guitarra), Cesar Castro (baixo e vocais) e Wagner Neute (bateria e teclados), o Insane Driver tem em *Silicon Fortress*, a música, o compêndio de um álbum denso, com boas melodias e peso na medida certa. Confira também *Keep Away*, a "festiva" *Insane Driver*, a intensa *Desperate Prayer*, a balada *Distant Hearts*...

Thiago Prata

Autorizado pelo Telecom @Brasil Revistas

CINCO MELHORES ÁLBUNS SEGUNDO:

MICHAEL STÜTZER
(ARTILLERY)

Metallica - *Master of Puppets*
Black Sabbath - *Sabotage*
Savatage - *Power of the Night*
Exodus - *Bonded by Blood*
Grand Fund Railroad - *E Pluribus Funk*

TOMAS LINDBERG
(AT THE GATES)

Possessed - *Seven Churches*
Death - *Scream Bloody Gore*
Slaughter - *Strappado*
Repulsion - *Horrified*
Autopsy - *Mental Funeral*

PARA MAIS RESENHAS, ACESSE O PORTAL DA ROADIE CREW

Brasil Revistas

BLACK LABEL SOCIETY

DOOM CREW INC.
SPINEFARM - IMP.

9,0

Pode culpar a pandemia, afinal, o longo tempo sem ficar na estrada parece ter feito muito bem a algumas bandas. Mais tempo em casa, mais tempo para criar e, neste caso, acrescentar surpresas. Foi o que fez Zakk Wylde e seu Black Label Society – completado pelo fiel escudeiro John DeServio (baixo) e por Dario Lorina (guitarra) e Jeff Fabb (bateria). Comecemos pela maior e melhor das novidades: o BLS agora é, de fato, um grupo de dois guitarristas, uma vez que Lorina assumiu igual protagonismo nas seis cordas.

Há uma profusão de solos alternados e dobrados que tornam *Doom Crew Inc.* um oásis para os fãs. E temos de tudo: na ótima *You Made Me Want to*, um doom com toques de hard rock, você encontra muito mais feeling do que masturbação; enquanto em *Ruins*, uma faixa típica do BLS, Wylde e Lorina abrem as portas do inferno para liberar bofes e egos. O melhor desses dois mundos está em *Gather All My Sins*, empolgante até o talo e prova inconteste de que, antes de qualquer coisa, estamos falando de ótimas músicas. Como *Set You Free*, o primeiro single (e hilário videoclipe), já havia provado. Claro, tem Black Sabbath em canções como *Destroy & Conquer* e *Gospel of Lies*, além daquele toque southern rock de Allman Brothers em *Forsaken*, mas isso é tão esperado quanto a beleza de baladas como *Forever and a Day* e *Farewell Ballad*, que poderiam estar em *Book of Shadows* (1996); e *Love Reign Down*, que nos presenteia com um dos solos mais bonitos da carreira de Wylde. Discaço!

Daniel Dutra

RAGE

RESURECTION DAY
SPV/SHINIGAMI/SOUND CITY - NAC.

8,0

Faz bem pouco tempo, ainda no ano passado o Rage lançou o álbum *Wings of Rage* em janeiro, mudou sua formação, e agora já temos um novo completo de estúdio. Certo, se você conhece o ritmo maluco de trabalho do líder, baixista e vocalista Peavy Wagner, sabe que isso não é nada além do esperado no universo do Rage. Mais do que prolífico, Peavy é também um compositor de mão cheia, e se você fizer um favor ao mundo e pular a introdução *Memento Vitae (Overture)*, já vai gostar do que ouvirá com a faixa-título: riff principal pesado e melódico, vocais limpos e rasgados, bateria firme mas não super-veloz, ou seja, aquele velho meio termo entre o thrash e o power metal que sempre agradou aos fãs. *Arrogance and Ignorance* talvez seja a minha favorita no álbum, seu ritmo pungente cativa desde o primeiro instante, mas não podemos deixar de destacar *Monetary Gods* (groove para dar e vender), o fechamento com *Extinction Overkill* e *Man In Chains*, que gruda na sua cabeça e não solta nunca mais. Aliás, *Traveling Through Time* também entraria nos destaques se contasse com um refrão melhor.

Valtemir Amler

CRADLE OF FILTH

EXISTENCE IS FUTILE
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

9,0

Para a surpresa de um total de zero fãs, o Cradle Of Filth passou por mais uma grande troca na formação depois de *Cryptoriana - The Seductiveness of Decay* (2017), e da mais recente passagem pelo Brasil, com a turnê especial celebrando as duas décadas de *Cruelty And The Beast* (1998). E digo que ninguém se surpreendeu com a saída da ótima vocalista e tecladista Lindsay Schoolcraft tanto pela 'tradição' de muitas trocas na formação, quanto pela já conhecida habilidade do líder Dani Filth para encontrar novos parceiros. Neste caso, ela é evidenciada pela presença de Anabelle Iratni, uma velha conhecida dos fãs do vocalista britânico (ela é vocalista do Devilment, outra banda de Dani). Se Anabelle ainda não teve muitas chances de mostrar-se uma boa escolha nos palcos, este *Existence Is Futile* mostra que ela é a escolha perfeita para o estúdio, como você terá chance de testemunhar em *Necromantic Fantasies* e *Black Smoke Curling from the Lips of War*, com ótimos teclados e vocais de apoio em músicas densas e emotivas. Mais um ótimo álbum de uma banda que vive uma fase incrível.

Valtemir Amler

ROUGH CUTT

III
DDR MUSIC GROUP - IMP.

5,0

Trinta e cinco anos após lançar seu segundo álbum, o Rough Cutt está de volta. Até comemoraria o lançamento de *III*, mas as músicas soam mornas, mal produzidas e longe do hard'n'heavy de *Rough Cutt* (1985) e do groove do hard rock de *Wants You!*. Culpa, talvez, da 'bad vibe' que Paul Shortino (vocal), Amir Derakh (guitarra e sintetizador) e Matt Thorne (baixo) enfrentam. Eles disputam o uso do nome Rough Cutt com os ex-membros, Dave Alford (bateria) e Chris Hager (guitarra). Ambos já vinham tocando juntos e parece que a pressa de Shortino & Cia. em se reunirem para lançar algo antes deles prejudicou o álbum. Entre músicas atuais (algumas com solos do ex-Rough Cutt, Quiet Riot e Ratt, Carlos Cavazo) e outras mais antigas e regravadas, casos de *House of Pain*, *Prowler* e *Peyote* (lançadas em 1996 como bônus de estúdio do ao vivo *Rough Cutt Live*), poucas se salvam: *Dive*, *Electric*, as próprias *House of Pain* e *Prowler* e a balada acústica *Chasing Dreams*. Polêmicas à parte, inclusive com a música *Bed of Black Roses*, que os reclamantes lançaram como *Black Rose*, *III* não supre o que se esperava do Rough Cutt.

Leandro Nogueira Coppi

AXEL RUDI PELL

DIAMONDS UNLOCKED II
SPV/SHINIGAMI/SOUND CITY – NAC.

8,5

Em meio ao seu hard rock energético, o incansável guitarrista alemão Axel Rudi Pell é mestre em dois quesitos: baladas e covers. Falando em covers, catorze anos após a primeira parte, ele lança a sequência de *Diamonds Unlocked*. Nesta, temos versões de clássicos da música pop, do indie rock, do rock'n'roll, do hard e do classic rock. A introdução instrumental *Der Schwarze Abt* é descartável, e nela a bateria de Bobby Rondinelli soa artificial. Depois, Axel surpreende com *There's Only Way to Rock* em uma versão ainda mais contagiante do que a original de Sammy Hagar – destaque para seu solo de guitarra e para a energia vocal de Johnny Gioeli. *Rock & Roll Queen* é outra que desbancou a original dos indie rock britânicos The Subways. *She's A Lady* (Paul Anka), *Sarah (You Take My Breath Away)* (Chris Norman), *Lady of the Lake* (Rainbow), *Paint it Black* (The Rolling Stones) e *Black Cat Woman* do Georgie, ex-grupo de Brian Johnson (AC/DC), também empolgam. Mr. Pell acertou na escolha do repertório e na forma em que ele e sua ótima banda revisitou as músicas escolhidas.

Leandro Nogueira Coppi

ALIRIO

ALL THINGS MUST PASS
FRONTIERS - IMP.

9,0

Alirio Netto (que neste trabalho reduziu seu nome) é conhecido como vocalista do Shaman, Queen Extravaganza e, mais recentemente, do Avalanch, além de ter

Brasil Revistas

uma bela carreira em musicais, tendo participado de montagens de "Jesus Christ Superstar" e "We Will Rock You". Porém, nem todo mundo se dá conta de que este já é seu terceiro disco solo (antes dele vieram o conceitual *João de Deus*, de 2016, e o ao vivo *The Journey so Far*, de 2019). E a primeira constatação ao se ouvir este trabalho é que Alirio, além de cantor extremamente talentoso, é um excelente compositor. Dizendo-se inspirado por George Harrison (o título do álbum é uma homenagem ao beatle), Chris Cornell e, obviamente, Queen, ele extrai o melhor desses mundos num disco equilibrado, muito bem produzido por Adriano Daga e com convidados do porte de Felipe Andreoli, Hugo Mariutti, Ivan e Andria Busic, sua esposa Livia Dabarian e Alberto Rionda (Avalanch). Preste atenção no rockão da faixa-título, na belíssima balada *Here I Am* e em *Back to the Roots*, que é Queen sem disfarces. Mas se nada disso te convencer vá direto a *Grey* e confira o belíssimo dueto de Alirio com Arnel Pineda (Journey). Aí você vai entender o que eu disse aqui.

Antonio Carlos Monteiro

INFERNO NUCLEAR

DIANTE DE UM HOLOCAUSTO

VÁRIOS - NAC.

8,5

Os paraenses do Inferno Nuclear "leram" o manual do thrash metal da bay area de São Francisco de cabo a rabo e colocaram em prática grande parte desses ensinamentos em seu debut. *Diante de um Holocausto* exibe seu cartão de visitas com *Evitamos a Vida*, *Provocamos a Morte*, cheia de riffs típicos do estilo e letra corrosiva em português. *Anjos da Guerra* vem a seguir com um acento speed e influência do heavy tradicional, enquanto *Soldados do Mal* e *Vítimas* são dois petardos que, com certeza, provocarão moshs e mais moshs ao vivo. *Alienação* e *Contra-Ataque* também causam impacto com agressividade musical e lírica. Completam o álbum as igualmente furiosas *Anarquia* e *Unidos Pelo Underground*. Se citei todas as oito faixas desse play, disponibilizado pelos selos Distro Rock, Metal Island, Bigorna e True Metal, é porque Wellington Freitas (vocal), Alexandre Durães (guitarra), Lendl Oliveira (baixo) e Jorge Raposo (bateria) fizeram bem o dever de casa. Menção honrosa às participações de Jayme Katarro (vocal, Delinquentes) e Vinicius Carvalho (Agent Steel) e para a arte de capa assinada por Márcio Aranha, que vem na escola Ed Repka.

Thiago Prata

PANACEIA

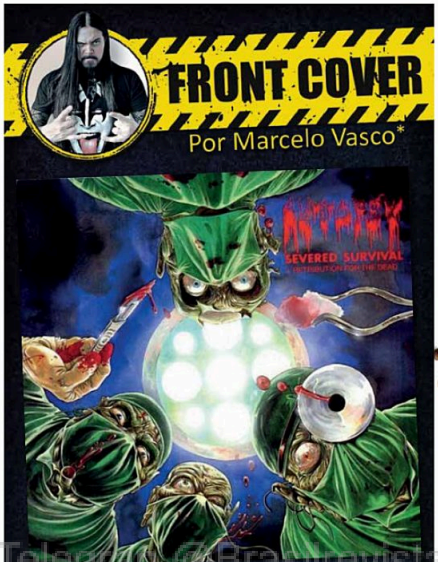
CONCRETO

INDEPENDENTE - NAC.

8,5

A banda catarinense, com sete anos de estrada, está lançando este EP de quatro faixas para antecipar seu próximo álbum completo, que deve estar disponível até o início de 2022. E apesar de se dizerem fortemente influenciados pelo nu metal, o fato é que Gabriel Vieira (vocal), Nanco Costa (guitarra), Luiz Souza (baixo) e Gustavp Castanhga (bateria) vão muito além das amarras de um único subestilo de metal. Na verdade, o grande trunfo da banda está na criatividade que traz em cada uma de suas composições – basta observar que as quatro faixas deste trabalho são bem diferentes entre si. Apostando nas afinações baixas, o que confere um peso extra ao repertório, o Panaceia aposta em arranjos criativos (ouça a primeira música, *Papel*, e perceba a forma como harmonia, melodia e até ritmo vão se desenvolvendo ao longo da faixa) e conseguiu um excelente resultado sonoro graças à produção certeira de Luiz Fernando Vieira, do estúdio Audio Arena. Como se isso não bastasse, o quarteto aposta em letras em português e consegue um resultado muito acima da média. Enfim, é um trabalho criativo, variado e competente – e se essa é apenas uma amostra, ficamos imaginando como será o disco completo.

Antonio Carlos Monteiro



Acesso exclusivo para assinantes Telegram @Brasilrevistas

AUTOPSY

SEVERED SURVIVAL

Uma das capas mais clássicas do death metal, de um álbum igualmente icônico: *Severed Survival*, debut da banda americana Autopsy, lançado em 1989. A história curiosa é que não estamos falando da capa original, mas da capa alternativa, criada pelo incrível artista gráfico britânico Kev Walker. Eu particularmente também adoro a original, mais primitiva, com traços mais "grosseiros", de autoria do artista Kent Mathieu. Imagem sangrenta, bastante inspirada pelo filme "Hellraiser", no qual um sujeito está sendo destroçado por lâminas e ganchos presos em correntes.

Porém, na época houve alguns impasses em relação à distribuição do disco, pois na Alemanha não haviam gostado da capa, fazendo a Peaceville achar que isso pudesse restringir de alguma forma o alcance comercial do disco. Assim, fez-se necessário criar uma capa alternativa, o que deixou a banda até feliz pela possibilidade de ter duas capas...

A alternativa foi uma inspiração somente da cabeça de Walker, pois a banda não havia passado muitos detalhes ou qualquer direcionamento artístico, deixando-o livre para interpretar da sua própria maneira, baseando-se apenas no nome da banda e no título do disco. Nasceu então a famosa capa com zumbis fazendo uma autópsia, sob a perspectiva de visão do "defunto". Quando a banda viu, adorou de cara!

Artisticamente já se nota um rebuscamento maior, trazendo traços finos muito mais complexos e uma riqueza grande de detalhes. A paleta de cores já é mais intensa e com belos contrastes, sem mencionar o trabalho de luz, que ficou ótimo. Duvido que algum fã de death metal não tenha comprado esse vinil na época só por causa da capa.

Kev Walker, hoje com 56 anos de idade e um portfólio invejável, continua trabalhando como ilustrador e há muitos anos se especializou em artes para quadrinhos, tendo trabalhado para a 2000 AD, Warhammer Comics e atualmente para a Marvel Comics. Assinou diversas capas do Wolverine, Avengers, Venom, The Amazing Spider Man, Dr. Strange e Black Panther, dentre muitos outros clássicos. Vale lembrar que ele também é autor de outra capa do Autopsy, *Mental Funeral*, de 1991. Mais um artista brilhante que deixou sua marca e colaborou para a estética das capas de discos de death metal.

(*) ARTISTA GRÁFICO BRASILEIRO QUE JÁ FEZ TRABALHOS PARA BANDAS COMO SLAYER, KREATOR, MACHINE HEAD, HATEBREED, SOULFLY E DARK FUNERAL, ENTRE OUTRAS.

Brasil Revistas

CARCASS

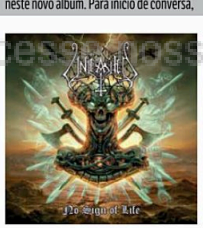
TORN ARTERIES
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

9,5

Certas bandas simplesmente não falham. Certo, eu sei que você vai falar de *Swansong*, de 1996, mas ele talvez tenha sido o disco mais adequado para o momento mais inadequado. As coisas andavam estranhas naqueles dias, e talvez o clima geral do cenário tenha feito muita gente sequer tentar compreender o que acontecia naquelas músicas. E faço essa digressão rumo ao passado simplesmente porque você vai encontrar muito daquele mesmo desejo de ir além do esperado neste novo álbum. Para início de conversa, ninguém precisa ficar assustado, por isso iniciei justamente com a frase que você leu no início dessa resenha. Aquilo que você realmente quer ouvir está aqui: *Torn Arteries* abre o álbum com aquela 'rifferama' que se tornou uma marca dos ingleses, e os vocais de Jeff Walker estão ainda mais rasgados e pútridos que antes. Porém, toda uma enorme verve de diferentes elementos se faz presente aqui, e todos perfeitamente equilibrados. A longa *Flesh Ripping Sonic Torment Limited* talvez seja a síntese perfeita dessa mescla tradição/inovação, mas você encontrará muitos outros momentos desse mesmo brilhantismo em canções como *In God W eTrust* e *The Devil Rides Out*, uma das composições mais simples e mais legais da carreira, e que faz você imediatamente agarrar a guitarra para reproduzir o riff principal. Como disse antes, certas bandas simplesmente não falham, e essa certamente nunca será uma possibilidade em qualquer banda que conte com os trabalhos de Bill Steer e Jeff Walker.

Valtemir Amler

Acesse nosso canal no Telegram: t.me/revistasbrasil



UNLEASHED

NO SIGN OF LIFE
NAPALM - IMP.

9,0

Não faz muito tempo, afinal, foi apenas há cerca de três anos atrás que o Unleashed lançou a quarta parte da sua 'Saga dos Guerreiros de Midgard', com o álbum *The Hunt For White Christ*, cuja turnê trouxe os vikings suecos pela primeira vez aos palcos brasileiros. E aqui estamos nós, novamente falando sobre a difícil gênese do novo mundo, e tendo uma brutal aula sobre como uma banda clássica deve tratar a sua música. Sim, pois neste *No Sign of Life* o que eles fazem é dar um mergulho nas suas mais de três décadas de jornada, trazendo novas composições que remetem às várias eras musicais do quarteto. Por exemplo, *The King Lost His Crown* e *The Sheperd Has Left The Flock* vão de encontro aos anseios dos fãs do som mais moderno do grupo, ao passo que o 'groove' de *Where Can You Flee* e *No Sign of Life* parecem remeter diretamente aos álbuns *Victory* e *Warrior*, de meados dos anos 90. Se a faixa-título é um mergulho ainda mais profundo no passado, talvez *Midgard Warriors For Life* até apresente alguns novos elementos, bem pensados para agradar grandes plateias.

Valtemir Amler

THE QUIREBOYS

A BIT OF WHAT YOU FANCY
30th ANNIVERSARY EDITION
OFF YER ROCKA - IMP.

9,0

Em 2020, o primeiro álbum dos ciganos ingleses, *A Bit of What You Fancy*, completou 30 anos. Ao invés de simplesmente relançá-lo, o grupo dos remanescentes Spike (vocal) e Guy Griffin (guitarra) o regravou. Completado hoje por Keith Weir (teclado e piano), Paul Guerin (guitarra) e pelos mais recentes membros, Dave McCluskey (bateria) e Nick Mailing (baixo), o atual The Quireboys respeitou as versões originais e não descaracterizou o que Spike e Griffin gravaram há três décadas com Nigel Mogg, Ian Wallace, Chris Johnstone e Guy Bailey, guitarrista que coescreveu as músicas com o vocalista. Assim, o som inspirado em Stones e The Faces (essa ainda mais pela semelhança vocal entre Spike e Rod Stewart) apenas ganhou leves e sofisticados acabamentos e uma melhor produção. Duas faixas ao vivo também são atrativos. Se você ainda não conhecia as ótimas *7 O'Clock*, *Man on the Loose*, *Whippin' Boy*, *Sweet Mary Ann*, *I Don't Love You Anymore*, *Hey You*, *Mislead*, *Roses & Rings*, *There She Goes Again* e outras, essas pérolas estão de volta e aguardam por sua audição.

Leandro Nogueira Coppi

LITOSTH

CROSSED PARALLELS
OF SELF REFRACTION
SULPHUR/COLD ART INDUSTRY - NAC.

9,0

Nascido em 2016, e contando com o multi-instrumentista Maicon Ristow, o letrista Wendel Siota (parceiros também no I Gather Your Grief) e o baterista Leonardo Pagani (Mysteriis, Le Chant Noir), o gaúcho Litosth estreia com *Crossed Parallels of Self Refraction*, que, adianto, trata-se de um dos discos de melhor atmosfera já lançados por um grupo do Brasil. Ideias belíssimas, como nos primeiros movimentos de *The Ashes of Our Discontent*, já bastariam para alçá-lo ao nível dos gigantes do estilo, com a mistura melódica e pungente de elementos death e black na medida certa para destacar os ótimos climas e melodias presentes em cada canção. Mas é na viagem climática, que literalmente nos guia para outras paisagens, que este álbum ganha o seu tom único e inimitável. Confira o clima soturno de *Inanis Carnis*, a aura lúcida e vibrante de *Desertis Translaticiis (Foundling Wheels and Baby Hatches)* e a pegada visceral de *Kharmic Meditations* e confira por si mesmo se estou exagerando. Alerta de 'spoiler': você vai viciar neste álbum!

Valtemir Amler

KENS DOJO

THE FUTURE LOOKS BRIGHT
INDEPENDENTE - IMP.

9,0

Projeto solo do guitarrista, compositor e produtor norueguês Ken Ingwersen, o Kens Dojo chega ao seu segundo álbum, *The Future Looks Bright*. E assim, como seu registro anterior, *Reincarnation* (2010), o material traz a participação de diversos vocalistas, o que transforma o disco em uma opção mais abrangente, avançando o nicho dos fãs de música instrumental. Ou de guitarra virtuose, por exemplo. Aqui, o melodic hard rock de Ingwersen conta com a colaboração de Andrew Freeman (Last In Line, Lynch Mob), Rasmus Andersen (Diamond Head), Scott Foster Harris (L.A. Guns), Age Sten Nilsen (Wig Wam), Chesney Hawkes, Truls Haugen (Circus Maximus), entre outros. Ao contrário do que pode indicar a capa distópica cinza e cheia de fumaça, *The Future Looks Bright* tem uma atmosfera empolgante, com um excelente nível de composição e musicalidade. Vale destacar o ótimo refrão de *I Wait For Nothing*, a "total Whitesnake" *Touch The Sky*, a serena *Gone* e a bonita faixa-título. Confesso: fiquei surpreso.

Matheus Vieira

THOR

ALLIANCE
DEADLINE MUSIC - IMP.

7,5

Jon David Mikl ganhou fama como bodybuilder nos anos 70. Mas para a música a história desse canadense realmente importa a partir de 1973, quando sob o nome Jon Mikl Thor iniciou uma

Brasil Revistas

produtiva carreira com a banda Thor. *Alliance* é seu 39º álbum, onde o metal tradicional continua sendo celebrado com a mesma honestidade do clássico *Only The Strong* (1985), ainda que isso inclua clichês em profusão. O destaque é quase uma "coleção" de convidados especiais. Entre os mais conhecidos temos John Gallagher (Raven) em *We Need Muscleroc*k, Bjorn "Speed" Strid (Soilwork) na ótima *Nifhelm (Realm Of The Dead)*, Neil Turbin (ex-Anthrax) aparece em *We Will Fight Forever* e *Rock Around The World* inclui Danko Jones. Mas é na espetacular *The Ultimate Alliance* que o bicho pega com os guitarristas Chris Holmes (ex-W.A.S.P.) e Ross The Boss (ex-Manowar), além das vozes de Fang VonWrathstein (Lords Of The Trident) e Nina Osegueda (A Sound Of Thunder), que rouba a cena. Todas compensam as desnecessárias *Queen of the Spiders*, *Good Stuff* e *Because We're Strong*. As coisas voltam ao normal em *Bounty Hunter*, *Thor Vs. Juggernaut (War Of The Gods)* e *After The Laughter*.

Alessandro Bonassoli

TRIBULATION

WHERE THE GLOOM BECOMES SOUND
CENTURY MEDIA - IMP.

9,0

Não é incomum (não é mesmo) bandas com um passado death metal que, seja de forma gradativa ou brusca, passam a se enveredar por outras linhas musicais. No caso do Tribulation, o som dos quatro álbuns que sucederam seu debut/petardo death *The Horror* (2009) traz uma junção de subgêneros como post-punk, post-metal, gothic rock, doom e outros, sob uma atmosfera sombria, densa e pesada (e até pop). E o mais recente e quinto trabalho de estúdio eleva a banda sueca, natural de Årvika, a outro patamar. É realmente absurdo o que os guitarristas Adam Zaars e Jonathan Hultén (este deixou o grupo após 16 anos, sendo substituído por Joseph Tholl, ex-Enforcer e Black Trip), o vocalista e baixista Johannes Andersson e o baterista Oscar Leander desenvolvem nas dez faixas do play. *In Remembrance* abre o disco com todo seu clima gótico, preparando terreno para a sombrias e intensas *Hour of the Wolf* e *Leviathans*. Mas tem mais: *Dirge of a Dying Soul*, *Daughter of the Djinn* e *Funeral Pyre* são o suprassumo da criatividade e beleza musical que emana desse quarteto que, a cada disco, redefine sua própria música.

Thiago Prata

BLACK PANTERA

CAPÍTULO NEGRO
DECK - NAC.

8,5

O peso, a fúria e a versatilidade dentro do universo crossover, explorando as várias nuances do hardcore e unindo-as ao thrash e ao punk, já seriam fatores suficientes para apontar a Black Pantera como uma das mais interessantes bandas nacionais dos últimos anos. Só que, além de sua musicalidade única, a potência de seu discurso a torna necessária no cenário brasileiro. Sempre envolvido com o movimento negro, o trio nascido em Uberaba (MG) e formado por Charles Gama (guitarra e vocal), Chaene da Gama (baixo) e Rodrigo Pancho (bateria), vinha de dois álbuns de estúdio quando lançou em 20 de novembro (Dia da Consciência Negra) o EP *Capítulo Negro*. O conteúdo do mais recente trabalho reúne inspiradas versões hardcore de *Identidade*, de Jorge Aragão, *Todo Camburão Tem Um Pouco de Navio Negreiro*, d'O Rappa, e *A Carne*, eternizada na voz de Elza Soares, canções que se tornaram hinos da luta contra o racismo. Aproveite para dar uma olhada no sensacional e cirúrgico curta de 12 minutos, dirigido por Leonardo Ramalho (Pajé Filmes), que traz essas três músicas, no YouTube.

Thiago Prata

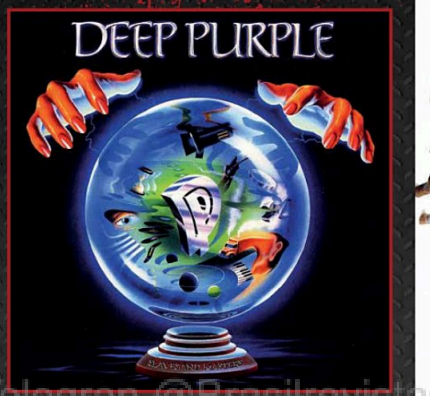
Acesse nosso canal no Telegram @Brasilrevistas

ROCK AVERAGE

QUE NOTA VOCÊ DARIA PARA?...

DEEP PURPLE

SLAVES AND MASTERS



Ser escalado para entrar em bandas que contaram com Gillan, Coverdale, Dio e Graham Bonnet não é tarefa fácil, mas Joe Lynn Turner encarou o desafio no Rainbow e, posteriormente, no Deep Purple. Ex-integrante do Fandango, ele sempre declarou que "rock deve significar algo feito com paixão".

O Purple buscava um substituto de Gillan e a vaga ficou com Turner que, à época, vinha de trabalhos com Yngwie Malmsteen. "Foi um período terrível e eles não estavam gostando que e Ritchie e eu nos tornássemos o centro das atenções, como se fosse um 'Deep Rainbow'", recordou o vocalista sobre a posição de Roger Glover (baixo), Ian Paice (bateria) e Jon Lord (teclado).

Produzido por Glover, *Slaves and Masters* saiu em outubro de 1990 e, a despeito de faixas como o single/clipe do hit radiofônico *King of Dreams*, além de *The Cut Runs Deep*, *Fire in the Basement* (single), a balada *Love Conquers All*, *Breakfast in Bed* e *Wicked Ways*, acabou sendo criticado por boa parte dos fãs e pela imprensa. "É muito melhor do que imaginam. Pessoas vêm com aquele papo de 'Ah, não, Joe Lynn Turner, não o aguentamos mais'. Falam este tipo de besteira, mas quem ouvir vai perceber que se trata de um bom disco. É um dos meus favoritos, assim como para Ritchie", analisou Turner.

Alessandro Bonassoli (colaborador): **7,5**
Antonio Carlos Monteiro (redator): **7,5**
Claudio Vicentin (editor): **6,0**
Daniel Dutra (colaborador): **5,0**
Écio Souza Diniz (colaborador): **7,0**
Guilherme Spiazzi (colaborador): **7,0**
Heverton Souza (colaborador): **6,0**
Ivanei Salgado (colaborador): **8,0**
João Messias Jr. (colaborador): **9,0**
Leandro de Oliveira (diretor de arte): **9,0**
Leandro Nogueira Coppi (colaborador): **9,0**
Leonardo M. Brauna (colaborador): **9,0**
Luiz Cesar Pimentel (colunista): **7,0**
Maicon Leite (colaborador): **8,0**
Matheus Vieira (colaborador): **9,0**
Ricardo Batalha (redator-chefe): **9,0**
Sergiomar Menezes (colaborador): **7,0**
Thiago Prata (colaborador): **7,5**
Valtemir Amler (colaborador): **7,0**

MÉDIA FINAL:

7,6

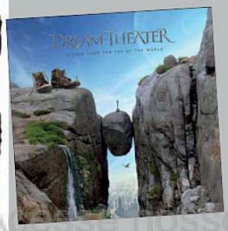
Brasil Revistas

DREAM THEATER

A VIEW FROM THE TOP OF THE WORLD

INSIDEOUT - IMP.

9,5



Nunca abandone aquela banda que você curte desde a primeira audição, não importa se tenha sido através de uma demo, do álbum de estreia ou do segundo. Não, isso não é nenhum ditado popular. Na verdade, uma constatação depois de um sem-número de audições de *A View from the Top of the World*, a nova obra do Dream Theater. E como resenha de disco é opinião, eu resumo a minha antes mesmo de ir mais a fundo no 15º trabalho de estúdio do quinteto: trata-se do melhor álbum do ícone do prog metal desde *Octavarium* (2005).

Não, isso também não se trata de um mea-culpa, afinal, nunca deixei de acompanhar o grupo, mas mesmo os últimos discos da fase anterior – *Systematic Chaos* (2007) e *Black Clouds & Silver Linings* (2009) – já não haviam me empolgado como antes. São bons, sem dúvida, assim como *A Dramatic Turn of Events* (2011), a primeira amostra de Mike Mangini (bateria) ao lado de James LaBrie (vocal), John Petrucci (guitarra), John Myung (baixo) e Jordan Rudess (teclados). Mas a sensação de que o Dream Theater havia perdido o mojo, especialmente depois da saída de Mike Portnoy, ganhou força com *Dream Theater* (2013) e o tétrico *The Astonishing* (2016), os dois trabalhos seguintes.

Distance Over Time (2019) deu uma arrumada na casa, só que muito por conta do fiasco que foi *The Astonishing*, mas é com *A View from the Top of the World* que a banda mostra por que há anos se tornou a autoridade máxima no estilo. Primeiro single, *Alien* foi o maravilhoso cartão de visitas de um Dream Theater ao mesmo tempo old school e atual. O instrumental matador inclui uma seção espetacular de solos de Petrucci e Rudess, técnicos e com feeling, por cima do groove de uma cozinha que escancara o grande destaque do álbum: Mangini. O que esse cara está tocando é desumano!

A segunda prova foi *Invisible Monster*, que traz viés comercial e até mais simples – para os padrões da banda, é claro –, com um refrão daqueles para os fãs cantarem nos shows. E é nessa linha que a banda deu vida a uma obra-prima de 6 minutos e 24 segundos: *Transcending Time*. Imagine o Dream Theater fazendo música à la "Hollywood, o sucesso"... Que música maravilhosa! É o melhor do lado mais pop e hard rock do quinteto, e com um trabalho magnífico de Rudess ao piano. Se o fã quer peso, encontra na fusão perfeita de metal e progressivo de *Awaken the Master*, mas o tom do disco está em *Answering the Call*, mais prog do que metal e que destaca ponte e refrão incríveis, além de um desfecho de tirar o fôlego com solos alternados e dobrados.

E ainda há duas das melhores músicas do Dream Theater em seus quase 40 anos de vida. *Sleeping Giant* mostra que Rudess pode e deve usar e abusar mais do Hammond, mas o instrumental brilhante, com Mangini fazendo intervenções fantásticas, ainda tem nos versos umas quebradas insanas em relação à melodia vocal. E a épica faixa-título, com seus 20 minutos? É épica, mas não cansa tamanha riqueza em sua construção. A parte lenta no meio, como se fosse um breakdown, acrescenta beleza inclusive com a breve interseção vocal (e temos aqui, também, a melhor performance de LaBrie), e o desfecho para voltar ao trecho mais rápido (Salve, Mangini!) é a cereja do bolo de um instrumental impressionante.

Daniel Dutra

SÍNDROME K

AQUI SE PAGA

INDEPENDENTE - NAC.

8,0

Thrash metal nervoso, com aura old school e estética moderna. É exatamente isso que você vai encontrar no decorrer das 12 faixas do disco de estreia do Síndrome K. E para que a mensagem chegue de forma mais direta, *Aqui Se Paga* possui letras em português. Lírica esta potente, diga-se de passagem, como fica notório em músicas como *Prataria Sacra*, a faixa-título, *Amnésia Assassina* e *Sua Bandeira*, laureadas por aqueles característicos riffs que convidam o ouvinte a bangear, cozinha pesada e uma boa dose de groove. Se você conferir na íntegra este play, vai entender o porquê de a canção *Cpragem* fechar o álbum. Não sem antes passar pelo ápice do trabalho, *For Eternity*, que, apesar do título em inglês, também é entoada quase que totalmente em português. Um início promissor a esse power trio de Salvador (BA), formado por Lula Souto (baixo e vocais), Volfer Freire (guitarra) e Pedro Hugo (bateria) e que, ao que tudo indica, tem uma longa estrada a percorrer.

Thiago Prata

MORDRED

THE DARK PARADE

M-THEORY AUDIO - IMP.

8,0

Se o EP *Volition* (2020) mostrou que os veteranos do Mordred estavam vivos, *The Dark Parade*, primeiro 'full-length' desde *In This Life* (1991), dá a certeza de que a música pesada perdeu muito com o hiato que o grupo da Bay Area viveu por mais de duas décadas. Uma das precursoras do funk metal, movimento que teve destaque no fim dos anos 80 e início dos anos 90, a banda retoma a carreira como se não tivesse parado. Scott Holderby (vocal), Danny White e James Sanguinetti (guitarras), Art Liboon (baixo), Aaron "DJ Pause" Vaugh (teclados e pick ups) e Jeff Gomes (bateria) ainda provam que, sim, é possível unir o thrash metal com scratches e alguns vocais com base hip hop e ser maravilhosamente pesado. Não seja preconceituoso e ouça. A ótima *Demonic # 7*, que abre o repertório, e a excelente *Malignancy*, que conta com a participação de Chuck Billy (Testament), vão convencê-lo que vale a pena. *I Am Charlie* poderia estar em um álbum do Anthrax e mantém o nível. Mais cadenciada, *Dragging For Bodies*, diminui o ritmo, mas sem estragar a festa, enquanto *All Eyes On Prize* e a faixa título merecem destaque também. Que o Mordred seja bem-vindo de volta!

Alessandro Bonassoli

HEAVEN & EARTH

V

FRONTIERS MUSIC - IMP.

8,0

Ainda pouco conhecido no Brasil, o Heaven & Earth não é outro projeto da Frontiers. *V* é o sexto álbum do grupo fundado em 1994 pelo guitarrista britânico Stuart Smith. Ao lado do parceiro de composições Lynn Sorensen, baixista que também cuidou da produção, mixagem e masterização do play e já integrou o Bad Company e a banda de Paul Rodgers, do italiano Gianluca Petralia (vocal), do húngaro George Barabas (teclado) e do sempre competente baterista Simon Wright (ex-AC/DC, Dio, UFO e outros), ele traz uma nova série

Brasil Revistas

de boas músicas.a As boas influências de Deep Purple, Whitesnake – da fase que durou até *Saints & Sinners* (1982) – e Rainbow certamente vão agradar aos fãs do classic rock. Não estranhe a nítida influência de Ritchie Blackmore nas seis cordas. Smith, além de grande fã, é amigo do lendário guitarrista. Mas nem por isso estamos falando de uma mera cópia ou tentativa de emular uma fórmula vencedora. A qualidade e o bom gosto de *Little Black Dress*, *Flim Flam Man*, *Drive*, *Big Money Little Men*, *Nothing To Me* e *At The End of the Day*, destaques das 12 faixas do repertório, valem cada segundo da audição.

Alessandro Bonassoli

SUICIDE NATION

HALL OF VIOLENCE
AUSTRALIS - IMP.

8,0

Se você é um apreciador do metal chileno, sabe muito bem que o país é celeiro de bandas de thrash. Caso seja leigo no assunto, conhecer a música de grupos como Nuclear, Chaotic Bastard e Ripper (este é mais thrash/death) pode funcionar como 'curso de iniciação'. E não deixe de conferir também o Suicide Nation. Naturais de Talca, na região do Maule, esses thrashers dão fim a um hiato de oito anos desde o debut *Shoot to Kill* (2012) com o agressivo *Hall of Violence*. Agressivo mesmo, a começar pela capa que já te dá uma ideia do teor de suas letras, em inglês, e da violência sonora intrínseca em suas dez faixas. O começo do álbum, com *R.R.S.* e *The Everlasting Hatred*, vai bombardeá-lo com riffs letais de Carlos Puentes e Ricardo Cuevas e os insanos vocais de Felix Arto, que soam como um meio-termo entre Tom Araya e Mille Petrozza. A cozinha de Diego Aguilar (baixo) e Matias Gonzalez (bateria) também faz bem o dever de casa de uma banda que não traz nenhuma inovação ao estilo, o que não significa um ponto negativo. Pelo contrário, é bom demais ouvir o thrash cru e direto de músicas como *Hall of Violence*, *No Hold Barred* e *Under the Gun*.

Thiago Prata

WINDING ROAD

WINDING ROAD
AOR HEAVEN - IMP.

7,0

Sim, a arte da capa é bem feia. Mas se lhe disser que temos, aqui, um AOR/melodic rock da Suécia, você deixaria de lado esse detalhe? Bom, eu fiz isso e foi a escolha certa. Formado em 2018 pelo duo Magnus Åkerlund (guitarra, baixo e teclados) e Jan Hedlund (bateria), o Winding Road conta com a companhia do competente vocalista Jonas Tyskhagen neste debut. E o resultado de tudo isso é um disco que vai ao encontro dos fãs do estilo, com muito refrão e melodias bonitas. E só. Ou seria: só? Dúvidas a parte, a abertura *It's a Matter of Survival* traz o melhor momento do repertório, mas *Take Me As I'm e Stranger In The Night* também são legais. O restante segue sem muitas surpresas. É o famoso "OK". Em miúdos: nesta sua estreia, a Winding Road pega um caminho muito mais seguro do que aquele indicado, de maneira subjetiva, em seu cartão de visitas. Finalizo com uma reflexão: se o início da banda fosse mais "sinuoso", o resultado poderia ser melhor? Vai saber...

Matheus Vieira

WEST HILL

ROCK 'N' BUBBLE
INDEPENDENTE - NAC.

7,5

Os hard rockers da West Hill, de Ponta Grossa (PR), não mediram esforços para gravar *Rock 'n' Bubble*, segundo disco da carreira. Mesmo com todas as condições adversas que esse cenário horrível de pandemia proporcionou ao cotidiano das pessoas no mundo todo, a banda conseguiu dar vida ao material, que carrega ideias antigas, guardadas desde o debut *Rockin' In The West Hill* (2013). Confesso que a produção poderia ser mais refinada, mas, levando-se em consideração às dificuldades, podemos deixar isso para segundo plano. Arrisco ainda dizer que esse "clima ao vivo" do álbum pode agradar muita gente. Individualmente, a West Hill conta com ótimos músicos, com destaque para as linhas virtuosas de guitarra de Kiko Zubek e Álamo Balzer, este também vocalista, cujo timbre me lembrou Sebastian Bach em alguns momentos. É dessa maneira que *Rock 'n' Bubble* passeia por diversas praias do hard rock: *Innocent Smile* beira o melodic rock e *Pretty Air Hostess* tem toques de Van Halen. E a minha preferida, *It Takes a Little Time*, chega com uma atmosfera de 'road movie'. A hora é de seguir em frente. E, quando puder, sair da bolha.

Matheus Vieira

LAST DAYS OF EDEN

BUTTERFLIES
EL PUERTO - IMP.

7,5

A coisa parece estar melhorando, mas ainda falta muito para que as mulheres tenham os mesmos direitos e oportunidades que homens, algo tão fundamental para a evolução humana. O Last Days Of Eden, grupo do principado de Astúrias, no Norte da Espanha, mostra com sua formação que esse caminho pode ser alcançado e mantido harmonicamente. Lady Ani (vocal), Andrea Joglar (flautas e gaitas de fole) e Sara Ember (violino) estão com Dani G. (guitarra e vocal), Javi González (baixo) e Leo Duarte (bateria) produzindo metal sinfônico de qualidade, independente das questões de gênero. E quando a música começa, você deve estar se perguntando? Bem, é óbvio que aqui encontramos similaridades com Nightwhish, Within Temptation e outras bandas do estilo. Mas não se trata de um modelo genérico. E a influência da música celta, que abrilhanta as composições, é uma prova disso. Com produção de Dani G. (cuja experiência nesse setor inclui Rage e Firewind entre outros), o terceiro álbum do sexteto acerta com faixas como *The Secret*, *Abracadabra*, *To Hell And Back*, *Abandon*, *The Journey*, *Mirror Mirror* e *Fallen Angels*.

Alessandro Bonassoli

NECRONOMICON

THE FINAL CHAPTER
EL PUERTO - IMP.

8,0

Alemanha, 1983, thrash metal. A chance de tudo dar certo era grande. Mas o Necronomicon jamais conseguiu os feitos de Kreator, Destruction e Sodom. Gravadora com problemas financeiros, disputa judicial com perda dos direitos sobre músicas e nome do grupo por 10 anos, além de não poder assinar com outro selo até 1993, incêndio no estúdio de ensaios. Não foram poucos os problemas que Volker "Freddy" Fredrich, único remanescente da formação original enfrentou. No décimo álbum, o guitarrista e vocalista demonstra que nada parece ter lhe afetado. Com os novos integrantes Rik Charron (ex-Exciter, na bateria), Glen Shannon (guitarra) e Marco Lohrenz (baixo), no grupo desde 2018, ele apresenta uma coleção de faixas com os riffs, solos, a batida marcante e a agressividade características da escola germânica do thrash. Impressiona a similaridade do timbre de voz e o estilo de Freddy com Schmier, frontman do Destruction. *I Am The Violence*, *Me Against You*, *Wall of Pain* e *Burning The Fury*, cujo riff inicial é quase um clone de *Flash of the Blade* do Iron Maiden, mostram que outros ótimos capítulos ainda podem ser escritos pelo Necronomicon.

Alessandro Bonassoli

Acesso Exclusivo Teresina @Brasil Revistas

Brasil Revistas

ALCATRAZZ

V

SILVER LINING MUSIC - IMP.

5,0

O Alcatrazz de Graham Bonnet, né? Não, pois não bastasse Tank, Great White, L.A. Guns e Ratt, a várzea dos negócios do mundo da música atinge mais um grande nome. Embora seja fundador, esta versão traz os outros fundadores, Jimmy Waldo (teclado) e Gary Shea (baixo), ao lado de Doogie White. Porém, isto ocorreu pouco tempo depois de *Born Innocent*, lançado no ano passado. Assim, tendo Joe Stump como guitarrista, você sabe que vai encontrar pela frente músicas na linha neoclássica de Yngwie Malmsteen em meio ao já conhecido estilo do Alcatrazz, além de Rainbow e Deep Purple. Some-se a isso pitadas de power metal e você saberá o que vem pela frente ao ouvir *V*, quinto de estúdio da banda criada em 1983. Claro que parece precipitado e feito às pressas para sair antes do Graham Bonnet's Alcatrazz, mas faixas como *Alice's Eyes*, *Sword of Deliverance*, *Return to Nevermore* e *House of Lies* valem a audição e o álbum conta com convidados como Nigel Glockler (Saxon), Cliff Evans (Tank) e Donnie Van Stavern (Riot). Seja como for, constata-se que Doogie White aceita qualquer parada, que o som vai na mesmice e que a história foi manchada. Vou aguardar o que vai apresentar Bonnet, que sequer teve seu nome mencionado no press release deste material.

Ricardo Batalha

KHORIUM

FORÇAS OPOSTAS

INDEPENDENTE - NAC.

9,0

Em 2019, *Idiocracia Tropical Contemporânea* cuspiu verdades na injustiça social e no comodismo. Temas existencialistas e inconformistas formaram a base lírica da dupla G. Moreira (vocal e guitarra) e Shalon Webster (bateria), que novamente têm muito a dizer em *Forças Opostas*. Recentemente, a entrada da baixista Clarice Roberta mudou o formato do Khorium para trio, mas Jeffin Rodegheri foi quem tocou no álbum. Além disso, há participações dos rappers Mc Felipin em *Mercadores da Fé* e Tatto Paschoal (Gollira) em *Punhos Erguidos*, enquanto em *Muito Fala, Nada Faz* o convidado é Jimmy London (Jimmy & Rats, Matanza Ritual). Musicalmente, a banda de Volta Redonda (RJ) continua versátil, explicitando o groove pesado, que é a sua marca. O que também permanece é a capacidade de encaixar elementos de rap ao hardcore, como em *Brasil: Terra do Caos*. A única que economiza no fôlego é *Lágrimas de Mãe*, carregada na mensagem e com clima denso. Se gosta de peso nos tímpanos e bater cabeça com breakdowns colossais, ligue o subwoofer de seu aparelho de som em *Necropolitica (Eugenics Plan)*, mas cuidado para o vizinho não bater à sua porta. Sobre o tema central, talvez a capa criada por Paulo Kalvo ajude entender melhor o significado.

Leonardo M. Brauna

FELIPE ANDREOLI

RESONANCE

INDEPENDENTE - NAC.

9,0

Se por um lado é mais do que comum guitarristas (especialmente os virtuosos) lançarem discos solo, essa é uma empreitada mais rara entre baixistas. Um dos que resolveu se arriscar por essas águas normalmente traiçoeiras foi Felipe Andreoli – que, diga-se, chegou ao final da travessia intacto. Afinal, um músico com a experiência e o traquejo dele só poderia fazer um trabalho de excelência. E ele fez. Das nove composições (uma das faixas, *Thorn on Your Side*, aparece duas vezes, em versões instrumental e com vocais), cinco são em parceria com o guitarrista Dallton Santos – as demais são de autoria apenas de Felipe. E essas, por serem mais orientadas para o baixo propriamente dito, mostram melhor a técnica absurda que ele desenvolveu ao longo dos anos – o timbre do instrumento também é digno de aplausos. Transitando entre o prog e o fusion, Felipe ainda contou com uma série de convidados de respeito, como os bateristas Virgil Donati, Simon Phillips e seu parceiro de Angra Bruno Valverde, o vocalista Dino Jelusick (Whitesnake) e seu velho companheiro Kiko Loureiro, que fez um solo como só ele é capaz de fazer em *Sagan*. *Resonance* não é um disco apenas para quem é fã de contrabaixo. É um disco para quem curte música bem feita.

Antonio Carlos Monteiro

M.ILL.ION

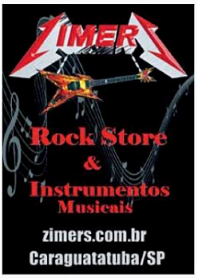
BACK ON TRACK

AOR HEAVEN - IMP.

7,5

Ao batizar seu novo (e oitavo) disco como *Back On Track*, os suecos da M.ILL.ION deixam claro que o objetivo é arrumar a casa. Para tal, o álbum, uma homenagem aos 30 anos de carreira do grupo, pede passagem com regravações de faixas dos três primeiros discos: *No.1* (1992), *We, Ourselves & Us* (1994) e *Electric* (1998). Porém, a produção agora ficou nas mãos do britânico Simon Hanhart (David Bowie, Bryan Adams, Saxon, Marillion, entre outros). E para somar um tempero extra, o repertório traz três músicas novas, que são ótimas, diga-se de passagem. Entre elas, a minha favorita é *Rising*, melodic hard rock típico, cujo refrão é cativante. O restante do conteúdo vai ao encontro da sua ligação com a banda: se já conhece os trabalhos, nada de muito novo. Mas, caso seu caminho seja a outra via, eis um ótimo cartão de visitas. Não há como não se empolgar com *Time After Time*, *Wrong Side* e *Step On The Brakes*, por exemplo. Ao lado dos novos membros Henrik Andersson (guitarra solo) e Magnus Rohdell (bateria), os fundadores Hans Dalzon (vocal), CT Rohdell (guitarra), B.J Laneby (baixo) e Marcus Berglund (teclados) garantem que *Back On Track* "não é uma reunião de homens de meia-idade cansados, mas uma tentativa séria de criar ótimas músicas".

Matheus Vieira



ROADIE PARADE

1	2	3	4	5
IRON MAIDEN SENJUTSU	DEE SNIDER LEAVE A SCAR	THE NIGHT FLIGHT ORCHESTRA AEROMANTIC II	CARCASS TORN ARTERIES	TIMO TOLKKIS AVALON THE ENIGMA BIRTH

*CLASSIFICAÇÃO OBTIDA POR MEIO DE PESQUISA REALIZADA NAS LOJAS DIE HARD (LOJA E SITE - SÃO PAULO/SP), PARANOID (SÃO PAULO/SP), HEAVY METAL ROCK (AMERICANA/SP) E BLACKOUT DISCOS (RECIFE/PE).

Brasil Revistas

O NOVO FENÔMENO DA GUITARRA METAL NO MUNDO

ROBERTO BARROS

ROADIE CREW
Heavy Metal & Classic Rock

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilRevistas

MS METAL AGENCY BRASIL orgulhosamente apresenta:

Um dos principais guitarristas de metal do mundo está lançando oficialmente o seu primeiro playthrough da música, **The Ancestry**, extraída do primeiro álbum solo do vocalista e compositor, **Edu Falaschi (Vera Cruz).**

The Glory Of The Sacred Truth (2018)

Temple of Shadows In Concert (2020)

Vera Cruz (2021)

Confira toda a técnica e musicalidade do guitarrista que tem angariado fãs ao redor de todo o mundo e levado o nome do Brasil aos principais mercados da música.

youtu.be/zh2EjpOHk4M

/RobertoBarrosContato /RobertoBarrosOficial /RobertoBarros

GUILHERME GHULTZ SICK musical STORE musiFacts ORMSBY GUITARS METAL AGENCY

foto: @WilliamHeroldstage66 aurora: www.DiamondDesign.com

Brasil Revistas

Acesse o nosso Canal no Telegram @brasilrevistas

The Night Flight Orchestra

VOANDO MUITO ALTO

Em uma conversa descontraída, Björn Strid conta como se manteve produtivo na pandemia, que ainda foi responsável por mais uma obra-prima do NFO

Brasil Revistas

Por Daniel Dutra

O que fazer quando uma crise sanitária global o impede de continuar trabalhando um recém-lançado e elogiado álbum? Compor, gravar e lançar um novo disco ainda melhor que o anterior. Foi o que Björn "Speed" Strid (vocal), David Andersson e Sebastian Forslund (guitarras), Sharlee D´Angelo (baixo), Jonas Källsbäck (bateria), Anna-Mia Bonde e Anna Brygård (vocais de apoio) e o novato John Lönnmyr (teclados) fizeram com o The Night Flight Orchestra. E os caras conseguiram mais uma vez, porque *Aeromantic II* nasceu favorito a figurar nas listas de melhores lançamentos de 2021 - e alguns pódios não serão nenhuma surpresa, diga-se. Para saber um pouco mais sobre a nova incrível mistura de pop, rock, soul, funk e AOR do octeto, batemos mais um ótimo papo com o empolgado Strid.

Primeiramente, como você está enquanto vivemos essa pandemia interminável?

Björn Strid: Tem sido interessante, para dizer o mínimo. São tempos estranhos, e aqui na Suécia não tivemos exatamente o que podemos chamar de lockdown. Tudo esteve e está aberto, apesar da seriedade da doença, então eu acho tudo muito estranho, realmente. Mantive-me produtivo neste período todo porque foi a forma de me manter dentro da minha bolha e não enlouquecer (risos), por isso tenho feito bastante coisa com o Night Flight Orchestra e também com o Soilwork, além de colaborações. Eu estou em movimento, mas também estou fisicamente e mentalmente descansado, porque essa foi a primeira vez que pude parar em 20 anos. Normalmente, é sempre um disco atrás de turnê atrás de outro disco e de outra turnê, e por aí vai. Nunca para, por isso a pausa do ano passado veio a calhar, acontece quando estamos em atividade normal, passando muito tempo fora e dormindo pouco. Quando temos pausas, elas nunca duram muito tempo porque todo aquele ciclo recomeça. Acredito que muitos músicos concordam comigo quanto a estar em casa e fazer coisas que normalmente não temos tempo, mas, por outro lado, as turnês são sempre uma forma de escapar dos nossos problemas. Sem elas, muitos de nós tivemos de lidar com a realidade das coisas, sem ter como nos esconder dos problemas.

E eu iria perguntar exatamente isso. Ou seja, além de ter se mantido produtivo, o que você pôde fazer porque antes nunca encontrava tempo para tanto...

AEROMANTIC II
Nuclear Blast/Shinigami - Nac.

Björn: Ah, eu li bastante nesse tempo em que fiquei e estou em casa. É claro que posso ler quando estou em turnê, mas a verdade é que isso nunca acontece. Mas o melhor de tudo foi que eu também pude simplesmente ficar sentado fazendo absolutamente nada, e isso é pura arte! (risos)

desse período sem turnês, certo?

Björn: Ah, sim, e o disco aconteceu naturalmente porque ficamos muito animados com o primeiro *Aeromantic*, depois de termos trabalhado tanto para que ele acontecesse, com atenção aos detalhes. Depois disso, planejamos a turnê e chegamos a começá-la em março do ano passado, na Europa, mas tivemos, como todas as outras bandas, que interrompê-la depois de uma semana. Quando isso aconteceu, nos perguntamos: 'E agora? O que faremos? Ainda não esgotamos esse álbum, mas também não podemos ficar sentados esperando'. Decidimos criar novas músicas, porque é assim que somos e funcionamos, sendo criativos, compondo e gravando músicas, tendo um disco em mente ou não. Assim, agendamos o estúdio e tentamos nos manter dentro da nossa bolha, como eu mencionei antes, porque tínhamos muita coisa boa pronta que nos apontava para um álbum completo. No entanto, tanto do ponto de vista musical quanto do ponto de vista emocional, nós não havíamos encerrado o ciclo do *Aeromantic*, afinal, quando se grava um disco, espera-se tocá-lo ao vivo também, e esse é o ponto alto de todo o processo. Por isso nomeamos o novo trabalho de *Aeromantic II*, para que possamos levar o primeiro junto na turnê quando as coisas voltarem a acontecer.

Ok, você respondeu à pergunta que eu faria na sequência (risos), mas devo dizer que não esperava um novo álbum, até porque a banda vinha lançando singles como *Impossible* e *Paper Moon*, que acabaram ficando mesmo restritos às plataformas de streaming, assim como *Cabin Pressure Drops* e *Satellite*...

Björn: Mas eu acredito que, em algum momento, nós reuniremos todos esses singles lançados entre os álbuns numa espécie de coletânea. Talvez seja

"Em Aeromantic II, quisemos criar essa sensação de trilha sonora."
Björn Strid

mas não que eu quisesse que existisse uma pandemia, claro, e especialmente ter passado o verão em casa (risos). Mas este ano, especialmente neste verão, eu gostaria de já estar tocando nos festivais, o que também não aconteceu. Cara, está começando a ficar entediante! (risos). Mesmo me mantendo ocupado, é claro que eu quero tocar ao vivo e até mesmo ir aos shows como espectador. Esse período sem turnês realmente me ajudou a criar uma rotina em casa, coisa que nunca

Simplesmente existir, sem fazer nada. Pude treinar meu cachorro, porque adotei um cão da raça Welsh Corgi no ano passado, mas não é 'cachorro corona', daqueles que as pessoas saíram adotando feito loucas para não se sentirem sozinhas. E vou levá-lo a uma exposição na próxima semana. É um hobby meu.

E o novo álbum do Night Flight Orchestra acabou sendo uma consequência direta da pandemia, um resultado

assim, o que seria legal. Gostamos de fazer coisas inesperadas, como lançar esses singles, e normalmente não decidimos se eles estarão ou não num disco, mas concordo que eles precisam ser lançados em formato físico.

Voltando a *Aeromantic II*, a banda está com um novo tecladista, John Lönnmyr, que toca com você no Act of Denial, nono supergrupo de death metal melódico. Bom, não sei se é coincidência,

Brasil Revistas

mas os teclados estão mais proeminentes e, também, incríveis no novo álbum.

Björn: Com certeza! E foi muito bom ter o John na banda, deixá-lo livre para fazer o que quisesse. É claro que criamos tudo juntos no estúdio, mas também o deixamos solto para experimentar sons, e acredito que temos a mesma visão sobre desenvolver o som do Night Flight Orchestra numa direção ainda mais cinematográfica. Em *Aeromantic II*, quisemos criar essa sensação de trilha sonora.

Jonas Kallsbäck, David Andersson, Anna Brygård, Sebastian Forslund, Björn "Speed" Strid, Anna-Mia Bondé, Sharlee D'Angelo e John Lönnmyr: a turma que deu vida a um dos melhores disco de 2021

Jonas Kallsbäck

Acesse nosso conteúdo também em Brasil Revistas

Quando se ouve esse disco com fones de ouvido, tem-se a impressão de um roteiro, de uma história em movimento, dá para se sentir num filme (risos). Creio que tivemos sucesso ao criar essa bolha cinemática com ele.

Aproveitando o gancho cinematográfico, vamos falar de *Burn for Me*, porque o videoclipe é tão incrível quanto a música. E parece um curta-metragem...

Björn: Concordo! E fiquei muito feliz com o resultado! É uma música animada, para cima, e creio que todos nós imaginamos o fim da pandemia daquela forma, com as pessoas dançando pelas ruas, saindo de suas casas quase como aconteceu ao fim da Segunda Guerra Mundial, só que misturado à energia dos anos 1980. É como uma celebração, uma energia bacana. A nossa intenção era essa, e foi difícil encontrar, em Estocolmo, um lugar que se parecesse com Nova York ou Londres, com algum beco, mas conseguimos achar um lugar legal. Os atores e dançarinos também ficaram muito bem, exatamente como eu havia imaginado. E teve bastante improvisação, aliás, como, por exemplo, eu dançando, algo que eu nunca havia feito antes (risos). Mas é autêntico, porque eu sou mesmo assim! É claro que nos divertimos fazendo essas coisas, mas também levamos nosso som a sério, atentando aos detalhes e tudo mais. Não é como se uma banda de heavy metal tivesse se juntado e falado 'Ah, vamos fazer um projeto tipo REO Speedwagon e Foreigner', porque não é assim tão simples. É bem mais profundo, e acredito que as pessoas conseguem enxergar isso, a autenticidade da banda e a presença da música. Ter o Soilwork e o Night Flight Orchestra me traz equilíbrio, porque são os meus dois lados juntos.

E há outro videoclipe que representa bem essa autenticidade, o de *White Jeans*, que ainda traz uma mensagem importante: o apoio e o respeito à comunidade LGBTQIA+.

Björn: E foi tudo bem espontâneo. Tínhamos a música, e eu comecei a planejar o vídeo. Tenho um grande amigo, Frederik Lexfors, que é um artista, ator e dançarino, e não lembro bem como chegamos ao conceito visual do clipe. Mas ele, que também está no videoclipe de *Burn for Me*, comentou que estava interpretando uma mulher num musical, e imediatamente me deu um clique! Deveríamos fazer algo nesse sentido para lançar *White Jeans*, com ele dançando, e também seria um tributo legal para a comunidade LGBTQIA+. Além de ser um vídeo muito divertido, é uma história bonita sobre um cara velho que, há 20 anos, não ousaria ser quem ele realmente é. Ele queria se vestir de mulher, mas desistia e ficava vendo o tempo passar, até que um dia se deu conta e resolveu ser novamente aquela pessoa confiante e corajosa. É inspirador e bonito, e as pessoas não deveriam ter medo de ser quem são.

"EU SABIA QUE TÍNHAMOS ALGO AUTÊNTICO E ESPECIAL, (...) MAS NÃO ESPERAVA QUE A COMUNIDADE DO METAL NOS ACEITASSE TÃO ABERTAMENTE."
BJÖRN STRID

Aproveitando a boa vibração, músicas como *Burn for Me*, *White Jeans* e *You Belong to the Night*, do novo álbum, e tantas outras da banda provam o que falo desde que escutei *Internal Affairs* (2012) pela primeira vez: é impossível escutar NFO e ficar parado, porque dá vontade de dançar e se divertir...

Björn: Sim, é isso mesmo! O Night

Brasil Revistas

Flight Orchestra tem esse efeito libertador, e creio que é por isso, também, que todos na banda se tornam tão criativos e produtivos, porque tudo serve, não há limites sobre o que podemos fazer. Talvez vir do mundo do heavy metal, onde há muito 'isso pode' e 'isso não pode'... Bom, é claro que é possível se desenvolver dentro do metal, e o Soilwork mostra isso, mas acredito que só agora a comunidade do metal esteja aberta e objetiva a outras coisas. Mais do que nunca, é bom dizer. Uma coisa é certa: os fãs de metal que compõem a comunidade buscam autenticidade. Eles conseguem apontar facilmente se uma banda está fingindo ou não, conseguem sentir se há verdade naquela música, e creio que é por isso que, mesmo que você venha da cena black metal, se consegue gostar de uma banda como o NFO. Parte disso é porque somos ousados e corajosos, mas também porque assim como ele, há vários outros amigos e colegas de bandas de metal que nos recomendam para os seus colegas e amigos.

E devo dizer que o Night Flight Orchestra tem cativado instantaneamente o fã brasileiro que ouve a banda pela primeira vez...

Björn: É difícil ter essa estimativa, mas vejo bastante atividade dos brasileiros em nossas redes sociais, por isso acredito que em algum momento poderemos fazer uma turnê em seu país, o que eu adoraria!

Nosso tempo está terminando, então vou adiantar algumas perguntas. Como estão as coisas no Soilwork?

Björn: O disco novo está praticamente pronto. Faremos mais uma semana de gravações e então teremos todas as músicas finalizadas. Esperamos poder lançá-lo em algum momento na primavera (N.R.: outono no Brasil, ou seja, no segundo trimestre de 2022).

E gostaria de falar do At the Movies, que considero uma das melhores coisas que aconteceram durante a pandemia. Como surgiu o projeto?

Björn: Ah, começou com Chris Laney, que é um velho amigo meu. Ele me ligou um dia extremamente entediado e querendo fazer algo, então falou sobre uma ideia que tinha, de gravar clássicos de trilhas sonoras dos anos 1980 numa versão hard rock, e eu disse Ok. Perguntei quais músicas ele tinha em mente, e Chris falou sobre *No Easy Way Out*, do Robert Tepper e que está em "Rocky IV" (1985), o que me deixou bastante animado, porque sempre quis tocar essa música! Começamos com ela, mas não havia um plano sobre o que faríamos, apenas que seríamos um bando de músicos de outras bandas (risos). Havia meus amigos do Hammerfall (N.R.: o guitarrista Pontus Norgren) e do King Diamond (N.R.: o baixista Pontus Egberg), que também queriam participar, e todo mundo acabou se empolgando a ponto de lançarmos a segunda música, depois a terceira, enquanto as pessoas nos perguntando quais seriam as próximas (risos). Ou seja, foi uma empolgação geral (risos). É muito louco como o At the Movies cresceu e teve esse impacto de levantar o ânimo das pessoas.

Vocês lançaram um álbum voltado aos anos 1980 e já gravaram um com foco em trilhas sonoras de filmes dos anos 1980. Caso decidam voltar à década de 1980, há uma música do filme "Amor Sem Fim" (1981) que tenho certeza de que você adoraria gravar: *I Was Made for Loving You*.

Björn: (N.R.: Strid faz uma cara de surpresa) Essa música está num filme?

Sim, mas pouca gente lembra ou sabe, e como você é, assim como eu, um grande fã das fases *Dynasty* (1979) e *Unmasked* (1980), do Kiss...

Björn: Uau! Olha, essa é uma boa dica, e agora eu preciso conversar com os rapazes (risos).

A propósito, já que esta não é uma entrevista especificamente sobre heavy metal, você escutou o *Now and Then*, do Paul Stanley's Soul Station?

Björn: Sim, e achei muito bom! Achei incrível ouvi-lo cantar Motown, porque eu também tive essas mesmas influências. As cantoras e os cantores da Motown sempre foram uma inspiração para mim.

Já estouramos o tempo, então para terminar, mesmo, uma pergunta que o redator-chefe da ROADIE CREW, Ricardo Batalha, pediu para fazer: no Night Flight Orchestra, você já considerou a possibilidade de um álbum com covers de bandas como Chic, Delegation, Bee Gees, Earth Wind and Fire, Kool & The Gang e afins?

Björn: Estamos sendo cuidadosos sobre fazer muitos covers, porque temos medo de nos tornarmos conhecidos por causa disso. Queremos ser conhecidos e reconhecidos por nossas próprias canções, mas é claro que isso pode ser um projeto interessante para o futuro. De repente, como um EP com faixas extras. Algumas músicas são boas demais para serem regravadas... (N.R.: Strid para, pensa e brinca) Assim disse o cara que regravou músicas boas demais no At the Movies (gargalhadas).

Obrigado por mais um bate-papo. O espaço final é seu.

Björn: Eu é que agradeço, e nós trabalharemos duramente para conseguirmos levar a turnê do Night Flight Orchestra até o Brasil, então continuem espalhando a banda para os seus amigos. E obrigado por serem tão bons apoiadores da nossa música. Esperamos vê-los em breve!

> "O Night Flight Orchestra tem esse efeito libertador, e (...) não há limites sobre o que podemos fazer."
>
> Björn Strid

Brasil Revistas

Iconoclastor, Surgath, Goat Perversion, A. Lordgrimm, E. Lord Wizard e Devilish, formação que concebeu *Battletales And Songs Of Steel*

Contos de batalha revisitados

Acesso Restrito Brasil Revistas

Às portas de celebrar duas décadas, clássico álbum de estreia da horda catarinense recebe nova e luxuosa edição

Por Valtemir Amler

Quando falamos de clássicos do metal nacional, é simples olhar para trás e mencionar todos os álbuns fantásticos que fizeram história nas décadas de 80 e 90, firmando o caráter e a relevância do nosso cenário para o mundo. Mas é com muita felicidade também que percebemos que essa qualidade e relevância não ficaram perdidas no tempo e com o passar dos anos novas obras vão chegando para integrar o célebre panteão dos clássicos. *Battletales and Songs of Steel*, debut da banda catarinense de black metal Great Vast Forest, é um desses novos clássicos e acaba de receber uma nova edição comemorativa das suas duas décadas. Para relembrar os dias de seu lançamento original, celebrar a sua relevância e conferir as atividades atuais de uma de nossas melhores hordas, conversamos com o vocalista Surgath.

***Battletales and Songs of Steel*, está prestes a completar vinte anos de seu lançamento original e nesse interim se tornou um dos clássicos do metal negro nacional. Vamos começar pelo óbvio: como vocês se sentem hoje, diante do legado que esse álbum representa?**

Surgath: Lembro-me até hoje dos primeiros dias de gravações do *Battletales and Songs of Steel* no antigo Estúdio Hagnna, na cidade de Lages (SC). Foram dias de persistência, dedicação, foco e paciência, pois estávamos gravando algo inédito em um estúdio que nunca havia gravado metal extremo e tivemos que direcionar o produtor do álbum ao resultado que queríamos no disco. Isso foi foda! Eu diria que, de forma indireta, *Battletales and Songs of Steel* foi gravado e produzido pela própria banda, e ao lembrar disso fica um sentimento de orgulho pelo resultado final e pela contribuição da banda para o cenário black metal nacional. Ele ser hoje em dia considerado um clássico nos faz pensar que todo aquele empenho, dedicação, horas de viagens para ensaios e tudo o mais valeu a pena, valeu muito cada minuto dedicado e hoje vemos que estávamos no caminho certo, focados em um trabalho que viria a ser um marco na história da banda e do black metal. Vê-lo agora completar vinte anos de sua gravação e lançamento, com a intensidade que ele ainda transmite, é gratificante e muito foda.

Para muitos, seu álbum de estreia foi o primeiro contato com a música de vocês, e mesmo com o metal extremo catarinense. Para estes, o impacto era gigante: tínhamos uma banda chamada Great Vast Forest e um álbum de nome *Battletales and Songs of Steel*. Tudo soava épico, diferente do usual. Você poderia nos dizer de onde partiu a inspiração para esses títulos?

Surgath: O nome Great Vast Forest, remete a 'Florestas da Transilvânia'. A ideia para o nome da banda surgiu do filme 'Drácula, de Bram Stoker', de 1992. Em um momento do filme, ele cita a Transilvânia como 'a land beyond a great vast forest' e eu percebi naquele exato momento que este era um nome que ao

Brasil Revistas

mesmo tempo transmitia um sentimento épico e sombrio, exatamente o que eu procurava para nomear a banda. Depois, quando gravamos a demo, precisávamos de um nome forte para apresentá-la. Fizemos uma lista de títulos e o escolhido foi *Where the Warriors Ride* por trazer esta conexão 'grande e vasta floresta / onde os guerreiros cavalgam'. Isso expressava perfeitamente as ideias da banda e meio que oficializava o nosso estilo, que nomeamos 'barbarian black metal'. Para a escolha do nome do debut, focamos nos temas das músicas e das letras do álbum, que versam sobre batalhas épicas. Novamente fizemos uma grande lista de possíveis nomes para o álbum e o que melhor se revelou foi *Battletales and Songs of Steel*, 'Contos de Batalhas e Sons do Aço'.

Também como impacto inicial, vinha a incrível arte da capa. Fale-nos mais sobre ela, a ideia central e como foi concebida.

Surgath: O responsável por criar a arte da capa de *Battletales and Songs of Steel* é o cartunista do Iron Maiden, Michel R. Ele foi contratado na época para fazer o desenho da capa, lembro que fizemos uma reunião da banda e estávamos todos em uma mesa bebendo e conversando, e esta reunião era para criação do esboço da capa do álbum. Começamos a expor as ideias e visões do que poderia ser incluído nela, sempre interligando com as letras, ideologia da banda e atmosfera das músicas, e juntos fizemos um esboço, a ideia do que nós queríamos, que seria algo como uma legião oculta de bárbaros guerreiros atacando, empalando e matando os cavaleiros da cruzada, tudo isso acontecendo em meio a uma grande e vasta floresta. Esse rascunho foi enviado para o artista, e com a interpretação da ideia, ele criou o desenho que surgiu. Ainda acho sensacional a capa de *Battletales and Songs of Steel*.

Se a direção de arte dava show, a música não ficava para trás, muito pelo contrário. Algumas coisas precisam ser ressaltadas no trabalho de vocês nesse álbum e uma delas é o ótimo trabalho nos vocais, que são bastante variados, nunca ficando apenas nos ríspidos tradicionais do gênero. O que pode nos contar sobre a sua abordagem específica para esse disco e como a desenvolveu àquele nível?

Surgath: Os trabalhos de vocais nos álbuns da Great Vast Forest, tanto em *Battletales and Songs of Steel*, quanto no segundo álbum, *From the Dark Times to the Black Metal Legions*, são fortemente influenciados pela música do Bathory. Com estas variações de vocais rasgados intercalados com vocais limpos buscamos uma sonoridade mais épica e sombria. Claro que para alcançar este nível é preciso muita dedicação, muitos ensaios e foco para as gravações.

A dinâmica também impressiona em *Battletales*... Quer dizer, o álbum acelera forte, mas também ganha o ouvinte em passagens mais densas e mid-tempo. Isso foi uma preocupação de vocês na época, gerar um álbum que mantivesse essa constante ideia de movimento, como tropas em uma batalha?

Surgath: Essa dinâmica em *Battletales and Songs of Steel* foi totalmente espontânea, estávamos todos focados em compor e gravar algo original, porém sempre influenciados pelo black metal (ideologia, música, atitude e estilo de vida), e sim tivemos este cuidado de colocar as músicas no álbum de uma certa forma que tenha lógica, interligando as passagens entre as músicas, como atos, ou ainda, como partes de um filme épico.

BATTLETALES AND SONGS OF STEEL
Covil Records - Nac.

Também gostaria de destacar o ótimo trabalho dos teclados, que junto com as linhas ríspidas e melódicas trabalhadas na voz e guitarras, geram o intenso clima épico do disco. Gostaria que comentasse esse trabalho dos teclados, até porque muitas bandas tinham muito receio em usar esse recurso no black metal daquela época.

Surgath: Acreditamos que a inclusão do teclado no black metal cria uma atmosfera ainda mais sombria, épica e profana, e foi justamente pensando nisso que resolvemos mantê-lo nas composições do Great Vast Forest. Esta visão já vinha lá dos anos 80, nos primeiros álbuns do Celtic Frost, ou ainda nos primeiros trabalhos das bandas Samael e Rotting Christ, em que estes usavam passagens de teclados para atingir o clima sombrio de suas músicas. Neste mesmo sentido, usamos os teclados para atingir os sentimentos mais profundos em nossas composições. Hoje em dia, olhando a diversidade de bandas que incluíram teclado em suas composições e que atingiram resultados que podem ser classificados como perfeitas obras de arte sombrias e profanas, é impossível negar o seu valor. Veja os primeiros trabalhos do Limbonic Art, que são magníficos, ou ainda a brutalidade sonora aliada na atmosfera dos teclados da banda Odium, no seu álbum *The Sad Realm of the Stars* (1998). Aquilo é perfeito, então, os teclados têm a sua importância na criação da atmosfera sombria no black metal.

***Battletales*... acabou de ser relançado em uma edição luxuosa. Fale-nos sobre esta nova edição do álbum.**

Surgath: Este relançamento é uma edição comemorativa de vinte anos da gravação do álbum e também é dedicado à memória do grande Goat Perversion (ex-guitarrista da banda, falecido em 2018). Este relançamento é de responsabilidade da gravadora Covil Records, que desenvolveu um trabalho gráfico surpreendente, é realmente uma edição de luxo em versão digipack, com novo layout, fotos inéditas, slipcase e que ainda traz como bônus a demo *Where the Warriors Ride*, o que é ótimo para quem não conseguiu adquirir em versão tape. Este relançamento também ajudou quem ainda não tinha este álbum em formato físico, e que hoje em dia encontra-se esgotado há mais de uma década, tornando-se acessível novamente com esta edição especial. Vale destacar que *Battletales and Songs of Steel* também foi relançado em LP pela gravadora Mutilation Records em 2016, a qual também fez um trabalho incrível neste lançamento, com encarte duplo, pôster e material gráfico de qualidade numa edição limitada de 500 cópias.

Vivemos uma época complicada... Ainda assim, existem planos no horizonte da Great Vast Forest?

Surgath: Sim, no momento estamos trabalhando nas novas composições para o próximo álbum, e nossos planos são muito em breve gravar estas novas músicas, lançar o próximo disco e, se possível dentro desta nova realidade mundial, realizar shows para divulgar o novo trabalho. Agradecemos pela divulgação do trabalho da banda Great Vast Forest nas páginas da ROADIE CREW e em especial a você, Valtemir, por apreciar os álbuns lançados pela banda. Deixo aqui também o nosso muito obrigado ao pessoal que nos acompanha durante todos estes anos.

Brasil Revistas

Cliff Montgomery

Após um álbum ao vivo e outro completo de estúdio, Jarvis Leatherby, Jim Barraza, Greg Lindstrom, Robert Garven e Tim Baker revisitam o passado clássico no EP *Half Past Human*

CIRITH UNGOL

Acesse nosso canal no Telegram @Brasilrevistas

NÃO MAIS SOB AS AREIAS DO TEMPO

Tim Baker fala sobre o retorno triunfal e a retomada musical de uma das grandes lendas do metal americano

Por Valtemir Amler

Nascido ainda nos primeiros anos da década de 70, o Cirith Ungol é um dos pioneiros do metal nos EUA, e não são poucos aqueles que o mencionam entre os pioneiros do doom. Preocupado mais em desenvolver sua música do que em participar dessas discussões, o grupo debutou oficialmente em 1981 com *Frost and Fire* e seguiu com *King of the Dead* (1984), *One Foot in Hell* (1986) e *Paradise Lost* (1991). Porém, diante de poucas expectativas na então nova década, encerrou atividades em 1992. Em uma longa conversa telefônica, o vocalista Tim Baker revelou que sempre houve propostas para um retorno, mas que não havia empolgação na banda para voltar à ativa. A coisa só veio a mudar em 2015, quando o mundo finalmente assistiu a retomada da carreira de um dos gigantes obscuros do heavy metal. Baker falou sobre o processo de retomada, dos primeiros shows até as novas composições, detalhando o passo a passo da reestruturação do grupo, que acaba de apresentar o EP *Half Past Human*, sucessor de *Forever Black* (2020).

Como, depois de mais de duas décadas parado, o Cirith Ungol voltou à vida?

Tim Baker: Todo o processo foi muito guiado por um grupo de pessoas, especialmente pela organização do festival Keep it True e Jarvis Leatherby, que é um dos caras mais batalhadores do cenário do heavy metal, seja nos bastidores ou sob os holofotes com suas bandas, entre elas o Night Demon, que curto muito. Como disse, estávamos parados há mais de duas décadas e sempre houve pessoas que nos encontravam e diziam que deveríamos voltar, mas para nós o Cirith Ungol era assunto encerrado. Porém, eu e Rob (N.R.: Robert Garven, baterista) nunca deixamos de nos falar. Jarvis também estava em contato conosco por muito tempo, então um dia ele conseguiu nos convencer a fazer uma pequena aparição no Keep it True, um dos festivais que organiza na Alemanha. Topamos porque não havia compromisso e não iríamos tocar, pois ele queria que comparecêssemos para conhecer e sentir o clima em um grande evento como aquele. Logo que chegamos ficamos chocados ao ver pessoas com seus coletes cheios de patches, e um dos mais frequentes era o do Cirith Ungol. Aquelas pessoas apareceram com toneladas de material para assinarmos e eu não conseguia acreditar que existiam tanta gente que ainda lembrava de nós e queria o nosso retorno. Eu sempre acreditei que isso era um desejo de poucos, mas ver toda aquela comoção em torno do nosso nome foi definitivamente o ponto inicial para o retorno do Cirith Ungol.

Até então vocês ainda nem estavam fazendo jams juntos, certo?

Tim: Não, eu e Rob permanecíamos apenas como amigos, não era mais uma ligação musical, eu diria. Mas o passo que mudaria isso veio quando Jarvis resolveu criar o Front and Fire Festival na minha cidade (N.R: Ventura, Califórnia). Na primeira edição nós nem participamos efetivamente, aparecemos apenas para uma sessão de autógrafos. Mas a questão é que aquela foi a primeira vez que eu, Rob, Greg (Lindstrom, baixo) e Jim (Barraza, guitarra) estivemos juntos como Cirith Ungol em mais de vinte anos, algo impensável para nós por muito tempo. Lembro que estávamos andando pelas ruas e tomando algumas cervejas enquanto Jarvis já esta-

Brasil Revistas

va tramando o próximo passo (risos). Ele começou a falar que seria uma honra se nos uníssemos para ser a banda principal na próxima edição e disse que deveríamos apenas pensar no assunto. Era só uma fagulha no ar (risos). Fizemos nossas melhores caras de desânimo e dissemos que tudo bem, que pensaríamos no caso desse show único, mas começamos a tocar logo depois disso. Passamos a nos reunir, em segredo, no estúdio do Night Demon e foi muito legal ver Rob montando sua bateria vinte anos depois, com aquele mesmo brilho nos olhos... Decidimos fazer apenas aquele show e quando ele aconteceu decidimos fazer outros. Sentir aquela energia de novo nos fez pensar algo como: 'É isso aí, o Cirith Ungol está de volta! Vamos realmente nos contentar em tocar apenas as velhas canções?' Com o sangue pulsando quente nas veias, não conseguia pensar em nada melhor para fazer do que começar a compor músicas novas.

A primeira nesse processo foi o single *Witch's Game*, certo?

Tim: Isso mesmo! E existe uma história por trás dessa música, pois estávamos começando a escrever novas canções, não havia nada finalizado ainda, e eu vi em algum lugar na internet que estava sendo desenvolvida uma animação chamada 'Planet of Doom' (N.R.: do diretor Tim Granda). Enviei uma mensagem para ele dizendo: 'Temos uma música chamada *Doom Planet* e acho que seria uma boa colocá-la no seu filme.' Eu não tinha ideia de que ele era um grande fã do Cirith Ungol e em trinta segundos ele respondeu, todo animado: 'Cara, não acredito que é você! É sério isso?' Por fim, ele decidiu que usaria *Doom Planet* durante os créditos, e mais, já que estávamos de volta, ele nos perguntava o que achávamos de criar um tema especificamente para uma cena do filme, já que ele é todo baseado em música e não existem diálogos. Ele me enviou o script de 'Planet of Doom' e me confundi todo, claro (risos). Escrevi um épico de mais de oito minutos sobre o filme, enviei para ele, que me respondeu dizendo: 'Cara, essa música é incrível, mas era para ser apenas para a cena x' (muitos risos). Tive que compor tudo de novo... (mais risos) Deu trabalho, mas foi incrível também, pois estávamos de novo sentindo aquela pressão e empolgação de estar de volta ao jogo, trabalhando em estúdio de novo em algo que realmente seria lançado. Essa é a melhor sensação de todas. Estávamos no The Captain's Quarters (N.R.: estúdio de Armand John Anthony, guitarrista do Night Demon) gravando uma nova música do Cirith Ungol... Como poderíamos ter um recomeço melhor?

Antes de um novo trabalho de estúdio saiu o ao vivo *I'm Alive* (2019), uma ótima maneira de reintroduzir a banda no cenário e de mostrar a formação, que agora inclui Jarvis Leatherby.

Tim: Sim, e esse era nosso intento. E foi engraçado, pois gravamos duas apresentações, uma no festival Up the Hammers, em Atenas (GRE), e outra na Alemanha, acho que no Hammer of Doom Festival, ambos em 2017. Tínhamos as duas apresentações gravadas, então escolhemos a que teve o melhor som, que foi a da Grécia. No fim das contas, é uma ótima apresentação do nosso antigo catálogo e uma boa representação de como soamos ao vivo hoje.

E foi no mesmo ano que vocês estrearam em um palco brasileiro, no festival Setembro Negro.

Tim: Aquele show foi absolutamente inacreditável, a plateia foi incrível, tudo

HALF PAST HUMAN
Hellion - Nac.

Acesse o canal do Telegram com revistas

foi fantástico! Aquelas pessoas realmente estavam ali para curtir nosso show, a maioria delas não acreditava que um dia teria a chance de nos ver ao vivo. Teve gente que estava esperando há mais de 35 anos para nos ver! Ficamos emocionados com a acolhida. Foi um dos melhores shows da minha vida, posso garantir isso!

O próximo passo foi o lançamento de *Forever Black* (2020).

Tim: E esse foi um dos maiores saltos de nossa carreira. Considero *Forever Black* o melhor disco que fizemos em toda a nossa jornada, pois todos os elementos de um grande álbum estão nele. É muito consistente, tem uma ótima sonoridade, boas ideias de arranjos, performances musicais firmes, melodias cativantes, variação rítmica...

Basta observar a diferença entre *Legions Arise* e *The Frost Monstreme* para perceber isso logo de cara...

Tim: Sim. Além disso, ainda tem tanta energia naquelas músicas, que realmente são boas, então fico muito empolgado que tenha sido um álbum tão bem recebido. E isso era fundamental para nós, pois não queríamos ser bem recebidos apenas por sermos uma antiga banda voltando à ativa. Queríamos ser acolhidos por estarmos novamente fazendo música de qualidade e acho que conseguimos.

Enquanto ensaiam o próximo passo, temos o EP *Half Past Human*, que revisita quatro peças históricas do seu catálogo.

Tim: Decidimos fazer isso basicamente para manter a máquina em movimento. Veja, quando estávamos trabalhando em *Forever Black*, já trabalhávamos em *Brutish Manchild*, que saiu no flexi disc da revista Decibel. Na mesma época, começamos a trabalhar numa versão para *Half Past Human*. Então, acho que foi Jarvis quem sugeriu que deveríamos escolher mais algumas do antigo catálogo e revitalizá-las com a nova formação, mostrar como soariam hoje em dia. Foi tudo uma questão de aproveitar a oportunidade.

Para encerrar, o que você acha de a banda estar sendo referida hoje como uma das precursoras do doom metal?

Tim: Pois é, tenho ouvido falar bastante a respeito nos últimos anos, e claro que me sinto muito honrado, mas vou lhe falar que não deixa de ser engraçado. Quer dizer, quando *Frost and Fire* (1981) foi lançado, alguns críticos escreveram que nós éramos a pior banda da história do heavy metal, então, fomos de 'pior banda' para 'precursores do epic doom metal' (risos gerais). Pelo visto, a pausa de mais de vinte anos serviu para alguma coisa (risos). Sinto-me honrado com isso, mas na verdade acho que estamos em algum lugar entre a pior banda de todos os tempos e os precursores do doom (risos gerais).

Bem, um dia o Hellhammer também foi chamado de 'pior banda de todos os tempos' e também é uma banda lendária...

Tim: É verdade, e sabe o que é mais engraçado? Antes de eles começarem a atuar como Hellhammer, tinham contato conosco. Eles costumavam enviar cartas para nós, chegaram até a nos mandar as primeiras fitas que gravaram. Eram pessoas muito legais, e eu ouvi a história que, quando eles decidiram mudar o nome para Celtic Frost, a inspiração teria vindo de *Frost and Fire*. Um dia eu gostaria de conversar com o Tom (N.R: Tom Gabriel Warrior, guitarrista e vocalista, atual Triptykon) para descobrir se isso é verdade. Cara, isso seria uma honra sem tamanho!

Brasil Revistas

Vinicius Cenbaer

Raphael Miranda, Niper Boaventura, Jonathan Dörr, Theo van der Loo e Jean Dolabella: conquistando fãs ao redor do mundo

EGO KILL TALENT

VOLTANDO À VIDA NORMAL

Depois de dois lançamentos em meio à pandemia, *The Dance Between Extremes* e *Ego Kill Talent Acoustic*, só agora a banda vai poder mostrá-los ao vivo

Acesse Brasil Revistas

Por Antonio Carlos Monteiro

O Ego Kill Talent é um quinteto sediado em São Paulo, mas nenhum dos músicos é paulista. Praticamente todos são multi-instrumentistas, o que faz com que a banda tenha três guitarristas, três baixistas e dois bateristas. Apesar de relativamente novo, o grupo conquistou considerável sucesso na Europa e nos EUA. Seu segundo disco, *The Dance Between Extremes*, foi gravado no estúdio do Foo Fighters e, além de abrirem shows da banda, os músicos acabaram ficando próximos de Dave Grohl. Porém, Jonathan Dörr (vocal), Theo Van Der Loo (baixo e guitarra), Jean Dolabella (ex-Sepultura, bateria e guitarra), Raphael Miranda (bateria e baixo) e Niper Boaventura (guitarra e baixo) também sofreram com os inúmeros problemas gerados pela covid-19 e só agora estão dando os primeiros passos para apresentar o novo trabalho ao vivo. Falamos sobre tudo isso e muito mais com Jonathan e Theo.

Antes de qualquer coisa, acho o nome da banda genial! E, de certa forma, ele conta uma parte da história do rock nacional, já que teve muita gente que se perdeu justamente pelo ego...

Theo Van Der Loo: (risos) Acho que é da história da humanidade... (mais risos) É a sina do ser humano.

A banda teve início em 2014 e de lá para cá vocês já lançaram três discos de estúdio, sendo um acústico, já dividiram palco com bandas internacionais e conseguiram sucesso no exterior. É um tempo relativamente curto para tudo que vocês já fizeram...

Jonathan Dörr: Principalmente se você pensar que num determinado momento a gente saiu do Brasil. Mas a gente vem de uma ralação com outras bandas, e foi a experiência que a gente adquiriu nesses outros projetos que proporcionou isso.

As bandas não gostam muito dessa pergunta e eu até evito fazer, mas no caso de vocês não tem jeito: nesse emaranhado de estilos em que o rock pesado se transformou, em qual vocês se encaixam? Eu confesso que não cheguei numa conclusão...

Theo: Que bom! (risos)

Jonathan: Eu acho que é rock e ponto! Porque a gente é um caldeirão de influências. Se você entrar no nosso camarim antes de um show, vai ouvir Phil Collins, que é algo que todo mundo gosta, ou Lenny Kravitz ou alguma coisa pop. Eu sou uma esponja, sempre absorvo muitas coisas. E quando a música bate pra mim pra valer eu compro na hora.

Theo: Uma coisa que aconteceu com todo mundo na banda é que todos começaram na música com o rock, mas uma coisa em comum é que todo mundo curte muito pop. E é uma coisa genuína. É normal a gente estar ansioso pra ouvir o novo disco do Metallica e chorar quando escuta um Tears for Fears (risos).

Uma característica interessante no Ego Kill Talent é o fato de vocês serem multi-instrumentistas, então há uma grande troca de instrumentos. E vocês fazem isso nos shows também.

Jonathan: Pensa no pepino que é isso! (risos)

Theo: Mas isso aconteceu de um jeito supernatural, não teve nada planejado. No começo a gente não tinha baixista. E o Raphael, que tinha sido baterista da minha antiga banda, ouviu uma demo nossa e quis fazer parte. Eu lembrei que o Jean era o batera, mas acho que ele já chegou na maldade... (risos) Ele falou que tocava baixo, sem problema nenhum. E teve um dia que o Jean chegou no ensaio e pegou a guitarra para mostrar um riff novo. Ele pediu para o Raphael ir para a bateria e eu peguei o baixo. E a gente

Brasil Revistas

escreveu essa música assim. É *We All*, que saiu no primeiro disco (*Ego Kill Talent*, 2017). E como fluiu bem pra cacete, a gente resolveu comprar essa briga e tocar essa música com aquela formação. E eu costumo dizer que nesse momento a gente abriu a caixa de pandora. A partir daí, quando a gente vai compor não tem limite. Quando estamos compondo, já definimos quem vai tocar o que e vai ser assim ao vivo também.

Vocês lançaram dois discos e eles foram antecipados por EPs com todo o material. E estão lançando *Ego Kill Talent Acoustic* no mesmo formato. Por que adotaram essa estratégia?

Theo: O primeiro foi uma coisa meio orgânica. A gente lançou o primeiro EP porque queria sentir como a banda soaria em gravação. A gente não tinha disco, nem músicas para lançar um álbum completo. Então, gravamos o primeiro EP. Na hora em que entramos em estúdio, como já tínhamos mais músicas, surgiu a ideia de gravar as outras e dividir em dois EPs. Assim poderíamos manter uma constância de lançamentos em disco. Ou seja, a gente já olhava para aquilo como a construção de um disco. Em *The Dance Between Extremes* (2021) foi diferente. Foram três EPs também, mas a razão foi outra. A gente ia lançar de uma vez. Ele foi gravado antes da pandemia, a gente soltou o primeiro single, que foi a música *NOW!*, e o plano era lançar o primeiro single de rádio no início da turnê com Metallica e Greta Van Fleet que a gente ia fazer aqui no Brasil (N.R.: a tour inicialmente aconteceria em abril de 2020, foi transferida para dezembro e enfim cancelada). A gente também ia fazer um festival no México, depois íamos abrir para o Metallica em uns festivais nos EUA e em seguida faríamos uma tour com o System of a Down na Europa. Aí o álbum sairia e ficaríamos em turnê mais um ano sem parar, promovendo o disco. Quando a pandemia chegou, tivemos que rever tudo. Num primeiro momento, seguramos o lançamento, mas quando vimos que a coisa estava feia e que não ia ter show nenhum no mundo, revimos a estratégia. A gente decidiu fatiar o lançamento para ter uma constância de novidades durante esse período.

Deve ter sido traumático ver cair uma quantidade tão grande de shows...

Jonathan: E não era só isso, na sequência do System of a Down estava praticamente certo de a gente fazer uma turnê com o Foo Fighters na Europa e alguma coisa com o Faith no More. Bizarro, cara...

Falando sobre o disco acústico, deu muito trabalho verter as músicas para esse formato? Porque o instrumental de vocês é bem pesado...

Jonathan: Acho que não, porque, apesar de as músicas terem essa roupa mais pesada, todas elas são canções. E aí a gente volta à questão anterior: nós temos esse ponto de convergência, a gente se encontra na música pop. Só que a gente reveste essas canções com uma roupa mais pesada. A energia que a gente joga fica muito mais animal, mas a versão acústica também tem seu valor no aprofundamento da sensibilidade.

Vocês vão muito para o exterior, mas achei interessante que vão bastante para os EUA, já que a maioria das bandas pesadas acaba indo mais para a Europa e não tanto para os EUA. A que acham que isso se deve?

ACOUSTIC
BMG - Nac.

Theo: Acho que é um monte de coisa junta... Acho que é a junção da música com toda uma equipe que trabalha com a gente e faz a coisa acontecer. A gente ficou quinze semanas entre as trinta músicas mais tocadas nos EUA este ano. E tem mérito de muita gente que trabalhou para isso acontecer. Primeiro de tudo, a música tem uma verdade, porque é isso que conecta as pessoas. E depois tem esse universo de gente ajudando a fazer acontecer. É um trabalho diário! Durante a pandemia a gente trabalhou todos os dias.

Jonathan: Eram entrevistas, calls diários com agências, com empresário, com gravadora, tudo isso pra fazer a banda funcionar como um time. Nossa gravadora, a BMG, tem feito esse trabalho junto com a gente e ajuda muito a nos colocar onde queremos chegar. É muito importante essa força.

Theo: Mas mesmo antes de termos empresário e gravadora a gente já funcionava nesse formato. Como todo mundo já tinha experiência no music business, quando éramos só nós cinco já trabalhávamos com bastante foco e disciplina. E conforme foram surgindo gravadora, empresário etc., todos iam agregando naquilo que já funcionava.

O último disco completo, *The Dance Between Extremes*, foi gravado no estúdio do Foo Fighters, o 606, e vocês também abriram shows da banda. Como foi esse contato com eles, em especial com o Dave Grohl?

Theo: A gente abriu pra eles no Brasil, em 2018. Eram eles, o Queens of the Stone Age e a gente. Depois do segundo show, levamos uma garrafa de uísque de presente pro Dave Grohl e daquele dia em diante passamos a beber com ele depois de todos os shows (risos). No estúdio da banda, todos os músicos passaram lá em algum momento. E o Dave é um cara fora da curva. Muito carinhoso, muito acelerado, completamente hiperativo... Uma pessoa legal de se estar junto. E ele foi baterista da maior banda de rock do mundo e depois virou vocalista de outra maior banda de rock do mundo... (risos)

Vocês fizeram um show no formato drive-in no Allianz Parque, em São Paulo, e até lançaram um EP desse show. Agora, não é muito estranho ouvir buzina em vez de aplausos? Você não se sente no meio de um congestionamento?

Jonathan: (risos) É bizarro! Muito bizarro! Mas foi um momento incrível porque a gente estava com muita saudade de subir no palco. E quando aquilo aconteceu foi como uma libertação. Só que foi muito estranho a falta de contato, de ver a reação das pessoas. Você fica imaginando o que eles estão sentindo dentro do carro. E de repente começam a piscar a luz e buzinar! (risos)

Esse show está no YouTube com um vídeo para cada música e há vários outros vídeos de vocês na internet. Hoje em dia não dá pra separar a música da imagem?

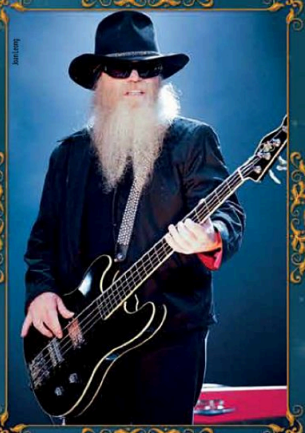
Theo: Ah, faz muita diferença, cara... A gente vive uma era audiovisual. Nem todo mundo sabe, mas o lugar em que mais se consome música atualmente é o YouTube.

Jonathan: É doido isso, cara. Mas ao mesmo tempo existem os lyric videos, que acabaram substituindo a arte que existia nos encartes. Durante um tempo, houve um limbo, porque você ouvia as músicas mas não tinha as letras pra cantar junto, e o lyric video veio pra isso. Acaba virando uma peça de arte digital.

Brasil Revistas

DUSTY HILL

☀ 19/05/1949 † 28/07/2021



Por Antonio Carlos Monteiro

Às vezes a gente pensa que os caras que passamos uma vida inteira admirando são imortais. Acontecimentos recentes vêm provando que não é bem assim. A morte repentina do baixista do ZZ Top, Dusty Hill, foi só mais uma notícia chocante dentre tantas que temos recebido nos últimos tempos.

Joseph Michael Hill nasceu e cresceu em Dallas, no Texas. Logo cedo passou a se interessar por música, juntamente com seu irmão, Rocky Hill, e ainda na infância começou a aprender cello. Apaixonou-se pelo blues, o que era chocante para as famílias brancas. "Era comum as crianças levarem discos para ouvir com os amigos na casa deles", lembrou ele em entrevista ao Guardian. "E os pais dos meus amigos ficavam chocados quando eu aparecia com discos de Son House ou Muddy Waters. Eu pensava que todo mundo tinha aqueles discos..."

Quando Rocky virou guitarrista e arrumou um baterista para formar uma banda, Hill pegou o baixo. Ele tinha 13 anos. Mais tarde, os irmãos Hill juntaram-se ao batera Frank Beard e tocaram em várias bandas locais, como o American Blues. A essa altura, Hill já tinha deixado o cabelo crescer e pintado de azul. O que foi uma boa ideia: "Ser músico no Texas naquela época sempre envolvia algum tipo de risco. Mas como meu cabelo era azul, o pessoal evitava mexer comigo. Achavam que eu era louco..."

Buscando mais visibilidade, o American Blues resolveu mudar para Houston, onde havia maiores chances de sucesso. Rocky se recusou. A banda pretendia se aproximar mais do rock e ele queria ir fundo no blues. Assim, Hill e Beard foram e Rocky ficou. Ele criou uma boa fama como guitarrista de blues. Chamava a si mesmo de "anti-Clapton" e era considerado o guitarrista mais selvagem do blues branco texano. Morreu aos 62 anos, em 2009.

Em Houston, Hill e Beard conheceram um certo Billy Gibbons, guitarrista e vocalista que tocava na banda psicodélica Moving Sidewalks, e deram início, em 1969, ao ZZ Top, uma das formações mais sólidas da história do rock – foram 52 anos de estrada.

Hill, além do baixo, assumiu os vocais principais em algumas faixas e gravou discos clássicos, como o megaplatinado *Eliminator* (1983). Letras com algum duplo sentido, muito bom humor e músicas simples e grudentas garantiram o sucesso do trio.

Em 1976, a banda teve que dar uma parada de três anos para Beard tratar o vício em drogas. Dusty, então, arrumou um emprego no aeroporto de Dallas: "Eu queria me sentir uma pessoa normal depois de tanto tempo me apresentando." Na época, Dusty e Billy não usavam as barbas enormes, o que fez com que poucas pessoas o reconhecessem. Quando voltaram à ativa, em 1979, já ostentavam as barbas que se tornaram sua marca registrada.

Em 1984, Dusty Hill envolveu-se num acidente patético: estava tirando a bota e a pistola que carregava dentro dela caiu, disparou e acertou-o no abdome. Falando à Classic Rock em 2010, ele declarou: "Até hoje não sei como consegui fazer aquilo... Mas sabia que precisava de ajuda, então entrei no meu carro e guiei até o hospital. Só quando cheguei lá que eu percebi o quanto era sério e entrei em choque."

Teve outros problemas de saúde em 2000, quando foi diagnosticado com hepatite C, o que forçou a banda a cancelar a turnê europeia, e em 2014, quando caiu no tour bus, machucou o quadril e teve que ser operado. Isso também forçou o cancelamento de alguns shows.

Hill também fez algumas aparições no cinema, como em 'De Volta para o Futuro, Parte III' (1990), em que aparece junto com o ZZ Top.

Em 23 de julho deste ano, teve que abandonar a tour por conta de problemas no quadril – foi substituído pelo técnico de guitarra da banda, Elwood Francis. Cinco dias depois, foi anunciado seu falecimento. As causas não foram reveladas. Mas foi informado que o ZZ Top continua na ativa. Segundo Billy Gibbons, foi um pedido que o próprio Dusty lhe fez: "Ele agarrou meu braço com força e disse: 'Peguem Elwood e vão adiante!' Ele falava sério, amigo, ele realmente queria isso."

Tres Hombres (1973)

Fandango! (1975)

El Loco (1981)

Eliminator (1983)

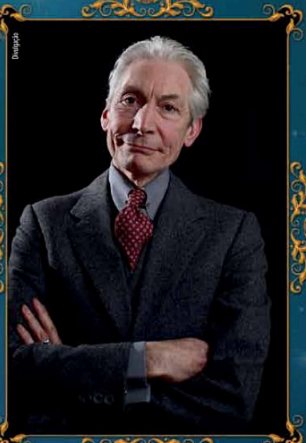
Mescalero (2003)

Brasil Revistas

CHARLIE WATTS

☀ 02/06/1941 † 24/08/2021

Por Antonio Carlos Monteiro



Ele foi casado com a mesma mulher por inacreditáveis 56 anos. Era dono de uma coleção de carrões, mas não tinha carteira de motorista. Era complicadíssimo achar o cara, já que nem celular ele tinha. Ele não era um rockstar. Aliás, ele não queria ser um rockstar. Na verdade, o rock nem era seu estilo musical favorito. Mas mesmo assim, ele foi o baterista de uma das maiores bandas de rock que passou pelo planeta Terra.

Charles Robert Watts nasceu em Londres, filho de um motorista de caminhão e de uma dona de casa, em meio à II Guerra Mundial. Conheceu o jazz através de seu vizinho, Dave Green, um baixista que foi amigo de Watts até o fim de sua vida. No dia em que viu o baterista Chico Hamilton tocando decidiu qual seria seu instrumento. "Eu queria tocar que nem ele, com escovas." Aos 14 ganhou seu primeiro kit de bateria e começou a tirar músicas ouvindo sua coleção de discos de jazz. Formou-se em desenho e começou a trabalhar na área ao mesmo tempo em que tocava em bares e clubes de jazz.

Ao mesmo tempo, uma banda iniciante o conhecera num desses clubes e Charlie passou a ser uma espécie de "sonho de consumo" para eles. Acontece que o grupo não podia pagá-lo e o batera já garantia um bom dinheiro tocando jazz e blues. Essa banda se chamava Rolling Stones.

Mesmo assim, Charlie Watts topou fazer algumas participações com a banda até que em um show no dia 2 de fevereiro de 1963, no Ealing Jazz Club, em Londres, ele se tornou um membro efetivo do grupo. Segundo Watts, "eu topei entrar nos Stones e passei as décadas seguintes olhando o traseiro de Mick Jagger de cima do palco."

Sempre manteve uma postura elegante e discreta, até a época em que, no início dos anos 80, enfrentando problemas no casamento com Shirley, começou a beber e abusar das drogas. "Foi a minha crise de meia-idade", definiu. E esse foi um dos motivadores para um dos episódios mais marcantes da carreira do baterista. Num belo dia em Amsterdã (HOL), em 1984, Mick Jagger se referiu a Watts como "meu baterista". Charlie enlouqueceu. Foi até o quarto de Jagger e desferiu um poderoso cruzado na cara dele. "Nunca mais diga isso. Você é que é meu vocalista!" Tempos depois, num misto de sinceridade e ironia, Charlie comentou que "provavelmente não faria aquilo novamente."

Tempos depois, a crise com Shirley foi superada e ele se livrou dos demônios da bebida e das drogas. Ao mesmo tempo, assumia o papel importantíssimo de "algodão entre os cristais", sempre apaziguando e promovendo o entendimento entre Jagger e Richards, que se pegavam quase que diariamente no final dos anos 80.

Um momento difícil aconteceu quando foi diagnosticado com câncer de garganta em 2004. Passou por tratamento de radioterapia e se recuperou totalmente. Segundo ele, Jagger o procurou e disse que a banda tinha um disco para gravar – *A Bigger Bang* (2005) –, mas que isso só aconteceria se Charlie estivesse 100%. "Eu gravei o disco e nós entramos numa turnê que durou dois anos", lembrou o batera. "Parece que sempre que damos uma parada eu caio doente. Talvez eu deva continuar, então..."

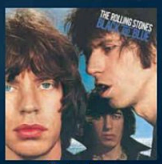
Nos últimos anos, a banda entrou em um ritmo bem mais moderado de shows. As turnês passaram a ter menos datas e o intervalo entre as apresentações aumentou.

Principalmente graças a Charlie. Jagger comentava que cada vez que falava em cair na estrada Watts reagia com um desanimado: "De novo?" Mas acabava cedendo e fazia seu trabalho com a competência de sempre.

Por conta da pandemia, a turnê americana que havia sido agendada para 2020 foi remarcada para setembro de 2021. Nos exames médicos que a banda sempre faz antes das tours, diagnosticou-se um problema em Charlie que o obrigou a se submeter a uma cirurgia e cancelar sua participação. As notícias que se seguiram davam conta de que o procedimento a que ele havia se submetido tinha sido um sucesso. Porém, no dia 24 a notícia surgiu, devastadora: Charlie Watts havia morrido, cercado pela família, num hospital em Londres. O ritmo e a elegância impecáveis davam adeus.

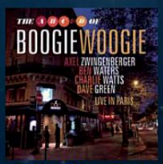
Between the Buttons (1967)

Get Yer ya-Ya's Out (1970)



Black and Blue (1976)

Tattoo You (1981)



The ABC&D of Boogie Woogie Live in Paris (2012)

Brasil Revistas

Joan Carles Marí, João Sassetti, Albert Martí, Eloi Boucherie e Martín Méndez lançam o segundo álbum completo em dois anos de existência da banda espanhola

Sonia Arriga

UMA NOVA CADEIA DE COMANDO

Acesse nosso canal no Telegram @Brasil Revistas

Banda espanhola aprofunda sua jornada pelo death metal progressivo com o novo *Dancing into Oblivion*

Por Valtemir Amler

Em 1997, o baixista uruguaio Martín Méndez se uniu ao Opeth e, desde então, já ultrapassa as duas décadas de experimentalismo musical irrestrito ao lado do vocalista e guitarrista Mikael Åkerfeldt, a principal mente criativa do grupo sueco. Porém, a vontade de experimentar com manifestações musicais diferentes – algumas delas bastante extremas – nunca foi plenamente satisfeita na alma do baixista, que no ano passado finalmente resolveu lançar a sua própria banda, em que assumia para si o posto de compositor principal. Assim nasceu o White Stones, que estreou oficialmente com o álbum *Kuarahy*, de 2020. Embora tenha sido bastante elogiado, as obrigações de momento não permitiram que Méndez e seus parceiros, Eloi Boucherie (vocal), Albert Martí e João Sassetti (guitarras) e Jordi Farré (bateria), cumprissem nem mesmo uma pequena janela de promoção, algo que parece ter sido aproveitado para trabalharem no segundo capítulo de sua jornada de estúdio, *Dancing into Oblivion*. Para sabermos mais sobre o novo projeto e sobre como andam as coisas com o Opeth, falamos com Méndez.

Você pode nos falar um pouco sobre a origem do White Stones?

Martín Méndez: Sempre que estou em casa, quando tenho alguns dias de folga depois das turnês do Opeth, gosto de sentar e compor algumas músicas ou simplesmente partes e versos que possam ser usados no futuro. Sempre tive esse compromisso, mas desta vez eu queria algo mais sério. Eu queria que a música tivesse a forma exata como desejava que ela soasse: o método de gravação, a mixagem, tudo, algo que nunca fiz antes. A verdade é que eu tinha colecionado um monte de material no HD do meu computador e depois de um tempo isso começa a aborrecer, pois você já não vê mais sentido em fazer tudo aquilo simplesmente sem motivo nenhum. Desta vez eu queria dar vazão e realmente deixar tudo pronto para ter um produto real e finalizado nas mãos. Esse foi o plano original, pois eu não tinha a intenção de montar uma banda ou de lançar um álbum, mas queria finalizar aquelas músicas incompletas que se amontoavam no meu arquivo.

Como esse processo chegou a outro patamar?

Martín: Eu tinha umas seis músicas prontas e elas estavam soando muito bem, parecia um material realmente forte. Resolvi mostrar aquelas canções para algumas pessoas e quando eu vi já estava com uma proposta da Nuclear Blast nas mãos (risos). Foi aí que as coisas começaram a ficar sérias. Acredite se quiser, mas foi apenas naquele momento que comecei a pensar em algumas coisas bastante básicas, como o nome da banda, por exemplo (risos). Nada disso havia realmente sido planejado e o rumo que as coisas tomaram realmente me surpreendeu. Mas penso que isso foi muito bom, garantiu certa espontaneidade ao conjunto da obra, que, convenhamos, era algo que no fundo eu sentia que um dia precisaria fazer. Eu precisava de um projeto em que pudesse me expressar 100% como músico e como indivíduo, e o White Stones me deu isso.

Então a ideia original era algo ainda mais centrado em você do que aquilo que ouvimos nesses dois álbuns, certo?

Martín: Isso mesmo. Na concepção original, eu faria os vocais e tudo mais. Eu queria contratar apenas um baterista, pois todo o restante eu mesmo poderia fazer. Antes do Opeth eu era vocalista, então não me parecia um grande desafio cantar

Brasil Revistas

as músicas que eu mesmo componho (risos). No fim das contas, eu fiz o teste, cantei algumas demos e detestei o resultado (risos). Não me senti confortável no papel de vocalista e pedi para o meu vizinho na época cantar no White Stones. Esse vizinho era Eloi Boucherie. Ele estava disponível e preparado, eu tinha as músicas e um contrato nas mãos, então acho que tudo aconteceu no momento certo e da melhor maneira possível para todos nós.

O início foi de um projeto paralelo, mas hoje, com um segundo álbum lançado, você diria que o White Stones se tornou de fato uma banda?

Martín: Realmente, o White Stones começou como um projeto paralelo meu, já que tudo dependia de mim, e ainda é um tanto assim, pois a maior parte do processo de composição e todo o restante ainda é predominantemente responsabilidade minha. No entanto, a verdade é que não consigo mais olhar para os meus companheiros e imaginar que eles fazem parte de um projeto paralelo meu. Existe muita dedicação deles para eu assumir todo o crédito, então o White Stones é uma banda. Eloi escreve as letras, trabalha duro comigo para conceber as melhores linhas vocais, isso é trabalho de banda, não de projeto. Não mais. Quem sabe um dia eu tenha de fato um projeto, mas daí será algo mais voltado para o instrumental, mais focado no contrabaixo, algo assim. E, claro, o Opeth é uma banda com uma agenda muito concorrida, então teremos que ver uma forma de encaixar o White Stones nela.

Você disse que originalmente pretendia cantar nessa banda, então imagino que os guturais sempre foram a opção.

Martín: Sim, e eu nem sei cantar de outra forma, acredite (risos). Os vocais guturais sempre foram a minha coisa, então eles já se tornaram a primeira opção e foi assim que comecei a pensar nessas músicas. A mesma coisa o death metal, pois em nenhum momento pensei em tocar outro estilo. Sempre foi bastante claro para mim que, se eu quisesse me expressar musicalmente por completo, teria que ser com um plano de fundo death, pois é nesse gênero que concebo as minhas ideias. Não é um estilo mais típico ou tradicional, mas é enraizado no death e acho que as pessoas têm recebido muito bem essa proposta.

Sim, a resposta tem sido massiva, e não deixa de ser surpreendente. Quer dizer, ao ver seu nome relacionado ao White Stones, todos esperavam por algo mais parecido com o Opeth, o que não aconteceu. Nem nos velhos tempos o Opeth soava como o White Stones.

Martín: Sim, é algo totalmente diferente, e é verdade que esperavam algo mais Opeth vindo de mim, acho que todos esperavam isso. Fico feliz que você evidencie essa diferença, pois assim os novos ouvintes não chegam até o White Stones com uma ideia equivocada. Então, muito obrigado.

Com relação às letras, você disse que Eloi foi o compositor, mas não foi assim em *Kuarahy*, certo?

Martín: Não, no álbum de estreia as letras são predominantemente minhas, acho que ele fez apenas duas. Mas em *Dancing into Oblivion* ele assumiu essa tarefa por completo e todas as letras são dele.

Seria por isso que a parte gráfica do álbum também mudou tanto, para refletir essa transformação no campo lírico?

DANCING INTO OBLIVION
Nuclear Blast/Shinigami - Nac.

Martín: Sim, você está caminhando pelo caminho certo, é isso mesmo. Mas é engraçado porque a arte em *Kuarahy* é uma pintura de um famoso pintor catalão, hoje falecido, Manuel Molí. Ele foi um artista incrível de Barcelona, dono de uma abordagem única, essa coisa meio sinistra e muito bonita, chamativa. Minha parceira o conhecia e nós compramos essa arte há algum tempo. Quando estava pensando na arte da capa para *Kuarahy*, aquele desenho logo me veio à mente, pois ela parecia encaixar perfeitamente com o sentimento do álbum. Já em *Dancing into Oblivion*, a arte foi completamente concebida por mim e a minha esposa, e a ideia foi de relacionar as cores com a música. Eu li as novas letras, ouvi a performance e esses tons em vermelho e preto pareciam ir se moldando, é uma combinação muito forte de cores e que emana uma emoção densa, também bastante sombria.

Trata-se de uma pintura ou é uma foto ampliada?

Martín: Originalmente, é uma pintura, acho que é aquarela que chamam essa técnica. Claro que teve um tratamento, minha esposa é fotógrafa, então ela fotografou a pintura e usou o Photoshop para chegar nesse resultado que buscávamos. A forma como as duas cores se fundem e desfalecem no espaço, acho que isso se conecta ao álbum em si...

Sim, combina com a sensação de estar alheio ao que acontece ao nosso redor, como evocado no título.

Martín: Sim, muito obrigado, e esse é também o sentimento de boa parte das letras desse novo álbum. É como se estivéssemos desconectados deste mundo, daquilo que realmente importa, simplesmente mergulhando na inconsciência.

Apenas para ficar claro, quem foi o time criativo que realmente contribuiu em *Dancing into Oblivion*?

Martín: O que você ouve no novo álbum são basicamente os vocais de Eloi, a bateria de Jordi Farré e a guitarra solo de João Sassetti. Eu assumi o baixo e todas as linhas de guitarra base. Eloi veio com as letras e eu me envolvi em basicamente tudo, exceto os solos de guitarra (risos).

Para finalizar, fale um pouco sobre *Iron Times*, um dos grandes destaques desse novo álbum.

Martín: Muito obrigado, essa é uma das minhas favoritas também e é a canção mais longa de todo o álbum. A razão de ela ser assim é por ser a mais progressiva em todo o álbum, tem a estrutura mais diferenciada, enquanto as demais canções são estruturalmente mais simples. Adoro as variações em *Iron Times*, e ela foi composta em três partes diferentes que comungam entre si ao longo da música, gerando uma tensão bem interessante. Adoro a introdução dela, com algo de jazz e que traz uma vibração melancólica, as linhas de baixo são bem legais, mas a bateria no final é destruidora (risos).

Quanto ao Opeth, você sabe se Mikael tem trabalhado em novas músicas?

Martín: Até onde sei, ele não está compondo nada no momento, pelo menos não com o intuito de lançar um novo álbum do Opeth. A verdade é que ainda não conseguimos promover adequadamente *In Cauda Venenum* (2019), a maior parte do mundo ainda não viu esse show, então nossos planos são de voltar para a estrada assim que for seguro para todos.

Acesse o canal no Telegram @brasilrevistas

Brasil Revistas

SEPULTURA

JOGANDO CONFORME AS REGRAS

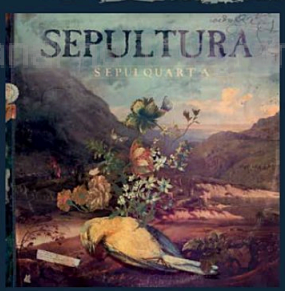
Com a presença de convidados especiais, banda revisita peças clássicas do seu repertório no novo *SepulQuarta*

Por Valtemir Amler

A data ainda está fresca na memória: 4 de outubro de 2019. Foi neste dia que Derrick Green (vocal), Andreas Kisser (guitarra), Paulo Xisto (baixo) e Eloy Casagrande (bateria) apresentaram *Isolation*, a primeira mostra do seu mais novo álbum completo de estúdio, *Quadra*. A escolha da data foi certeira: diante da enorme e barulhenta plateia do Rock In Rio e das câmeras que registravam cada movimento, o quarteto mostrou ao mundo as primeiras pinceladas de um enorme quadro que seria revelado por inteiro apenas alguns meses mais tarde. Já no início de fevereiro do ano passado, *Quadra* foi lançado, revelando doze ótimas composições e um interessante conceito, uma mistura que elevou ainda mais o nome do grupo diante de seu enorme séquito. A empolgação com a ótima acolhida obviamente sofreu um baque quando, pouco mais tarde, o mundo se via diante de uma pandemia que forçou lockdowns globais e o consequente cancelamento de turnês. Aquele quarteto forjado para os palcos era forçado a ficar longe da estrada, justamente quando lançava aquele que é considerado o seu melhor registro em décadas. Porém, longe dos palcos não significa exatamente longe dos fãs; pelo menos não naquilo que se refere à conexão com seus seguidores. Sem tempo a perder com lamúrias, veio a ideia da SepulQuarta, um evento semanal em que o grupo conversa com convidados especiais e, claro, toca peças do seu repertório com a presença de artistas brasileiros e estrangeiros. A parte musical desse primeiro ano de evento – pois Andreas nos diz nesta conversa que ele não deve acabar – pode ser conferida neste novo *SepulQuarta*, que recentemente chegou às lojas do mundo inteiro. Conversamos com o guitarrista para saber mais sobre o momento atual do maior nome do metal nacional.

O Sepultura começou o ano de 2020 com o lançamento de um álbum muito forte, que deixou a mídia e os fãs extremamente empolgados. Porém, logo em seguida começou a pandemia e o ciclo de turnês não pôde seguir adiante. Isso foi um bocado frustrante, não?

Andreas Kisser: Totalmente. E acho que não só para o Sepultura, mas para o negócio como um todo. Independentemente de termos um álbum novo ou não, tinha muita gente em turnê, o próprio Death Angel sofreu lá na Itália, o Exodus também... O Testament, que lançou seu álbum um pouco depois de nós, já durante a pandemia. No fim, eu acho que tivemos até um pouco de sorte por termos conseguido lançar o disco, fizemos a promoção, conseguimos fazer



SEPULQUARTA
BMG - Nac.

muitas entrevistas, cheguei até a ir para o México para promover o álbum, a coisa estava andando. A gente estava com um calendário incrível, turnê pelos Estados Unidos em junho e julho (de 2020), iríamos até para o Japão, mas, enfim, não teve como. Dias antes de a gente viajar parou o mundo, os aeroportos estavam fechados, a gente não podia se encontrar, não podia ensaiar, não podia fazer nada. Aí a gente começou a ver quais eram as novas regras. Foi meio que aquilo que a gente disse no *Quadra*, é um espaço com regras em que a gente joga o jogo. A gente teve que entender qual era o jogo e quais eram as regras.

Daí a SepulQuarta...

Andreas: Isso, nesse novo jogo a gente criou a SepulQuarta. Foi ela que manteve a banda unida, trabalhando com foco e propósito. Falamos do disco novo, tocamos, falamos do passado, convidamos amigos para conversar e não só sobre música, a gente falou sobre meio ambiente, depressão, esporte, muita coisa. Foi uma experiência muito rica para nós. A gente não planejava fazer um disco da SepulQuarta, mas ele praticamente se criou sozinho. Cada quarta-feira a gente tinha um convidado, fazia uma música etc., e quando chegou no final de 2020 a gente viu que tinha um material ótimo nas mãos, e com convidados incríveis. 'Então resolvemos remixar tudo e colocar num disco. Basicamente o que nós fizemos foi trabalhar com o momento. O Sepultura sempre assim. Tipo 'saiu o vocalista', 'saiu o empresário', o que pensamos é 'o que a gente tem?' Nosso lance é sempre seguir em frente, não adianta chorar o leite derramado, nesse caso, esperar uma volta à normalidade. 'Ah, quando as coisas vão voltar ao normal?', como as pessoas dizem. Isso nunca existiu, não tem normal, cada hora é um momento e você vive o presente, para o Sepultura isso sempre foi algo muito claro. Nós estamos muito acostumados a trabalhar com os elementos que temos nas mãos, então eu não fiquei lá com o calendário na mão chorando as pitangas: 'Ah, a gente deveria estar em Berlin hoje', sacou, chorando o que poderia ter sido? A gente está em outro momento e vamos trabalhar com ele. A SepulQuarta deu um novo sentido para a banda, tanto que a gente fez um novo disco praticamente sem querer.

Sim, e é legal você ter tocado no ponto da 'volta à normalidade', pois não lembro de antes as coisas estarem tão normais assim...

Andreas: Pois é. Tudo bem, ninguém esperava uma pandemia, mas se você lesse nas entrelinhas, não é surpresa que aconteceu algo assim. A galera estava meio que 'tocando o foda-se'. No nosso disco mesmo, temos várias músicas que têm a ver com o momento que estamos

vivendo agora, veja *Isolation*, *Means to an End*, tem muita coisa ali que já estava para explodir, de uma forma ou de outra. Nós sabemos que as coisas podem mudar de uma hora para outra, às vezes coisas que não estão no seu controle, como agora esse lance da pandemia, que foi brutal para todos. Nós procuramos nos reencontrar, nos reinventar para que a banda não parasse, pois o Sepultura é palco, é uma banda que está sempre na estrada. Foi difícil para a gente encontrar um caminho no meio dessa nova realidade, mas assim que vimos, seguimos nele e estamos crescendo nesse novo caminho.

É verdade. Antes você falava da promoção de *Quadra*, o quanto vocês realmente conseguiram avançar nesse processo?

Andreas: Foi bastante, pois *Quadra* saiu em fevereiro do ano passado e desde 2019 já vínhamos falando sobre o álbum, já tinha o lance da pré-venda, lançamento de single... A partir do show no Rock In Rio, que foi quando apresentamos a capa e tocamos *Isolation*, começamos a falar muito sobre o *Quadra*, até que o disco saiu e teve uma receptividade fantástica. Chegamos à quinta posição na Alemanha, que é o melhor post que alcançamos no chart alemão em toda a nossa história. O resultado estava sendo ótimo, em junho e julho do ano passado nós praticamente não teríamos um dia de descanso, era festival atrás de festival, então a expectativa era enorme, pois havia uma resposta muito grande. As pessoas realmente entenderam o conceito, abraçaram as músicas, a expectativa para os shows era muito grande, e ainda é, pois de uma forma ou de outra ainda vamos levar o *Quadra* aos palcos, assim que houver possibilidade. Essa é a nossa intenção e é nisso que estamos focados no momento.

A pandemia acabou forçando mais essa mudança no mundo da música. Com o isolamento social, elas precisaram abandonar os grandes shows, e as livestreams se tornaram a nova grande onda. Com o retorno dos shows, você acredita que as apresentações na internet vão acabar?

Andreas: Não, mas obviamente não vão ter o mesmo tamanho que têm hoje. A música é palco, o lance é estar no palco. A arte precisa do palco, todo o resto das coisas é consequência daquilo que fazemos para estar no palco, pois é ali que as coisas acontecem. É no palco que a música vai para outros patamares, é ali que você se conhece totalmente e cresce como músico, dali que vem a vontade de se desafiar sempre, então a gente sente muita falta disso. Mas não é por isso que eu acho que a livestream é um formato que vai acabar, ela está aí e já é uma realidade. Eu mesmo assisti algumas, Nightwish, Death Angel, Obituary, do Metallica também... E eu acho legal porque cada banda buscou fazer algo diferente e à sua maneira, como o Nightwish, que teve todo aquele lance da neve, aquela atmosfera toda. E isso é algo que só dá para fazer assim, com o lance da internet, então eu não acho que uma coisa vai substituir a outra, é apenas uma nova forma de se comunicar com seu público e que abre toda uma nova série de possibilidades. É algo bem da arte mesmo, do processo artístico, essa coisa de encontrar novas maneiras de chegar no público. A própria maneira como foi feito esse *SepulQuarta*, ele não é um disco nem ao vivo e nem de estúdio, é uma coisa nova, que nem nome tem ainda.

É verdade.

Andreas: É uma maneira totalmente nova de fazer as coisas. Tem vocais neste disco que foram gravados no banheiro (risos). O Charles Gavin (ex-Titãs, Zero Hora, Santa Gang, Zona Franca, Ira, RPM e outros) gravou a bateria dele no quintal da fazenda com o telefone celular e está no

Sepultura enfrentou a pandemia e o isolamento social trabalhando de forma incessante no programa de lives "SepulQuarta", que contou com conversas com convidados, além de vídeos collab com músicos brasileiros e estrangeiros

Brasil Revistas

disco. Tudo é possível, se você tem a força de vontade e o foco. Foi uma produção completamente caseira, eu mesmo mixei aqui todo o áudio, o Bruno Leandro – nosso webmaster – editou todos os vídeos, todos os convidados foram muito profissionais e entregaram suas partes no tempo certo, para podermos deixar tudo pronto para rolar na quarta, foi muito legal, sem estresse e sem egocentrismo. Todo mundo participou com muito prazer e vontade, e quando disse que pensávamos em fazer o disco, todo mundo assinou embaixo e estava a fim de participar disso. Foi muito especial e ajudou muito no crescimento na banda. A SepulQuarta foi um evento que deu muito certo e que a gente pode trazer de volta a qualquer momento.

É como você disse, abre muitas possibilidades.

Andreas: Sim, a gente inclusive lançou ali o vídeo para *Guardians of Earth* numa SepulQuarta. Teve entrevistas, enfim, é um evento que a gente pode usar em qualquer momento agora que a gente tem essa possibilidade. A mesma coisa quanto a gravar músicas, participações que agora a gente vê que são possíveis e que geram versões muito únicas. Tipo, *Ratamahatta* tem três baterias, você pode fazer isso tanto ao vivo quanto no estúdio, mas dá um puta trabalho – e aqui nós fizemos em um dia, alguns minutos, sei lá.

Aliás, foi trabalhoso mixar essa faixa em especial?

Andreas: Não, foi supertranquilo porque tem poucas partes em que eles estão ao mesmo tempo, então eu mixei tudo aqui. Eu não sou um profissional de mixagem, e nem queria uma mixagem profissional, contratar gente extra para chegar em outro resultado. Queria uma coisa bem caseira mesmo, eu estava aqui no meu quartinho, o Paulo estava na sala da casa dele, esse era o clima que queríamos. Queríamos trabalhar com o momento, tocar a música do Sepultura nessa nova quadra, com essas novas regras.

Acesse o nosso canal no

> "A SepulQuarta foi um evento que deu muito certo e que a gente pode trazer de volta a qualquer momento".
> Andreas Kisser

Das participações nas SepulQuartas, algumas delas eram bem esperadas, já que vêm de artistas que trabalham num nicho semelhante ao do Sepultura, como é o caso de Scott Ian (Anthrax), Phil Rind (Sacred Reich) e Alex Skolnick (Testament), mas Danko Jones foi uma das ótimas surpresas.

Andreas: Sim, o Danko é um velho camarada nosso, e provavelmente um cara que entende mais do Sepultura do que qualquer um de nós na banda (risos). Ele conhece a história, as músicas, as transformações musicais pelas quais passamos. Nós demos para ele uma lista com algumas músicas e ele escolheu *Sepulnation* para participar. Como fizemos com todos os convidados, demos a ele total liberdade para fazer sua participação da maneira que queria, e ficou muito bom.

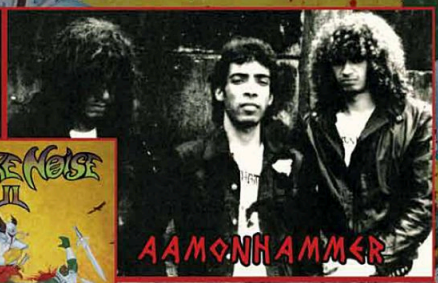
Para finalizar, você poderia nos falar um pouco sobre a capa desse novo disco?

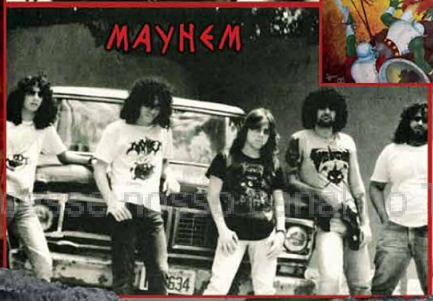
Andreas: Claro! Ela tem essa imagem que é tipo a vida vindo da morte, e não o contrário. O Eduardo Recife, que é um artista de Belo Horizonte (MG), fez um trabalho fantástico. Eu só expliquei para ele o que era essa coisa da SepulQuarta, esse lance de a gente ter que se reinventar diante de uma situação completamente inesperada, e ele veio com esse conceito completamente maravilhoso.

Brasil Revistas

COLETÂNEA

WARFARE NOISE II





Acesse o nosso canal no Telegram @Brasilrevistas

Brasil Revistas

O quarto álbum de estúdio marca a estreia da formação com Romana Kalkuhl, Jeanine Grob, Laura Guldemond, Lala Frischknecht e Larissa Ernst

Reprodução

A Grande Irmandade das Bruxas

O novo álbum, a nova guitarrista e o novo capítulo na jornada de um dos grandes nomes do metal suíço na atualidade

Por Valtemir Amler

Quando se fala em metal produzido na Suíça, é por puro reflexo que pensamos no lado mais extremo das coisas, como Hellhammer/Celtic Frost, Messiah, Coroner e Samael. A quantidade e a qualidade desses nomes parecem indicar uma espécie de predileção daquele povo pelas formas mais abjetas e brutais de música, mas é óbvio que nem sempre é assim. O país que revelou para o mundo bandas como Krokus, Gotthard, Shakra, Cellar Darling e Eluveitie também entende muito de outros estilos do rock pesado e, claro, do metal tradicional, exatamente o que o Burning Witches vêm fazendo desde 2015. Depois de dois álbuns completos de estúdio, a banda teve sua primeira grande mudança na formação com *Dance with the Devil* (2020), quando nossa entrevistada, a vocalista Laura Guldemond, assumiu o posto de Seraina Telli. Pouco depois, foi a vez de a guitarrista Sonia "Anubis" Nesselder deixar o grupo (ela agora é uma das guitarristas da Crypta) e Larissa Ernst chegou para ocupar o posto. Sem tempo a perder, o quinteto suíço já mostra sua força em um novo álbum, *The Witch of the North*. Confira os detalhes nas palavras de Laura Guldemond.

Você entrou para o Burning Witches ainda antes do final do ciclo promocional do álbum *Hexenhammer* (2018), certo?

Laura Guldemond: Isso mesmo. Para ser exata, entrei para a banda em 2019, pouco antes das nossas aparições nos grandes festivais. Para você ter uma ideia, meu primeiro show como vocalista do Burning Witches foi no Sweden Rock Festival.

Nada como um bocado de pressão para começar bem os trabalhos.

Laura: Pois é, um grande bocado de pressão (risos). Eu mal tive tempo suficiente para aprender todas aquelas músicas, foi um período bem estressante para mim e minha voz não estava na melhor forma. Sendo bem sincera, não acho que alcancei a melhor performance do mundo na audição, então fiquei muito feliz que elas tenham checado alguns vídeos meus para conhecer melhor a minha voz, como a versão de *A Touch of Evil* (N.R: música do álbum *Painkiller*, lançado em 1990 pelo Judas Priest). Então, tive que trabalhar muito duro quanto entrei na banda e comecei a ensaiar para aquele primeiro festival. Foi tudo muito incrível, muito bom para a minha carreira, mas também foi um período muito estressante (risos).

Em relação à banda, você se sentiu como parte efetiva do grupo desde o primeiro momento?

Laura: Sim, mas teve um período de transição, eu diria. Quer dizer, quando entrei para o Burning Witches nós tínhamos acabado de nos ver pela primeira vez, então levou um tempo para nos conhecermos de verdade, para que ficássemos à vontade na presença uma das outras. Você sabe, leva um tempo para você ficar confortável para sugerir coisas, mas isso vai mudando conforme o tempo passa e você percebe que é bem-vinda também neste sentido. E, claro, teve uma coisa que me deixou um pouco surpresa: muitas coisas nessa banda acontecem meio que 'em cima da hora', se é que você me entende (risos). Eu tinha imaginado algo como: 'OK, essa é uma banda bem grande, então tudo deve ser extremamente organizado', mas não, elas são exatamente como todas as outras pessoas criativas que conheço, são bagunceiras, meio distraídas, deixam as coisas para o último momento, mas as coisas sempre acontecem da maneira certa, então acho que estou no lugar certo (risos).

E quanto ao público, você se sentiu abraçada pelos fãs?

Laura: Bem, sempre vão existir

Brasil Revistas

aqueles fãs que vão dizer que os únicos álbuns legais de uma banda são os que foram gravados com a 'vocalista original' e eu até entendo esse ponto de vista, pois a voz é um aspecto muito importante para a música de uma banda. Mas estou muito feliz em dizer que na grande maioria dos casos eu me vi diante de pessoas realmente abertas para uma nova vocalista, algumas até chegaram a me dizer que sentiam que eu era a melhor escolha possível para o posto. No geral, a resposta foi bem positiva já nas primeiras apresentações.

Muito bom saber disso, pois sua entrada representou a primeira grande mudança na formação da banda.

Laura: Sim, e nós sabíamos os riscos que isso representava, tanto que levamos isso em consideração também na hora de produzir novas músicas. Essa foi a razão principal de termos corrido para apresentar um novo álbum (N.R: ela se refere a *Dance with the Devil*), tínhamos que evitar qualquer tipo de dúvida.

O que tornou *Dance with the Devil* um álbum único na sua jornada?

Laura: Eu acho que foi o fato de que consegui escrever muito facilmente com Romana (Kalkuhl, guitarrista). Eu realmente fiquei muito impressionada com a naturalidade com a qual ela conseguia compor e entender o que era necessário para os vocais. E vou lhe dizer, eu sempre tive problemas com isso em todas as bandas de que participei antes. A forma como Romana entendeu tão facilmente o que eu estava tentando dizer, a forma como ela conseguiu me deixar confortável para escrever, isso foi o mais marcante em todo aquele processo para mim.

Já naquele álbum você assumiu a autoria de todas as letras?

Laura: Sim, mas é importante dizer que muitas vezes eu escrevi sobre temas que Romana ou uma das outras garotas sugeria. Somos abertas em relação a isso, então se uma delas dizia: 'Olha, eu acho esse um tema interessante para uma canção', eu imediatamente procurava trabalhar sobre aquelas ideias. Então, cerca de 25% das letras vêm de ideias das outras integrantes, que me dão um tema ou um título. O restante vou escrevendo conforme vão surgindo as ideias.

A mesma coisa em relação às melodias vocais?

Laura: Sim, só é um pouco mais complicado porque neste caso preciso gravar a voz e enviar pela internet, pois eu e Romana moramos bem distantes uma da outra. Quer dizer, eu vivo na Holanda, ela na Suíça, então a internet ajuda muito na hora de compartilhar arquivos.

Bem, neste sentido você perdeu sua parceira mais próxima, já que Sonia não faz mais parte da banda.

Laura: Sim, é verdade (risos). Bem, eu e Sonia tínhamos uma ótima relação, claro, nós até pensamos em montar um tributo ao Kiss, você sabe como são essas coisas (risos). Bem, a Sonia está em uma banda brasileira agora (N.R: Crypta) e temos Larissa Ernst conosco. Para mim ficou mais difícil, pois ela vive na Suíça, mas para Romana ficou bem mais fácil gravar com ela, claro. Essa é a grande diferença no processo de composição e gravação, eu perdi uma vizinha e Romana ganhou uma (risos).

Pelo menos assim você deixou de ser a novata em *Witch of the North*.

Laura: É verdade, agora deixei esse posto para Larissa (risos). Mas realmente é uma espécie de experiência diferente para mim desta vez, embora o processo não tenha mudado muito. No álbum anterior eu ainda estava tateando no escuro, tentando entender como as coisas funcionavam, e desta vez já parti muito mais confiante para o processo, já sabia o que deveria fazer. Bem, neste sentido, a grande diferença neste álbum é que desta vez escolhemos uma espécie de tema para o álbum, ele é todo centrado na mitologia nórdica.

THE WITCH OF THE NORTH
Nuclear Blast/Shinigami - Nac.

Mas ele não é um álbum temático, certo?

Laura: Não completamente. A maior parte das canções está conectada por essa linha da mitologia nórdica, é algo em que eu estava muito interessada, então comecei a escrever algumas canções sobre esse tema, e as demais meio que correram com o fluxo, eu diria (risos). Mas também existem canções como *We Stand as One*, por exemplo. Eu simplesmente não consegui resistir ao impulso de escrever uma letra no estilo 'old school heavy metal', do tipo 'punhos para o alto', sabe? No fim acabou sendo legal ter esse tipo de variação.

Sim, é mais ou menos como o Amon Amarth fez em 2011. A música *Slaves of Fear* era a única não conectada à mitologia nórdica no álbum *Surtur Rising*, e era um dos grandes destaques dele.

Laura: Sim, isso acontece algumas vezes, e então você fica com uma decisão muito complicada nas mãos: você arrisca usar a música não conectada ao tema neste álbum ou guarda para um próximo? As duas ideias são boas, mas você não sabe realmente se haverá um próximo álbum, então, a chance é grande de uma ótima canção nunca ser lançada. Não quisemos correr este risco.

Das faixas conectadas ao tema principal, um dos grandes destaques é a faixa-título, que ganhou um ótimo videoclipe.

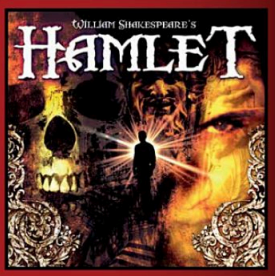
Laura: Obrigada, gosto bastante dessa música e foi um vídeo bem divertido de gravar. Claro, hoje existem algumas restrições quanto a viagens e essas coisas, mas eu tive bastante sorte quanto a isso. Geralmente, as pessoas que viajam para a Suíça precisam ficar um tempo em quarentena, mas como eu estava viajando a trabalho, precisei apenas fazer o teste de covid-19 e com o resultado negativo pude logo começar a trabalhar. Mas lembra aquele lance que falei no começo da entrevista, das coisas que acontecem em cima da hora? Pois é, chegamos lá e não tinha água no local, não podíamos tomar, não podíamos ir ao banheiro pois não tinha como dar descarga (risos). Consertar tudo isso antes foi mais difícil do que a parte da filmagem (risos).

Outro destaque é *Flight of the Valkyries*, que tem uma letra muito boa.

Laura: Obrigada mesmo! Eu estava pesquisando sobre esses temas em filmes, livros, até nos quadrinhos do Thor (risos), mas quanto mais séria a pesquisa se tornava, mais diferente era a visão das Valquírias daquela que normalmente conhecemos. Na mitologia nórdica elas não são apresentadas como essas guerreiras boas e puras que surgem dos céus para resgatar os guerreiros caídos. Na verdade, elas não esperam que o guerreiro morra, elas sobrevoam o campo de batalha e simplesmente arrebatam aqueles a quem julgam valorosos e dignos. Eu achei essa uma visão bem sombria e que merecia uma música (risos).

Brasil Revistas

2001 WILLIAM SHAKESPEARE'S HAMLET



"Nós tínhamos a impressão de que éramos vistos como pessoas desinformadas, de mau gosto, aculturadas, fúteis mesmo por gostarmos de rock'n'roll e heavy metal." O desabafo para a ROADIE CREW é de Fausto Mucin, um dos proprietários da loja Die Hard e um dos idealizadores de um projeto que movimentou a cena hard/heavy há exatos vinte anos: *William Shakespeare's Hamlet*. Para provar aos detratores que o músico de rock – e, por extensão, todos os demais envolvidos nesse meio – não eram os imbecis que alguns imaginavam, a ideia foi lançar um disco reunindo grandes nomes do hard/heavy brasileiro contando a história narrada na peça "The Tragedie of Hamlet, Prince of Denmarke" (A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca), escrita entre 1599 e 1601 pelo poeta e dramaturgo inglês William Shakespeare.

Foi, então, criada uma verdadeira força-tarefa para levar a empreitada adiante. Fausto e seu sócio na Die Hard, André Luiz Mesquita, foram os idealizadores do projeto; Adriano Villa, baseado nos textos originais de Shakespeare, escreveu os poemas que foram posteriormente musicados; Alexandre Callari, à época baterista da banda Delpht, foi o responsável por traduzir os poemas escritos por Villa para o inglês arcaico; Flávio Borges e Mauro Previglieri assinam como coprodutores do projeto; Philip Colodetti, dono do estúdio Creative, foi um dos responsáveis pelo processo de gravação; e Sascha Paeth e Miro, produtores alemães, assinaram mixagem e masterização.

Já o cast de bandas teve catorze nomes de expressão e que se encarregaram de musicar os poemas: Delpht, Santarem, Hammer of Gods, Krusader, Nervochaos, Vers'Over, Sagga, Imago Mortis, Symbols (com Edu Falaschi nos vocais), Hangar, Torture Squad, Fates Prophecy, Eterna e Tuatha de Danann. Também foram criados três interlúdios com Mario Pastore, que surgem ao longo do álbum, além de um tema de encerramento, intitulado *To Be...*, que reúne todos os vocalistas envolvidos e ainda conta com a participação especialíssima de Andre Matos. "Para mim foi um grande prazer ser convidado a fazer essa participação", disse o saudoso vocalista em entrevista para a matéria sobre o projeto que foi capa da ROADIE CREW #34. "Coube a mim interpretar a frase mais famosa de 'Hamlet', 'to be or not to be', e espero ter desempenhado à altura!"

Todo o projeto, da concepção à conclusão, durou três anos (de 1998 e 2001) e teve até uma mudança de última hora: a já citada *To Be...* foi incluída no projeto praticamente depois que ele estava concluído. Mistura de tema erudito com metal, a composição ficou a cargo do maestro José Luiz Ribalta, que também conversou na época com a ROADIE CREW: "Essa música tem como um dos principais objetivos mostrar ao público jovem que é possível ter um resultado pesado mesmo usando uma instrumentação mais clássica e que a música erudita e a música popular podem estar juntas." Para a gravação foram reunidos dois violinos, uma viola, um cello e um contrabaixo acústico.

Com todo esse aparato e uma preocupação minuciosa, o resultado não poderia ser outro: "Jamais pensávamos que fosse fazer o sucesso que fez", garante Fausto. "Acabamos sendo uma capa da própria ROADIE CREW e choviam convites para entrevistas. Vendemos muito, o projeto se pagou e deu lucro, mas o maior lucro que tivemos nem foi de dinheiro, pois o projeto foi muito caro, mas o de repercussão mesmo. E o projeto repercute até hoje, duas décadas depois." E conclui afirmando que aquele objetivo inicial foi totalmente atingido "e muito mais eficientemente do que planejamos. A imagem da Die Hard mudou, ou seja, acho que ajudamos a acabar com aquela imagem de que 'rockeiro brasileiro é tosco, tem cara de bandido' etc. Isso podia valer pras décadas anteriores à nossa, mas não para aquele momento."

Antonio Carlos Monteiro

Um elenco estrelado participou do projeto

Brasil Revistas

1981 BLUE ÖYSTER CULT
Fire Of Unknown Origin

A década de 70 havia sido extremamente gentil com os nova-iorquinos do Blue Öyster Cult. Depois de sua cultuada "era preto e branco", eles haviam chegado ao cobiçado disco de ouro com seu primeiro trabalho ao vivo, *On Your Feet or on Your Knees* (1975), e a partir de então, se transformariam em uma máquina de construir grandes hits. Os dois álbuns seguintes emplacaram as canções *(Don't Fear) The Reaper* e *Godzilla*, e eles se viam já muito confortáveis em sua posição no estrelato quando veio o baque: *Mirrors*, de 1979, o mais polido e conce-

bido justamente para o grande sucesso comercial se tornava um fracasso de crítica e de vendas. Mais de dez anos após seu nascimento, o quinteto era reintroduzido ao mundo real, dos reles mortais.

O fato é que Eric Bloom (vocal e guitarra) Buck Dharma (guitarra), Joe Bouchard (baixo), Albert Bouchard (bateria) e Allen Lanier (teclado) se recuperaram do golpe muito rapidamente. Já em 1980 eles apresentaram o álbum *Cultösaurus Erectus*, o primeiro com a produção do saudoso Martin Birch. Embora não tenha sido um sucesso absoluto, foi um passo adiante em relação ao antecessor e colocou o grupo nos trilhos para aquilo que viria em seguida: *Fire of Unknown Origin*.

Mantendo a formação clássica pela última vez, o oitavo álbum completo de estúdio também mantinha o talentoso Martin Birch na produção, o que viria a garantir uma sonoridade limpa e refinada para as nove canções aqui presentes, distribuídas em menos de 40 minutos.

O que talvez mais tenha marcado em *Fire of Unknown Origin* foi o fato de que o Blue Öyster Cult novamente se mostrava inspirado e pronto para compor grandes hits para as rádios. Se essa impressão era inspirada já na ótima abertura, com a faixa-título, o nível era elevado a níveis

Buck Dharma, Eric Bloom, Albert Bouchard, Allen Lanier e Joe Bouchard: juntos pela última vez em estúdio

astronômicos na sua sucessora, *Burning for You*, que muito rapidamente chegou ao topo da Hot Mainstream Rock Tracks, da Billboard.

Joan Crawford, outro ótimo single, não chegou nem perto, alcançando apenas a posição 49 no mesmo chart. Embora também conte com a ótima *Sole Survivor*, é na lenta, cativante e mentalmente instigante *Veteran of the Psychic Wars* que o álbum tem seu maior trunfo. Provando mais uma vez que o mundo da música e da literatura são intimamente conectados, a canção foi escrita em parceria por Eric Bloom e o escritor de ficção-científica e fantasia Michael Moorcock, que foi o que originalmente guiou-me até a música do Blue Öyster Cult. E essa ainda é minha música favorita de todos os tempos.

Valtemir Amler

Acesse grátis o conteúdo exclusivo no Telegram Brasil Revistas

1991 SAMAEL
Worship Him

Embora trouxesse na sua aljava a presença de bandas seminais e definidoras de gênero, como Hellhammer, Celtic Frost, Messiah e Coroner, a Suíça não era necessariamente a "terra prometida" para as novas bandas de metal extremo nascidas na segunda metade dos anos 80. A pequena cidade de Sion, com seus cerca de 25 mil habitantes, então, não parecia nada convidativa. Porém, foi lá que o guitarrista Michael Lochner (sob a alcunha Vorphalack) e o baterista Pat Charvet (ou Pat de Novaré de Navarre) fundaram o Samael em 1987, basicamente estabelecendo a maior usina black metal que os Alpes tinham testemunhado até então.

Embora com um início sólido – registrado nas demos *Into The Infernal Storm of Evil* e *Macabre Operetta*, ambas de 1988

Xytraguptor, Masmiseim e Vorphalack estrearam com um dos álbuns que ajudaram a definir a sonoridade do black metal

–, ninguém fora do circuito de trocas de fitas deu importância à banda, e a falta de interesse das gravadoras, aliada à quase inexistente perspectiva de futuro no mundo da música, acabou por levar ao rompimento da dupla, com a saída do baterista. Sem pensar em desistir, Vorphalack convidou seu irmão, Alexandre Lochner (rebatizado como Xytraguptor em homenagem à divindade hindu Chitragupta), e foi aí que de fato as coisas começaram a funcionar para o grupo suíço.

Nascido como uma dupla, foi assim mesmo que o Samael foi para Genebra, ao estúdio Taurus, onde registraria seu primeiro álbum, *Worship Him*, em março de 1990. As coisas não poderiam ser mais duras: a banda só conseguira entrar em estúdio graças a um empréstimo bancário, garantido pela mãe da dupla. A perspectiva de retorno era basicamente nula: nenhum selo até então havia demonstrado interesse na obra dos irmãos.

A questão é que havia algo de especial na música daqueles suíços, que pareciam querer reaver o bastão do pioneirismo do black metal, um papel que o Celtic Frost havia relegado anos antes com sua transformação musical. Vorphalack e Xytraguptor faziam música brutal, com riffs simples e sólidos e linhas de bateria lentas para os

padrões que já vinham sendo estabelecidos para o metal extremo na época. Com a adição do baixista Christophe Mermod (Masmiseim) – creditado, mas que não tocou em *Worship Him* –, o Samael tinha o suficiente para levar sua obra aos palcos e finalmente surgiu o interesse do novíssimo selo francês Osmose, que teria aqui justamente o seu primeiro lançamento.

Contando com clássicos como *Sleep of Death*, *Worship Him* e *Into the Pentagram*, o debut do Samael se tornou uma das principais referências para as bandas da chamada "Segunda Onda do Black Metal".

Valtemir Amler

Brasil Revistas

Apoie nosso canal no Telegram Brasil Revistas

Candlemass

VIVENDO OS ANTIGOS SONHOS PARTE 2

O início da caminhada global, o reconhecimento no cenário e o início da era mais difícil dos gigantes do doom

Não haviam se passado tantos anos, mas Leif Edling já havia acumulado um imenso conhecimento em seu mergulho no mundo da música. Das tradicionais dificuldades para iniciar a jornada de uma banda ele teve sua parte, mas foi justamente quando achou que tudo estava seguindo por uma trilha confiável que veio a pior das surpresas: ou ele abandonava o antigo nome ou seria processado por uma rede varejista de eletrônicos. Do susto veio a melhor das soluções possíveis, já que foi assim que o datado e genérico nome Nemesis foi deixado para trás, nascendo o Candlemass.

Dali, a via crucis prosseguiu com a gravação do primeiro álbum, *Epicus Doomicus Metallicus* (1986). Considerado hoje um dos maiores clássicos do gênero, a banda recorda que na época foi encarado como uma piada na indústria musical, com muitos literalmente rindo ao ouvir as demos. Além do mais, a dificuldade para estabilizar uma formação era tremenda. Trabalhado como um trio, Leif sequer conseguiu oficializar alguém no posto de vocalista – muito embora o trabalho em estúdio tenha sido incrivelmente conduzido por Johan Längquist, um personagem que retornará mais tarde na nossa narrativa.

As coisas finalmente começaram a tomar um rumo mais profissional e confiável em 1986, quando o vocalista Messiah Marcolin se uniu ao grupo. Embora ele não fosse alterar a forma como o processo de composição funcionava (Edling continuava centralizando o núcleo criativo), o novo nível de profissionalismo que reinaria no grupo transformaria tudo, como o próprio baixista contou para a ROADIE CREW anos mais tarde: "É claro que percebemos que ganhamos um elemento muito próprio com a entrada de Messiah Marcolin. Sabíamos que dali em diante contaríamos com alguém detentor de uma voz muito especial, e com personalidade e carisma dentro e fora dos palcos." Com uma formação estável – Leif Edling (baixo), Messiah Marcolin (vocal), Jan Lindh (bateria), Mats Björkman (guitarra base) e Lars Johansson (guitarra solo) –, eles finalmente estavam prontos para o palco e mais, em condições ideais para voltar ao estúdio e gravar o segundo álbum.

Nightfall (1987) se tornou um sucesso de público e crítica. Não que eles de fato soubessem disso. Até onde sabiam, eles tinham um ótimo álbum em mãos, um grande segundo registro, mas ainda restrito à cena metálica da Suécia. Eles não poderiam estar mais enganados.

OS SINOS DO AQUERONTE

Até hoje, ao olhar para trás, Leif recorda com espanto aquilo que aconteceu com o Candlemass nos últimos anos da década de 80. Tudo parecia inacreditável, surreal demais para ser possível, mas de repente aquele grupo de azarões estava posto no centro de todo um cenário, algo que nem com toda a humildade do mundo ele poderia negar. "Foi surpreendente. Não fazíamos ideia de que ocuparíamos um lugar tão importante e ficamos muito honrados em participar da vida de tantas pessoas. Éramos muito influenciados por Black Sabbath, mas também por Venom, e desde o início o que queríamos era apenas fazer o álbum mais pesado possível", disse. "Não havia como imaginar que após deixarmos a gravadora Black Dragon, depois de *Epicus Doomicus Metallicus*, chegaríamos a esse ponto. Tivemos muita sorte por termos Messiah ao nosso lado e pelo lançamento do *Nightfall*. Foi quando tudo começou a acontecer para nós", acrescentou.

O 'estalo' desse novo momento, porém, não veio através de um velho fax da gravadora, nem por meio das cartas que conectavam as bandas do underground com seus fãs ao redor do mundo. Para o Candlemass, a surpresa precisava ser grandiosa, e talvez tão épica quanto seu som: eles tomariam consciência do seu tamanho no cenário apenas sobre o palco a instantes de iniciarem seu primeiro grande show internacional. "Eu não estava nervoso no início", contou

Brasil Revistas

Marcolin, ao recordar o momento em que subiu ao palco do Dynamo Festival, em Eindhoven (HOL). "Porém, quando pediram que testasse meu microfone, eu o peguei e balbuciei alguma coisa, qualquer som. Na mesma hora, a multidão inteira repetiu a mesma coisa, o mesmo som. Aí sim, eu fiquei muito nervoso", ele declarou aos risos.

Leif também tem ótimas memórias daquele show, um dos 'divisores de águas' na carreira do Candlemass: "Foi fantástico, não conseguíamos acreditar que aquilo estivesse acontecendo. Tinha umas 30 ou 35 mil pessoas lá e elas cantavam todas as nossas músicas! Nós achávamos que éramos totalmente desconhecidos e ao chegar lá percebemos que éramos a banda mais popular do evento! As pessoas gritando a plenos pulmões em *At the Gallows End* e *Bewitched* foi incrível!"

Além do lendário show no Dynamo '88 – ao lado de bandas como Exodus, Toxik, Sabbat, Laaz Rockit e Paradox –, Leif lembra que a coisa se repetia em outros países por onde a banda passava: "Na Grécia também foi incrível, os fãs nos seguiam por todas as partes. Era como a 'beatlemania', mas conosco, uma 'candlemania' (risos)".

Para eles, estava na cara que existia um público consumidor enorme para a música do Candlemass fora das fronteiras suecas, algo que antes eles só ousavam sonhar. "Foi naquele momento que me convenci de que poderíamos chegar a algum lugar com essa banda", afirmou Leif. "Antes não sabíamos nada sobre o status do Candlemass no cenário, se éramos populares ou não, nada. Nós vínhamos da Suécia e não tínhamos um cenário realmente grande, nenhuma banda internacional, era apenas o Europe e mais nada."

Consciente também desse papel que a banda desempenhava, ele emenda: "Hoje todas as bandas fazem grandes turnês internacionais e lançam discos por gravadoras estrangeiras, mas naquela época não, fomos a primeira banda sueca de metal a romper as barreiras. E não tínhamos sequer uma pista disso, não fazíamos ideia até tocar em Eindhoven e encontrar todos aqueles fãs."

Para culminar esse bom momento, eles partiriam logo em seguida para a gravação de seu terceiro álbum completo de estúdio, que se chamaria *Ancient Dreams* (1988). Embora musicalmente eles pretendessem manter a linha adotada em seus antecessores, a parte lírica viria sob uma nova abordagem, mudando um pouco o foco do seu mentor, Leif Edling: "Começamos então a nos preparar para *Ancient Dreams* e eu tinha algumas ideias em mente. Eu queria fazer um disco sobre Fantasia, eu estava mergulhado no universo da literatura de Fantasia naquela época. Eu queria fazer um disco que remetesse ao universo de 'Dungeons & Dragons' ('Caverna do Dragão' no Brasil) e essas merdas", ele afirmou, para logo em seguida explicar o seu descontentamento atual com o gênero que o influenciara: "Não consigo mais suportar Fantasia. Uma das melhores obras já escritas foi a 'Trilogia do Anel', de Tolkien. Mas sinto que, depois dela, todos os livros do gênero se tornaram cópias de Tolkien, honestamente é o que penso. Não existe nada que possa bater a obra de Tolkien, então porque me dar ao trabalho de mergulhar mais fundo?"

Porém, na época Leif mergulhou nessas águas e com muito estilo. Se em *Nightfall* as músicas comumente versavam sobre a morte (perceba o tom lúgubre em *At the Gallows End* e *The Well of Souls*, essa última já com bastante de Fantasia em sua fórmula), o baixista e compositor buscou um prisma mais amplo em sua nova obra, que ia aos poucos ganhando tons definitivos enquanto o trabalho ia se desenvolvendo. "Como queria um disco de Fantasia, eu já tinha até contratado um artista para fazer a capa do álbum. Eu queria um mago, um dragão, todas essas coisas mágicas... Quando vi o esboço do que seria a capa, vi que era uma bosta completa. Era absolutamente terrível! Claro que tive que abandonar essa ideia para a capa e foi então que Messiah sugeriu aquela que efetivamente usamos", descreveu Leif.

O fato é que não chegaram a um consenso sobre a capa de *Ancient Dreams* de maneira tão amistosa. A ideia de Marcolin era de simplesmente dar sequência àquilo que fora anteriormente visto em *Nightfall*, ou seja, a banda deveria recorrer novamente à clássica obra do pintor inglês naturalizado americano Thomas Cole. Nascido em 1801, Cole é mundialmente reconhecido por suas pinturas paisagísticas da selva americana, mas foi sua série de quatro quadros intitulada 'The Voyage of Life' que mais de um século mais tarde encantou os integrantes do Candlemass. Na 'Viagem da Vida', Cole tentou retratar os quatro estágios da vida humana – infância, juventude, maturidade e velhice – em obras únicas, que evocavam os sentimentos de paixão, dúvida e torpor típicos de cada fase.

Para *Nightfall*, o Candlemass escolheu a obra intitulada 'Old Age', a velhice, que representa a morte. Nela, você vê o ancião em seu barco, acompanhado de perto por um anjo que o guia através de um rio de águas calmas, representado assim o fim de sua jornada terrena e a sua

transição para a eternidade. O sentimentalismo e a beleza da obra rapidamente cativaram Edling, mas foi um pouco mais difícil para Marcolin convencer Leif a usar "Youth', a juventude, como capa de *Ancient Dreams*. Sem o denso apelo emocional da obra anteriormente citada, ela parecia 'jovial' e até 'alegre' demais para uma banda como o Candlemass: "No começou eu achei que essa pintura da 'Juventude' era meio clichê", comentou Leif. "Era tão brilhante, tão iluminada, quase feliz, então eu não quis usá-la. Hoje eu acho que é a melhor daquelas obras, a mais épica de todas", acrescentou.

Com isso, o Candlemass não apenas conseguiu a melhor capa possível para seu terceiro álbum, mas também lançou moda, já que hoje a obra de Cole é muito comum em discos de metal extremo. Bandas como Sojourner, Drowning the Light, Judas Iscariot e Dungeon Serpent também já recorreram às telas do artista para ilustrar seus álbuns.

Resolvido o problema da capa, vinha a questão da produção, algo que realmente tiraria o sono da banda. Sob o olhar cobiçoso da gravadora que queria aproveitar o ótimo momento e lançar um novo álbum a tempo do início da turnê pelos EUA, o quinteto foi praticamente empurrado para o estúdio, e o resultado (como de praxe) foi um disco apressado. Tanto Leif quanto Marcolin, ao recordar a época, lamentam o fato de o grupo não poder esperar pelo produtor Mats Lindfors, que na época cumpria uma agenda apertada na Alemanha. A produção ficou então a cargo da própria banda, que naturalmente não tinha tanta experiência nesse tipo de trabalho. Some-se a isso o desejo de fazer algo grandioso e o resultado não costuma ser dos melhores. A questão é que eles queriam o melhor som possível e muitos testes foram feitos neste sentido. O próprio Leif admitiu ter sido influenciado pela experimentação feita em estúdio pelo Metallica em *...And Justice For All* (também de 1988) e assim lá foi o Candlemass rearranjar o posicionamento dos microfones no Nacka Studios, de Estocolmo, para buscar o melhor som possível, testando diferentes texturas na guitarra com o mesmo objetivo.

Segundo Leif, nada funcionou e o som

ficou muito aquém do esperado. Marcolin também reclamaria da mixagem, já que muito teria se perdido no processo: "Certas partes não apareceram na mixagem e eu perguntei se elas tinham sido perdidas. Me responderam que não, que elas tinham sido suprimidas, mas que poderiam ser recolocadas no lugar na mixagem final. Ao ouvir a mixagem final, elas não estavam lá, de novo. Eu perguntei: 'Ei, por que aquelas partes não estão aqui?', e tudo o que me responderam foi 'ops'."

Seja como for, *Ancient Dreams* foi lançado em 23 de novembro de 1988 e angariou uma honrosa posição 174 na Billboard 200. Não que eles se importassem. E a verdade é que até hoje aquele álbum, que apresenta canções incríveis como *Mirror Mirror*, *A Cry for the Crypt* e *The Bells of Acheron* (além do previsível e quase "obrigatório" *Black Sabbath Medley*), divide opiniões, sendo visto como clássico para a maioria, mas também como um passo atrás para parte dos fãs. Seja como for, a máquina estava forte e pronta para seguir em frente.

VOZES AO VENTO

Como você viu, a pressa fez com que nem tudo saísse conforme o esperado pelo Candlemass em seu terceiro álbum. A relação com a Active Records estava finalizada tão logo o ciclo do disco foi finalizado e a banda não poupou reclamações da gravadora nas entrevistas, tanto na época quanto nos anos seguintes. Ainda assim, a banda manteve sua sólida base de fãs crescendo, especialmente por conta de suas apresentações ao vivo. Antes restritas à Suécia, as novas turnês começavam a abranger territórios cada vez mais longínquos. Assim, o quinteto desfrutou de uma extensa turnê pela Europa ao lado de Coroner, Sacred Reich, Destruction e Motörhead, além de uma grande turnê pelos Estados Unidos ao lado do Liege Lord, provando que, a despeito da opinião não muito lisonjeira dos responsáveis pela obra, *Ancient Dreams* era um sucesso de público e vendas.

A intenção com o vindouro quarto álbum, no entanto, era de não repetir aquilo que eles haviam considerado um erro no anterior. Desta vez eles não seriam apressados no estúdio e só gravariam se pudessem contar com o trabalho de Mats Lindfors, no que foram prontamente atendidos. O novo selo, Music For Nations, compartilhava da intenção de "levar o Candlemass ao próximo nível", preconizado por Leif, e se para isso eles precisavam de Lindfors, tanto melhor.

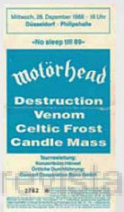
Com a produção estável, a banda também se mostrou da mesma forma. Leif, Marcolin, Lindh, Johansson e Björkman engatavam o terceiro álbum seguido em parceria e isso naturalmente refletiria nas composições, como viríamos a ouvir. Antes, porém, de se debruçar sobre os instrumentos, Leif tratou de imaginar o conceito central da obra. Esse não seria uma novidade: desde os primeiros dias do grupo, o baixista e compositor tinha a intenção de revisitar as antigas histórias da criação do mundo e dar a sua própria versão de como teria sido o "início dos tempos". Você certamente percebeu que essa era a questão central na letra de *Under the Oak*, uma antiga canção dos tempos de Nemesis e que apareceu originalmente em uma demo intitulada *Tales of Creation*. A música, que também fez parte do debut, voltaria a aparecer no quarto álbum do Candlemass, já que a sua temática finalmente encontraria um lugar onde pudesse ser amplamente trabalhada.

Assim, a história que narrava a origem da vida começou a ser elaborada em 1985, com base nas ideias originais de Leif. Quase meia década mais tarde, finalmente ele revisitaria a ideia para trabalhá-la em sua plenitude, mas obviamente precisaria de novas partes, além de retoques providenciais, tanto no enredo quanto na música. Um dos problemas que o baixista havia identificado no álbum anterior era a ausência de pequenas

Ancient Dreams (1988)

Tales of Creation (1989)

narrações entre as músicas, recurso que voltaria agora em *Tales of Creation* (1989), nas vozes de Jim Bachman (voz masculina) e Jay Larssen (voz feminina), e de fato, elas fazem a diferença na ambientação do disco. Você percebe isso logo de cara, com o riff épico e denso de *The Prophecy* sendo complementado pela voz de Jim, até a narrativa ceder e o muro sonoro da ótima *Dark Reflections* tomar conta do som. Jay tem seu momento de brilho maior em *Voices in the Wind*, que antecede a nova versão de *Under the Oak*, e assim por diante. *Tales of Creation* se mostrou um ótimo álbum, com inovações suficientes para trazer frescor ao universo do Candlemass (a instrumental *Into the Unfathomed Tower* era a música mais rápida deles até então), mas tradicional o suficiente para trazer aquela sensação de "volta ao lar". Era chegado o momento de dar o próximo passo.



Access All Areas Grosso Calibre no Teatro Castro Alves

O FIM DE UMA ERA

Com quatro clássicos lançados em sequência, o Candlemass desfrutava de um belíssimo nome na cena e, como vimos, seu nome era cada vez mais requisitado nos palcos do mundo inteiro. Para marcar essa era de tanto sucesso, finalmente eles trabalhariam em seu primeiro álbum ao vivo, o segundo disco em parceria com a Music For Nations. A questão era apenas escolher a apresentação perfeita para ser registrada, já que as turnês seguiam concorridas, com destaque para o grande giro europeu ao lado de King Diamond e Savatage, que também contou com Venom e Kreator em ocasiões especiais. A turnê ainda incluiu uma apresentação incrível no Rockefeller Music Hall, de Oslo (NOR) em 18 de dezembro de 1990, dia em que eles detonaram no palco ao lado da genial banda norte-americana de death metal Atheist. Grandes memórias.

Como era impossível registrar todos aqueles shows, uma ótima lembrança daquela época mágica veio na forma de *Live* (1990), como foi simplesmente intitulado esse primeiro registro ao vivo dos suecos. Gravado em Estocolmo (SUE) em junho de 1990, ele traz um ótimo apanhado dos melhores momentos do grupo em sua era clássica, com destaque para *The Well of Souls*, *Bewitched*, *Solitude*, *Under the Oak*, *Samarithan*, *Mirror Mirror* e *A Sorcerer's Pledge*, que nunca ganhariam melhores versões ao vivo. Ninguém poderia imaginar que pouco mais tarde todo esse universo entraria em ebulição.

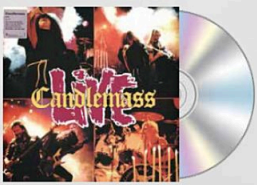
A verdade é que a coisa nunca foi plenamente explicada, mas pouco depois do lançamento do ao vivo, em 1991, Messiah Marcolin estava fora do Candlemass. O vocalista, que antes havia passado pela banda Mercy, teria se desentendido com seus parceiros e saiu. Dali ele seguiria adiante com a banda Memento Mori, que já em 1993 lançaria o álbum *Rhymes of Lunacy*. Pouco mais tarde ele também integraria as bandas Stillborn e Colossus, mas com nenhuma delas conseguiu repetir o mesmo sucesso dos seus tempos com o Candlemass.

Se para os lados de Marcolin as coisas não seriam fáceis, tampouco seriam para Leif, Johansson, Lindh e Björkman, que resolveram seguir juntos no mesmo barco. Sem seu carismático vocalista, o Candlemass não tinha opção a não ser uma reformulação e o escolhido para o posto foi o filho do tenor sueco Sven-Erik Vikström, que já tinha álbuns gravados e até um bom nome no cenário da música clássica de sua terra natal. O filho, Sven Erik Herman Thomas Vikström, porém, era ainda um ilustre desconhecido na cena metal, e com o Candlemass ganhava justamente a sua primeira grande chance.

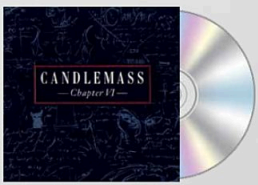
Thomas Vikström se juntou ao Candlemass sem grande estardalhaço e, como costuma ser, sob grande dúvida dos velhos fãs. Precisamos lembrar que ele ainda não era o vocalista que anos depois assistiríamos dominar o palco ao lado do Therion e toda aquela pressão não iria ajudar. Some-se a isso uma época de transição no cenário (você certamente conhece a "situação" enfrentada pelas bandas de metal nos anos 90), e você tem a receita ideal para uma explosão, que não tardaria a acontecer.

Daquilo que os fãs estavam acostumados, *Chapter VI* (1992) teve quase todo seu material escrito exclusivamente por Edling, que dividiu os trabalhos com Johansson apenas em *Julie Laughs No More* e *The End of Pain*. Além disso, várias novidades surgiam no horizonte. Além do novo vocalista, o quinto álbum completo de estúdio do Candlemass foi gravado no estúdio Montezuma em fins de 1991 e não trazia a produção do confiável Mats Lindfors. Em vez disso, contou com o próprio Leif Edling no comando, ao lado de Rex Gisslén (Bathory, Fleshcrawl, Therion etc.). A capa, que no anterior havia contado com uma obra de Gustave Doré, dessa vez não trazia uma peça clássica, o que fazia perder seu tom épico. *Chapter VI* seria justamente o primeiro da parceria do grupo ao lado de Tomas Arfert, dali em diante um grande parceiro de Edling.

Assim, a despeito de suas várias qualidades – sim, elas estão aqui, espalhadas pelo disco todo –, as muitas diferenças não foram assimiladas pelos velhos fãs. Embora tenha alcançado um honroso posto 43 nas paradas suecas, o álbum foi um fracasso de vendas. Para Edling e seus parceiros, não havia mais razão para seguir em frente. O Candlemass oficialmente encerrava suas atividades em 1994. Mas esta história ainda não termina aqui... *Continua...*



Live (1990)



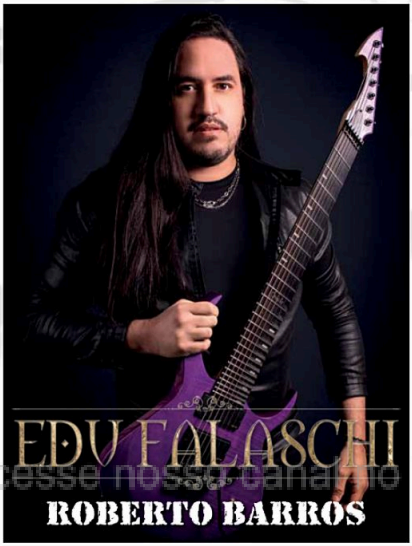
Chapter VI (1992)

HEADPHONES IN FURY

Brasil Revistas

POWERED BY EDIFIER fonesdeouvido.com.br alta fidelidade para todos

Por Ricardo Batalha • Foto: Willian Preto



Acesse nosso canal no Telegram @brasilrevistas

DEATH

ÁLBUM: THE SOUND OF PERSEVERANCE (1998)
MÚSICA: SCAVENGER OF HUMAN SORROW

"É uma música com dezenas de partes, em que tudo conversa e que marcou muito meu início nos estudos da guitarra. Começa impactante, com a levada genial de Richard Christy, seguida por uma pausa que dá seguimento a uma frase super virtuosa de guitarra. Mas o motivo pelo qual ela me marcou é que aos 1'23" começa um dos riffs mais incríveis de guitarra que já ouvi na vida, seguido da voz emblemática de Chuck Schuldiner. São sete minutos de uma aula de como flertar com o progressivo, o metal tradicional e até mesmo um pouco de power metal em algumas transições. Tudo isso sem perder o som característico do death metal dos anos 90. Esse disco mudou a minha vida!"

DREAM THEATER

ÁLBUM: IMAGES AND WORDS (1992)
MÚSICA: PULL ME UNDER

"Apesar de ser um disco de 1992, fui ouvir nos anos 2000. Foi a primeira vez que ouvi algo tão progressivo, com muitos trechos instrumentais e com músicos em um nível tão alto. *Pull Me Under* foi a primeira música mais complexa que aprendi na minha vida. Achava surreal decorar aqueles oito minutos de música com tantas partes, solos, clímas... Até então, nunca tinha ouvido um guitarrista com uma palhetada tão brutal. Fiquei tão influenciado pela banda e pelo Petrucci que comprava todas os vídeos, revistas, videoaulas e tudo que achava. *Images and Words* acabou virando uma grande escola, pois tudo que queria aprender tinha lá: peso, musicalidade, virtuosismo... Enfim, foi um disco crucial na minha formação musical".

DR. SIN

ÁLBUM: DR. SIN II (2000)
MÚSICA: PAIN

"Sempre curti bandas de hard com guitarristas virtuosos. Um amigo apresentou-me Dr. Sin quando estavam lançando *Dr. Sin II*. Lembro de comprar a revista que vinha com o CD e na primeira ouvida fiquei enlouquecido com as linhas de guitarra do Edu Ardanuy. Uma mistura de muito feeling, técnica e vocabulário blues rock ímpar. Mas o que fez esse disco ficar imortalizado para mim foi o solo de *Pain*. Começa com uma intro de teclado, que traz todo um suspense, e, em seguida, Edu começa um solo repleto de motivos rítmicos. Até hoje me emociona".

IRON MAIDEN

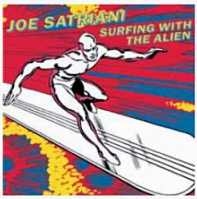
ÁLBUM: BRAVE NEW WORLD (2000)
MÚSICA: THE WICKER MAN

"Sei que esse não é um disco clássico do Iron, mas me desculpem todos os fanáticos da banda, pois eu amo esse disco. Principalmente porque foi o primeiro disco de metal que ouvi. Foi marcante, pois era a época da MTV, o clipe de *The Wicker Man* sempre passava e eu achava aquilo incrível – todos aqueles solos, aquele riff marcado, aquela voz super virtuosa. Isso me fez procurar tudo da banda. Hoje em dia conheço todos os álbuns clássicos do Iron, mas não deixo de amar essa música e esse disco. Sem esse álbum eu provavelmente não tocaria guitarra hoje em dia".

VAN HALEN

ÁLBUM: 1984 (1984)
MÚSICA: PANAMA

"Todos sabem que o Van Halen é genial, que possui vários sucessos e o primeiro deles que ouvi foi *Panama*. Essa música é riquíssima em estruturas, harmonia, riffs etc. Já começa com riffs super marcantes e com algumas alavancadas, alguns harmônicos. O solo é uma aula de bom gosto e de como se usar a pentatônica de uma forma tão incrível, com pequenos trechos com two hands, harmônicos e todo o arsenal mágico que o Van Halen tinha. Essa música me marcou justamente pelo uso de todas essas técnicas combinadas de forma tão primorosa".



JOE SATRIANI

ÁLBUM: SURFING WITH THE ALIEN (1987)
MÚSICA: SURFING WITH THE ALIEN

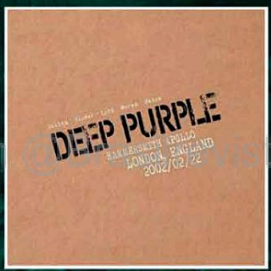
"Esse álbum me marcou muito, primeiro porque era a primeira vez que eu ouvia um disco instrumental de guitarra, mas, principalmente, pelo fato de que nessa música o tema imita praticamente uma voz. Era a primeira vez em que eu ouvia o som do pedal wah-wah. Essa música mostrou pra mim que seria possível fazer música instrumental que tivesse uma estrutura com tema, ponte, refrão etc. O Satriani é um verdadeiro mestre na criação de temas marcantes e essa música basta ouvir somente uma vez para decorar o tema inicial".

URIAH HEEP

Shinigami Records
e·a·r MUSIC

URIAH HEEP
LIVE AT SWEDEN ROCK

Este bootleg oficial ao vivo é o primeiro de uma série de álbuns ao vivo que earMUSIC e Uriah Heep lançarão como edições limitadas – nossa homenagem aos fãs mais dedicados do mundo. Os fãs foram fantásticos e deram uma resposta maravilhosa do tipo Sweden Rock a cada uma de todas as músicas.



DEEP PURPLE
LIVE IN PARIS 1975

Uma performance avassaladora! Blackmore simplesmente se destaca, Coverdale é um dos maiores vocalistas de todos os tempos, Glenn Hughes com seu toque vocal comovente e baixo estrondoso, Jon Lord com seu Hammond maior que a vida e a pegada de Ian Paice dispensa menção. Todas as faixas explodindo de energia. Esta pode ser a única gravação ao vivo de "Highway Star" com esta formação.

DEEP PURPLE
LIVE IN WOLLONGONG 2001

Com "Live In Wollongong 2001" voltamos a 2001, quando o Deep Purple mais uma vez fez uma turnê em um dos países que mais os ama: Austrália. Gravado ao vivo em 13 de março de 2001, o show capta brilhantemente o Purple rumo a um novo milênio, impulsionado por constantes reinvenções, ainda galvanizado pelo sucesso do álbum "Purpendicular" e, é claro, sua típica performance ao vivo enérgica!

DEEP PURPLE
LIVE IN LONDON 2002

"Live In London 2002" é um show verdadeiramente especial. Não é apenas inédito, mas também é um dos últimos shows com Jon Lord antes de Don Airey se juntar à banda logo depois. O áudio do show foi cuidadosamente restaurado da fita digital original de 48 faixas e mixado e masterizado, transportando os ouvintes de volta àquela noite mágica no Hammersmith Apollo em 22 de fevereiro de 2002.

GAMMA RAY
MASTER OF CONFUSION

O CD contém 10 músicas contendo 2 faixas de estúdio, 2 covers de estúdio e 6 músicas ao vivo que mostram toda a energia da banda em ação. Gravadas em 2011 na cidade de Bochun, Alemanha.

VEM AÍ

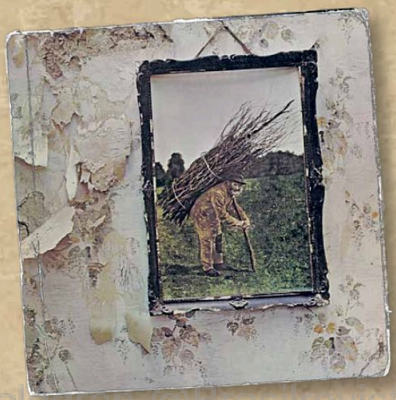
BLACK LABEL SOCIETY
Unblackened

criação www.jduartedesign.com

Brasil Revistas

CLÁSSICOS DA SANTÍSSIMA TRINDADE COMPLETAM 50 ANOS

IV • FIREBALL MASTER OF REALITY



Acesse nosso Instagram e Telegram @brasilrevistas

Deep Purple, Black Sabbath e Led Zeppelin deixaram o ano de 1971 marcado na história do rock com o lançamento de álbuns definitivos

Brasil Revistas

Por Antonio Carlos Monteiro

O início da década de 70 foi bem animado para o rock inglês, já que muita coisa aconteceu naqueles tempos. O fato mais impactante foi o fim dos Beatles, anunciado em 1970, mesmo ano em que saiu o último disco do Fab Four, *Let it Be*. Mas o ano seguinte foi repleto de episódios marcantes. Por exemplo, foi em 1971 que os Rolling Stones, furiosos com a alta tributação do fisco britânico, resolveu deixar o país e se estabelecer numa mansão de dezesseis quartos no sul da França. Lá, levando a extremos a máxima sexo, drogas e rock'n'roll, a banda começou a escrever *Exile on Main St.* (1972). Sua passagem por lá rendeu o livro "Exile on Main Street: A Season in Hell with the Rolling Stone" (no Brasil, "Uma Temporada no Inferno com os Rolling Stones"), de Robert Greenfield, lançado em 2006.

No mesmo ano, Lennon também saiu da Inglaterra, mas rumo a Nova York, onde seria assassinado nove anos mais tarde.

Ainda em 1971, se o T. Rex estourava com o hit *Get It On*, o Jethro Tull soltava seu maior sucesso comercial com *Aqualung*, enquanto Alice Cooper lançava dois álbuns que redirecionariam sua carreira, *Love it to Death* e *Killer*. Já o Queen fez seu primeiro show usando esse nome, enquanto The Who soltava seu disco de maior sucesso, *Who's Next*, e o Pink Floyd colocava na praça *Meddle*, álbum conhecido por marcar a transição da banda do psicodélico para o progressivo.

E em meio a tudo isso, três bandas que estavam completando apenas quatro anos de estrada lançaram trabalhos que se tornariam clássicos absolutos e ajudariam as três a serem conhecidas no futuro como "Trio de Ferro": Deep Purple com *Fireball*, Black Sabbath com *Master of Reality* e Led Zeppelin com *Led Zeppelin IV*.

Deep Purple

Acesse o Brasil Revistas no Telegram: t.me/Brasilrevistas

Egos, exaustão e talento

Os tempos eram outros, completamente diferentes dos dias de hoje. Mesmo com tão pouco tempo de estrada, os três grupos entraram 1971 com mais de um disco de estúdio no currículo: enquanto o Led tinha lançado três e o Sabbath dois, o Purple contabilizava nada menos que quatro álbuns entre 1968 e 1970.

Apesar de estarem trabalhando juntos há pouco mais de um ano, Ian Gillan e Ritchie Blackmore já andavam às turras. O lançamento de *In Rock* (1970), que ficou nas paradas britânicas por um ano e alçou a banda ao estrelato, colocou os dois egos em colisão. O guitarrista se gabava por ter colocado a banda no caminho do hard rock, enquanto o vocalista achava que por ser o frontman e responsável pela maior parte das letras deveria ter suas opiniões levadas muito mais em conta. Mas o que complicava bastante o negócio era o fato de Ian estar bebendo além da conta. "Ele se tornava um grande babaca", resumiu Glover sem meias palavras. Gillan de certa forma concorda que o negócio andava feio: "Eu simplesmente não lembro de nada..."

Para complicar ainda mais, a isso se somavam problemas de saúde: Jon Lord padecia de dores excruciantes nas costas, herdadas dos tempos em que tocava no The Artwoods e tinha que transportar um equipamento pesado, enquanto Roger Glover sofria com problemas estomacais que depois foram diagnosticados como reflexo de estresse.

Inicialmente, a intenção era dedicar o mês de setembro de 1970 ao processo de composição. Porém, vários compromissos foram sendo agendados e o tempo no De Lane Lea Studios, em Londres, rendeu apenas uma música, *Anyone's Daughter*. "Nós estávamos lá, esperando a inspiração vir, até que Ritchie começou a tocar esse riff", lembra Glover. "Nós fomos atrás e foi isso."

Em dezembro de 1970, a banda conseguiu um intervalo de

Divulgação

Nessa época, Gillan e Blackmore já começavam a se estranhar

Brasil Revistas

duas semanas em sua agenda e se programou para compor: foram todos, músicos, roadies, esposas e namoradas, para uma casa isolada em Welcombe Manor, Devonshire (ING) que, de acordo com a biografia da banda "Smoke on the Water", de Dave Thompson, Jon Lord definiria como "uma casa na área rural abandonada, úmida e ligeiramente assombrada." Acabou não sendo uma estada tão produtiva, até porque o pessoal passava mais tempo num pub que tinha por ali do que trabalhando, mas pelo menos um clássico saiu nesse período: *Strange Kind of Woman* (que inicialmente recebeu o nome de "Prostitute").

Em janeiro, de volta ao De Lane Lea, a banda gravou *Strange King of Woman*, *Slow Train*, *Freedom*, *The Mule* e *Anyone's Daughter* – dessas, apenas as duas últimas entrariam no disco. Tempos depois, Jon Lord lembrou das gravações dessas faixas: "Paice não estava contente com o som de bateria, então ficava andando pelo lugar com a caixa e uma baqueta para ouvir como ficava o som em cada local." Acabou montando a bateria e gravando num dos corredores do estúdio. Sim, assim eram os anos 70...

Encerradas as sessões, decidiu-se que *Strange Kind of Woman* deveria sair como single, o que aconteceu em 12 de fevereiro – e foi um grande sucesso, vendendo mais de vinte mil cópias na primeira semana. Mesmo antes de ser lançada, a música já foi incorporada aos shows e aos poucos foi sendo incorporado o famoso trecho "pergunta-e-resposta" entre voz e guitarra que se tornou um clássico nas apresentações do Deep Purple. Em "Smoke on the Water", Blackmore conta que se inspirou em *Tobacco Road*, de Edgar Winter. "Ele e Rick Derringer faziam isso e eu curtia muito. Então, mostrei pra Ian, ele perguntou quem era e eu disse que era Edgar Winter. E aí Gillan começou a gritar!" (risos)

Porém, era hora de voltar para a estrada e o desespero começava a bater – a ideia de lançar o disco em março já estava inevitavelmente comprometida.

Algumas pausas nos shows em fevereiro propiciaram a gravação de *No One Came* e *Fireball* – essa última no Olympic Studios, em Londres. A gravação da faixa-título teve participação involuntária do saudoso Martin Birch, que estava atuando como engenheiro de som. Por brincadeira, ele havia gravado o som do ar condicionado do estúdio e esse take foi usado para o efeito que se ouve no começo da música.

No início de março, Glover sucumbiu à exaustão e passou mal em pleno show. Como desgraça pouca é bobagem, uma semana depois Blackmore teve uma crise de apendicite e teve que ser operado. Isso forçou a mais uma mudança na agenda e a banda aproveitou: logo que ambos se recuperaram, voltaram ao Olympic para gravar *No No No* e *Fools*.

Apenas em junho a gravação foi finalizada com *Demon's Eye* – a agenda estava tão apertada que Roger Glover teve que adiar em duas horas uma entrevista para gravar sua parte.

Porém, Blackmore viu um lado positivo nessa forma de trabalho, conforme declarou à época para a Record Mirror: "Normalmente, nós entramos no estúdio sem nenhuma ideia sobre o que vamos fazer – ainda mais nessa fase que estamos vivendo, nem teríamos tempo para preparar nada. Mas é justamente a espontaneidade que dá vitalidade e torna nossa música interessante."

Lançado pelo selo Harvest no dia 9 de julho nos EUA e em 1º de setembro na Grã-Bretanha, logo alcançou o topo da parada entre os britânicos – os americanos conferiram-lhe apenas o 32º posto, mas considerando que *In Rock* não havia entrado nem no top 100, era um resultado a se comemorar. Mesmo assim, as vendas não atingiram os totais esperados. Roger Glover, falando a respeito nos anos 90, tentava explicar: "Era um bom álbum, mas um pouco enfadonho se comparado com o frescor de *In Rock*."

No início da turnê americana, Gillan foi diagnosticado com hepatite, forçando o cancelamento da tour e levando pânico à banda: o que seria do futuro do Deep Purple? O tempo se encarregaria de responder: em março de 1972 sairia *Machine Head*.

O Sabbath entrou em estúdio sob a pressão de repetir o sucesso dos discos anteriores

Fotos: Bob Gruen

Brasil Revistas

A máquina de fazer riffs

Na mesma época, o Black Sabbath vivia situação semelhante: aproveitando o sucesso de seus dois primeiros discos, *Black Sabbath* e *Paranoid*, lançados com intervalo de sete meses em 1970, Ozzy Osbourne, Tony Iommi, Geezer Butler e Bill Ward experimentavam o doce sabor do sucesso. As primeiras turnês americanas apresentaram as groupies à banda, que não ficou nem um pouco incomodada com o assédio. "Na Europa as mulheres não eram tão atiradas como nos Estados Unidos", comentou Iommi em sua biografia "Iron Man – Minha Jornada com o Black Sabbath".

Após mais uma turnê pela Europa, na qual passou por Alemanha, Suíça, Holanda, Bélgica, Dinamarca e Suécia, no início de 1971 a banda tirou uma folga antes de começar a trabalhar no próximo álbum: "Nós precisávamos com urgência de um descanso", afirmou Ozzy.

Energias devidamente repostas, o quarteto passou a se dedicar a seu novo disco, novamente sob o comando de Rodger Bain (ele havia produzido os dois álbuns anteriores). Não tinham nenhuma sobra de estúdio mas, como afirma Mick Wall em seu livro "Black Sabbath – A Biografia", estavam repletos "da enorme confiança que dois discos de sucesso internacional pode dar."

No entanto, Iommi confessou tempos depois que não era bem assim. Em sua biografia, ele confessa: "Depois de se conseguir um álbum no primeiro lugar, para onde se pode ir? Se não for primeiro lugar novamente, quer dizer que não é tão bom assim. Então, o que você tem que fazer é criar músicas tão boas quanto as do anterior." Felizmente, isso nunca foi um problema para ele. Iommi afirma que tem muita facilidade para criar riffs: "Devo ter milhares deles guardados por aí." Não por acaso, o novo álbum, que viria a se chamar *Master of Reality*, tem vários marcantes.

Dessa vez, a banda reunia condições de gravação bem melhores do que nos trabalhos anteriores. "Foi o primeiro estúdio de verdade em que eu estive", disse Geezer para Martin Popoff no livro "Black Sabbath – Destruição Desencadeada", referindo-se ao Island Studios. "Os outros em que gravamos eram de quatro canais, enquanto aquele era um respeitável estúdio profissional de 24 canais." Além disso, o tempo para gravar era muito maior: "O primeiro disco levou dois dias, o segundo, cinco dias, nesse tivemos uma semana inteira", exagerou o baixista. Mesmo assim, o tempo de produção girou em torno de três semanas, o que é um assombro se levarmos em conta que a banda entrou em estúdio sem ter sequer uma música pronta.

Iommi chamou a responsabilidade para si e começou não só a forjar riffs, mas a criar uma série de experimentos que dariam uma cara inovadora ao disco: "Em *Children of the Grave*, *Lord of this World* e *Into the Void*, afinamos os instrumentos um tom e meio abaixo para conseguir um som mais pesado, mais potente e mais profundo. Acho que fomos a primeira banda a fazer isso." Além disso, há dois pequenos temas instrumentais, *Embryo*, apenas com guitarra e que serve de introdução para *Children of the Grave*, e *Orchid*, essa ao violão antecipando *Lord of this World*. Iommi: "No início, as pessoas diziam: 'Que esquisito...' Mas a gente curtia fazer coisas fora do comum." Como a flauta que aparece na balada *Solitude*, que também conta com a voz de Ozzy carregada de delay.

Outra passagem marcante vem logo no início da primeira música, *Sweet Leaf*, com o conhecidíssimo acesso de tosse do guitarrista: "A gente usava muita droga naquela época", confessa Iommi. "E quando eu estava gravando um take de violão, Ozzy apareceu com um baseado enorme. Eu disse que não queria, ele insistiu, eu dei um pega e engasguei. Muito! Fiquei um bom tempo tossindo. Eles gravaram e acabou sendo muito adequado usar numa música que fala sobre maconha..." E encerra o assunto: "Foi a melhor performance vocal da minha carreira."

Como de hábito, a autoria das letras recaiu principalmente sobre Geezer Butler. E, também como de hábito, houve polêmica envolvida. Em *After Forever*, falando sobre religião, lá pelas tantas ele dispara: "Would you like to see the Pope / On the end of a rope?" (numa tradução livre: "Você gostaria de ver o papa / pendurado numa corda?"). "Eu realmente gosto dessa música, especialmente desse verso", afirmou Bill Ward para Martin Popoff. Já a massa conservadora não curtiu muito.

Lord of this World é igualmente explícita: "Ela é sobre Satanás", explica o baixista em "Black Sabbath – Destruição Desencadeada". "Porque do jeito que o mundo estava na época, não era o mundo de Deus, era o mundo de Satanás." Certamente, ele nem imaginaria o que ia acontecer cinquenta anos mais tarde...

Geezer também é o responsável pelo título do álbum: "Quando você grava um disco, gera uma fita master. E todas as letras falavam sobre realidade."

Lançado em 21 de julho pela Vertigo, *Master of Reality* não conseguiu repetir o 1º lugar nas paradas britânicas atingido por *Paranoid*, mas chegou ao 5º posto nos EUA – o anterior atingiu a 8ª posição. Seguiu-se uma longa turnê americana, com 57 shows, agora como atração principal. Havia apenas uma banda para a qual o Black Sabbath abria: Led Zeppelin.

A encruzilhada

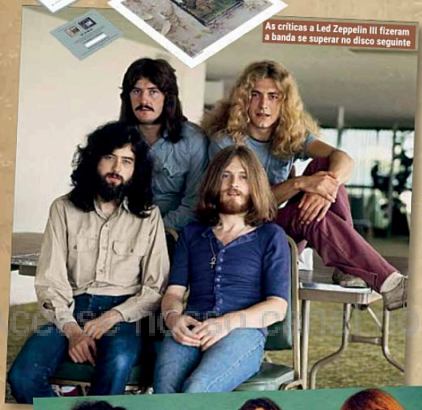
Se Deep Purple e Black Sabbath vinham de lançamentos aclamados pelo público (*In Rock* e *Paranoid*, respectivamente), o mesmo não se podia dizer do Led Zeppelin. Em termos de resultado de vendas, Robert Plant, Jimmy Page, John Paul Jones e John "Bonzo" Bonham vinham de três álbuns extremamente bem sucedidos. Porém, no terceiro deles, *Led Zeppelin III* (1970), a banda havia aberto mão do blues elétrico que marcara os dois primeiros trabalhos em favor de um som majoritariamente acústico. Além de comparativamente ter havido uma queda razoável nas vendas, a crítica musical (ah, os críticos...) mostrou-se implacável, chamando a banda de plágio de Crosby, Stills Nash & Young, entre outras coisas. A coisa foi tão agressiva que Page ficou mais de um ano e meio sem conceder entrevistas.

Foi então que o guitarrista radicalizou: o disco seguinte não teria título, não teria o nome da banda estampado na capa, o dos músicos em seu interior e nem o logo da gravadora. O empresário Peter Grant, que já achava que o grupo tinha dado um tiro no pé com a mudança de fórmula musical, argumentou que a Atlantic (gravadora do grupo) não estava preocupada com o resultado, já que *Led Zeppelin III* tinha vendido mais de um milhão de cópias nos EUA e na Grã-Bretanha passara de cem mil cópias antecipadas. Na verdade, ele achava essa ideia um "suicídio profissional". Sugeriu, então, que a banda tirasse umas férias até o fim de 1970 e só então se preocupasse em gravar um novo disco. No fundo, ele sabia que o próximo trabalho seria definitivo na trajetória da banda.

O quarteto acabou aceitando a proposta e depois de algumas semanas de descanso, foram todos para uma casa construída no século XVIII e localizada na zona rural inglesa, a poucas horas de Londres. Chamada Headley Grang, havia sido usada no passado como hospício. "Era um lugar úmido e assustador", lembra Jimmy Page em sua biografia "Luz e Sombra – Conversas com Jimmy Page", de Brad Tolinski. "Robert e Bonzo morreram de medo do lugar, mas eu gostei. Tenho quase certeza que era assombrado."

Construída em pedra, a edificação tinha um som excelente. Para aproveitar isso, contrataram a unidade móvel de gravação dos Rolling Stones e quem apareceu lá para operar o equipamento foi o tecladista Ian Stewart, um dos fundadores dos Stones e que se apresentou com a banda até sua morte, em 1985.

Brasil Revistas



As críticas a Led Zeppelin III fizeram a banda se superar no disco seguinte

Jim Marshall

Fotos: Divulgação

O clima favorável permitiu que as músicas surgissem em profusão. *Rock and Roll*, por exemplo, começou com John Bonham tocando o riff inicial de *Keep A-Knockin'*, de Little Richard. Page pegou a guitarra, começou a acompanhá-lo e no fim do dia ela estava pronta. Aproveitaram a presença de um dos maiores pianistas de rock'n'roll da história e registraram uma participação de Stewart.

Já *Black Dog* teve início com um riff criado por John Paul Jones, baseado na música *Tom Cat*, de Muddy Waters. No início, ela se chamava "Electric Mud", mas um cachorro que perambulava por lá levou à troca de nome. "Era um velho labrador", lembrou Page no livro "Quando os Gigantes Caminhavam sobre a Terra", de Mick Wall. "Teve uma noite em que ele sumiu e a gente teve certeza de que tinha caído na farra, porque voltou e dormiu o dia inteiro." O episódio virou uma piada interna e acabou batizando a música.

Por sua vez, *Four Sticks* era um tema que a banda estava trabalhando mas não ficava satisfeita com o resultado. Até que um dia Bonham voltou de uma noitada em Londres, segurou duas baquetas em cada mão e tocou a música. Era isso que a banda precisava. Jimmy Page: "Bonham colocou a música em outra estratosfera." E o título mudou naturalmente para *Four Sticks* (quatro baquetas).

E enquanto *Going to California* era uma carta de amor para a cantora folk Joni Mitchell, que Page e Plant adoravam, o maior hit do disco (e um dos maiores da história do rock) nasceu de modo prosaico. Numa noite gelada em Headley Grang, quando Robert e Bonzo tinham ido a um pub, Page e Jones começaram a trabalhar num tema que o guitarrista vinha rabiscando há um tempo: *Stairway to Heaven*. Falando para Mick Wall, Page lembrou que tinha uma regra ao compor: não acelerar. "Dessa vez eu pensei: 'OK, vamos fazer algo que acelere'."

Quando ouviu, Plant se empolgou e escreveu 80% da letra numa única tentativa. Page gostou tanto que fez questão que ela fosse estampada no encarte do disco – é uma das pouquíssimas informações que constam lá.

Repertório concluído, a banda voltou ao Island para acrescentar detalhes que não seriam possíveis em Headley Grang.

Como tinham que voltar para a estrada, a mixagem ficou agendada para julho. Por insistência do saudoso engenheiro de som Andy Johns, as sessões foram marcadas para o Sunset Sound, em Los Angels. Os dois foram para lá, fizeram o serviço e quando voltaram, a surpresa: o som estava terrível, não tinha nada a ver com o que os dois haviam feito. Page se enfiou no Island Studios e só saiu de lá com tudo remixado. Até hoje não se sabe o que aconteceu. De todo modo, a segunda mixagem deu certo e o disco estava pronto. Em termos...

Como havia muito mais músicas do que caberia num LP, sugeriu-se que fosse lançado um disco duplo, mas Peter Grant afastou essa possibilidade. Porém, a ideia de Page de soltar um álbum com o mínimo de informações prevaleceu. Nem título ele teve, há apenas a representação de cada um dos músicos através de símbolos – tanto que no próprio catálogo da Atlantic o disco aparece com o nome de "Four Symbols".

No fim das contas, a música venceu: *Led Zeppelin IV* (ou seja lá por qual nome você prefira chamá-lo) saiu em 8 de novembro e se tornou um dos discos de rock mais vendidos nos EUA, com nada menos de 23 milhões de cópias comercializadas. Foi multiplatinado em todos os mercados e ficou no Top 10 nas principais paradas, chegando ao primeiro posto na Grã-Bretanha, no Canadá e na Holanda. O Led Zeppelin, enfim, deixava de ser uma grande banda para se tornar uma megabanda, mesmo com todas as desconfianças que cercavam o álbum – inclusive internas. John Bonham, pouco antes de o disco sair, confessou: "A gente não sabia se no ano seguinte estaríamos no topo ou se eu teria que voltar a trabalhar com marcenaria", profissão em que ele atuou na adolescência, junto com seu pai. Depois de *Led Zeppelin IV* ele só martelou um prego quando quis...

Brasil Revistas

Acesse nosso canal no Telegram: @Brasilrevistas

EDIÇÃO COMEMORATIVA
DO 20º ANIVERSÁRIO
DO ÁLBUM, COM FAIXAS BÔNUS
E NOVO ENCARTE.

SOUND CITY RECORDS
www.soundcityrec.com.br

WWW.TORTURESQUAD.COM.BR

Valhall Music
www.valhallmusic.com.br

Brasil Revistas

Sojourner

ELOGIO AOS PERDIDOS

Em seu terceiro álbum, grupo multinacional mergulha o black metal em influências ainda mais amplas

Por Valtemir Amler

Transformação parece ser uma das palavras-chave quando falamos desta banda. Afinal, nem é possível afirmar com clareza a nacionalidade do grupo, já que os seus integrantes espalham-se pelo globo. A formação – embora alicerçada em torno do multi-instrumentista Mike Lamb e do vocalista Emilio Crespo desde os primeiros dias em 2015 – também não é das mais estáveis, algo até natural em um grupo multinacional. Com as alterações no line-up, as transformações musicais são comuns e cada novo álbum é uma nova história. Frequente mesmo apenas a qualidade e os elementos de black metal. Como um verdadeiro peregrino, o Sojourner não tem uma morada fixa, não tem uma pátria natal, nem se agarra a uma única manifestação artística. Em seu terceiro álbum completo, *Premonitions*, o grupo aposta novamente em surpresas que dividem opiniões, mas que provam uma vez mais o caráter artístico inconformado e intempestivo de suas mentes criadoras. Para nos introduzir nesta jornada, conversamos com o vocalista norte-americano Emilio Crespo.

Uma das características básicas do Sojourner é ter integrantes de várias partes do mundo. O que os fez unirem-se como banda?

Emilio Crespo: Bem, no início não nos conhecíamos pessoalmente e a coisa toda começou com um amigo em comum que eu e Mike Lamb tínhamos. Esse amigo me enviou uma mensagem com um link para outra banda do Mike, Lysithea. Aliás, essa banda também conta com o nosso baixista, Mike Wilson, e a sonoridade era bastante doom, algo que imediatamente chamou minha atenção, pois sou um grande fã do estilo e também tinha uma banda doom na época, Nangilima (N.R: grupo de death/doom que lançou o álbum *The Dark Matter* em 2016 e se dissolveu em 2018). Bem, eu curti demais o Lysithea e entrei em contato com Mike justamente para elogiar o trabalho dele, e foi assim que começamos a conversar. Poucos meses depois, começamos a pensar em criar um projeto juntos e então decidimos começar o Sojouner, que inicialmente seria uma banda de doom melódico. Essa ideia não durou muito (risos), por algum motivo não parecia que esse era o caminho certo a seguir. Bem, com o passar do tempo, fomos utilizando nossos contatos na internet para completar a banda, e assim vieram a vocalista Chloe Bray, o baixista Mike Wilson e o baterista Riccardo Floridia, entre vários outros que participaram conosco ao longo dos anos.

PERENNIAL
Napalm - Imp.

Como manter a identidade em uma banda nascida sob essa premissa?

Emilio: Esse é o desafio ao qual nos propusemos desde os primeiros dias. Eu não diria necessariamente que nosso direcionamento musical mudou desde o primeiro álbum (N.R: *Empires of Ash*, 2016), a música ainda permanece basicamente a mesma, os elementos todos ainda estão lá, então é apenas uma questão de evolução. Nós não queremos ficar presos ao nosso primeiro álbum e repeti-lo dez vezes. Assim, a cada novo álbum existe uma renovação da nossa musicalidade, e mais, essa transformação constante é o que nos identifica como banda, é isso que é o Sojourner. O som da flauta, minhas linhas vocais, as linhas de guitarra, essas são as nossas bases desde os primeiros dias, mas mesmo elas precisam ser alteradas em certos momentos para não ficar algo monótono. Então, você terá aqui elementos de black metal, de melodic death metal, de symphonic metal, de doom e até mesmo de power metal, pois amamos todos esses subgêneros e somos influenciados por eles. Porém, perceba que algo sempre está lá, sempre existe um pé no black metal em todas as composições, e isso é a parte fundamental da nossa identidade como banda.

Mas vocês não são uma banda de black metal, certo?

Emilio: Não necessariamente, pois com o Sojourner nós nunca identificamo-nos como uma banda de black metal. Isso nos colocaria em uma caixa em que seríamos uma banda muito esquisita diante das demais (risos). Acho que no primeiro álbum soávamos mais próximos do black, mas a verdade é que a nossa música tem apenas elementos do estilo, e por isso preferimos falar de nós mesmos apenas como atmospheric metal, acho que é um título melhor para explicar nossa mistura de sons.

Que bandas ajudaram vocês na construção desta visão musical?

Emilio: Essa talvez seja a questão mais difícil de responder, pois todos viemos de caminhos musicais diferentes. Eu, por exemplo, sempre fui muito influenciado por vocalistas de doom e black metal. Amo bandas como Draconian e Caladan Brood, o Dimmu Borgir foi uma influência enorme nos meus primeiros dias. Já Mike é mais para os lados de Borknagar, Katatonia e Rotting Christ, enquanto Chloe mergulha profundamente na música do Eluveitie (risos). Acho que essa multiplicidade de influências é fundamental na nossa musicalidade, na forma como tentamos agarrar e trabalhar de maneira coesa com todos esses elementos.

Nos tempos atuais imagino que compor não seja um problema com a distância.

Brasil Revistas

Emilio: Sim, é uma tarefa bem simples. Na verdade, acho que todos nós funcionamos melhor em nosso próprio ambiente, então acho que o problema seria se estivéssemos todos juntos, deslocados, sabe? Acho que jamais seremos o tipo tradicional de banda que senta para tomar umas cervejas, faz algumas jams e reúne as ideias, isso não tem muito a ver com a nossa personalidade. Além disso, Chloe e Mike já se conhecem há muito tempo, existe uma sintonia natural entre eles, e basicamente são eles que compõem toda a parte musical. O estúdio do Mike é basicamente o quartel general da banda, então ele vai gravar, mixar e fazer toda a engenharia de som que a nossa iniciais no trabalho de cada um, e ele tem um belo estúdio em sua casa, com um equipamento realmente bom. E isso é fundamental para uma banda como a nossa, não podemos gastar vinte mil dólares para gravar um álbum.

Esse método não torna a mixagem final em algo mais difícil?

Emilio: Na verdade não. Temos trabalhado desde o álbum anterior (N.R: *The Shadowed Road*, 2018) com o Øystein (N.R: Øystein Garnes Brun, produtor, guitarrista e compositor do Borknagar) e ele sempre nos diz que o trabalho é simples, pois os arquivos já chegam bastante limpos para ele fazer o trabalho, então não

A novíssima formação, com Lucia Amelia Emmanuell, Scotty Lodge, Mike Lamb, Tom O'Dell, Emilio Crespo e Riccardo Floridia

Rikki Langton

Acesse nosso canal no Telegran @Brasilrevistas

música demanda para alcançar o nível que desejamos. Ele é realmente quem trabalha mais duro nesta banda.

Então a composição é basicamente centrada em duas pessoas.

Emilio: Exato e isso não é algo limitador, eu diria muito mais que é algo libertador. Digamos assim, com menos cozinheiros na cozinha fica muito mais fácil fazer um prato saboroso, sem todos metendo a colher e adicionando temperos exóticos (risos gerais).

Imagino então que cada um de vocês grave suas partes em seus estúdios caseiros, certo?

Emilio: Sim, exatamente. Não nos reunimos nem para gravar (risos), e tem funcionado muito bem para nós. Veja, gravamos nossas partes e enviamos para o Mike, que vai dar os retoques tem sido um grande problema. A verdade é que a evolução da tecnologia ajudou demais uma banda como a nossa, não sei se poderíamos trabalhar da mesma maneira uma década atrás.

Partindo para o aspecto musical e a eterna transição empreendida por vocês, existe algo de Evanescence na faixa *The Monolith*, certo?

Emilio: Cara, eu gosto da maneira como você vai direto ao ponto e não deixa escapatória (risos gerais). Sim, existe um clima semelhante e o fato de as pessoas estarem percebendo isso não é um insulto para mim, embora eu saiba como são as coisas no mundo do metal (risos). Eu sou um cara dos anos 90, então naquela época eu estava ouvindo nu metal e todas essas coisas, e o primeiro álbum do Evanescence (N.R: *Fallen*, 2003) é ótimo, eu amo aquele disco! Então, não é um insulto que comparem nossa música, na verdade, isso é um grande elogio! Claro, não escrevemos a música intencionalmente para soar como Evanescence, são os mesmos elementos que costumamos usar, a questão é que a vibração gótica dela traz esse sentimento.

***Eulogy for the Lost* é outra canção que merece destaque.**

Emilio: Também gosto dessa, obrigado. Como vocalista, essa foi uma das músicas mais fáceis para mim, pois ela é bastante suave, não é necessariamente uma canção lenta, mas é mais relaxada, ela tem mais essa vibração 'épica' do que aquela coisa 'furiosa', se é que me entende. A letra também foi concebida para combinar com essa energia, pois eu a escrevi quando a música já estava pronta, então a conta fecha com perfeição. É uma boa faixa, tem um solo muito bom – e não é um solo muito técnico, diga-se. Enfim, é uma música longa, daquelas que te convidam para se sentar confortavelmente e apreciar a viagem.

Geralmente é você quem escreve as letras?

Emilio: Em geral sim. Em *Empires of Ash*, Chloe escreveu a letra de *The Pale Host*, em *The Shadowed Road* ela escreveu a faixa-título e agora em *Premonitions* ela escreveu as letras de *The Monolith* e *Talas*, então a maior parte vem de mim. Aliás, quando escrevo uma letra, escrevo completa, incluindo as partes dela, pois acho que assim funciona melhor. Mantém a coesão das músicas, algo de que jamais poderia abrir mão.

Brasil Revistas

IT'S ONLY ROCK'N'ROLL

Por Antonio Carlos Monteiro

Antonio Carlos Monteiro é redator da Roadie Crew, produtor e apresentador do Rock'n Brasil (MKK Web Radio) e Vamos Tomar Uma? (YouTube)

BROTHERHOOD

Por Luiz Cesar Pimentel

Luiz Cesar Pimentel é jornalista, escritor

Metallica e o produtor Bob Rock

CHARLIE

Acho que todos sabem que comecei na música em 1965 com Beatles e que três anos depois conheci os Rolling Stones através de *Jumpin' Jack Flash*. Não demorou para se tornar minha banda favorita e de lá para cá acompanhei absolutamente tudo que fizeram, tanto para o bem como para o mal – felizmente, nessa disputa a primeira alternativa vence de longe. Resumindo, são exatos 53 anos ouvindo Stones – e ouvindo Charlie Watts.

Conforme fui conhecendo música mais a fundo, pude perceber sua importância para o quinteto. Se por um lado ele não se destacava pela exuberância, pelo peso ou pela técnica absurda, por outro Charlie era a máquina que fazia os Stones irem em frente com sua condução milimetricamente precisa (o grande amigo – e grande baterista – Vitão Bonesso o definiu como "um relógio suíço"). Os Stones certamente não precisavam de metrônomo: eles tinham um na banda.

Fanático por jazz, ia na contramão da postura do rockstar: não se envolvia em escândalos, não gostava de dar entrevistas e vestia-se como um lorde e não como um rockeiro deslumbrado. Numa das raras conversas com a imprensa, chegou a dizer que não ouvia e não se importava com rock...

Dos seis show que assisti dos Stones, o mais marcante certamente foi o primeiro – lembro até hoje da data, 27 de janeiro de 1995 no Estádio do Pacaembu em São Paulo. E lá aconteceu um fato que ficou na memória de todos. Na hora de apresentar a banda, Jagger mandou, em português: "Na bateria, Charlie Watts!" O que se viu foi uma ovação que ninguém esperava. Durante mais de um minuto, a multidão que se acotovelava debaixo de uma das maiores chuvas que São Paulo já viu aplaudiu, gritou e cantou a ponto de deixar o próprio Charlie surpreso e sinceramente feliz – sua cara em close no telão provava isso. Incrível que tenha precisado vir ao Brasil para receber a homenagem que sempre mereceu.

Depois de ter que abrir mão da nova turnê dos Stones por conta de problemas de saúde não revelados, chegou a divulgar comunicado dizendo que estava bem e se recuperando. Assim, não deixou de ser uma surpresa a notícia de sua morte.

A banda comunicou que vai manter a tour como uma homenagem a Charlie. Que seja, então, uma última celebração à sua longa e produtiva existência e depois os Stones encerrem atividades. Não só por uma questão de respeito a ele, mas simplesmente porque ninguém vai conseguir reproduzir o que ele fazia magistralmente atrás de um kit de bateria.

Vai em paz e muito, mas muito obrigado mesmo por tanta coisa legal, Charlie.

E SE O "BLACK ALBUM" NÃO TIVESSE SIDO LANÇADO?

Sim, eu tenho essa teoria. E acredito que a cena metal seria melhor atualmente. Quero dizer, nem eu mesmo estou totalmente convencido, então vou usar o espaço para especular sobre. Minha vontade de que o disco não tivesse sido lançado foi acentuada pela comemoração aos trinta anos dele. Começo dizendo que, olhando em retrospectiva, o álbum soa hoje como espécie de maldição, pois elevou o gênero ao Everest musical, transformou o Metallica na maior banda do mundo e desde então não houve manifestação metálica (de metal, não da banda) que chegasse a arranhar a canela desse gigantismo.

Se me falassem uns três anos antes que o grupo levaria o heavy metal a essa dimensão, ninguém acreditaria. Venda milionária era coisa para, no máximo, o Guns N'Roses. Ou para os recém-nascidos grunges.

Basta ver que os maiores vendedores da cena de Seattle eram bem mais melódicos e palatáveis, como Pearl Jam e Nirvana. O Soundgarden lançou uma homenagem ao Black Sabbath, de nome *Badmotorfinger*, na mesma leva e não fez cócegas no alcance dos parças em botas, bermudões e camisas de flanela. Nem a melhor banda da cena, o Alice in Chains, voou tão alto após decolar com *Man in the Box*.

E o lance do Metallica já começou errado com a escolha do produtor Bob Rock para pilotar o trabalho. Ele foi selecionado porque o baterista Lars Ulrich escutou *Dr. Feelgood*, do Mötley Crüe, e quis ir na cola daquela sonoridade. Logo, a opção foi boa para a banda, mas não para a cena. Devo dizer que amo Mötley Crüe e que Bob Rock fez seu melhor trabalho de produção com o disco do Metallica – o álbum tem um puta som. Só que ele deixou o Metallica muito menos Metallica.

O primeiro single já dá de bandeja as intenções. *Enter Sandman* puxava para o universo de HQ e a sonoridade não tinha nem de longe cheiro de Metallica, apesar de ser um baita som. A sequência de singles era algo esperado para um Def Leppard da vida (amo igualmente Def Leppard), *The Unforgiven*, *Nothing Else Matters*. Mesmo *Wherever I May Roam* e *Sad but True*, depois, soam como um: agora que a porteira abriu, podem passar uns bois mais pesadinhos.

Por fim, não aceito a teoria de que o grupo entrou no zeitgeist (espírito da época) e surfou a energia vigente. Afinal, o Sepultura lançou *Arise* e até o Skid Row (também amo) soltou trabalho mais pesado do que o Metallica, o *Slave to the Grind*, em 91. Ou seja...

Por isso defendo que só o Metallica se beneficiou daquele sucesso. Os mesmos que pouco antes tinham jurado amor eterno à causa com letras como as de *Metal Militia* ou *Hit the Lights*.

Brasil Revistas

A LOOK AT METAL

Por Claudio Vicentin

Claudio Vicentin é editor da Roadie Crew

CAMPO DE BATALHA

Por Ricardo Batalha

Ricardo Batalha é redator-chefe da Roadie Crew e diretor da ASE Press/Music

SHOWS PRESENCIAIS ESTÃO VOLTANDO

Apesar de ainda estarmos em mais um ano complicadíssimo por conta da pandemia, a vacinação está cada vez mais presente e o número de pessoas com as duas doses da vacina tomadas está cada vez maior. Não há como não começarmos a nos movimentar e ter mais esperança de dias melhores. Por isso, o mundo parece estar voltando ao "normal" aos poucos.

Quando nos voltamos para nossa área de atuação, é muito bom ver que, ainda em 2021, são em grande quantidade os lançamentos de álbuns de destaque. Isso movimenta nosso mercado e faz o entretenimento estar ainda mais aquecido para os próximos dois anos. As bandas, por sua vez, foram se adaptando à nova realidade e agora estão trabalhando para saírem em turnê em 2022 e 2023. Acredito que vão ser anos movimentados em todo o mundo. Mais que isso, penso que a música ao vivo vai explodir. A pandemia criou um cenário em que todos os que estão vivos têm esse desejo enorme de seguir em frente e, pelo menos pelos próximos um ou dois anos, esse sentimento vai estar nas pessoas. Socializar e encontrar os amigos em shows, sejam os de pequeno ou grande porte.

Veja o Rock in Rio como exemplo: duzentos mil ingressos esgotados em 88 minutos. Sim, sabemos que o RIR é um evento mais que consolidado, mas vi pessoas que jamais tiveram interesse em assistir o evento pessoalmente buscando ingresso para o festival com avidez. No entanto, também acredito que o público estará mais exigente e não vai sair comprando o que aparecer pela frente. Mais qualidade de estrutura, higienização, limpeza geral, melhores locais de eventos, melhores condições de chegada e saída, melhores bandas, tudo vai pesar mais nos dias futuros.

Shows online? Bem, esta foi uma alternativa importante para levar entretenimento para as pessoas que estavam trancadas em suas casas, gerar recursos para a equipe de produção, roadies, doações para milhares de necessitados e muitas outras ações sociais importantes. Porém, embora a experiência possa ser divertida e proporcionar algum entretenimento e acesso aos seus músicos favoritos, não é a mesma coisa. A descarga de adrenalina ouvindo suas músicas favoritas ao vivo é infinitamente superior. Creio até que os shows e concertos virtuais fizeram os fãs sentirem ainda mais saudades da experiência presencial.

No mais, vamos nos preparar para os shows nacionais e internacionais que estão a caminho! Já temos muitas apresentações legais agendadas e outras a serem confirmadas. Assim, é certo que nos encontraremos em alguns desses por aí.

MÚSICAS LONGAS

Após o lançamento de *Senjutsu*, mais recente álbum do Iron Maiden, as mídias sociais se inundaram de comentários acerca de faixas de longa duração. Até mesmo eu publiquei no Facebook uma lista das 46 composições do grupo com mais de sete minutos. *Phantom of the Opera*, *Hallowed Be Thy Name*, *Powerslave*, *Rime of the Ancient Mariner*, *Caught Somewhere in Time*, *Heaven Can Wait*, *Alexander the Great*, *Seventh Son of a Seventh Son* e *Fear of the Dark* são alguns exemplos. Bem, veja a grandiosidade de algumas destas, que se tornaram hinos não só da banda inglesa, mas do heavy metal.

Não vejo problema algum em músicas longas, pois costumeiramente os discos de rock progressivo e prog metal são assim. Algumas, como as do EP *A Twist of Fate*, de John Arch (ex-Fates Warning), passam de forma tão natural que nem se percebe o tempo – *Cheyenne* tem mais de 15 minutos. E isso importa? Claro que não! Música boa não tem limite de tempo. Afinal, ninguém está querendo contextualizar o AOR (Album Oriented Radio), surgido exatamente na época em que músicas longas tinham que ir para a programação das rádios FM. Em meados dos anos 60, o órgão regulador da área de telecomunicações e radiodifusão dos Estados Unidos proibiu que as estações de AM e FM oferecessem a mesma programação. Daí veio a oportunidade de tocar até mesmo discos na íntegra e faixas mais extensas, que passavam daqueles 3'30" comuns das programações das estações de AM. Por isso que *Fear of the Dark* é executada nas FMs e ninguém fica preocupado se ela tem mais de sete minutos.

Da mesma forma que escuto discos de hardcore e punk, posso passar dias ouvindo Marillion, Pink Floyd, Yes, Emerson, Lake and Palmer, Rush, Jethro Tull, Gong, Dream Theater, Fates Warning e Threshold sem sequer ficar pensando em duração das faixas. Veja, até o Venom compôs *At War with Satan*, que tem um lado inteiro do vinil.

Se eu queria que o Maiden tivesse feito ao menos uma na linha de *Be Quick or be Dead*, *Moonchild* e *Aces High*? Claro que sim! Porém, há tempos a banda está em outra. Tocam as rápidas nos shows. Posso até reclamar com o 'big boss', Steve Harris, por ter adotado esta linha há décadas, mas, olhando atentamente para os créditos das composições do novo álbum, veremos que *Darkest Hour*, com 7'20", é de Adrian Smith e Bruce Dickinson. Portanto, a banda quer assim. E, goste-se ou não de faixas de *Senjutsu* (eu não curti *Lost in a Lost World* e *Death of the Celts*, por exemplo) ou de discos de grupos que mencionei, o que importa é a liberdade criativa. Aliás, liberdade é o que mais vale em tudo.

Brasil Revistas

PROFILE

SCOTT HOLDERBY (MORDRED)

Por Alessandro Bonassoli

Primeiro disco que comprou:
"*Golden Records* - Elvis Presley".

Melhor disco de heavy metal:
"*Sad Wings of Destiny* - Judas Priest".

Último disco que comprou:
"*Slinging Rhythm* - Wayne Hancock".

Disco dos anos 2000 que recomenda:
"Algum do Thievery Corporation".

Quatro bandas que chamaria para um festival:
"Bad Brains, Circle Jerks, Dead Kennedys e Code of Honor".

Música que define sua carreira:
"*Larger than Life* - Mordred".

Um músico que você definitivamente não o agrada:
"The Beach Boys. Todos eles."

Para qual música de outro artista você adoraria gravar uma versão?
"*Electric Mud* - Muddy Waters".

Qual outro instrumento você gostaria de saber tocar?
"Eu toco guitarra e baixo."

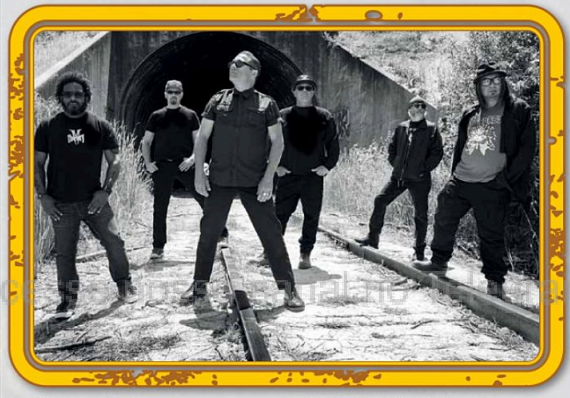
Quando você acorda, qual música prefere ouvir?
"Hank Williams e The Drifting Cowboys."

Além de rock e metal, quais são os seus estilos musicais preferidos?
"Western swing dos anos 40, jazz dos anos 50, soul music e garage rock dos anos 60".

Se você não fosse músico, o que gostaria de ser?
"Próspero".

Como foi seu encontro mais bizarro com um fã?
"Precisei levá-los de carro para casa, pois estavam bêbados."

Complete a frase: Eu sou um sucesso quando...
"Completo meus projetos."



Assinante Brasil Revistas

Disco que mudou sua vida:
"*Fresh* - Sly and the Family Stone"

Disco que mais ouviu na vida:
"*Axis Bold as Love* (The Jimi Hendrix Experience) e *Johnny the Fox* (Thin Lizzy)".

Melhor capa de disco:
"*Killers* - Iron Maiden".

Disco que daria a seu pior inimigo:
"*Seven Churches* (Possessed), para instigar medo em meus inimigos. É um grande álbum!"

Disco que gostaria de ter gravado:
"Não cobiço a música de outras pessoas."

Música que gostaria de ter gravado:
"Não cobiço a música de outras pessoas."

Disco dos anos 70 que recomenda:
"*Sabotage* - Black Sabbath".

Disco dos anos 80 que recomenda:
"*Dehumanization* - Crucifix".

Disco dos anos 90 que recomenda:
"*Me Against the World* - Tupac".

Música que mais gosta de tocar:
"A maior parte das músicas que já toquei. Mas se for tivesse que escolher seria *The Vagrant*, do Mordred, e *International Playboys*, do The Hi-Nobles."

Três hinos do rock/metal para você:
"*Five Years* (David Bowie), *1969* (The Stooges) e *Victim of Changes* (Judas Priest), versão do Sad Wings of Destiny."

Uma música que você adora, mas não sabe por que... Afinal, ela é horrível e você sabe disso:
"*Royals* - Lorde".

Qual banda você gostaria de ouvir fazendo uma versão de alguma música do seu grupo?
"Bad Brains".

Além de seus projetos atuais, em qual banda você gostaria de tocar um dia?
"The Cramps".

Site:
https://mordred.company.site
facebook.com/MordredBand/

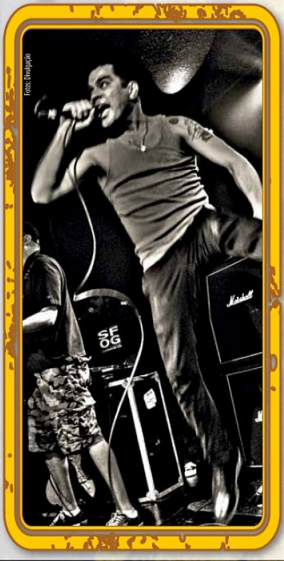


Foto: Divulgação

Brasil Revistas

ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock

ONLINE FESTIVAL

O já tradicional evento online, realizado mensalmente, tem a missão de celebrar e promover o trabalho das bandas brasileiras e fortalecer a cena do heavy metal nacional, sempre com transmissão "Streaming-Live" exclusiva pelo canal oficial da Roadie Crew no Youtube.

1ª EDIÇÃO

2ª EDIÇÃO

3ª EDIÇÃO

4ª EDIÇÃO

5ª EDIÇÃO

6ª EDIÇÃO

Acesse nosso canal no Telegran @Brasilrevistas

7ª EDIÇÃO

8ª EDIÇÃO

9ª EDIÇÃO

10ª EDIÇÃO

11ª EDIÇÃO

12ª EDIÇÃO

13ª EDIÇÃO

14ª EDIÇÃO

15ª EDIÇÃO

16ª EDIÇÃO

17ª EDIÇÃO

18ª EDIÇÃO

arte: www.jduartedesign.com

Acesse nosso canal do YouTube e se inscreva. Ative o sininho para receber todas as atualizações.

YouTube.com/RoadieCrewMagTV

CURADORIA
SOM DO DARMA
Management, Booking, Press & Promotion

BANDAS INTERESSADAS, ENTRAR EM CONTATO PELO INSTAGRAM @ELITONTOMASI

Brasil Revistas

Acesse nosso catálogo digital @BrasilRevistas
Brasil Revistas

Brasil Revistas

SOLITUDE IN MADNESS

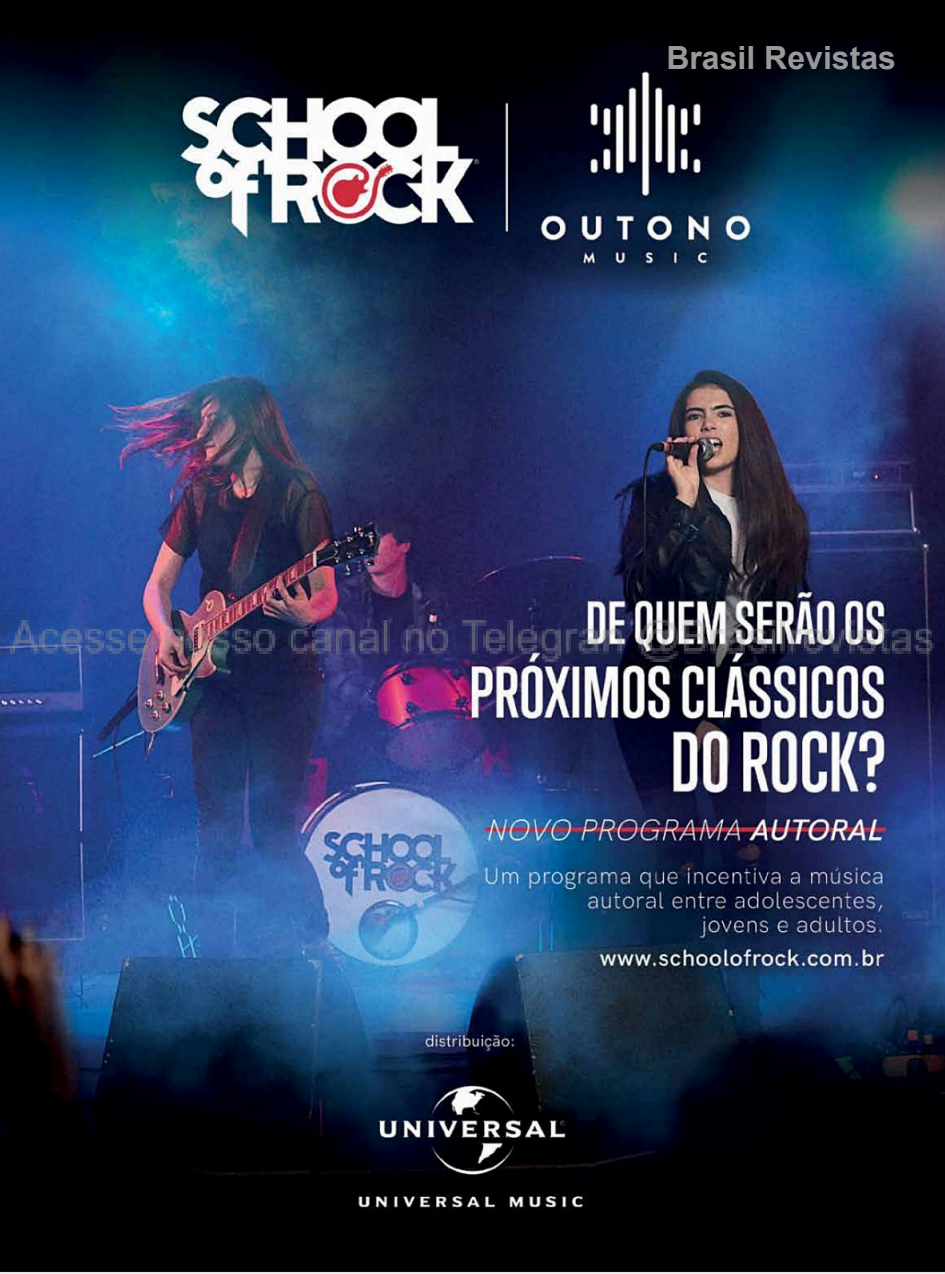
ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilRevistas

Brasil Revistas

Brasil Revistas



Acesse esse canal no Telegram @BrasilRevistas